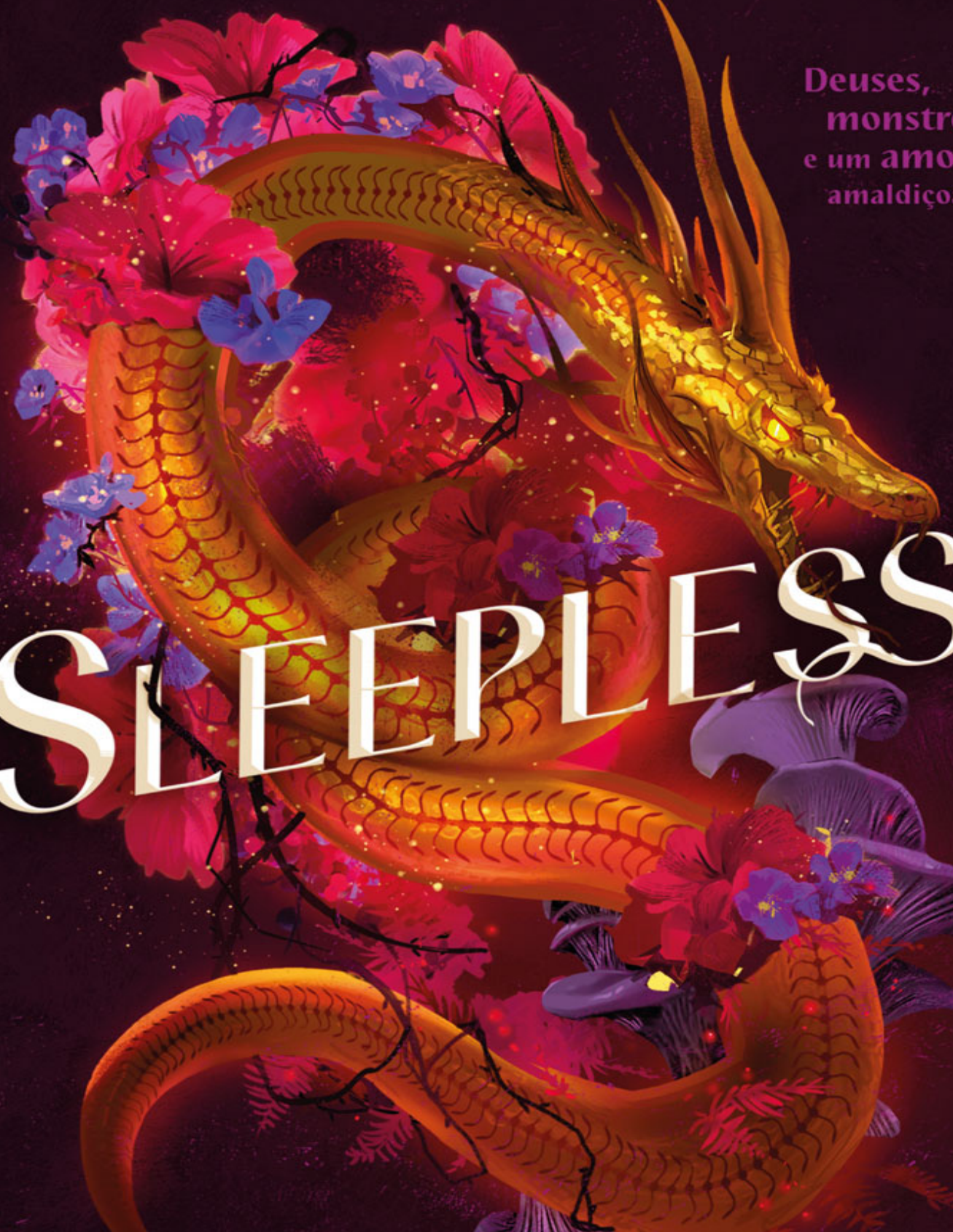


JEN WILLIAMS

Deuses,  
monstros  
e um amor  
amaldiçoado

# SLEEPLESS

A golden dragon with a scaly texture is coiled around a large, vibrant pink flower. The dragon's head is at the top right, with its mouth slightly open. The body of the dragon is covered in scales and is surrounded by various flowers, including pink and blue ones. The background is dark and textured, with some glowing particles.

SLEEPLESS

JEN WILLIAMS

# SLEEPLESS

VOLUME 1

TRADUÇÃO  
CAROLINA CANDIDO

PLATA  
FORMA 



TÍTULO ORIGINAL *The Sleepless*

© Jen Williams 2025

Publicado originalmente em 2025 por First Ink, um selo da Pan Macmillan.

Todos os direitos reservados.

© 2026 VR Editora S.A.

**Plataforma21** é um selo da VR Editora

GERENTE EDITORIAL Tamires von Atzingen

EDITORA Thaíse Costa Macêdo

EDITORA-ASSISTENTE Michelle Oshiro

PREPARAÇÃO Karoline Melo

REVISÃO Bárbara Waida e Juliana Bormio de Sousa

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Pablo Hurtado de Mendoza

DESIGN DE CAPA Arabella Jones

COORDENAÇÃO DE ARTE Pamella Destefi

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO P.H. Carbone

DIAGRAMAÇÃO WAP Studio e P.H. Carbone

PRODUÇÃO GRÁFICA Alexandre Magno

LIVRO DIGITAL Lucas Camargo

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Williams, Jen

Sleepless [livro eletrônico] / Jen Williams ; tradução Carolina Candido. -- São Paulo : Plataforma21, 2026.  
ePub

Título original: *The Sleepless*

ISBN 978-65-5008-065-5

1. Ficção de fantasia 2. Ficção juvenil I. Título.

25-313106.1

CDD-028.5

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à

**VR Editora S.A.**

Av. Paulista, 1337 – Conj. 11 | Bela Vista

CEP 01311-200 | São Paulo | SP

plataforma21.com.br | [plataforma21@vreditoras.com.br](mailto:plataforma21@vreditoras.com.br)

*Para Pete, por me presentear com  
a mais inesperada das histórias*

# PRÓLOGO

O sol estava nascendo, e as serpentes haviam gritado a noite inteira.

A menina ficara acordada ouvindo-as, incapaz de dormir, assim como os demais cidadãos de Porto das Víboras. Empurrara sua cama do dormitório até encostar no parapeito da janela para ouvi-las com ainda mais clareza; suas vozes eram agudas e fantasmagóricas, um som parecido com o de um dedo molhado deslizando sobre vidro. Porto das Víboras ficava à beira do mar e, em partes, era coberta por ele; canais invadiam a cidade como as nervuras de uma folha, e as serpentes marinhas menores haviam subido por essas vias convenientes até que cada canal cintilasse com escamas azuis, verdes, amarelas e pretas. Atravessar uma ponte em Porto das Víboras, hoje em dia, era correr o risco de sentir um par de mandíbulas serrilhadas se fechar em volta do tornozelo. As passarelas ao longo dos canais eram verdadeiras armadilhas. A cidade estava sitiada.

Naquela manhã, durante o café, o orfanato fervilhava com o boato de que as autoridades haviam trazido uma magácia de verdade para lidar com aqueles monstros rebeldes – uma maga dedicada a um dos doze deuses, capaz de pedir uma bênção e banir as serpentes. A menina olhou para sua tigela de mingau e refletiu: qual deus? O Corvo Cuculado, talvez. O deus da morte podia transformar todas as serpentes em comida de gaivota em um piscar de olhos. Ou a Alcateia, o deus da caçada. Podia abençoar os navios baleeiros da cidade com a habilidade de caçar as feras.

Lá fora, os gritos continuavam.

À tarde, enquanto as crianças se apinhavam na sala de aula empoeirada para estudar, um grupo de homens com uniforme da guarda da cidade apareceu, todos de cara fechada e aparência sombria. Sentada à sua carteira, perto da porta, a menina não conseguiu ouvir o que foi dito entre os guardas e o tesoureiro do orfanato, mas viu um vislumbre de uma bolsinha sendo

entregue. Parecia pesada e tilintou quando o tesoureiro a enfiou no bolso. Quando os guardas foram embora e o tesoureiro se afastou da porta, ele ergueu o olhar e deu de cara com a menina. Para a surpresa dela, o rosto normalmente pálido dele ganhou um tom vermelho vivo, e ele saiu depressa de seu campo de vista. A menina, encarando o chão coberto de poeira onde ele estivera, sentiu um arrepio gelado percorrer seu corpo. Algo estava acontecendo, e não era coisa boa.

★

Por isso, quando vieram buscá-la, ela não ficou exatamente surpresa. Já era o meio da tarde, e os órfãos estavam ocupados, costurando roupas para ganhar alguns trocados. Um garoto e uma jovem entraram na sala de trabalho e ficaram ali parados por um momento, observando as crianças. A dupla estava tão ricamente trajada que, de uma só vez, todos os órfãos se calaram. Era raro que tivessem visitantes, ainda mais vestidos com seda carmesim e fios de ouro. O garoto devia ter só uns treze ou catorze anos, e era bonito de um jeito frio, com o cabelo preto preso para trás em uma trança. Os olhos eram cor de avelã, quase acobreados, e pareciam devorar tudo o que viam com avidez. A mulher parecia ter uns vinte anos, com a pele marrom e o cabelo escondido sob um pano bordado. No centro do peito, os dois exibiam um broche de ouro maciço em forma de leão; rubis escorriam de suas garras como sangue.

A menina, que aos doze verões era a mais velha da sala, levantou-se da pilha de panos. O coração batia rápido demais, e o ar parecia carregado de perigo. *Encare de cabeça erguida*, pensou.

– Quem são vocês? – perguntou. Não havia nenhum funcionário por perto. O tesoureiro se ausentara de forma suspeita. – O que querem?

– Impertinente – respondeu a mulher, embora sem raiva. Na verdade, parecia entediada. – Não vê com quem está falando?

– Acólitos do Garra Sangrenta – respondeu a garota, o olhar fixo no broche de leão. Sentia os outros órfãos encarando-a. Pigarreou. – É o que eu acho. Mas o que o Garra Sangrenta quer com órfãos?

– Ela é esperta, essa aí – comentou o rapaz. Virou-se meio de lado para a jovem. – Você sabe que a Mãe prefere quando eles são espertos, Dalesh.

A garota piscou. Será que aqueles dois eram irmãos?

A mulher grunhiu.

– *De que serve um sacrifício se nada está sendo perdido de fato?* – As palavras tinham o tom de algo que ela já dissera muitas vezes. – Nosso senhor gosta que a comida Dele implore com eloquência, além de guinchar de forma deliciosa. – Dalesh suspirou. – Mas ela mandou dar uma olhada em *todos*. A Mãe nos confiou uma tarefa importante.

– Ah, tudo bem. – O garoto fez um gesto com a mão, afastando as preocupações da mulher como se fossem moscas. – Estou com um pressentimento. E você sabe que a Mãe confia nos meus pressentimentos.

A mulher fez uma careta.

– Tudo bem.

– Está decidido, então. – O garoto abriu um sorriso cortante e frágil, sem nenhum traço de afeto, e fez um gesto impaciente para a menina. – Anda, garota. Não temos o dia todo. Você vem com a gente.

A menina deu um passo para trás. Ao seu redor, os outros órfãos já haviam recuado, como se temessem ser atingidos pelo mesmo destino só por estarem perto demais.

– Eu não vou a lugar nenhum com vocês. – Ela cerrou os punhos. – O tesoureiro não pode vender crianças assim. Isso aqui não é uma vila esquecida onde vocês podem entrar e fazer o que bem entendem. Aqui é Porto das Víboras. – Respirou fundo. – Vão ter que me arrastar.

O garoto suspirou.

– Se você insiste.

★

Sob o sol do verão, o ar vibrava com o som das serpentes. Membros da Guarda da Cidade arrastavam a menina pelas ruas estreitas, tomando o cuidado de evitar os canais principais até chegarem à Pedra Polida, um enorme afloramento rochoso que irrompia do fundo do mar bem na extremidade de Porto das Víboras. Ao longo de centenas de anos, a cidade construía o porto ao redor da pedra. Esculpiram degraus na lateral da rocha e uma plataforma lisa no topo. Antigamente, os anciãos da cidade usavam a Pedra Polida para vigiar piratas e invasores; em ocasiões especiais, casamentos eram celebrados ali, e flores eram lançadas à água em datas comemorativas.

Quando a menina chegou à pedra, uma grande aglomeração de citadinos a rodeava. Estavam em silêncio, observando ora ela, ora a figura que se erguia no topo da pedra. A menina mal conseguia enxergá-la. O sol forte estava bem atrás da pessoa, quem quer que fosse, moldando-a em uma silhueta de sombra.

– O que está acontecendo? – Ela fizera essa pergunta durante todo o caminho pelas ruas, em diferentes tons de indignação e medo, intercalando com todos os palavrões que conhecia, mas nenhum dos guardas respondeu. Agora, o garoto de olhos cruéis e a mulher chamada Dalesh a afastaram deles.

– Hoje você recebeu uma grande honra – disse o garoto. Segurou o braço dela e começou a guiá-la pelos degraus da pedra. Ele era mais alto do que a menina e não teve dificuldade em movê-la. Dalesh caminhava do outro lado dela, com a mão a apertando ainda mais forte. – Em breve você conhecerá a Mãe Maura, uma das magas mais célebres de toda a Tlevrae. Não é uma sorte?

– Uma magácia? – A menina se jogou para trás, tentando se desvencilhar das mãos deles. – Vocês vão me levar para uma maldita *magácia*?

Dalesh apertou o braço dela com brutalidade.

– Você não vai querer dizer isso na frente da Mãe – retrucou ela, com calma. – Ela não gosta muito desse apelido. É melhor mostrar respeito, ou vai se arrepender.

– Se bem que – acrescentou o garoto, meio rindo – você não vai se arrepender por muito tempo.

A essa altura, já tinham chegado ao topo da Pedra Polida. O mar se estendia à frente deles, de um azul escuro e intenso na distância, mas espumando em branco e verde logo abaixo da pedra. A figura avançou, e uma mão pálida, com unhas vermelhas, estendeu-se e se fechou em torno do punho da menina. Ela sentiu toda a resistência abandonar seu corpo. Estava impotente ali.

– Isso foi o melhor que vocês conseguiram? Uma pirralha esfarrapada? Mal serve de petisco para o nosso senhor. – A voz da mulher era grave e aveludada, como o ronronar de um grande animal mortífero. – Oferecer a Ele algo abaixo do que deseja é perigoso. Não era para eu ter que lembrar vocês disso.

A garota reuniu todas as forças para erguer a cabeça e encarar a mulher cujas unhas se cravavam em sua pele. Ela era alta e imponente, com maçãs do rosto salientes e uma vasta cabeleira ruiva que descia pelas costas, parte solta, parte presa em tranças e torções. Uma única mecha branca nascia na têmpora

e se perdia no caos maior. A mulher vestia mantos escarlates e trazia, na testa, uma faixa dourada com uma única garra de rubi cravada no centro. Seus olhos eram de um verde-amarelado intenso.

– Ela é a escolha certa – dizia o garoto, a voz carregada de convicção. – Tenho certeza, Mãe. É ousada, esperta, *transborda* fogo e fúria. Carrega muita força. Se tivesse sido deixada para seguir seu caminho, com certeza teria se tornado alguém importante, e o nosso senhor não acharia isso delicioso? Todo esse potencial entregue a Ele. É mais do que o bastante para sustentar este feitiço.

– Quem vai julgar isso sou eu – rosnou Mãe Maura, arrastando a menina até a beirada da Pedra Polida.

Abaixo delas, as serpentes marinhas agitavam a água em um frenesi faminto, seus corpos brilhantes refletindo ouro e prata sob o sol.

– Está vendo, criança? – Mãe Maura espiou pela borda, os lábios apertados. – Bestas imundas dos jih. Monstros asquerosos. Só têm causado caos no comércio da cidade há semanas. Sem falar nas vidas perdidas. Onze mortos, se não me engano. – A mulher sorriu, revelando dentes brancos e alinhados. – Onze vidas servindo apenas para encher a barriga de um verme. Um desperdício. Mas você, minha querida, *você* vai salvar a cidade. Sua vida não será em vão. Quando as serpentes a despedaçarem, sua alma será devorada e saboreada pelo meu senhor, e então Ele me dará uma migalha de Seu poder para bani-las.

A menina abriu a boca, tentando com esforço formar as palavras na língua.

– Tira... a mão... de mim.

Mãe Maura deu uma risadinha. Ela agarrou a frente da camisa da garota e a empurrou até a beirada, tão perto que a menina podia sentir o vazio às suas costas. A maga se inclinou para a frente, o braço estendido, e a garota tremeu dos pés à cabeça. Bastava que a maga a soltasse e ela estaria perdida, lançada ao mar como uma pedrinha jogada sem pressa em um lago. Ela olhou por trás de Mãe Maura e viu os acólitos observando atentamente. Dalesh parecia levemente incomodada, como se tudo aquilo fosse repugnante, mas o garoto assistia fascinado, os olhos cor de avelã brilhando de expectativa.

– Meu senhor, Garra Sangrenta – dizia Mãe Maura, elevando a voz acima do rugido do mar e dos gritos das serpentes –, tome esta vida cheia de potencial, banqueteie-se dela e me conceda uma bênção.

Havia um brilho ao redor da mulher, como a ondulação de calor sobre o asfalto em um dia escaldante. Os olhos de Maura brilharam como os de um gato, e a garota teve uma breve sensação de que havia algo mais ali com elas, algo imenso e poderoso, com cheiro forte de sangue.

– Qual é o seu nome, menina?

– Elver. – Por um instante, a menina se perguntou se dizer seu nome poderia salvá-la de alguma forma; se, uma vez nomeada, a maga teria piedade.

A mulher riu.

– Adeus, Elver.

Mãe Maura a soltou, e a menina caiu no mar.

★

Houve uma sensação terrível, um vazio imenso, e então ela se chocou contra uma massa de corpos duros e gelados. Por um instante, parecia que o mar tinha desaparecido; em vez disso, ela caíra em um país feito de serpentes, uma terra sólida de escamas e silvos, como moedas de prata amassadas. Elver viu sua sandália se soltar, viu sangue na água, e então uma dor inimaginável tomou seu abdômen. Uma enorme serpente marinha amarela cravava os dentes longos e farpados em sua carne. Não havia ar nem espaço para gritar. Em um instante, foi puxada para baixo, sob a água negra do mar, sob os corpos contorcidos, enquanto a luz manchada do sol fugia para longe e o mundo humano ficava para trás.

*Estou morta, pensou. Estou morta.*

E então outra coisa começou a correr por suas veias, algo frio e sombrio que devorava seu sangue vermelho e o substituíria por veneno. As pálpebras da menina tremularam uma ou duas vezes, um estranho espasmo que percorreu seu corpo inteiro assim que a última golfada de ar escapou de seus pulmões. Quando abriu os olhos de novo, a vida interior do mar se revelou em uma coroa cintilante de cores, e a imensa cabeça da serpente amarela pairava diante dela. Quando a criatura falou, sua voz ressoou dentro da mente da menina como o toque de um sino.

*Bem-vinda ao lar, criança-veneno.*

# CAPÍTULO 1

*Cinco anos depois*

Os sinos da alvorada da Torre Dourada da Manhã Perpétua soavam alto o bastante para fazer os ouvidos zumbirem; o suficiente para acordar até os mortos. Tinham que ser assim, já que era absolutamente vital que todos os Insones que habitavam o mosteiro estivessem completa e irrevogavelmente alertas.

E, de repente, Artair ficou.

Acordou do mesmo jeito de sempre, sentado ereto em uma cadeira em frente à pequena janela gradeada de sua cela, sem qualquer lembrança de ter se sentado ali ou de sequer ter movido a cadeira. O *Outro* é que tinha feito isso. O copo de barro que Artair usava para beber água e chá estava em pedaços, lascas espalhadas pelo chão. Pela mancha úmida na parede de reboco, ele deduziu que o Outro o tinha lançado em um de seus momentos selvagens de fúria.

Com uma careta para a dor familiar nas costas – uma única vez, ele gostaria que o Outro tivesse passado a noite na cama estreita em vez de ficar andando de um lado para o outro ou sentado na cadeira –, Artair se levantou, espreguiçou-se e lavou o rosto na bacia de água fria. Despertava com a alvorada desde criança, e já estava acostumado ao regime rigoroso da Torre Dourada. Ainda assim, lançou um olhar saudosos para a cama, com seus cobertores e travesseiro intocados. Talvez pudesse se deitar por alguns instantes, descansar até que o Irmão Benzin viesse fazer as inspeções matinais... Mas deitar e descansar era proibido aos Insones fora dos horários autorizados. Sempre havia o risco, afinal, de ele se esquecer e começar a cochilar, e então o Outro viria à tona. Se isso acontecesse, era impossível prever o que ele poderia fazer.

Nunca distante demais, uma memória sombria lampejou ao fundo da mente: o cheiro sufocante de fumaça, o gosto de carne queimada no ar... Artair jogou mais água fria no rosto para afastar os pensamentos.

– O alicerce da torre é a vigilância – murmurou.

Havia um espelho minúsculo sobre a bacia, deformado pelos anos e ligeiramente descolorido em um canto. Artair olhou para ele, procurando no próprio rosto sinais do Outro, como fazia na maioria das manhãs. Parecia impossível que, momentos antes, outro alguém estivesse olhando através de seus olhos castanhos, que alguma outra inteligência tivesse movido sua boca e a feito sorrir, ou se franzir, ou gritar. Seu rosto continuava o mesmo: o nariz longo e reto, a mandíbula definida, a cicatriz estreita que atravessava a sobrancelha direita – não resultado da violência do Outro, mas de um acidente com os bastões de madeira que os noviços usavam nos treinos da tarde. Os olhos castanhos olharam de volta para ele, cheios daquela habitual combinação inquieta de curiosidade e determinação. Seus cabelos escuros estavam desgrenhados e embaraçados, como se o Outro tivesse passado a noite inteira enfiando os dedos neles, mas isso podia ser resolvido com um pente e uma escova. Pelo menos o Outro não os tinha arrancado, como já fizera em outras ocasiões.

– Bom dia, Artair! – O rosto do Irmão Benzin apareceu na pequena abertura da porta. Era um homem gentil, corado, com barba grisalha, as vestes brancas da ordem quase sempre marcadas por manchas de grama. Quando era possível, Benzin preferia trabalhar nos jardins. – Está entre nós?

Artair posicionou-se diante da porta para recitar o verso do dia. Todos os dias recebiam um novo, para que os Irmãos e Irmãs do mosteiro soubessem com quem estavam lidando.

– O peixe prateado está sempre a nadar, o texugo cava fundo a colina sobre o mar.

– Sim, sim, está bem. – Houve um tilintar na porta enquanto Benzin a destrancava com as chaves que carregava em um anel no cinto. – Um tanto simplista para o meu gosto, mas a Irmã Rosea encomendou um novo livro de poesias de uma loja em Porto das Víboras e, receio dizer, está encantada com ele. – A porta se abriu, e o Irmão Benzin afastou-se para o lado. – Prepare-se para muitos outros usos um tanto inspirados de *gato e fato*, ou, que os Doze nos salvem, *rio e frio*. Céus, veja só o estado do seu cabelo. Imagino que tivemos uma noite difícil?

Artair sabia que não era uma pergunta de verdade. Afinal, como ele poderia saber o que o Outro andara fazendo? Mas, mesmo assim, sentiu o rosto corar.

– Houve algum barulho vindo da minha cela?

O Irmão Benzin deu de ombros, depois deu um tapinha afetuoso no ombro de Artair.

– Há barulho em todas as celas, todas as noites, meu caro amigo. Não deixe que isso te consuma. Depois das meditações e exercícios matinais, vou querer sua ajuda no pomar. Pode ser?

Quando Benzin partiu para continuar sua ronda por todas as celas da torre, Artair voltou para seus aposentos, molhou o pente e passou alguns minutos tentando domar o cabelo. Havia uma sombra de barba por fazer no queixo, mas ainda não o suficiente para ir até a Irmã Rosea para fazer a barba – lâminas afiadas eram terminantemente proibidas nas celas dos Insones. Depois de fazer o máximo que podia para estar minimamente apresentável, ele parou para recolher os cacos do copo quebrado, depositando as lascas sobre a pequena mesa de madeira no canto do quarto. Foi só então que viu que uma das lascas afiadas de barro fora usada para entalhar uma mensagem no tampo da mesa. As palavras estavam irregulares e ásperas, como se o autor tivesse tido apenas alguns minutos para esculpi-las, e não a noite inteira.

### ME DEIXE SAIR

– Nunca – disse Artair. Passou os dedos pelas palavras entalhadas, pensando: *Minhas mãos fizeram isso*. – Eu nunca vou deixar você sair.

## CAPÍTULO 2

Elver quebrou o gelo verde na superfície do lago com o pé descalço, saboreando o estalo frágil ao afundar até os tornozelos. Houvera uma onda de frio durante a noite e, nessa parte mais profunda e sombria da Floresta dos Jih, era raro que um dia se passasse sem que algo congelasse. Ela entrou mais fundo, deixando que a água gelada e escura a envolvesse até o peito. Desde que a Rainha das Serpentes trocara seu sangue por veneno quando ainda era criança, a água fria não era particularmente incômoda para Elver. Ela era jih agora, um espírito monstruoso na floresta dos monstros, e o mundo natural tinha muito pouco a oferecer que pudesse lhe causar desconforto.

No meio do lago, que era um dos menores e mais escondidos lugares cobertos de água da floresta, havia uma ilha maltratada feita de juncos, lama e salgueiros-chorões atrofiados. Ela se dirigiu até lá devagar, sem querer assustar os moradores, mas eles eram ainda mais sintonizados com a floresta do que ela. Tinha percorrido menos da metade do caminho quando uma cabeça arrepiada surgiu de um emaranhado de juncos. Olhos grandes brilharam com luz azul-esverdeada, iluminando a ilha brevemente.

– Ei, sou só eu – chamou Elver em voz baixa. – Só vim ver como estão os filhotes. Eu trouxe petiscos! – Ela ergueu o saco que carregava em uma das mãos, e a criatura que a observava emitiu um assobio baixo de satisfação.

Levando em conta apenas a silhueta, keltráxias lembravam raposas de tamanho descomunal, com o focinho alongado e a cauda espessa; mas, de perto, seu corpo era coberto por minúsculas escamas azuis, exceto onde surgiam penas vermelhas e alaranjadas. As orelhas, cobertas dessas penas, pareciam pequenas labaredas, o que lhes rendeu o nome pelo qual os humanos as conheciam: ouvichamas. Elver achava esse nome humano ridículo. A Rainha das Serpentes ensinara a ela os verdadeiros nomes de todos os espíritos jih da floresta.

Na água ao seu redor, Elver sentia o movimento de outras coisas: sapos, peixes e cobras-d'água, mas também criaturas-espírito jih, seres com os quais ela compartilhava um vínculo de sangue. Algo com barbatanas prateadas feito filamentos e oito olhos vermelhos roçou sua perna e sumiu no mesmo instante. Elver ergueu um pouco mais o saco e continuou.

Os arredores da ilha eram cercados por lama preta e espessa, que Elver pisoteou com coragem até alcançar o que, com boa vontade, poderia ser chamado de terra firme. Logo além da parede de juncos, musgos e urzes, ela avistou um ninho grande de lama e gravetos, e, de pé sobre ele, a fêmea keltráxia. A criatura abriu a boca, deixando a língua provar o ar, e as longas penas escarlates de suas orelhas se abriram como um pássaro em voo.

– Dá pra sentir o cheiro disso do outro lado da floresta, com certeza.

Elver colocou o saco no chão, junto ao ninho, e o abriu para que a fêmea pudesse enfiar o focinho dentro. Os caracóis Dama Verde só podiam ser encontrados no extremo oeste da floresta, e, sabendo o quanto as keltráxias gostavam deles, Elver sempre fazia questão de recolher um saco cheio quando estava por perto. Enquanto a fêmea mastigava e fungava alegremente dentro do saco, Elver espiou com cuidado por cima da borda do ninho. Dentro havia um único ovo ainda não chocado e três filhotes de keltráxia com aparência saudável. Haviam acabado de sair da casca, ainda tinham mais penas do que escamas, mas os olhos já estavam abertos e brilhavam com uma versão mais suave da luz exibida pela mãe. Elver estendeu a mão até eles. O mais próximo enfiou o focinho em sua palma e a lambeu com uma língua áspera.

– Estão indo bem. – Ela olhou de novo para o ovo e sentiu um pouco do bom humor se dissipar. – Esse aí já não devia ter chocado?

A fêmea virou-se para encará-la, com as penas flamejantes das orelhas abaixadas.

*Não, disse a keltráxia na voz que só Elver podia ouvir. Ela está quieta e fria, e não teve força para quebrar a casca.*

Elver assentiu. Ela entendia, já que nem tudo que vivia na floresta prosperava, mas parecia injusto. Das encostas ao sul da floresta, nas colinas que marcavam o início das montanhas, era possível ver as estradas que levavam até Porto das Víboras, e nelas passava um fluxo constante de vida humana: viajantes, mercadores, andarilhos. Iam com carroças e caravanas, a cavalo ou a pé. Parecia não haver fim para a vida humana azedando o mundo, e mesmo assim, aquele único filhote de keltráxia não tivera chance de viver.

*Nós a comeremos*, continuou a dizer a fêmea. *Quando os outros estiverem velhos o bastante para aguentar.*

Elver fez uma careta. Passou as mãos pelo cabelo – os fios brancos como osso desde que a Rainha das Serpentes a mordera – e se afastou do ninho. A fêmea se aproximou e pousou a cabeça por um instante sobre a de Elver; uma saudação entre congêneres.

*Os caracóis estão gostosos*, disse ela. *Obrigada, irmã-humana.*

– Não sou mais humana – falou Elver. – Mas de nada, minha amiga.

★

Elver fez sua própria morada junto a outra fonte de água: o grande Lago da Serpente, que repousava no centro da Floresta dos Jih. Ela encontrara uma cabana de caçador abandonada na beirada da mata e, ao longo dos anos, transformara o lugar em um abrigo. Havia uma cama feita de peles e penas, doadas pelas formas gentis e pesadas das kartesh, monstros com corpos peludos e atarracados, como os de ursos, e rostos de aves, como corujas; havia um espelho, trazido por uma roch, uma ave imensa com quatro asas flamejantes. Em uma única prateleira ficava sua adorada coleção de livros, roubados de viajantes ou encontrados e entregues a ela pelos outros espíritos jih da floresta – eles sabiam que sua irmã tinha um carinho especial pelo hábito humano da leitura. No lago, ela pescava, se banhava, bebia e, de tempos em tempos, encontrava mensagens da Rainha das Serpentes. Em raras ocasiões, a própria deusa aparecia, uma forma dourada e imensa serpenteando pela água esverdeada. Elver não era maga – a Rainha das Serpentes não tinha nenhuma –, então não podia chamar a deusa ou pedir por uma bênção, mas, como espírito jih, era uma das criaturas da Rainha e, por isso, a deusa gostava de visitá-la. Elver tinha a vaga impressão de que a deusa desenvolvera um interesse especial por ela desde que a salvara de ser sacrificada em Porto das Víboras. A ideia a deixava inquieta, como se tudo fizesse parte de um quadro maior do qual ela só enxergava um canto minúsculo. Mas sabia que a Rainha a trouxera de volta da morte, enquanto o povo de Porto das Víboras mal podia esperar para jogar uma criança ao mar para salvar a própria pele, e isso já era mais do que suficiente para garantir a lealdade de Elver. Pensou então, como fazia com frequência, na maga ruiva que a havia sacrificado a um deus

faminto. Os humanos eram dissimulados, egoístas e sedentos por sangue. Os jih eram toda a companhia de que ela precisava agora.

Levava uma hora para ir do ninho da keltráxia até o Lago da Serpente. Elver atravessava a floresta como uma criatura nascida ali, deslizando pelo mato em silêncio, reparando em sinais, marcas, no canto dos pássaros e no som dos pequenos animais. Parou à beira de um riacho quando um platinus passou, um monstro gigantesco cuja cabeça reptiliana ultrapassava as copas mais altas das árvores. Elver viu apenas o flanco colossal, músculos tão grossos quanto troncos se contraindo e relaxando sob a pele coriácea, roxa e amarela.

Ao chegar ao lago, tirou as roupas – reaproveitadas ou feitas por suas próprias mãos – e se lavou depressa na água, limpando a lama preta dos pés. Quando já estava seca e vestida novamente, caminhou em direção à sua cabana decrépita, pensando em pegar a lança de pesca e conseguir algo para o jantar daquela noite. Se houvesse muitos peixes, podia começar a armazenar alguns para o longo inverno, que já começava a soprar o ar gelado em sua nuca.

Mas, ao pegar a lança, sentiu um gosto acre e azedo invadir sua língua.

Fumaça de lenha. Uma fogueira humana acesa com algo a mais – óleo, talvez.

Elver se virou e viu, do outro lado do lago, um ponto de luz amarelo-amanteigada e uma linha fina de fumaça preta que subia acima da copa das árvores. Havia uma figura sentada junto à fogueira, com a cabeça baixa, olhando para algo no colo.

– *Invasor*.

Elver sentiu o veneno em seu sangue se agitar. Um humano imundo, ali, naquele lugar que era seu lar.

Deixou a lança junto à cabana e pegou a faca, que prendeu no cinto. Em vez de seguir pela margem do lago, deu a volta por dentro da mata, contornando até encontrar um ponto de onde podia ver a figura humana emoldurada pela água esverdeada. Era uma mulher de meia-idade, de membros longos e magros, usando um chapéu de abas largas. Havia uma espada, ainda na bainha, jogada no chão arenoso aos seus pés. O cabelo da intrusa era curto, e, do ponto em que estava, Elver conseguia ver a pele nua da nuca. Bastaria encostar sua mão fria e pálida ali, e a mulher se arrependeria amargamente de ter entrado na Floresta dos Jih...

Mas aquilo não bastava.

Elver saiu da mata, deixando os pés pisarem com força sobre a camada de folhas secas do outono, e observou com satisfação a mulher se sobressaltar e se virar de repente, os olhos arregalados. Imaginou o que a humana estaria vendo: uma garota de dezessete anos, alarmantemente pálida, com uma cabeleira branca e olhos amarelos, uma linha de cicatrizes azuladas marcando o pescoço, o ombro e o braço – os lugares onde a Rainha das Serpentes a havia mordido. Uma menina-monstro vestida de couro, ossos e penas, com uma faca na mão. É claro que ela não saberia que a faca era a última coisa com que devia se preocupar.

– Quem é você? – perguntou a mulher. Curiosamente, não correu até a espada.

– Sou a guardiã desta floresta. – Elver caminhou na direção dela com ousadia. Seu coração martelava no peito por estar tão perto de um ser humano. – E você não é bem-vinda.

A mulher se levantou devagar. No chão, atrás dela, havia um cobertor de dormir surrado e uma caneca de estanho amassada cheia de sopa.

– Já ouvi falar de você – disse ela. – Dizem que o fantasma de uma garota assombra este lugar. Mas você não é um espírito. Está vivendo aqui sozinha? Como ainda está viva?

Elver riu.

– Esta é minha casa. Nada aqui vai me machucar. Mas você? Você cometeu um erro muito grave, humana.

– Veja bem – disse a mulher, erguendo as mãos devagar, as palmas viradas para fora. – Sou só uma viajante. Estou só de passagem, a caminho de outro lugar. Não há necessidade de...

– Você achou que podia simplesmente *atravessar* a floresta dos jih? – Elver sorriu, e pela primeira vez a mulher pareceu de fato perturbada. – Humanos, vocês acham que tudo é estrada para andar. Que tudo deve estar debaixo dos seus pés. Um rola-bosta tem mais juízo que você.

– Basta. – A mulher fez cara feia. – Não vou aceitar esse tom de uma pirralha como você. Ficou maluca, vivendo sozinha no meio do mato. – Inacreditavelmente, ela deu um passo à frente, estendendo o braço como se fosse levar Elver para perto do fogo. – Você precisa é de umas refeições decentes, um banho de verdade, e talvez então aprenda a tratar os mais velhos com respeito.

– É você quem devia mostrar um pouco de respeito.

Elver segurou o braço da mulher e pressionou a palma da mão contra a pele dela. A mulher se sobressaltou como se tivesse levado uma mordida, o chapéu caindo da cabeça com a força do movimento, e soltou um gritinho. Elver viu a marca da própria mão no braço da mulher, a pele já começando a empolar, e então ela caiu de joelhos, desabando ao lado da própria fogueira. Os olhos haviam virado para cima, mostrando apenas a parte branca.

– Eu avisei. Humana idiota. Falando comigo como se eu fosse uma garotinha perdida. A floresta dos monstros é o meu *lar*.

Elver se ajoelhou para sentir o pulso da intrusa. Estava lá, leve e rápido. Quando retirou a mão, havia mais duas marcas vivas na pele da mulher, no formato de seus dedos. Ela limpou a mão na parte de trás da calça. Tocar em humanos a fazia se sentir suja, mas pior ainda era a curiosidade dolorosa que isso despertava nela. Como seria tocar um humano sem causar danos? Como era a sensação da pele de alguém que não recuava de dor e horror? A lembrança desse tipo de toque já se perdera em sua mente havia muito tempo. *Você não é mais humana*, disse a si mesma com firmeza. *E nunca vai ser*.

– Você não está morta – falou para a mulher inconsciente. – O que já é mais do que merece.

Mas seria fácil terminar o serviço. Um toque mais demorado de sua pele envenenada bastaria, ou, se não se importasse em fazer bagunça, a faca daria conta do trabalho.

Elver ergueu os olhos e viu outro dos monstros que habitavam a floresta observando-a entre as árvores. Lentaminhos eram um dos espíritos jih mais falantes, e ela conhecia bem aquele ali.

*Saudações, guardiã da floresta. Uma das suas?*

Elver sentiu o calor pinicar na nuca, mas engoliu a irritação como se fosse uma pedra afiada.

– Não, não é nem de longe uma das minhas. Mas já que está aqui, pode me fazer um favor?

O lentaminho se arrastou para a frente. Fora das sombras, parecia um caracol bípede do tamanho de uma pessoa, com os membros tateando cuidadosamente o solo. A concha bulbosa nas costas formava uma grande espiral.

*Talvez*. Os tentáculos na cabeça se expandiram com curiosidade, se estendendo na direção do corpo caído no chão.

– Arraste essa idiota de volta para a estrada. Não precisa chegar muito perto, só o suficiente para que, quando ela acordar, consiga ver para onde tem que ir. – Elver sorriu, imaginando a expressão da mulher se acordasse no meio do caminho e visse que tinha um tentáculo pegajoso preso ao tornozelo. E, claro, havia muitos perigos na Floresta dos Jih. Talvez ela nem chegasse à estrada. – Não se preocupe muito em desviá-la de espinhos e poças. Ela precisa aprender a nunca mais voltar aqui.

Quando o lentaminho partiu, arrastando a humana atrás de si como um saco de ossos, Elver vasculhou os pertences da viajante. Bebeu a sopa fria, saboreando o gosto das ervas e especiarias que vinham de fora da floresta, e pegou um caderno com algumas páginas em branco que caíra da mochila – havia livros no orfanato, e eram uma das poucas coisas de que realmente sentia falta. Aquele parecia ter sido usado para registrar as viagens da mulher; havia anotações sobre Porto das Víboras, uma cidade chamada Tarflínia da qual Elver nunca ouvira falar, e uma seção detalhada sobre uma maga devota do deus Tisk. Não havia muito mais, mas a espada era boa o bastante e ainda estava afiada. Elver a levou de volta consigo para o outro lado do lago.

## CAPÍTULO 3

O mosteiro agarrava-se à encosta da montanha como um conjunto de cogumelos-ostra em uma árvore. De suas muralhas, era possível ver a Floresta dos Jih se espalhando pelas colinas abaixo, um tapete denso de árvores que, nesta época do ano, ardia em tons de amarelo, laranja e vermelho – e mais além havia o brilho sempre mutante do mar. Entre os dois ficava Porto das Víboras, escondida pelo sobe e desce do relevo, sendo as únicas pistas de sua existência as trilhas de fumaça que subiam de seus prédios industriais e a chegada e partida constante de navios de todos os tipos. O mosteiro em si se expandia a partir da torre central, onde os Insones eram alojados durante a noite; construções com telhados de azulejos verdes e azuis se aglomeravam ao redor dela como crianças ao redor de uma ama. Atrás das muralhas voltadas para o mar, havia um jardim interno tão protegido do clima da montanha que os monges e seus pupilos cultivavam ali a maior parte do que consumiam, de maçãs e repolhos a ervas e remédios.

Artair gostava de observar a paisagem enquanto seguia do salão de meditação até o jardim, espiando pelas várias janelinhas ao longo do corredor. Se ele ignorasse o burburinho de atividades que denunciava a existência de Porto das Víboras, era fácil fingir que a Torre Dourada estava completamente sozinha no mundo; havia apenas as montanhas, a floresta e o mar, sem pessoas para complicar as coisas. Se o mundo estivesse vazio além do mosteiro, então seria seguro para ele – para todos os Insones – deixar a torre para trás.

Mas nunca seria seguro. Enquanto o Outro habitasse o interior dele, ele seria perigoso. E pensar no mundo além também era perigoso. O Irmão Elthem acreditava que esses pensamentos de liberdade vinham do espírito sombrio, porque o que os espíritos sombrios mais queriam era escapar para o mundo e espalhar o caos. Os monges ensinavam a manter a mente e o corpo ocupados – com meditação, treino físico e tarefas simples.

*Vigilância*, pensou Artair.

No pomar, as maçãs estavam prontas para cair, e Artair passou boa parte do dia com alguns dos noviços mais jovens, colhendo os frutos e carregando-os em caixotes até as cozinhas do mosteiro ou para os porões frios escavados na rocha bruta da montanha. À tarde, os monges lhes davam algumas horas de lazer, e eles iam até a nascente natural na beira dos jardins. Ao longo de milhares de anos, ela havia esculpido uma pequena piscina na pedra, alimentada por uma cascata borbulhante. Era um bom lugar para se sentar e conversar, com os pés descalços mergulhados na água gelada. Ser Insone era estar sempre procurando formas de se manter acordado.

– Meus pais disseram que vão me visitar depois da próxima colheita – comentou Reah. Ela tinha chegado ao mosteiro fazia apenas seis meses. Olhava para baixo enquanto falava, aparentemente observando as sardas nas costas das mãos. – Não falta muito agora. Mas... – Reah se remexeu na grama, a postura tensa e desajeitada. – Não consigo acreditar que não estou lá com eles, ajudando na colheita. Que vou ficar presa aqui...

Ela não disse as palavras, mas Artair as ouviu mesmo assim, no silêncio. *Para sempre*. Presa aqui para sempre.

– É mais difícil para você – acrescentou Chessun, em um tom direto. Era um dos noviços mais velhos, um rapaz robusto com cachos loiros como o sol. – A maioria de nós descobriu que era Insone quando ainda era pequeno. Quantos anos você tem? Catorze? Quinze?

Reah franziu a testa para ele.

– Catorze.

Chessun deu de ombros.

– Pronto. Você estava acostumada demais a ter uma vida normal. Não sabia que tinha um *monstro* espreitando dentro de você. Agora está se perguntando por que não pode simplesmente andar pela cidade e comprar um pão, ou dormir em um quarto que não tranca por fora. É um choque e tanto. Despertar.

– Vai melhorar – garantiu Artair. Lembrava-se de quando fora levado ao mosteiro, cinco anos antes, e da sensação de deslocamento que a mudança causava. – Você vai se acostumar a ficar aqui. Os monges nos mantêm ocupados. E podemos ir aonde quisermos dentro dos jardins.

– Lá em casa, a fazenda tinha vinte acres – lamentou Reah, emburrada. – Eu podia pegar uma carroça até Porto das Víboras, se quisesse. Eu costumava

ir para dar uma olhada nos mercados. Economizava só pra isso.

– Pelo menos aqui você não precisa de dinheiro – comentou Artair.

– Eu nem fiz nada de ruim, na verdade – continuou Reah, distraída. – Nada permanente, pelo menos. Não consigo acreditar que meus *pais* fizeram isso comigo. – Sua voz tremeu, e ela desviou o olhar dos outros, querendo esconder a expressão no rosto. – Que eles me largaram aqui, sem mais nem menos. Em uma prisão.

– Não foi você quem fez isso – acentuou Artair.

– Isso o quê? – Reah olhou para ele. Seus olhos estavam brilhando demais, as lágrimas prestes a cair a qualquer instante.

– Seja lá o que tenha acontecido, não foi *você*. – Artair sorriu para ela. Reah era só três anos mais nova do que ele, mas naquele momento parecia dolorosamente jovem. – O espírito maligno dentro de você, a coisa que aparece quando você se entrega ao sono. Foi *ele* quem fez isso, não você. Nós não conseguimos controlar o espírito que vive em nós, mas fazemos o possível para limitar os danos que ele pode causar. Vivendo aqui, na Torre Dourada, longe do mundo. – Ele pensou na vista das janelas do mosteiro, naquele mar aberto que podia levar a qualquer lugar, e sentiu um aperto incômodo no peito. Mas logo depois veio a lembrança do que havia acontecido quando o Outro apareceu pela primeira vez. *Fumaça, sangue e destruição*. – Assim é mais seguro para todo mundo.

– Eu sei que não fui eu – ressaltou Reah, embora não parecesse convencida.

Esta era, Artair sabia, uma das lições mais difíceis da Torre Dourada: aceitar que o Outro era algo separado, algo maligno, mesmo que vivesse sob a própria pele. Mesmo agora, depois de cinco anos no mosteiro, Artair ainda carregava a culpa perturbadora pelo que o Outro havia feito.

Chessun deu uma risadinha.

– Você está falando igualzinho ao Irmão Benzin, Artair. Vamos, o sol ainda está quente, e eu estou todo grudento de suco de maçã.

Ele se levantou na torrente gelada e avançou mais fundo na água, molhando as barras enroladas da calça. Todos os noviços usavam calças brancas macias e camisas amarelas, com uma meia-túnica cor de mostarda por cima. Ele puxou essa última por sobre a cabeça para improvisar um capuz. Artair riu.

– Obrigada – disse Reah em voz baixa. – O mosteiro é tão... longe de tudo.

– Você vai acabar se sentindo em casa – falou Artair, sem saber ao certo se ele mesmo ainda sabia o que “casa” significava. – Vamos, antes que arranjem mais trabalho pra gente.

★

A tarde seguiu agradável até Chessun decidir que queria subir onde a cascata começava, o que significava escalar várias pedras escorregadias cobertas de musgo. Artair começou a avançar na direção dele, tentando convencê-lo a desistir, quando o grande noviço escorregou e caiu de costas na nascente, respingando água por todo lado. Alguns dos outros noviços gritaram alarmados, e os mais nervosos correram de volta pelos jardins para chamar os monges. Artair, forte e ágil após anos de treino marcial e exercícios, arrastou o amigo para fora da água e o deitou na margem coberta de grama. Chessun havia machucado a têmpora em uma pedra, e o sangue escorria livremente do ferimento, tingindo de escarlate o ombro de sua túnica amarela.

– Que os Doze nos protejam. Chessun, seu idiota. – Artair chacoalhou o amigo devagar, mas os olhos do garoto reviraram. Artair foi tomado pelo pânico. – Não, não faça isso...

Reah surgiu ao lado dele, com o rosto tão pálido que as sardas pareciam manchas de tinta.

– Ele está bem?

– Não sei. Acho que ele desmaiou e, se foi isso... Reah, volte para o mosteiro, eu não sei se...

Os olhos de Chessun voltaram a entrar em foco. Por um instante, pareciam de um tom mais claro do que antes, e o rosto largo e gentil foi tomado por uma expressão de fúria. Naquele instante, o Chessun que Artair conhecia há anos havia sumido. Ele estava debruçado em cima de um completo desconhecido.

– Chessun, espere...

Artair cambaleou para trás, os pés descalços escorregando na grama molhada, mas Chessun foi mais rápido. Estendeu as mãos grandes e musculosas e agarrou Artair pela garganta.

– *Esse não é o meu nome.*

Artair ofegava. Era alguns centímetros mais alto e, ainda que Chessun fosse mais robusto, ele normalmente não teria dificuldade em empurrar o amigo, mas a força de Chessun vinha agora de outro lugar, um mais sombrio. O Outro o tomara no instante em que o noviço perdeu a consciência.

– Estou ao ar livre! – A criatura que habitava Chessun olhou ao redor, para a nascente e os jardins, com aparente deslumbramento. – *Até que enfim*. Posso sair deste buraco fedorento e empestado.

Com um grunhido, ele se levantou e lançou Artair de volta à água gelada. Quando Artair se reergueu, ensopado, viu que Chessun corria na direção do Portão Vermelho. Os outros noviços haviam fugido, e vários Irmãos e Irmãs saíam dos prédios, avançando depressa em direção ao Insone rebelde. Artair ouvia-os chamar pelo amigo, pedindo que ele acordasse, que voltasse para eles, mas sabia que aquilo não funcionaria. Os espíritos eram mais fortes justamente nos primeiros momentos após tomar o controle – e, muitas vezes, era preciso uma noite inteira de sono para que o noviço estivesse perto o bastante para retornar.

Mesmo assim, ele gritou o nome do amigo, o pânico crescendo no peito.

– Chessun! Volte!

O Portão Vermelho era uma das estruturas mais antigas do mosteiro, anterior até à chegada da Ordem da Manhã Perpétua. Era feito de ferro, com a tinta escarlata que lhe deu nome já quase toda descascada e uma fileira de pontas afiadas no topo. Estaria trancado, já que os portões da Torre Dourada quase sempre estavam, e tinha cerca de três metros de altura. Mas isso não impediria um espírito maligno determinado a fugir.

Artair começou a correr.

– Chessun!

Havia duas torrezinhas de cada lado do Portão Vermelho. Artair lançou um olhar para elas enquanto corria, e o que viu fez seu estômago revirar. Havia monges nas ameias, já com flechas encaixadas nos arcos longos.

Ninguém tinha permissão para deixar o recinto.

– Chessun, pare!

O noviço rebelde havia alcançado a base do Portão Vermelho e passava as mãos pela superfície corroída, procurando onde se apoiar. Um dos monges, Irmão Elthem, chegou até Chessun e tentou afastá-lo, mas, diante dos olhos de Artair, seu amigo acertou o monge no rosto com um soco forte, quebrando o nariz do homem no mesmo instante e fazendo-o cair de joelhos. Em

seguida, Chessun voltou a atenção para o portão. Os outros monges se entreolhavam com expressões sombrias.

– Vão atirar em você, Chessun!

O noviço rebelde deu uma olhada por cima do ombro.

– Volte para sua cela, seu idiota, ou eu quebro sua cara também.

Artair não tinha um plano claro em mente, apenas a vaga ideia de que, se estivesse ao lado de Chessun, bloqueando a linha de visão dos arqueiros, talvez eles não atirassem em nenhum dos dois. Correndo a toda velocidade, ele se lançou contra o amigo e os dois colidiram com o Portão Vermelho, que produziu um som metálico, grave e dissonante enquanto lascas de tinta e ferrugem se desprendiam.

– Saia daí! – Artair reconheceu a voz severa da Irmã Rosea. – Artair, venha para cá agora mesmo, não há nada que você possa fazer.

Cara a cara com o amigo, Artair o segurou pelos ombros.

– Chessun, acorde! Volte para nós!

A coisa que habitava Chessun sorriu lentamente. O sangue do corte na testa havia se espalhado pelo rosto, fazendo-o parecer recém-chegado de algum campo de batalha horrível.

– Não há nenhum Chessun aqui – respondeu ele. – Eu o consumi. E agora vou cair fora daqui e fazer picadinho da primeira pessoa que encontrar. – Ele ergueu a voz, gritando com rouquidão. – *Estão ouvindo, seus monges desgraçados? Esse sangue todo vai pesar nas mãos de vocês...*

Artair o chacoalhou, os braços doendo pelo esforço.

– Vão te matar, seu idiota!

A criatura dentro de Chessun o encarou, e algo passou por seus olhos que deixou Artair chocado. Seria tristeza? Resignação?

– É melhor isso do que uma morte lenta, olhando para as mesmas quatro paredes pelo resto da sua vida inútil. – Artair pensou em como havia despertado naquela manhã, com os olhos fixos na janelinha solitária da cela. – O que está dentro de você, *ele* sabe.

Artair abriu a boca para responder, sem saber ao certo o que diria, quando Chessun estremeceu violentamente em seus braços. Um longo cabo de madeira brotava do pescoço do jovem, com as penas da flecha apontando para o céu azul.

– Não...

O noviço rebelde tombou no chão. Ao redor deles, os monges se aproximavam, murmurando entre si, mas Artair não conseguia distinguir uma palavra sequer do que diziam. Seus olhos estavam fixos nos de Chessun, que parecia tentar dizer algo.

– O que foi? – perguntou Artair. Ele teve a impressão de que os olhos do jovem haviam mudado de novo, se tornando familiares. – Você está aí, Chessun?

O amigo abriu a boca e não disse nada. O sangue que antes jorrava de seu pescoço diminuiu até virar um fio enquanto o coração parava.

★

Naquela noite, quando o Irmão Benzin o conduziu de volta à cela, Artair parou em frente à porta. A noite havia sido particularmente solene. Antes de os Insones jantarem todos juntos, os monges enterraram o corpo de Chessun no extremo norte do jardim, no local reservado aos seus pupilos.

– Eles podiam ter me acertado.

Benzin continuava tentando encontrar a chave certa, mexendo no cinto com pressa.

– O que disse, meu rapaz?

– A flecha. – Artair esperou que o monge erguesse o olhar. – Foi muito perto. Eles podiam ter matado nós dois.

– Que bobagem. – O Irmão Benzin balançou a cabeça. – Eles passam horas treinando com aqueles arcos. Meses. Você não correu perigo algum, Artair.

★

Mais tarde, quando a lua já pairava alta sobre o mar e Artair havia escapado do mundo daqueles que estão acordados, outra presença tomou seu corpo e abriu seus olhos. O ser que não era Artair levantou-se da cama, pegou a cadeira que ficava ao lado da mesa e a posicionou em frente à janela, onde se sentou, os olhos fixos no pequeno retalho de céu estrelado. Tinha o costume de olhar para o céu à noite, imaginar sobre que terras distantes a luz das estrelas estava caindo. Os Doze sabiam que havia muito pouco a se fazer além disso naquela cela esquecida pelos deuses.

A raiva começou, como sempre acontecia, como um nó pesado no peito, uma sensação de aperto que pulsava e crescia, alimentada pelo pânico do confinamento. Estas quatro paredes, esta prisão... estava tudo *errado*.

Ele cerrou os punhos, as mãos repousando no colo.

Sabia três coisas com muita certeza. Que seu nome era Lucian. Que o rosto que via quando olhava no pequeno espelho arranhado não era o seu. E que algo havia sido feito com ele, uma injustiça monstruosa, e, quando finalmente saísse daquela prisão, despedaçaria seus captores, atearia fogo no mundo, forçaria os próprios deuses a obedecerem à sua vontade, ele...

Lucian percebeu que estava de pé, a fúria escorrendo por seu corpo como vinho azedo. Havia muito pouco que ele pudesse fazer naquela cela apertada para expressar sua raiva – quebrar os copos ou rasgar a roupa de cama acabava se tornando entediante –, e, se ferisse aquele corpo, só ele mesmo sofreria a dor. Mas talvez, naquela noite, poderia usar o espelho. Não seria fácil quebrá-lo apenas com as mãos, mas talvez valesse a pena. Por uma noite, ao menos, ele não precisaria encarar o rosto de um estranho. Atravessou o quarto em poucos passos, desesperado por destruir algo valioso, qualquer coisa que aliviasse a fúria, quando a sensação de algo novo inundou o ambiente. Um calor repentino, como se ele tivesse entrado em um feixe de luz do sol; um aroma acentuado e familiar que fez seu coração acelerar. A paisagem vazia de sua memória pareceu estremecer. Ele conhecia aquela sensação. Já a havia sentido antes, uma vez, em uma outra vida.

E era perigosa.

A raiva recuou até virar brasa, e Lucian sentou-se novamente na cadeira, com um raro sorriso no rosto.

*Algo está vindo, pensou. E eu irei usá-lo.*

## CAPÍTULO 4

No fim da tarde seguinte, quando o sol tingia a montanha de vermelho, o Irmão Benzin entrou na câmara de meditação e encontrou uma mulher lavando o sangue de seus braços na fonte sagrada.

Uma das tarefas dele, ao final de cada dia, era recolher as esteiras de palha e limpar os potes de barro onde se queimava o incenso. Era um trabalho que costumava achar relaxante em grande parte do tempo. O cheiro de óleo de rosa com especiarias impregnava o ambiente, e havia um silêncio abençoado, com as janelas dando vista para os jardins internos. Mas, ao ver a mulher, sentiu um leve pânico. Se esperavam uma visitante de fora, ele havia se esquecido completamente, e o abade do amanhecer já tinha se recolhido para seus aposentos. No mesmo instante, Benzin começou a pensar onde poderia acomodar a mulher até conseguir despertar o abade. A sala do dia, onde normalmente recebiam forasteiros, estava sendo usada pela Irmã Rosea para separar trajes antigos. Seus olhos passaram pelo sangue sem de fato registrar o que viam.

– Ah, minha nossa, peço perdão, perdi a noção do tempo. – Ele se aproximou apressado, oferecendo seu sorriso mais caloroso.

Não a reconhecia como parente de nenhum dos noviços, e ela se vestia de maneira extremamente incomum para uma peregrina: um luxuoso vestido escarlate de seda e veludo, bordado com gatos saltando. Nos pés, usava chinelos dourados. Ele se perguntou como ela havia conseguido subir a trilha da montanha com aquelas roupas.

– Veio ver o abade, minha querida? – Benzin lançou um olhar para a pia de mármore branco, cuja água estava tingida de rosa, e depois para as mãos da mulher, agora pingando.

As unhas estavam vermelhas. Um incômodo surgiu atrás de seu esterno. Ele deslocou o peso do corpo, pronto para se mover depressa se fosse preciso.

Se ela se virasse para a porta, ele a impediria.

– Entrou pelo Portão Vermelho?

A mulher o observava com olhos afiados, de um verde-amarelado.

– Sim – respondeu ela após um momento. – Você serve. – Do bolso nas saias do vestido, ela tirou uma adaga de lâmina curva, o cabo dourado cravejado de rubis. – Senhor, prova esta morte em tua língua nobre, para que eu possa trazer teus fiéis acólitos até este lugar distante.

Benzin reagiu no mesmo segundo, invocando sem pensar o reflexo de uma vida inteira de treinamento, mas enquanto seu pé voava pelo pequeno espaço entre os dois, o calcanhar mirando no cabo da adaga, a mulher brilhou com uma súbita luz rubi. O pé dele parou a poucos centímetros do alvo, interrompido por uma barreira invisível. Neste breve instante, Benzin viu uma espécie de escudo ao redor da intrusa, uma construção parecida com vitral moldado em fogo vermelho, que então desapareceu. Ele quase caiu, o equilíbrio rompido pelo impacto inesperado, mas conseguiu se manter em pé.

A mulher avançou com vigor e cravou a lâmina na barriga dele, torcendo-a em um movimento brusco, como se quisesse desfazer algo dentro dele, e, de fato, ele afundou no chão como um fantoche que teve suas cordas cortadas. Benzin levou a mão à barriga, surpreso com o calor do próprio sangue.

– ... Não...

Mesmo em meio à dor e à confusão, ele sentiu o cheiro de algo terrível e selvagem no ar. Benzin convivia com o perigo todos os dias – era seu dever vigiar as almas perturbadas da Torre Dourada. Mas a presença naquela câmara de meditação ia além de qualquer coisa que já tivesse enfrentado em um homem ou mulher Insone. Fosse o que fosse, era uma criatura de apetite selvagem; algo que poderia devorar para sempre sem jamais se saciar. E o que consumisse estaria vivo e gritando.

– Pronto – disse a mulher. Ela limpou a lâmina no vestido delicado, manchando os fios dourados de vermelho. – Imagino que os monges da Manhã Perpétua sejam raros o bastante para agradá-Lo.

De onde jazia no chão de pedra, Benzin viu o espaço ao redor da mulher ondular e brilhar, como o ar sobre um braseiro aquecido. Havia sombras dentro daquele brilho, figuras que pareciam ganhar forma à medida que a visão de Benzin escurecia. Ouviu o farfalhar de tecidos finos enquanto a mulher passava por cima de seu corpo.

– Depressa. Temos muito trabalho pela frente.

Artair estava na extremidade norte dos jardins, no pequeno espaço onde os Insones enterravam seus mortos. O túmulo de Chessun fora marcado por uma lasca de ardósia cinza, com seu nome e a data de chegada ao mosteiro gravados nela com uma caligrafia cuidadosa. Alguém, provavelmente Reah, havia deixado um punhado de margaridas amarelas sobre a terra ainda remexida.

Ele já conhecera Insones que haviam morrido – grande parte tentando escapar –, mas parecia impossível que Chessun, sempre tão alegre e prático, tivesse partido. Artair não parava de pensar nos olhos do amigo, em como eles haviam ficado brevemente mais claros quando o espírito o possuía, e no olhar furioso e cortante que os estreitara. Chessun nunca tinha demonstrado tanta raiva, em todos os anos em que se conheciam. Era um lembrete doloroso de como os espíritos eram insondáveis, de como eram perigosos. Bastava um único erro para acabarem com tudo.

Artair se abaixou e tocou com os dedos a ardósia gelada.

– Durma bem, Chessun.

Foi quando ouviu os pássaros cantando que percebeu o silêncio estranho que pairava no ar. O mosteiro nunca era um lugar barulhento, mas contava com alguns sons sutis, uma tapeçaria sonora que acompanhava as horas em que Artair estava acordado: o toque dos sinos chamando para as refeições, para a meditação, ou para se recolherem nas celas; as risadas dos outros noviços, o som dos cânticos deles; os brados do abade quando algo o desagradava. Mas agora não havia nada disso. Só o chamado agudo e solitário de um gavião-da-montanha em algum lugar alto e distante, e, mais perto, o chilrear dos tico-ticos-de-coroa-negra que rondavam o jardim. Os sinos do pôr do sol, percebeu de repente, já deveriam ter tocado há pelo menos meia hora. Ele já estava imerso na sombra.

Artair se endireitou e olhou para os edifícios. Não via ninguém nas torres junto ao Portão Vermelho, nem nos jardins, nem atravessando a grama. Apenas uma luz acesa, vinda de uma janela no andar térreo. Teve a estranha sensação de estar sozinho na Torre Dourada da Manhã Perpétua, mas isso era impensável.

Com uma crescente inquietação, começou a atravessar os jardins. Então, passou a correr.

★

No vestíbulo, Artair pisou com cuidado por sobre uma tigela de mingau caída no chão, o barro quebrado e o mingau espalhado pelos ladrilhos por uma pegada de bota. Perto dali, uma cadeira estava virada, mas não encontrou monges nem Insones. Quando chegou à sala com uma única lamparina acesa, abriu a porta, em partes esperando ser repreendido por estar no jardim depois do anoitecer; em vez disso, congelou no lugar.

– Ah, aqui está ele. Eu já estava começando a me perguntar onde você tinha se metido. Não dá pra ir muito longe por aqui.

A mulher que falou era imponente, uma mecha branca cortando seu cabelo ruivo desgrenhado. Tinha talvez cinquenta e poucos anos e estava ereta, com uma das mãos pousada no ombro de Reah, que parecia minúscula e, de algum modo, débil ao seu lado. Na sala, havia várias outras pessoas que Artair não reconhecia. Vestiam roupas pretas e vermelhas, com máscaras de seda cobrindo a metade inferior do rosto, e muitos seguravam facas. Havia uma longa e larga mancha de sangue no chão e, no fim dela, uma figura caída. Um corpo. Artair viu uma mão sobre as lajotas, salpicada de sangue na palma, e teve quase certeza de que era a de Irmã Rosea. Não era aquela mesma mão que cortava seu cabelo quando crescia demais? Que lhe entregava tigelas de comida e costurava os remendos em seus trajes?

Artair engoliu em seco, um nó de medo e tristeza subindo-lhe à garganta. Nada daquilo fazia sentido.

– Quem é você?

A pergunta pareceu diverti-la.

– Sou a Mãe Maura do Garra Sangrenta, meu filho.

– Uma maga?

Artair já tinha ouvido falar de magas, claro, mas nunca tinha visto uma. Tentou lembrar o que sabia sobre o Garra Sangrenta, uma das doze divindades patronas, e uma série de imagens inquietantes lhe veio à mente: sangue, dentes afiados como navalhas, um leão. Ele balançou a cabeça.

– Eu não... Onde estão os Irmãos e Irmãs? Os noviços? – Seus olhos voltaram ao corpo que ele quase tinha certeza de ser o de Irmã Rosea. – O que você fez com eles?

– Eles se foram – respondeu Reah. A voz dela vacilou. – Todos se foram.

– O quê?

– Um tanto exagerada, esta aqui – disse a mulher que se chamava Mãe Maura, chacoalhando o ombro de Reah como se fossem grandes amigas rindo de uma piada. – Seus colegas noviços estão muito bem, Artair, só não estão mais na Torre Dourada da Manhã Perpétua. Convenhamos, deve até ser um agrado inesperado para eles.

– Você os levou para algum lugar além do Portão Vermelho? – Um novo peso se somou ao pânico que já fervilhava no estômago. – Não pode ser. Eles são... Nós somos Insones. Não podemos ficar no mundo lá fora, é perigoso demais.

Maura deu uma gargalhada calorosa.

– Ah, Artair, você não sabe nada sobre os verdadeiros perigos. Preste atenção às minhas palavras. Seus colegas noviços não estão aqui. Não estão em lugar nenhum da montanha. Estão no meu santuário, Salto Soberbo, que fica a certa distância ao norte de Porto das Víboras. Se quiser voltar a vê-los, e posso trazê-los de volta em um piscar de olhos, você terá que fazer um trabalhinho para mim.

– Ela matou os outros – acrescentou Reah, com a voz baixa, como se Maura não tivesse dito nada. – O abade, o Irmão Elthem, o Irmão Benzin. Todos eles.

Artair olhou para o corpo caído no chão. Deu-se conta de que ele mesmo não conseguia falar.

– É uma magia poderosa, mover tantas pessoas para tão longe, e o Garra Sangrenta cobra um preço – explicou Maura, sorrindo. – Está me ouvindo, Artair? Porque não parece que você está, então vou dizer com todas as letras: a vida dos seus amiguinhos noviços depende de você prestar atenção. Eles estão seguros no meu santuário neste momento, sendo bem cuidados pelos meus acólitos. Mas isso pode mudar.

Com esforço, Artair ergueu o olhar e encarou os olhos de Mãe Maura.

– O que eu preciso fazer?

– *Agora* sim. Muito bem.

Maura apertou o ombro de Reah, voltou a chacoalhá-la de leve e a soltou. Um portal cercado por luz vermelha se abriu atrás da garota. Através dele, Artair viu outro lugar completamente diferente, uma câmara de pedra cavernosa, iluminada por tochas trêmulas. Um jogo de luzes oscilantes no teto sugeria que havia água por perto, fora de vista. Havia degraus de pedra ao fundo, manchados por algo escuro, e os outros noviços estavam agrupados diante deles. Pareciam perdidos e apavorados, e quando Artair pensou em correr até eles, Reah deu um gritinho ao ser puxada de volta através do portal por uma força invisível. Artair viu o choque e a dor passarem pelo rosto da noviça, e então, em um piscar de olhos, ela e o portal desapareceram. O fedor quente de animal selvagem preencheu o ambiente.

– Agora ela também está no meu santuário. Eu queria que você visse isso, Artair, porque acho justo que saiba com o que está lidando. Que conheça a extensão do meu poder.

– Eu sei. Eu entendo. – Ele respirou fundo. – Por favor, diga o que tenho que fazer.

– Tão obediente. Tão dócil. Como as coisas mudaram – provocou Maura, sorrindo. – O que preciso que você faça, Artair, é ir até a Floresta dos Jih, que, veja só que conveniente, fica logo abaixo desta montanha. Quero que entre naquele lugar e me traga algo.

– Eu não posso sair do mosteiro – respondeu Artair, as palavras escapando antes que se desse conta. – Eu sou Insone.

– Preciso mostrar o sangue nessas facas? – retrucou Maura, ríspida. – Quer que eu corte mais algumas gargantas hoje?

– Não – respondeu Artair depressa. – Não, não quero.

– Ótimo. Você irá até a Floresta dos Jih e me trará um filhote de keltráxia. Vivo. Essa parte é muito importante; uma coisa morta não serve nem para mim, nem para o meu senhor. Traga o filhote e entregue para mim no Salto Soberbo. – Maura fez um gesto de cabeça para um de seus acólitos, que se aproximou com um pergaminho bem enrolado e o entregou a Artair. – Isso – continuou a dizer Maura – é um mapa até o meu santuário; uma descrição da keltráxia, porque não sei o que ensinam a vocês aqui, mas duvido que incluam os nomes verdadeiros dos monstros; e outro mapa com os locais de alguns ninhos conhecidos de keltráxia. Eu mesma poderia ir buscar o filhote, mas, antes de mais nada, não quero fazer isso e, em segundo lugar, a Rainha das Serpentes vive lá, entre seus filhos monstruosos, e todo mundo sabe que ela

não gosta de magas, ainda mais daquelas devotas do meu senhor. Então, preciso de um mongezinho bom e obediente para ir buscar a criatura por mim. Suponho que minhas instruções estejam claras, Insone?

– Por que você precisa de um filhote de monstro?

Mãe Maura assentiu com uma expressão pensativa, como se só tivesse parado para pensar nisso naquele instante.

– Sabe, Artair, muitos dos seus amiguinhos noviços estão sob meu poder, e, para mim, pouco importa quantos deles voltarão a ver este lugar. Que tal fazermos assim: a cada pergunta que você fizer, eu entrego um deles ao Garra Sangrenta. O que acha disso?

Artair ficou completamente imóvel.

– Eu bem que achei que isso sanaria todas suas dúvidas. Que bom. Traga o filhote para mim antes da próxima lua cheia, que será em vinte dias. Se chegar depois da lua cheia, encontrará muitos amigos mortos. Você entendeu o que tem que fazer?

Pela janela aberta, Artair ouviu o chamado de uma águia-da-neve, alto, claro e solitário, e aquilo lhe pareceu inacreditável. Como o mundo lá fora podia continuar existindo quando seu mundo inteiro fora dilacerado?

– Sim – disse ele, com os lábios dormentes. – Entendi.

Mãe Maura assentiu uma vez, satisfeita. Por um momento, pareceu que ela estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas então balançou a cabeça de leve, como se tivesse mudado de ideia. Enfiou a mão no bolso do vestido e retirou um pequeno globo de vidro, cheio de uma luz lilás em constante movimento. Atirou-o no chão, onde se espatifou, e quando ergueu a mão, um fogo vermelho-rubi se espalhou por entre ela e seus acólitos, cobrindo-os com uma chama sangrenta, sem calor. Um som grave, como um trovão abafado, percorreu o chão e fez os pelos na nuca de Artair se eriçarem, e então a maga e os acólitos desapareceram, deixando-o sozinho na sala.

## CAPÍTULO 5

Elver abriu os olhos sob um manto espesso de quase escuridão. A luz acinzentada que se infiltrava pela janelinha de sua cabana era um aviso de que o dia ainda não havia amanhecido, mas algo – algum som ou movimento – a acordara. Ela ficou ali por um instante, deitada sob os cobertores de pele de kartesh, cercada pelas formas familiares de seus pertences naquele espaço apertado: a coleção de tigelas e copos lascados, a cadeira que fizera de um caixote de madeira abandonado na estrada, a espada que havia tomado da viajante.

Teria sido um ruído que a acordou? Ou algo mais sutil?

Ela ergueu a cabeça e foi então que viu: uma luz dourada, tremeluzente, que cruzava a janela, pintando o fundo da cabana com brilhos antes de desaparecer de novo.

Ela sabia o que era aquilo.

Do lado de fora, o céu noturno estava cheio de estrelas, mesmo enquanto o horizonte a leste começava a ganhar tons de rosa. O lago estava imóvel como um espelho, embora não refletisse as estrelas; em vez disso, sua superfície lisa era preta como tinta, uma escuridão que parecia um buraco no mundo, e, dentro dele, uma forma dourada e comprida se contorcia, enroscando-se em si mesma.

– Estou aqui – anunciou Elver.

A Rainha das Serpentes deslizou pela água em direção à garota, sua longa cabeça estreita emergindo da superfície sem provocar uma única ondulação. Virou a cabeça e abriu as mandíbulas. Fileiras e mais fileiras de presas douradas e serrilhadas brilharam, úmidas.

*Criança.*

Elver esperou. Não era tão incomum que a Rainha das Serpentes a visitasse, mas uma visita antes do nascer do sol sugeria um tipo novo de

urgência.

*Há um invasor na floresta, criança.*

– A viajante? – Elver amaldiçoou-se em silêncio. Não deveria ter confiado aos lentaminhos a tarefa de levar a mulher até a estrada. Deveria tê-la conduzido por conta própria, mesmo com o incômodo que sentia ao lidar com humanos. Ou, melhor ainda, deveria tê-la matado e deixado o corpo para que os amigos jih vissem. – Me desculpe. Achei que tinha dado um jeito nisso. Posso encontrá-la de novo, e desta vez vou garantir que se vá de verdade.

*Não, respondeu a Rainha das Serpentes. Este é um rosto novo, e ele traz furto em seu coração e um arco nas costas. Sangue será derramado à luz da aurora, criança.*

– Se é isso que você quer. – Elver pensou em sua faca, e depois na espada.

A grande serpente dourada emergiu ainda mais do lago. Sua cabeça era adornada com bigodes e chifres finos como vidro, que brilhavam com uma luz própria.

*Eu a criei e a trouxe até aqui para ser a guardiã da minha floresta, criança-veneno, disse ela. Se algo for tirado deste lugar, espero que o recupere. Você entendeu?*

– Eu... Sim. Entendi – disse, embora não entendesse de verdade. – Você quer dizer que, se alguém tirar algo da Floresta dos Jih, eu vou ter que... sair? Ir atrás dele?

*Quando você caiu no meu domínio e eu perfurei sua carne com meus dentes, provei um pouco do seu destino, criança. E ele finalmente chegou.*

– Meu destino? Do que você está falando? – Elver deu um passo à frente. O sol nascia no lado oriental da floresta, tingindo as copas das árvores de prata e laranja. – Eu não posso deixar a floresta. Aqui é meu lar.

*Se esse ladrão roubar da floresta, você trará o que foi roubado de volta. E traga antes da próxima Lua Rosa. Essa é a sua tarefa, criança-veneno.*

– Você é uma deusa. – Elver normalmente não seria tão direta com a Rainha das Serpentes, mas só de pensar em deixar a Floresta dos Jih, em adentrar território humano, suas emoções ficavam à flor da pele. – Por que precisa que eu faça isso?

As espirais reluzentes do corpo da deusa tensionaram e giraram sob a água negra. Ela estava ficando irritada.

*Você espera que eu rasteje atrás de um humano como uma pedinte? Que arraste meu corpo até a terra por causa de um servicinho qualquer?*

– Tá. – Elver passou a mão pelo cabelo branco, que ficou eriçado, depois deu de ombros. – Tudo bem. Vou encontrar esse intruso antes que ele fuja, e

vou garantir que ele não fique em condições de roubar de novo. Só preciso chegar até ele antes que saia da floresta. Para onde ele está indo? Você sabe?

A Rainha das Serpentes não respondeu de imediato. No lago, as longas espirais de seu corpo se moviam em silêncio, e Elver imaginou-a estendendo a mente pela floresta, tocando cada corpo d'água em busca de resposta.

*Ele está indo em direção aos ninhos de keltráxia, ao sul,* respondeu ela por fim. *O ladrão está perto de conseguir o que quer, Elver.*

– Então vou agora. – Elver virou as costas para a serpente, já calculando quanto tempo levaria para chegar aos ninhos. Tempo demais, pensou, o que não era nada bom. – Eu vou fazê-lo parar. – O rosto da viajante surgiu em sua mente. – Para sempre – acrescentou.

*Só mais uma coisinha, criança.* Elver olhou por sobre o ombro e viu a Rainha das Serpentes observando-a com atenção. *Cuidado com o Sem Rosto. Os sacerdotes dele não toleram aqueles como nós, no mundo lá fora.*

★

Além do Portão Vermelho, a noite estava absolutamente imóvel. Artair parou por um momento, respirando o ar frio. Não pisava nessas pedras havia cinco anos, desde o dia em que o levaram para a Torre Dourada, e aquele fora um dia claro, com um sol intenso que só tornara a tristeza em seu coração mais intensa. Agora, tinha o mundo inteiro à sua frente, sem portões para impedi-lo. Achava que nunca havia sentido tanto medo na vida, nem mesmo quando a garganta de Chessun foi aberta por uma flecha enquanto ele segurava os ombros do amigo.

Ele deu alguns passos pela trilha da montanha, fazendo uma pausa para ajustar o peso estranho do arco longo em suas costas. Antes de deixar a Torre Dourada, havia se esgueirado pelos lugares que antes lhe eram proibidos: o depósito de armas, os aposentos dos monges encarregados de vigiar os Insones, os aposentos do abade. Desse último, pegou todas as moedas que conseguiu encontrar, guardando o dinheiro em uma mochila resistente que achou no armário do Irmão Benzin. Não fazia ideia do que encontraria no caminho até o Salto Soberbo, mas sabia que precisaria de dinheiro para sobreviver. Também pegou um pouco de comida dos depósitos, embora isso o

deixasse inquieto. Diziam que os monstros da Floresta dos Jih podiam sentir o cheiro de mantimentos a léguas de distância, e que caçariam você por isso.

A trilha que descia pela montanha era bem cuidada pelos Irmãos e Irmãs e, apesar da escuridão da noite, as pedras sob seus pés pareciam absorver o pouco de luz das estrelas, tornando o caminho fácil de seguir. Por fim, as copas das árvores se ergueram para encontrá-lo, e a trilha se curvou rumo ao norte, em direção a Porto das Víboras, enquanto a boca escura da floresta o aguardava ao sul. Bastava um único passo na escuridão e ele estaria no domínio dos monstros. Inutilmente, lembrou-se do cheiro de animal selvagem que acompanhava a magia de Mãe Maura, um odor que evocava pensamentos de presas e garras.

*Aqui e agora, neste momento, estou seguro, estou vivo, repetiu para si mesmo. O Outro que habita em mim está contido.*

Ele pegou a pequena lanterna de viagem da mochila – outro item retirado dos aposentos do Irmão Benzin – e a acendeu. Parte dele insistia que andar com uma luz era a maneira mais rápida de ser encontrado e devorado por um monstro, mas a ideia de se arrastar no escuro, tateando como um cego em direção a um tornozelo torcido ou a um pescoço quebrado, provocava um pânico crescente que nem seu mantra conseguia afastar. Não, ele teria que caminhar com uma luz, pelo menos até o nascer do sol.

– Aqui e agora, neste momento, estou seguro.

Artair saiu da trilha e adentrou a Floresta dos Jih. As árvores erguiam-se ao seu redor, antigas e imensas, e a luz da lamparina a óleo penetrava nas dobras fundas das cascas, refletindo suavemente sobre os fungos bulbosos que brotavam nos troncos e sob os galhos. Havia um aroma verde e denso no ar, que por pouco não lhe causou tontura, e, de repente, ele teve a nítida sensação de que o chão sob seus pés estava repleto de vida – aquele era um lugar vivo, um mundo que existia e prosperava sem precisar da presença ou do pensamento humano. *Poderia haver dezenas de olhos me observando agora, pensou, e eu jamais saberia.*

Ainda assim, ele tinha um mapa a seguir e uma tarefa a cumprir. Puxou o pedaço de pergaminho que Maura lhe dera da mochila e o ergueu próximo à luz. Em sua vida anterior, era bom em ler e entender mapas – todo o seu povo era. Mover-se pela paisagem fazia parte de quem eram, até que...

Artair fechou os olhos com força.

*Aqui e agora, neste momento, estou seguro. O Outro está contido.*

E isso já era um pequeno consolo, pensou ele enquanto guardava o mapa e se aprofundava na Floresta dos Jih. Era tarde, e ele já estava exausto, mas o sono parecia a mil léguas de distância.

## CAPÍTULO 6

Artair parou, o coração martelando no peito. Passara a noite inteira caminhando pela Floresta dos Jih, cercado por sons e movimentos que não conseguia identificar, convencido de que, a qualquer momento, uma das criaturas sem nome que se escondiam entre as árvores o agarraria e o estriparia. Não era bem o que se poderia chamar de um passeio relaxante pela floresta.

Ele estava à beira de um riacho – o mesmo que aparecia em seu mapa e que, esperava ele, levava a um corpo d’água maior – e se agachou ali, deixando as pontas dos dedos roçarem o chão. Fechou os olhos e evocou a voz do Irmão Benzin, guiando os Insones pelas meditações da manhã e da noite. *Neste momento, neste lugar, você está seguro.* Era difícil acreditar que estava seguro quando conseguia ouvir algo do tamanho de uma casa bufando e resmungando no arvoredo atrás de si. Ainda assim, as palavras o acalmaram, e a respiração deliberadamente lenta fez seu coração desacelerar, trazendo-o de volta a um estado de foco.

– Eu tenho uma tarefa – murmurou para si mesmo. – Vou fazer o que me pediram e vou trazer os noviços de volta. E depois, todos poderemos esquecer que este pesadelo aconteceu.

A imagem do corpo da Irmã Rosea estendido no chão do mosteiro piscou em sua mente – certas coisas não podiam ser desfeitas, afinal –, e ele a afastou. *Foco.*

Artair se levantou. Um dos benefícios do treinamento na Manhã Perpétua era a capacidade de acessar esse foco – isso lhe permitia se distanciar do medo e da dor, mesmo que apenas por um tempo. Tocou o arco preso às costas, buscando força em sua solidez, e começou a caminhar ao longo do riacho. O amanhecer se aproximava, tocando com dedos rosados cada folha, cada galho e dobra de casca, cada flor e broto. E, conforme a luz retornava e ele seguia

em frente, percebeu que o medo se afastava por conta própria, sendo substituído por uma sensação nova: o encantamento.

*Estou no mundo, pensou consigo mesmo. Ontem de manhã, eu não poderia nem imaginar este futuro para mim. E agora, aqui estou. Nunca vi esse riacho antes. Nem essa árvore. Nunca pisei neste pedaço de chão. Tudo é novo.*

Uma onda de algo parecido com alegria encheu seu peito, e ele precisou buscar o foco novamente para dissipá-la. Não havia tempo. Teria que agir rápido se quisesse salvar seus amigos.

O riacho foi ficando mais pedregoso e mais largo, até se espalhar diante dele em um laguinho – pequeno, mas ainda assim bem maior do que o espelho d’água que contornava os fundos do jardim do mosteiro. No centro, em uma ilha salpicada de juncos, havia um ninho de keltráxia; pelo menos era o que indicava o mapa que a maga ruiva entregara à ele. Houve um movimento entre os juncos, um lampejo vibrante de laranja e vermelho entre os verdes enlameados, e, depois de um instante, ele viu um animal com o dobro do tamanho de um lobo grande se aproximar da margem para beber água.

*Não é um animal, lembrou-se. É um monstro. Essas criaturas pertencem à Rainha das Serpentes. Elas estão marcadas pela magia.*

Mas, ainda assim, era uma coisa linda. As escamas azuis brilhavam como safiras à luz da alvorada, e suas longas penas escarlates e alaranjadas pareciam pinceladas de tinta. Aquela era uma keltráxia adulta, mãe dos filhotes que deviam estar escondidos além dos juncos, e ainda não tinha percebido sua presença. Artair prendeu a respiração e esperou, ponderando se deveria contornar a ilha e atravessar a água por outro ponto, mas a raposa ergueu a cabeça de repente, farejando algo no ar, e deslizou para dentro do lago com a mesma leveza de um cisne. Ela nadou, para alívio de Artair, não na direção dele, mas diretamente à sua esquerda. Assim que atravessou o lago, ela saltou, levantando uma breve chuva de gotas d’água, e se foi, sumindo de vista na vastidão da floresta. Ela devia, pensou ele, estar indo caçar ou tratar de algum outro assunto monstruoso.

O mais sensato seria esperar. Podia haver outro adulto na ilha, vigiando os filhotes, ou a própria raposa podia voltar de repente. Talvez fosse melhor permanecer ali até ter certeza de que ela tinha ido embora.

Mas ele se lembrou do rosto de Reah, contorcido pelo medo. Se queria chegar ao Salto Soberbo a tempo de salvar os noviços, precisava agir agora.

*Outros jih vivem nesta floresta também, lembrou a si mesmo. Qualquer um deles poderia aparecer por acaso e decidir que eu sou um bom café da manhã. Tenho que ser rápido.*

Sem esperar tempo suficiente para perder a coragem, Artair retirou o arco do ombro e, erguendo-o acima da cabeça, entrou no lago. A água fria e esverdeada invadiu suas botas, encharcando as calças e congelando-o até os ossos. A lama do fundo, agitada pela sua passagem, subiu em redemoinhos ao redor, tornando a água opaca. Quando subiu a margem do outro lado, já estava com o arco preparado, uma flecha encaixada, e os ombros tensos. O medo voltou a lhe tocar a parte de trás da garganta, então ele parou para se concentrar novamente. *O Outro está longe de mim. Aqui e agora, estou seguro.*

Logo à frente ele viu um espaço onde os juncos se abriam e, no meio de um círculo de pegadas, algo que só podia ser o ninho, feito de gravetos e lama seca. Havia sons também, latidinhos agudos e um ruído de farejar. Pela primeira vez ele se perguntou qual seria o tamanho dos filhotes de keltráxia – ele tinha trazido um saco da cozinha, mas nunca vira essas criaturas antes e não fazia ideia se iriam se debater ou morder. Tarde demais, desejou ter trazido um par das luvas de jardinagem de couro do Irmão Benzin.

Não havia tempo para se preocupar com isso. Ansioso para terminar logo, caminhou até o ninho e espiou por cima da parede enlameada. Dentro havia três filhotes, cada um pouco maior do que um gato doméstico grande, para seu grande alívio. Eles eram basicamente penas, orelhas e pernas compridas naquela fase, e todos olharam para ele com grandes olhos verdes; nada assustados, apenas curiosos. Um deles abriu a boca e bocejou, revelando uma língua de um rosa vivo e duas fileiras de dentes brancos afiados.

– Ei. Vocês nem são tão ruins assim. – Artair abaixou o arco. – Só não me mordam, tá? Eu não quero fazer mal a vocês, prometo.

O uivo dilacerante que ecoou atrás dele fez seu pescoço gelar.

Artair se virou em um instante, arco erguido, e viu a keltráxia na beira dos juncos. Os olhos dela brilhavam mais do que a lua, e ela estava abaixada, os músculos dos ombros tensionados, pronta para saltar, dentes à mostra. Fúria e medo irradiavam dela, e, por instinto, Artair mirou e disparou a flecha.

Ela acertou o ombro da criatura, que caiu de volta na água com um ganido.

Por um segundo, Artair ficou paralisado, uma sensação nauseante lhe invadindo o peito e o estômago. Ele nunca tinha ferido nada de propósito em

toda a sua vida. A keltráxia estava imóvel na água.

– Que os Doze me condenem.

Lembranças familiares ameaçaram ressurgir: acordar em uma vala, o cheiro de corpos queimados ao redor, a fumaça arranhando o fundo da garganta. Não, ele nunca havia machucado um ser vivo *de propósito*...

Artair correu até a criatura. Ela parecia atordoada. Os olhos estavam revirados, a cabeça parcialmente submersa, e o sangue, vermelho como o manto de Mãe Maura, se espalhava pelo lago. Ele segurou as patas dianteiras dela e a puxou de volta para a margem lamacenta até deixar a cabeça fora d'água, então examinou a flecha. Ela atravessara parcialmente um trecho carnudo do ombro, deixando a ponta e a haste cobertas de sangue, mas as penas da flecha, que eram amarelas, continuavam intactas. Ele tirou a adaga do cinto e cortou a extremidade da flecha, deixando-a cair na lama.

– Fique parada agora – murmurou. – Juro que estou tentando ajudar.

Firmando uma das mãos no ombro da criatura, ele puxou o restante da flecha devagar, fazendo uma careta quando o sangue fresco espirrou sobre seu braço e respingou na lama. Tirou a camisa, sempre de olho na raposa para o caso de ela recobrar a consciência e atacá-lo, e arrancou uma das mangas. Com os dedos cobertos de sangue, rasgou o tecido em tiras e improvisou uma bandagem com agilidade. Estava acostumado a cuidar dos ferimentos de outros Insones, e imaginou que os princípios fossem os mesmos: estancar o sangue, manter tudo limpo. Quando terminou, deu um passo para trás e percebeu que estava suando, apesar do frio da manhã.

– Vai ter que servir.

Aquela sensação de tristeza ameaçou engoli-lo de novo, então repetiu as palavras – *o Outro não está comigo, neste momento estou seguro* – e se virou de volta para o ninho. Os filhotes faziam mais barulho do que antes, talvez percebendo que a mãe havia se ferido de alguma forma. Quando Artair se debruçou sobre a parede do ninho, eles estavam ali, reunidos, olhando para ele.

– Me desculpem – disse mais uma vez e, inclinando-se, pegou o filhote do meio e o colocou no saco que trouxera.

Amarrando-o com cuidado, testou formas de carregá-lo sem incomodar demais a criatura. Já era possível perceber que a manhã avançava, com o sol subindo devagar em direção ao centro do céu, e logo ele teria que enfrentar o próximo problema: impedir que o Outro ferisse alguém, agora que ambos

estavam livres no mundo. Precisava de um quarto com uma porta que trancasse, um lugar sem janelas. Precisava de uma prisão.

O mosteiro e sua cela simples e vazia haviam ficado para trás, no alto de uma montanha e na direção errada. Porto das Víboras era a cidade mais próxima, mas ele não fazia ideia de quanto tempo levaria para chegar lá a pé, e o cansaço já pesava sobre seus ombros.

– O tempo está contra mim, de qualquer forma. – Ele lançou um último olhar à keltráxia, que havia erguido a cabeça uns poucos centímetros do chão.

– Me perdoe.

E então Artair partiu, atravessando a ilha.

★

Elver chegou cerca de uma hora depois, o rosto pálido marcado por um raro toque rosado no alto das bochechas. Tinha ouvido os gritos da keltráxia a alguma distância e começado a correr, com uma fúria crescente queimando em sua garganta. Imaginou-se pegando o ladrão com a boca na botija, agarrando-o de modo que suas mãos cravassem naquela pele humana que tanto odiava, observando-o gritar e se contorcer até que veneno suficiente estivesse em seu sangue para que o coração dele parasse. Mas quando cambaleou até a ilha, encharcada e ofegante, encontrou apenas uma cena de devastação: sangue na terra e respingos nos juncos, a keltráxia agachada no ninho, o focinho enterrado nos filhotes restantes, que choramingavam e grunhiam de forma lastimosa.

– O que foi que ele fez? – Elver se atirou no ninho também, sendo imediatamente cercada pelos filhotes em pânico. Um deles subiu no colo dela, e ela o ergueu com cuidado, devolvendo-o ao ninho. – Isso é uma bandagem?

O ombro da keltráxia estava envolto em um pano amarelo, embora grande parte já estivesse encharcada de sangue. A criatura lambeu o ferimento uma vez, depois tornou a encostar o focinho nos filhotes, em um gesto pesaroso.

*O ferimento é leve, disse ela, na voz que apenas outros monstros conseguiam ouvir. O humano tirou a flecha e fez um curativo. Mas ele levou o meu menorzinho, filha da serpente. E eu não posso correr para salvá-lo.* Seus olhos brilharam uma

vez e depois se apagaram, como se a dor fosse grande demais para que ela conseguisse manter a raiva.

– Eu vou – declarou Elver. – Vou trazê-lo de volta para você, minha amiga. Juro pela minha vida.

Ela saiu do ninho e olhou ao redor. Ali, no chão perto da água, havia uma flecha quebrada com penas amarelas e um rastro de pegadas humanas seguindo para nordeste.

– Quanto tempo faz que ele esteve aqui?

*As sombras dizem que uma hora, Elver. Por que os humanos são tão cruéis?*

– Eu queria poder te responder. – Elver voltou ao ninho por um momento, pousando a mão sobre o focinho da keltráxia. Sentiu as escamas lisas e frias contra sua pele. – Vou trazer seu filhote de volta, junto com a cabeça do ladrão.

★

Foi fácil rastrear o ladrão, como ocorria com a maioria dos humanos na Floresta dos Jih. Sem conhecer os caminhos secretos da floresta, inventavam os próprios, rasgando a mata como uma faca cortando pele. As pegadas dele eram claras como o dia, afundadas na lama preta e densa, e mesmo quando não estavam visíveis, ela percebia sua passagem pelos galhos quebrados, pelos arbustos amassados, pelo silêncio dos pequenos animais que tinham fugido com o peso desajeitado daquele corpo. Uma ou duas vezes cruzou com uma criatura jih e perguntou se tinha visto um humano passar por ali; mesmo que não tivesse visto, certamente sentira o cheiro. Ela era veloz, movendo-se pela floresta como um fantasma, sem parar para comer, beber ou recuperar o fôlego, mas ainda assim não era o bastante. Ele tivera uma vantagem grande demais.

Elver chegou à beira da estrada quando o sol já passava do ponto mais alto no céu, irradiando um calor constante sobre as pedras brancas. Era uma estrada larga e bem conservada, que descia pela colina e seguia para leste, em direção a Porto das Víboras. De onde estava, ela conseguia ver os telhados e torres mais altas da cidade e, além dela, o brilho cintilante e mutável do maior domínio da Rainha das Serpentes: o mar. E também conseguia ver, bem no pé da colina, tão pequeno que parecia uma formiga, o ladrão. O amarelo da

camisa rasgada era o mesmo das ataduras usadas pela keltráxia. Ele seguia em direção à cidade.

– É claro que ele é daquela pocilga fedorenta – murmurou.

O que ela precisava fazer era correr atrás dele. Tinha que sair da floresta – da *sua* floresta – e se aventurar novamente no mundo dos humanos. Não havia escolha. Ele roubara um filhote da própria mãe, e, mesmo que a Rainha das Serpentes não tivesse mandado, Elver teria ficado furiosa o bastante para persegui-lo até os confins do mundo.

E ainda assim...

Ela se virou para olhar o caminho por onde viera, os verdes frescos da floresta agora se desbotando em tons de laranja, vermelho e amarelo. Encostou a mão no tronco de um carpino, deixando os dedos percorrerem os desenhos rugosos da casca, os redemoinhos e sulcos tão únicos quanto impressões digitais. A poucos metros, animais se moviam entre as folhagens, alheios aos problemas do mundo exterior, seus dias ocupados por preocupações simples: comer, caçar, dormir, aquecer-se. Ela desejava se juntar a eles.

Aquela era a terra que ela amava, o lugar onde estava segura dos humanos e de suas traições. Lá fora, ela não estava segura. E o mundo também não estava a salvo dela. A simples ideia de estar em Porto das Víboras, logo ali, a deixava enjoada.

Mas a cada momento que passava, o ladrão se afastava mais e mais.

Elver fechou os olhos com força, pronunciou em voz alta todos os palavrões em que conseguiu pensar, e então deu um passo para fora, pisando na estrada.

## CAPÍTULO 7

Não era fácil carregar aquele filhote.

A princípio, Artair jogou o saco sobre o ombro e se concentrou em manter os olhos na estrada – carroças e carruagens iam e vinham com frequência, muitas vezes em grande velocidade –, mas o monstinho se remexia tanto que vivia deslocando o saco. Quando tentou segurá-lo nos braços, a criatura pareceu se transformar em um líquido pesado, escorrendo das mãos dele e quase caindo no chão. Por fim, Artair levou o saco até a beira da estrada e o abriu para espiar. Um par de grandes olhos verdes o encarou de volta, piscando quase como os de uma coruja. Por um segundo, eles pareceram brilhar com luz própria. Seria a magia do filhote se manifestando?

– Olha aqui. – Artair abaixou a voz enquanto uma carruagem cheia de viajantes passava atrás dele. Tinha fortes suspeitas de que falar com sacos seria considerado esquisito. – *Olha aqui.* Me desculpa por tudo isso, de verdade, mas eu preciso que você fique quietinho. Quem sabe... tirar uma soneca? Você consegue? – Suspirou. – Nem sei se você é capaz de me entender.

O filhote bocejou de forma escandalosa e, em seguida, mordeu de leve a mão de Artair, os dentinhos fincando na pele. Artair sorriu. Em sua vida antes da Torre Dourada, seu povo criava cães pastores – animais resistentes e espertos, com corpos magros e pelos ásperos. Aquela criatura lembrava os filhotes que viviam correndo entre as tendas, latindo e perseguindo uns aos outros. Ao pensar nisso, ele teve uma ideia.

Tirou a mochila das costas e transferiu para dentro do saco um pouco da comida que havia trazido das cozinhas. Não fazia ideia do que o filhote comia, então colocou um pouco de tudo ali dentro e, como esperava, o monstinho parou de se debater e começou a tentar comer tudo de uma vez. Aproveitando a distração da criatura, Artair fechou o saco e o colocou de volta sobre o

ombro, com cuidado. Logo teria que comprar mais comida, mas aquilo parecia um preço pequeno a se pagar por uma viagem mais tranquila.

Ao redor, o dia avançava. Porto das Víboras surgia aos poucos no horizonte, revelando vagarosamente o lugar em que ele pensara quase todos os dias na Torre Dourada. Era muito maior do que imaginara, com todo tipo de edifício amontoados lado a lado, entrelaçados por linhas cintilantes que lembravam o brilho da luz sobre a água. Havia um fluxo constante de gente entrando e saindo da cidade, e à medida que se aproximava, também começava a ouvir um ruído distinto. A princípio achou que fosse o som do mar, mas logo percebeu que era só o barulho de muitas pessoas vivendo juntas, levando suas vidas.

A ideia o deixou inquieto. Mesmo na sua vida anterior, nunca estivera em um lugar tão movimentado, e agora carregava dentro de si o espírito maligno, uma ameaça a cada ser humano que vivia naquela cidade. O que o Outro faria quando percebesse que estava livre da Torre Dourada? E quem pagaria o preço por isso? Havia também a questão do filhote. Criaturas jih, com sua ligação à Rainha das Serpentes e formas imprevisíveis de magia, já eram vistas como perigosas por si só. Trazer uma para dentro da cidade era um crime grave o bastante para colocá-lo atrás das grades, sem chance de salvar os noviços.

– Aqui e agora, estou seguro – murmurou. – O Outro está contido, e eu tenho o poder de impedir que ele escape.

Como que em resposta, o filhote soltou um único ronco agudo. Artair sorriu de leve e seguiu seu caminho, descendo em direção à cidade.

★

Elver puxou o capuz sobre a cabeça e curvou os ombros quando mais uma carroça cheia de humanos passou aos solavancos. Sentiu os olhares sobre si como pequenas facas, e uma onda de ódio subiu em seu peito em resposta. Quase desejava que um deles dissesse algo, que comentasse sobre a garota pálida e estranha que andava sozinha pela estrada, ou que alguém jogasse alguma coisa nela. Seria a desculpa perfeita, o motivo de que precisava para atacar. Mas nada aconteceu. *Eles não seriam tão descuidados se soubessem o que eu sou*, disse a si mesma.

Uma das carruagens que passou à sua direita era toda colorida, e seus olhos foram atraídos por ela: alguém com certo talento havia pintado uma série de leões vermelhos saltando pelas tábuas de madeira, com as jubas ardendo em laranja e amarelo como chamas. Ela tinha vagas lembranças dos tempos em que cresceu em Porto das Víboras e de como as pessoas costumavam decorar carroças, casas, roupas, ruas e até os próprios rostos com imagens dos doze deuses. Acreditavam que isso as mantinha em boa conta, como se o Corvo Cuculado olhasse para um telhado cheio de pinturas elaboradas e decidisse não castigá-las com pragas. O dono daquela carruagem devia algo ao Garra Sangrenta, talvez, ou esperava algo do deus.

*Tudo o que se pode esperar desse aí é a morte, seu tolo*, pensou ela. Mãe Maura e suas acólitas usavam leões nas roupas. Por um instante, teve vontade de correr atrás da carruagem e arrastar o cocheiro do assento, deixando seu veneno se infiltrar na pele dele. *Você sabia que seu deus joga crianças no mar em nome dele?*, perguntaria ela. *Sabia que ele se alimenta de sangue humano?*

Quando a carruagem dedicada ao Garra Sangrenta desapareceu dobrando uma curva da estrada, ela percebeu que, por um breve momento, estava sozinha. Inspirou fundo, saboreando a ausência de humanos e de seu fedor. Era difícil aceitar que estava indo para um lugar onde haveria centenas e centenas de pessoas por todos os lados. Elas se amontoariam ao seu redor, e, se ela encostasse em qualquer uma delas, poderiam gritar, desmaiar ou talvez até morrer. Ela ficava exausta só de pensar nisso.

Mais à frente, um pequeno trecho da estrada pareceu se mover, as pedras brancas refletindo a luz do sol em um ângulo diferente. Curiosa, Elver se aproximou, até ver uma das pedras se levantar de leve, revelando uma forma que espiava por baixo, olhos pretos e minúsculos como contas de tinta.

– Ei – chamou. – Você está perdido?

Esses monstros se chamavam froudianos e geralmente mantinham distância. Eram criaturas minúsculas, não maiores que uma maçã, com um certo aspecto de roedor, mãos e pés ágeis e flexíveis. Elver costumava vê-los com mais frequência na vegetação rasteira da Floresta dos Jih, às vezes escondidos nos troncos ocos das árvores antigas. Ela tinha a impressão de que levavam vidas dramáticas, em grandes comunidades bem ali, sob os pés de todo mundo.

O froudiano que espiava ficou completamente à vista, enquanto outros seguravam a pedra erguida. Elver conseguia ouvir suas vozes fininhas

tagarelando entre si, mas só o que tinha se mostrado falou diretamente com ela.

*De modo algum*, disse a criatura. *E você, pernuda?*

Elver suspirou. Definitivamente estava se sentindo perdida, mas suspeitava que não era isso que o froudiano queria dizer.

– Esta é uma estrada humana. Você pode acabar sendo esmagado por um casco ou uma roda. Isso se algum deles não te vir e decidir que você é perigoso.

*Perigosos? Nós?* O froudiano pareceu achar isso hilário. *Os humanos mal olham por onde andam, imagine olhar embaixo dos próprios pés.*

Elver se agachou. Era bom falar com algo que compreendia. Já sentia falta da floresta, do teto verde e suave acima da cabeça. Os outros froudianos tinham removido a pedra e agora escalavam para fora.

– O que estão fazendo aqui?

*Caçando.* O froudiano apontou para onde os outros corriam. *Humanos derrubam coisas interessantes nas viagens. Comida, às vezes.*

O grupo corria de volta para o buraco na estrada, todos ajudando a carregar um pãozinho. Um canto já estava embolorado, mas Elver duvidava que isso os incomodasse. Juntos, arrastaram o pão para dentro da toca e desapareceram. O som de uma carroça se aproximando crescia, e a criatura que conversava com ela voltou correndo para o grupo, que começava a recolocar a pedra no lugar. Elver não queria que eles fossem embora.

– Vocês deviam ter mais cuidado – disse, embora tivesse de admitir que pareciam bem à vontade na estrada humana. – Se eles pegarem vocês, vão matar todos.

*Pff, humanos são só animais grandes e burros*, disse o froudiano. *Se derem trabalho, mordemos os joelhos deles.*

A pedra se acomodou no lugar, e era como se nunca tivessem estado ali. Elver se levantou quando a carroça passou. Um rapaz de rosto largo sentado na parte de trás cruzou o olhar com o dela e sorriu, apontando-a para a pessoa ao lado. Houve uma risadinha coletiva, e ele jogou algo que acertou o pé dela e rolou até a beira da estrada. Era uma maçã mordida.

– Relaxa, gata – gritou ele. – Vai ver não acontece nada!

Elver observou a carroça se afastar, imaginando como seria envenenar todos os humanos do mundo. Seria possível? Talvez a Rainha das Serpentes conseguisse. Um pensamento divertido.

Ela pegou a maçã e a colocou junto à pedra solta, depois retomou seu caminho pela estrada.

## CAPÍTULO 8

Quando Elver por fim alcançou o ladrão em Porto das Víboras, o céu já se tingia com as cores do crepúsculo. Ela passou pelas placas alinhadas junto aos portões fluviais – avisos bem visíveis a todo visitante de que monstros jih eram terminantemente proibidos na cidade e que qualquer pessoa apanhada comercializando ou abrigando tais seres seria presa de imediato e levada ao Templo de Triló, o Sem Rosto – e logo o avistou, caminhando a não mais de quinze metros de distância, segurando um saco nos braços. Ele parecia estranhamente chocado com o lugar, andando pelas margens dos canais com uma expressão encantada, olhando para todos os lados como se nunca tivesse visto um mercado ou um grupo de músicos tocando na porta de uma taverna. Era alto e magro, com um cabelo castanho-escuro que caía até a nuca, e tinha olhos castanhos expressivos que pareciam se arregalar a cada visão banal. Elver o observava das beiradas dos prédios ou dos becos escuros, o capuz parcialmente cobrindo o rosto. Havia a questão do que deveria fazer agora. Ela não podia atacá-lo em público, não com todos aqueles humanos fedorentos por perto – eles tinham regras sobre esse tipo de coisa e guardas em cada esquina, prontos para aplicá-las. E, além disso, ela era jih. Os dela não eram bem-vindos. Se soubessem o que ela era, acabaria presa, ou pior.

Imaginou que o filhote de keltráxia estivesse dentro do saco. De vez em quando, ele inclinava a cabeça sobre o saco, movendo os lábios, como se estivesse falando com a criatura. Será que a estava ameaçando?

*O que esse tolo está fazendo?*

Ele vagou por rua após rua, até parar diante de uma das tavernas maiores. Nas sacadas superiores, homens e mulheres já bem embriagados riam e gritavam uns com os outros – vários deles pareciam estar apenas parcialmente vestidos. O ladrão ficou parado diante do lugar por um bom tempo, como se

estivesse tentando tomar uma decisão, até que por fim subiu os degraus da entrada e desapareceu lá dentro.

*Ele vai vender o filhote, concluiu Elver. É aqui que vai encontrar o comprador.*

Não conseguia imaginar por que um humano compraria um espírito jih, mas tentar entender as motivações dos humanos era inútil. Talvez manter uma criatura “perigosa” como mascote os fizesse sentir poderosos. Humanos eram patéticos a esse ponto.

Elver também parou à soleira, sentindo a pele se arrepiar. Lá dentro, os humanos estariam amontoados, seriam barulhentos, e o fedor seria insuportável. Além do desconforto óbvio, havia sempre o risco de que algum deles encostasse sua pele imunda nela, e bastaria isso. Haveria gritos, os guardas seriam chamados, e ela seria capturada. Ficaria presa naquele lugar.

*Mas o filhote está mais preso do que eu.*

Ela suspirou e atravessou a soleira.

Por dentro, a taverna era exatamente como ela temia. Humanos por toda parte, espalhados pelas mesas, em pé diante da lareira com canecas cheias de espuma nas mãos. No fundo da sala, um grupo de mulheres jogava um jogo de cartas que Elver reconheceu vagamente dos tempos no orfanato; lá, jogavam com moedas achadas e pedaços de pão endurecido. As mulheres riam alto, uma delas passando o braço com naturalidade pelos ombros de outra quando as cartas não favoreceram sua jogada. Ao menos era fácil identificar o ladrão: estava encostado no balcão, com as costas muito retas, conversando com o taverneiro, que, a julgar pela expressão em seu rosto coberto de pelos grisalhos, parecia bastante confuso com o assunto. Sobre o balcão, havia uma pilha organizada de moedas de prata.

*O taverneiro está comprando o filhote? Para que uma taverna iria querer um monstro ilegal?*

Elver se aproximou do balcão também, apoiando-se nele do jeito que imaginava ser o mais casual, com a cabeça baixa para que o capuz cobrisse seu cabelo branco. Estava perto o bastante para ouvi-los falar.

– ... tem o porão, suponho – dizia o taverneiro. – Posso trancar por fora, com certeza, mas lá não tem cama, rapaz. Tem certeza de que não quer um dos nossos quartos de verdade? Como eu disse, esta noite estamos cheios, mas ainda resta um, e é o que tem a cama maior. Com essa aparência, acho que você conseguiria alguém para dividir, se quisesse companhia.

– Não, obrigado. – A voz do ladrão era baixa e quase sincera. Não era nada do que ela esperava, e havia algo naquela voz que a intrigou.

Pensou no que o taverneiro dissera. Agora que estava tão perto do ladrão, podia ver por si mesma: ele era absurdamente bonito. Uma discreta cicatriz em forma de traço passava por uma das sobrancelhas escuras. Ela se pegou pensando em como ele teria conseguido aquilo, certamente em alguma situação suspeita.

– Preciso de um lugar sem janelas, com uma única porta. E preciso que o senhor tranque por fora. E destranque de manhã.

– Bem, o porão *tem* uma janelinha, na altura do chão, sabe, mas posso pedir para o meu filho lacrá-la, se preferir.

– Sim, por favor. – O ladrão assentiu.

Elver franziu a testa. Por que um ladrão precisaria de um quarto trancado?

– Você não está planejando fazer nada... *anormal* lá dentro, está? – O taverneiro se inclinou, com um olhar severo. – Porque eu não tolero esse tipo de coisa.

– Não, sou apenas uma pessoa muito reservada. – O ladrão enfiou a mão no bolso da calça e colocou mais duas moedas de prata sobre o balcão. – Por favor.

O taverneiro observou as moedas e deu de ombros.

– Pra mim não faz a menor diferença se você quer passar a noite em um porão úmido e ainda pagar por isso. Vamos lá, vou te instalar lá embaixo...

Elver observou os dois saírem do balcão e desaparecerem por uma porta em mau estado, que ela presumiu levar ao porão. Saiu da taverna, desviando de um homem bêbado que tentou se apoiar nela, e, já do lado de fora, caminhou rapidamente para os fundos do prédio, procurando a janela de que o taverneiro falara. Encontrou-a depressa; era mais larga do que alta, e era óbvio que não era limpa há anos. Elver ajoelhou-se e esfregou um pouco da sujeira com a manga até conseguir abrir uma pequena área por onde pudesse enxergar. O taverneiro e o ladrão já estavam lá dentro, ainda conversando. O ambiente era escuro, iluminado apenas por uma lamparina a óleo sobre uma mesa instável. Havia barris, caixotes e um chão de terra batida. Enquanto observava, viu o taverneiro colocar um prato com carne e queijo sobre a mesa, junto com um jarro d'água, e então sair, fechando a porta com firmeza atrás de si. O ladrão largou o saco e passou a mão pelo queixo, pensativo.

Elver chutou a janela para abri-la e se esgueirou por ela, movendo-se com uma rapidez quase fantasmagórica graças à sua natureza monstruosa. Em segundos, estava dentro do porão, correndo em direção ao ladrão com as mãos nuas estendidas. O ladrão – mais jovem do que ela esperava, agora que o via de perto – recuou depressa, os olhos arregalados.

– Me desculpe – balbuciou ele. – Este porão é... seu?

Elver rosnou e saltou sobre ele, envolvendo o pescoço dele com as mãos. Para sua surpresa, várias coisas inesperadas aconteceram.

Primeiro, ele não caiu no chão de terra. Em vez disso, a segurou firme, permanecendo onde estava. Era como pular em uma árvore, sólida e inabalável, e, sem saber o que mais fazer, ela se agarrou a ele.

Segundo, ele não gritou de dor. Em vez disso, olhou para ela com um ar intrigado, mas quase educado.

– Hum...

Ela pressionou as mãos contra o pescoço dele com toda a força, mas o avermelhamento familiar não veio. Desesperada, deslizou uma das mãos até o maxilar dele, depois até o osso do peito. Nada. Em vez disso, sentia seu próprio rosto esquentar.

– O que você está fazendo? – perguntou ele. Assim de tão perto, ela conseguia ver a sombra escura da barba por fazer em seu rosto. E havia um cheiro também: sabão, e o frescor persistente da Floresta dos Jih. Não era desagradável.

– O que você é? – rosnou ela.

Elver se desvencilhou do aperto dele, e ele a deixou cair no chão.

– Eu sou só uma pessoa normal – respondeu ele. – Uma pessoa comum da cidade, hospedada em uma taverna.

– Não é, não – disse ela, irritada. – Em primeiro lugar, isto é um porão, e pessoas normais não dormem em porões. Segundo, tem um monstro dentro daquele saco, roubado da minha floresta. – Ela apontou para o saco. O filhote de keltráxia espiava com o focinho para fora da abertura, as narinas se abrindo diante de tantos cheiros novos. – Você atirou na mãe dele com uma flecha.

– Acredite, eu não tive escolha...

– E o meu toque é venenoso para humanos. Você deveria estar morrendo de dor... Na verdade, pelo tempo que minha mão ficou no seu pescoço, era pra você estar morto. Em vez disso, está aí parado com cara de idiota. Então, o que você é? Porque humano não é.

Ele a encarou por um longo instante, depois limpou a garganta.

– Meu nome é Artair – disse, por fim. – E eu sou um dos Insones.

Elver bufou.

– Eu não acredito. Isso é só historinha.

– Eu também não acreditava que existiam pessoas que podiam matar com um toque, mas, segundo você, estou errado.

Elver deu um passo hesitante para trás.

– Você é mesmo um dos Insones? Quando dorme, vira outra pessoa?

– Um espírito sombrio e terrível habita o meu corpo – disse Artair solenemente. – Os únicos pensamentos dele são fugir ou trazer o caos. À noite, preciso ser trancado, pelo bem da...

– Então suponho que isso faça de você um jih também.

Isso era um problema. Se aquele garoto era um jih, um espírito monstruoso, então tecnicamente ele também era um dos filhos da Rainha das Serpentes. Elver não podia matá-lo. Ou pelo menos teria que pedir permissão. Ela foi até o saco e o abriu, permitindo que o filhote de keltráxia rolasse para fora. Ele emitiu um som agudo e se jogou sobre os pés dela, os olhos brilhando na penumbra.

– Ser jih não te dá o direito de sair pegando criaturas da floresta sem mais nem menos. O que pretende fazer com ele, vender? Deveria se envergonhar, traindo os seus, andando escondido em uma cidade humana como se pertencesse a ela. – Ela se abaixou e pegou o filhote, que lambeu seu rosto com a língua áspera. – Agora, vou levá-lo de volta para a floresta.

– Não! – Pela primeira vez, o jovem pareceu verdadeiramente alarmado. – Você não pode fazer isso. Eu preciso dele.

– Por quê? – Elver segurava o filhote contra o peito, as penas fazendo cócegas em seu nariz.

Ele contou a ela. Levou um tempo, interrompendo-se sempre que alguma lembrança o perturbava – o silêncio do mosteiro, o rosto da amiga sendo puxada de volta pelo portal. Para Elver, era a cor das vestes da maga. O nome do deus deles.

– Então, como vê – dizia ele –, eu preciso levar o filhote até essa maga, ou ela vai matar os outros noviços.

– Aquela magácia – cuspiu Elver. – Você não entendeu? Ela vai matar o filhote. Ele será combustível para algum feitiço dela. O Garra Sangrenta só concede magia quando é pago um preço em sangue. Você não pode entregá-lo

para ser sacrificado em algum altar. Nunca devia tê-lo tirado da floresta: lá é o lugar dele.

– Eu devia ter imaginado... – Artair olhou para o chão por um momento.  
– Ela matou a Irmã Rosea e o resto dos Irmãos e Irmãs. Mas tudo isso só quer dizer que os noviços estão em ainda mais perigo do que eu pensava. Eu tenho que tentar salvá-los. Preciso fazer isso.

Elver carregou o filhote até a única cadeira e se sentou nela. Pegou uma fatia de carne do prato e alimentou o animal, que a devorou com voracidade.

– Que os Doze nos amaldiçoem – murmurou.

Artair deve ter visto algo no rosto dela, porque perguntou:

– Você vai me ajudar?

A ideia despertou tanto seu medo quanto sua raiva. Tudo o que ela queria era voltar para a floresta e passar os dias entre os seus, sem nunca mais ver um rosto humano.

– Por que eu ajudaria um ladrão como você?

– Porque você sabe que isso não está certo.

– Rá. – Elver soltou uma risadinha curta. – Fora da minha floresta, eu não estou nem aí para o que é certo ou errado. Isso não significa nada para mim.

– E o que impede essa maga de pegar outro monstro da sua floresta? Ela deve precisar de um espírito jih para esse feitiço em particular.

Elver levantou os olhos para o rapaz. Ele era mais esperto do que aparentava.

– Merda – disse amargamente. Colocou um pedaço de carne na boca, mastigou e engoliu. – O Garra Sangrenta é poderoso. Você precisaria da ajuda de outro deus. Alguém do seu lado.

– Você é uma maga? – perguntou ele.

Seu olhar deslizou pelo cabelo branco dela, pelas cicatrizes no rosto e nos braços. Ela virou um pouco o rosto para que a luz da lamparina não a iluminasse tanto.

– Não, sou apenas uma simples jih. Mas sei como os deuses funcionam.

– Então, você vai me ajudar?

Elver olhou para o filhote e suspirou. Ela não podia matar aquele garoto idiota, ao menos não tão fácil assim, e também não podia criar uma situação em que ela ou o filhote fossem descobertos. Nenhum dos dois devia estar em Porto das Víboras, e ela duvidava que ele fosse deixá-la levar o filhote sem lutar por ele; era mais razoável do que ela esperava, sim, mas havia algo firme

por trás daquela aparência tranquila. Talvez fosse o espírito sombrio que ela sentia. Não, teria que esperar até estarem em um lugar mais calmo para pegar o filhote. Talvez o Insone sobrevivesse a isso, talvez não.

– Eu vou te ajudar – declarou ela. Ele era praticamente humano, disse a si mesma, e mentir para humanos não importava nem um pouco. – No que eu puder, pelo menos.

– Obrigado. – Para sua surpresa, Artair veio até ela, ajoelhou-se à sua frente e tomou sua mão. Olhou direto em seus olhos, e havia uma expressão ali que a incomodou. Ele estava tentando decidir se podia confiar nela, ela percebeu. – Obrigado por me ajudar com isso, menina-veneno. Posso saber o seu nome?

Ela lançou um olhar mortal à mão dele, mas ele pareceu não entender o recado.

– Meu nome é Elver.

– Elver, posso te pedir mais um favor?

– Claro, por que não? Você já arruinou meu dia. Será que dá para ficar ainda pior?

Ele assentiu, como se fosse um comentário perfeitamente razoável.

– Elver, você poderia, por favor, me amarrar com essas cordas?

## CAPÍTULO 9

Elver estava sentada em seu canto do porão, com as costas apoiadas na parede, observando o monge adormecido. Ela o havia amarrado como ele instruíra, com os pulsos presos atrás das costas e os tornozelos também, por precaução. E quando ele achou que as amarras ainda estavam frouxas, pediu que ela amarrasse de novo, o mais apertado que conseguisse. Ele também tentou convencê-la a sair do porão naquela noite, mas ela se recusou. Por mais desconfortável que fosse estar no mesmo espaço que aquele jovem, ainda era infinitamente melhor do que estar lá fora, em uma cidade humana agitada.

*Eu poderia matá-lo e ir embora. Agora seria o momento perfeito.* Exceto pelo fato de que estavam trancados no porão. Se o taverneiro abrisse a porta pela manhã e a encontrasse ali com um cadáver, ela suspeitava que seria reapresentada à Guarda da Cidade de Porto das Víboras bem mais rápido do que gostaria.

Depois de amarrar Artair do jeito que ele queria, ele se deitou no chão de terra e fechou os olhos. Disse que uma das primeiras coisas que se aprendia na Torre Dourada da Manhã Perpétua era que não se podia resistir ao sono; na verdade, era perigoso tentar evitá-lo, porque se você ficasse acordado por tempo demais, o sono acabaria tomando conta de você sem aviso, e talvez você não estivesse preparado. Agora, ela escutava a respiração dele ficando mais profunda e mais lenta à luz suave da lamparina a óleo que iluminava seu rosto. Ele tinha cílios muito escuros e grossos, que pareciam fuligem sobre a bochecha, e ela olhava a todo instante para a pequena cicatriz que dividia a sobrancelha dele. Por motivos que ela não sabia nomear, se pegou imaginando como seria passar o polegar por cima daquela cicatriz.

Elver se levantou e foi até o filhote, que estava terminando o queijo e a carne – nem ela nem Artair estavam com vontade de comer, então ela deixara o prato no chão para ele.

– Vou levar você para casa em breve – disse em voz baixa. – Eu prometo.

*Isto é gostoso, essa coisa amarela,* comentou o filhote. *Que coisa é essa?*

– É queijo.

*Não tem isso lá em casa. Quem é ele? Por que me deixou no escuro?*

– Ele é o... Artair. Um humano idiota. Bom, quase humano.

*Hum.* O filhote tinha devorado até as migalhas no prato e agora lambia os lábios. *Vou morder ele. Rasgar ele com meus dentes.*

– Talvez quando você for maior. – Elver se agachou ao lado do filhote e coçou atrás das orelhas dele. – O babaca é jih, na teoria. Dá pra acreditar nisso?

O filhote bufou.

*Tem cheiro de humano pra mim. A gente devia comer ele. Você amarrou ele pra gente comer, né?*

– Ele é um dos Insones. É ele mesmo durante o dia, mas, quando adormece, há outro alguém que toma conta de seu corpo, alguém ruim. E quando essa pessoa pega no sono também, Artair volta. Eu o amarrei porque assim, quando o espírito maligno aparecer, não vai conseguir sair deste cômodo.

*Fica mais fácil de comer,* comentou o filhote.

– Você ainda está com fome?

– Com quem você está falando?

Elver se assustou. Artair havia se sentado de forma desajeitada, contorcendo o corpo para olhar para ela. Sua voz estava mais ríspida, mais direta, e embora fosse difícil ver no escuro do porão, por um breve segundo Elver achou que os olhos dele estavam de outra cor, mais avelã do que castanhos. Ela se levantou, com a mão no cabo da faca em seu cinto.

– Você é o espírito das trevas.

– Eu tenho um nome, que é Lucian, e agradeceria se você o usasse. Ser chamado de espírito das trevas é extremamente cansativo. – As palavras e o tom dele eram relaxados, mas havia algo no brilho de seus olhos que fez Elver considerar suas opções de fuga; exceto, é claro, pelo fato de que o taverneiro os havia trancado ali e, não muito tempo depois da entrada dramática dela, o filho dele tinha bloqueado a janela.

*Talvez eu devesse arriscar e cortar a garganta dele aqui mesmo,* pensou.

Ele ainda a observava atentamente, os olhos percorrendo seu corpo esguio de cima a baixo.

– Você não é humana – disse ele, por fim. – O que você é?

Elver se deu conta de como aquela conversa era parecida com a que acabara de ter com Artair. Mas enquanto o interesse do monge parecia nascer de uma curiosidade genuína, o de Lucian era bastante categórico.

– Aposto que você foi tocada por um deus, mas não é uma maga. – Como ela não respondeu, ele deu uma risada curta. – Imagino que você não esteja falando sobre queijo com a mesa, o que significa que consegue se comunicar com esse monstrinho juvenil. Você não é uma maga, mas tem algumas centelhas de magia, o que faz de você um espírito jih. Acertei? Uma menina-monstro. E, com isso, só posso concluir que o deus que a criou é a Rainha das Serpentes em pessoa, aquela que tem domínio sobre todos os monstros. Isso é muito interessante, de verdade.

Durante esse pequeno discurso, o filhote veio até Elver e se encostou nos tornozelos dela. Ele não sentira medo de Artair nem por um instante, mas Lucian claramente era outra história.

– Você também é jih – disse ela, embora começasse a duvidar.

Aquele Lucian não era humano, disso ela estava certa – ele era um parasita dentro do corpo de outro –, mas Artair se parecia com um. Será que isso o tornava menos jih?

Lucian deu de ombros.

– Não me sinto nem um pouco parecido com você nem com essa criaturinha aí aos seus pés, se é isso que está perguntando.

– Você fala demais.

Lucian sorriu.

– Não esperava que um espírito das trevas fosse tão eloquente? A verdade é, menina-monstro, que eu quase nunca tenho com quem conversar, então isto aqui é um verdadeiro deleite. Os monges que mantêm este idiota preso – ele assentiu com a cabeça em direção ao próprio peito – gostam de nos manter isolados. – Ele olhou ao redor do porão. – O que, aliás, levanta a questão: o que estamos fazendo aqui? E onde estamos?

– Meu nome é Elver – disse ela. – Não menina-monstro. E eu agradeceria se usasse meu nome.

Ele riu, encantado com a resposta.

– Elver. Está bem. E onde estamos, Elver? Por que está aqui conosco? Não que eu esteja reclamando.

Devagar, Elver se sentou e cruzou as pernas. O filhote pulou no colo dela no mesmo instante, as orelhas emplumadas caídas.

*Não gosto disso, disse ele. Não gosto deste aí.*

Ela pousou a mão sobre a cabeça dele para acalmá-lo.

– Todo mundo sabe que os espíritos que habitam os Insones são malignos – objetou ela. – Coisas caóticas, violentas. Criaturas tão trapaceiras que deveriam pertencer a Tisk, o deus das mentiras e da travessura. – Não havia nada visivelmente perigoso naquele jovem, mas assim que ele abriu a boca, ela sentira uma tensão no corpo semelhante à que surgia quando uma tempestade violenta se aproximava da Floresta dos Jih. – Estou achando que não vou te contar nada.

Lucian se remexeu no chão e suspirou.

– Estar amarrado é uma novidade, e devo dizer que não gosto disso. Pelo menos na torre eu tinha uma cama para me deitar ou uma cadeira para me sentar. Será que você não consideraria soltar estas amarras?

Ela sorriu. Um sorriso frio e cortante.

– A única coisa que eu vou considerar cortar é a sua garganta.

– Muito bem, menina-monstro, muito bem.

– O que você é, de verdade? – perguntou ela. Sentia-se contrariada pela própria curiosidade a respeito dele.

Lucian deu de ombros. Era notável, pensou ela, como ele podia se parecer com Artair e, ao mesmo tempo, uma pessoa completamente diferente. A postura era outra, os movimentos também. Seu rosto era arrogante e parecia quase entediado, com os olhos semicerrados e as sobrancelhas franzidas, como se a estivesse observando com todo o cuidado.

– Me diga onde estamos, Elver, e eu te contarei tudo o que há para se saber a meu respeito.

Elver franziu a testa. Acima deles, na taverna movimentada, alguém começara a cantar desafinado, e várias outras vozes se juntaram à cantoria por cima de uma risada generalizada ao fundo.

– Estamos em uma cidade – disse ela.

Lucian assentiu.

– Bem que eu suspeitei. E pelo som daquela algazarra lá em cima, estamos no porão de uma taverna. De todos os lugares onde um mongezinho metido poderia acabar... Aposto que o garoto está mijando nas calças.

Ele parecia muito satisfeito com a ideia. Era interessante, pensou Elver, que Lucian claramente achasse Artair fraco, sendo que era bem provável que nunca tivessem se encontrado. Independente do que ela achasse das atitudes

de Artair, uma pessoa fraca não entrava na Floresta dos Jih com a intenção de enfrentar um de seus monstros.

– Em uma cidade, em uma taverna. É onde estamos. Agora, quem é você?

– Essa é a grande dúvida, não é? – O espírito chamado Lucian sorriu para ela, um sorriso afiado e cheio de autossatisfação, mas parecia haver algo mais por trás dele. Desespero, talvez. – Meu nome é Lucian, e sei que não era para eu estar aqui, e isso é quase tudo o que sei, menina-monstro. Onde deveria estar meu passado, existe uma névoa tão densa que é como estar cego. Mas se me deixar sair daqui, talvez eu consiga ir ao mundo descobrir.

– Você não me contou nada de nada.

Ele deu de ombros.

– Eu disse que contaria tudo o que há para saber a meu respeito, e foi o que fiz. Agora, que tal usar sua faquinha astuta para abrir um desses barris e tomarmos um gole do que quer que tenha dentro? Quando estou trancado na cela do mosteiro, nunca me deixam comer ou beber. O monge guarda esses prazeres para si.

– Acho que não vai dar. E também acho que não vou mais responder às suas perguntas, nem fazer mais nada por você.

– Não vai mais conversar comigo, Elver?

Elver não respondeu.

O espírito sombrio que habitava o corpo de Artair tentou fazê-la falar mais algumas vezes – perguntando onde ela morava, se os humanos tinham medo dela, e de onde vinha o filhote de keltráxia –, mas ela voltou para seu canto e sentou-se com o filhote, uma mão sobre o cabo da faca, até que ele enfim desistiu e mergulhou em um silêncio profundo.

*Acho que não devemos comer esse aí*, disse o filhote, conforme começava a pegar no sono em seu colo. *Acho que ele vai ter gosto ruim.*

*Talvez você tenha razão*, pensou Elver.

O sono pesava, mas ela ficava desconfortável só de pensar em dormir com Lucian a observando. Em vez disso, colocou o filhote sobre uma pilha de sacos vazios e atravessou o cômodo até onde Artair deixara sua mochila. Eles haviam concordado em deixá-la fora do alcance dele, por precaução. Quando pegou a mochila, Lucian ergueu as sobrancelhas.

– Isso pertence ao monge, não é? Os Irmãos que me mantêm prisioneiro usam trajes feitos do mesmo tecido áspero. O que você está fazendo, menina-monstro?

– Nada que seja da sua conta – retrucou ela sem olhar para ele.

A mochila continha prata suficiente para fazê-la erguer uma sobancelha, além de um pouco de comida: maçãs, meio pão de centeio e carne seca embrulhada em papel engordurado. Dessa última, ela pegou um pedaço e mastigou pensativa enquanto tirava da bolsa dois pergaminhos bem enrolados. O primeiro era um mapa da Floresta dos Jih, com os ninhos de keltráxia marcados em círculos de tinta azul, e o segundo trazia uma breve descrição dos monstros, escrita com uma caligrafia inclinada e trêmula. Ao final, havia uma assinatura.

Mãe Maura.

– O que foi? – Lucian se remexeu, esticando o pescoço para tentar ver melhor o rosto dela. – Eu diria que você não poderia ficar mais pálida, mas acabou de me provar o contrário.

Elver encarava a assinatura. De uma forma horrível e idiota, aquilo fazia sentido. A maga que Artair havia descrito era sanguinária e impiedosa, e tinha acólitos dispostos a fazer sua vontade. Mais do que ela tivera em Porto das Víboras, mas já fazia tempo. Estava claro que Mãe Maura conquistara mais seguidores desde que lançara Elver ao mar.

*Isso não muda nada*, disse a si mesma. *Eu preciso devolver o filhote à floresta antes da próxima Lua Rosa.*

E, ainda assim, ali estava Mãe Maura, se intrometendo na vida dela de novo. Causando mais dor e sofrimento, sem sequer ter respondido pelos horrores que já havia provocado. Seria tão gostoso arruinar os planos dela, não? Olhar nos olhos dela para que soubesse que, afinal, Elver tinha sobrevivido? Havia muitas coisas que ela poderia fazer se chegasse perto o bastante para tocar a maga.

– Vai me contar o que foi que te deixou com esse olhar severo, menina-monstro? – perguntou Lucian.

Elver enfiou os rolos de pergaminho de volta na mochila, o coração disparado.

– Fique quieto – disse ela –, senão te amordaço também.

## CAPÍTULO 10

Era uma manhã movimentada em Porto das Víboras, horrivelmente carregada com o barulho e o cheiro dos humanos. Nos braços de Elver, o filhote de keltráxia se remexia dentro do saco, já ansioso para sair dali de novo.

*Os cheiros! Quero ver o que são!*

Ela abaixou o rosto até os lábios tocarem o tecido do saco.

– Se lembra do que conversamos? Enquanto estivermos na cidade, você tem que se esconder. Se formos pegos com você aqui, estaremos encrencados. Tente ficar quietinho.

*Não entendo por que eu tenho que ficar sentado dentro de um saco enquanto você pode andar por aí em uma cidade humana. Só porque você tem duas pernas e se parece com eles ou sei lá.* Depois disso, o filhote ficou mais calado. Elver podia sentir o mau humor dele fervilhando em silêncio.

Artair, por outro lado, estava no extremo oposto do mau humor.

– Este lugar não é incrível? – disse ele.

Caminhavam para leste, afastando-se da taverna, seguindo um dos muitos canais que cortavam a cidade em todas as direções. Era um dia claro de outono, o sol da manhã dançando sobre a água e projetando padrões sinuosos de luz nas paredes dos prédios ao redor; aquilo fazia Elver pensar nas serpentes que invadiram Porto das Víboras quando ela era criança.

– Nunca vi tanta gente em um lugar só – acrescentou Artair.

– Eu sei. É horrível.

Ele lhe lançou um olhar de surpresa.

– Eu costumava sonhar com o dia em que viria para cá. Nunca achei que de fato conseguiria. Imagino que, para quem mora na floresta, a cidade deve ser massacrante.

Elver fez uma careta.

– Eu nasci neste esgoto. E vivi aqui até os doze anos.

– SÉRIO?

As ruas iam ficando cada vez mais cheias conforme adentravam Porto das Víboras. Elver puxou o capuz sobre a cabeça e usou uma das mãos para abaixar as mangas, cobrindo a maior parte das mãos.

– Vamos só cair fora daqui o mais rápido possível. O filhote não está feliz dentro do saco, e eu não estou feliz com o cheiro de tantos humanos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você não está errada. Um monte de gente junta cria um cheiro... interessante.

Eles viraram uma esquina, passando por lojas de frente aberta que vendiam todo tipo de coisa – roupas, tecidos, joias, especiarias, muito peixe salgado e fresco –, até que chegaram a uma praça de mercado lotada de gente. Todos estavam parados ao redor, alguns comendo comidas que Elver mal lembrava da infância – pãezinhos açucarados grudados em palitos, pão quente com canela e cordeiro temperado enrolado em panquecas finas –, e, acima deles, cordões de bandeirinhas vermelhas e douradas tremulavam ao vento. Todos pareciam estar olhando para um palanque elevado no centro da praça, coberto parcialmente por um pano de veludo carmesim. Havia um homem lá em cima também, vestido com veludo e seda finos, um colar grande de ouro no pescoço. Quando Elver morava em Porto das Víboras, a prefeita era uma mulher; pelo jeito, aquele homem barbudo viera para substituí-la. Sem combinarem nada, os dois pararam para ouvir quando o prefeito começou a gritar por cima do burburinho da multidão.

– Quero agradecer ao Fundo do Orfanato de Porto das Víboras por arrecadar dinheiro suficiente para esta bela homenagem. Levou algum tempo, e sei que nem todos queriam este monumento... – Algumas pessoas na multidão resmungaram ao ouvir isso, mas o prefeito seguiu em frente como se nada tivesse acontecido. – Mas agora que estamos aqui, acredito que todos podemos concordar que o sacrifício precisa ser lembrado e que devemos ter uma forma de homenageá-la todos os dias.

– Do que eles estão falando? – perguntou Artair, esticando o pescoço para ver o palanque. – O que tem debaixo do pano?

– Não sei. Mais bobagem humana, imagino eu. – Mas Elver sentiu um arrepio gelado subindo pela nuca.

– Há apenas cinco anos, Porto das Víboras esteve à beira da ruína. Perdemos muitas vidas e uma grande quantia de dinheiro por causa da

monstruosa ameaça das serpentes. – O prefeito fez uma pausa e enxugou o suor da testa com um lenço. – E Elver, a criança corajosa que era, se apresentou para salvar esta cidade. Com vocês, a Heroína de Porto das Víboras.

Ele puxou o pano com um gesto dramático, e Elver piscou, o choque batendo como um balde de água fria em seu rosto. Ela não sabia se queria rir ou vomitar.

Debaixo do pano, havia uma estátua de bronze representando uma criança de ombros retos, queixo erguido e um pé apoiado sobre o corpo de uma serpente caída no chão. O bronze reluzia como brasas ao sol, e a multidão murmurava com admiração.

– Esta criança morreu por nós – continuou a dizer o prefeito, com a voz solene e carregada. – Para alimentar o feitiço que libertou Porto das Víboras. Agora, com este monumento, podemos agradecer a ela todos os dias.

Elver queria subir correndo no palanque e encostar a mão na pele suada do prefeito até fazê-lo gritar de dor. A estátua nem sequer se parecia com ela.

– Você está bem? – perguntou Artair. – Ficou com uma cor estranha.

– Que audácia. Que cara de pau! Eu já sabia que este lugar era um lixo, um ninho de gente egoísta e sem noção, mas *isso*? – Elver abria caminho pela multidão, indo para o outro lado da praça, para longe da estátua. – Esses humanos deviam se envergonhar, e em vez disso decidiram fazer a droga de uma celebração enorme!

Elver queria gritar com a multidão ao redor, perguntar se sabiam seu nome. Ela sabia que não. Mas todos saberiam o nome de *Maura*, e isso tornava tudo ainda pior. De repente, a ideia de encarar a maga e fazê-la pagar por tudo o que havia feito se tornou irresistível.

– Elver, espera. – Artair a alcançou com um passo tranquilo. Aproximou-se o bastante para poder falar em voz baixa.

Ela percebeu que o cheiro dele era diferente do que emanava dos humanos ao redor. Ele tinha o cheiro de uma manhã fresca de outono.

– O que foi? – quis saber ele. – O que está acontecendo?

Artair olhava diretamente para ela. Para ele, era uma pergunta simples: havia algo de errado? Ele podia ajudar? Elver se lembrou da voz dele ao descrever o que tinha acontecido no mosteiro, da dor evidente ao reviver aquelas memórias. E lembrou-se da outra voz que saía dele à noite: o tom

dissimulado e traiçoeiro de Lucian. Um corpo, dois espíritos completamente diferentes que o habitavam.

– Agora não dá tempo. Vamos cair fora daqui antes que eu resolva envenenar alguns idiotas só para me animar.

★

Logo chegaram ao distrito Doze, o lugar dedicado aos templos dos deuses. A maioria das cidades e vilarejos grandes o bastante tinha um distrito Doze, onde acólitos, sacerdotes e magas podiam oferecer seus serviços. Quando criança, Elver não via utilidade para aquele lugar e o evitava, mas Artair se demorou, os olhos atentos a cada detalhe. Ali ficava o Templo do Corvo Cuculado, o deus da morte, da medicina e dos segredos, com seu arco de mármore preto adornado com ervas pungentes. E mais adiante, o colorido Templo de Vilon dos Muitos Membros, o deus das artes; sempre popular, homens e mulheres entravam e saíam de lá em fluxo constante, conversando animadamente sobre a inspiração que haviam recebido ali dentro. Cevagrão, o deus do lar – entre outras coisas –, era ainda mais popular, provavelmente porque seu templo tinha a forma de uma taverna bem abastecida, e os sacerdotes eram homens e mulheres sorridentes que vinham puxar conversa com você se não tomasse cuidado. Artair se aproximou demais e uma sacerdotisa o fisgou.

– Não quer entrar e descansar um pouco, filho? Cevagrão nos ensina que devemos buscar os bons momentos, porque, afinal, é para isso que estamos aqui.

– Obrigado – respondeu ele. – Muito obrigado. É muita gentileza da sua parte.

Elver respirou fundo e segurou o braço dele para puxá-lo.

– Não temos tempo para isso...

– A sua companheira também é bem-vinda, é claro – acrescentou a sacerdotisa, radiante. – Cevagrão adora quando um casal jovem rala e rola no feno.

– Rala e o quê? – Artair riu, e a mulher retribuiu com um sorriso maroto.

– *Vamos*. – Elver o arrastou dali.

No fim da rua havia outro templo, mais silencioso e austero que os demais. O dintel acima da porta estava enfeitado com máscaras brancas, e longas faixas de seda branca pendiam diante da entrada. Aquele, Elver sabia, era o Templo de Triló, o Sem Rosto, o deus da pureza e da verdade. Triló era significativamente menos popular que Cevagrão. Um único sacerdote estava de pé nos degraus, observando enquanto eles passavam. Elver lançou um olhar rápido para ele. Ele usava as luvas longas e a túnica de gola alta da ordem, embora não estivesse mascarado, o que significava que não era um dos altos sacerdotes. Os sacerdotes de Triló eram proibidos de tocar ou de serem tocados – e, ao pensar nisso, Elver sentiu um estranho momento de empatia, que logo ignorou. Triló desprezava a Rainha das Serpentes e todos os seus filhos, vendo-os como a encarnação máxima da impureza, e era sob seus conselhos que a humanidade aprendera a abominar os descendentes dos monstros. A Rainha já alertara Elver para ter cuidado com o Sem Rosto.

– Tem tanta coisa para ver – disse Artair. – Os rostos diferentes, as cores das pedras, a comida... Nunca tinha visto um rio passando por dentro de uma cidade, e aqui eles estão por toda parte.

– Tecnicamente, isso são canais. Não são rios de verdade. Não como os que existem na floresta.

– Passei anos vendo sempre os mesmos corredores de pedra, a mesma vista da floresta, das montanhas. O mesmo jardim, com as mesmas plantas crescendo.

Sua voz soava estranha, e quando ela olhou para ele, Artair estava com uma expressão um tanto distante. Sentiu-se tentada a perguntar se ele estava bem, mas conteve o impulso e, no instante seguinte, ele pareceu se livrar do desconforto.

– Mas tudo isso é necessário – disse ele enfaticamente. – Nosso sacrifício é necessário. Sem ele, toda a Tlevrae estaria em perigo por causa dos espíritos que se escondem dentro de nós.

– Não sei, não. Pra mim, quem mais fala em sacrifício são as pessoas que nunca estão sacrificando nada de verdade.

– Não, não é nada disso – respondeu Artair, embora soasse pensativo. – Escuta, acho que devíamos começar a pensar onde vamos passar a noite. Se sairmos da cidade, não haverá hospedagens. Eu não posso correr o risco de o Outro ter a mesma liberdade que tenho agora.

– Você trouxe as cordas, não trouxe? – Qualquer que fosse a decisão que ela tomasse sobre Mãe Maura e o espírito Insone, Elver precisava sair de Porto das Víboras; a estátua hipócrita já era demais. – Posso amarrar você do lado de fora tão bem quanto amarrei lá dentro. – Elver parou de falar por um instante. O filhote começou a se contorcer nos braços dela, quase escapando. – Ah, o que foi agora?

*Preciso fazer...*

– Já falei, pequeno, não podemos tirar você do saco até estarmos bem longe da cidade...

*Não, eu preciso fazer minhas necessidades agora. Normalmente, eu faço fora do ninho.*

O coração de Elver se apertou. Carregar um saco encharcado de xixi era um tipo de desgraça que ela preferia evitar.

– O que foi? – perguntou Artair. Eles já haviam deixado o distrito dos templos para trás e se encontravam em uma parte mais decadente da cidade. Os canais ali eram estreitos e, em alguns trechos, estavam entupidos de lixo. As pessoas vestiam roupas que já tiveram dias melhores. Como órfã que era, Elver tinha bastante familiaridade com roupas reaproveitadas.

– O filhote precisa... Ele precisa ir ao banheiro – respondeu ela. Artair ergueu as sobrancelhas. – Vou levá-lo até aquele beco ali, onde ninguém vai vê-lo.

Elver foi até o fim do beco, escuro mesmo com o dia ensolarado de outono. As janelas altas nas paredes estavam sujas ou tampadas por dentro, então ela achava muito improvável que alguém pudesse estar olhando. Ela abriu o saco e o filhote caiu para fora, farejando o ar freneticamente e correndo de um lado para o outro. Na imundície do beco, ele parecia radiante, como um pedaço lindo da floresta dos monstros solto no mundo. Seus olhos brilhavam em um verde fantasmagórico. Contra a própria vontade, ela sorriu.

– Escuta, você tem que ir logo. É perigoso ficar exposto aqui fora.

Ela lançou um olhar para a entrada do beco. Artair estava lá, olhando a rua. Um feixe de sol o iluminava, tornando o cabelo castanho quase cor de cobre. Visto de longe, impressionavam sua altura e a perfeição da postura, ereta como uma flecha. *Como a flecha que ele usou para atirar na mãe dessa criatura*, lembrou ela.

A poucos passos de onde o filhote farejava, o beco terminava em um muro. Caso contrário, ela poderia pegá-lo e desaparecer antes que Artair

notasse. Claro que, se fizesse isso... Ela percebeu que a ideia de enfrentar Maura estava ficando mais atraente.

Virou-se de novo para o pequeno monstro.

– Anda logo.

*Não consigo se você estiver olhando.*

– Ah, pelo amor dos Doze...

Elver passou a mão pelo rosto. O dia mal tinha começado, e ela já estava desesperada para que terminasse logo.

O filhote correu a passos curtos até uma caixa velha e começou a farejar.

*Isso tem um cheiro interessante. Você acha que tinha queijo aqui dentro?*

– Sei lá. Só faz o que tem que fazer.

Ela se virou, dando ao filhote um pouco de privacidade, e levou um susto ao ver uma silhueta se aproximando pelo beco. Era um homem alto, vestido de branco, e Elver o reconheceu imediatamente: era o sacerdote que estivera em frente ao Templo de Triló, o Sem Rosto. Não havia sinal de Artair. Elver se colocou na frente do filhote, mas já era tarde demais.

– O que é isso aí com você? – resmungou o sacerdote. – Isso te pertence?

– *Ele* não pertence a ninguém – disse ela, firme.

Agora que estava mais perto, Elver percebeu que o humano era bonito de um jeito óbvio, com olhos de um azul gelado e cabelos da cor de trigo maduro. Imaginou que ele tivesse uns trinta anos, e havia algo na intensidade de seu olhar que a incomodava profundamente. Ele piscava menos do que devia.

– Sua grande idiota. Você trouxe um monstro pra dentro da cidade. Não sabe que essas criaturas imundas são proibidas em lugares civilizados?

Elver riu e balançou a cabeça. Pensou na estátua.

– Chamar este lugar de civilizado é ridículo. Escuta, sacerdote, eu não dou a mínima para as regras de Porto das Víboras nem para a sua ordem sagrada, então sugiro que se afaste.

A mão de Elver deslizou para a faca presa ao cinto.

Ele se impôs sobre ela.

– Como *ousa*?

– Eu ousa, sim.

O filhote encostava o focinho na parte de trás das pernas dela. Queria saber o que estava acontecendo.

– Essa criatura precisa ser confiscada. Temos formas de lidar com os filhos da serpente no templo. Se eu...

Algo no rosto dele mudou. O nariz se contraiu, e de repente ele segurou o pulso dela, por cima da manga, apertando com força suficiente para doer. Elver não conseguia alcançar a lâmina.

– Me solte! Achei que sacerdotes de Triló não podiam tocar nas pessoas.

– *O que é você?* – A força do aperto aumentou. – Sinto o cheiro no ar... Você não é humana! Eu soube disso no instante em que passou pelo templo. Escória jih imunda. Andando pela cidade como se tivesse esse direito. – As narinas dele se dilataram, e ele lançou um olhar para o céu. – Triló, obrigado por me enviar esta provação. Eu a enfrentarei como me ordenaste em meus sonhos.

– Me solte agora mesmo ou vai se arrepender. – Ela tentou puxar o braço, mas ele era surpreendentemente forte, os dedos apertando como um torno.

O sacerdote sorriu, mostrando dentes demais.

– Ah, minha menina, filhos de monstros não têm direitos por aqui. Na verdade, você poderia gritar até a Guarda da Cidade aparecer e, ainda assim, eles entregariam você para mim. Você e a criaturinha agora pertencem a Triló. Meu nome é Kantor Witt, e sou um sacerdote sem rosto da sétima ordem. Tem um lugar no templo que é perfeito para o que eu tenho em mente pra você...

– Eu te avisei.

Elver ergueu a mão livre e pressionou a palma contra o rosto do sacerdote. Houve um segundo de confusão, e então ele gritou, jogando a cabeça para trás, mas Elver se agarrou a ele, sentindo uma satisfação feroz quando a pele sob sua mão ficou morna, depois quente demais. Ele a segurou pelo braço e a afastou, revelando a marca vermelha viva da mão dela em sua bochecha esquerda. As bolhas começavam a se formar diante dos olhos dela.

– *O que foi que você fez?*

Elver se abaixou, pegou o filhote e o saco de pano e disparou em direção à outra ponta do beco. Kantor Witt, o sacerdote de Triló, berrava atrás dela, praguejando e prometendo vingança, mas tudo em que ela conseguia pensar era a marca impossível de ignorar que agora desfigurava o belo rosto dele. Seus superiores veriam de imediato que ele havia sido tocado – que havia quebrado seus votos sagrados. Ela sorriu.

Ao chegar à rua, avistou Artair franzindo a testa para a vitrine de uma padaria. Ele se endireitou quando a viu se aproximar.

– Acha que devíamos comprar um pouco de pão para a viagem? Um daqueles deve durar pelo menos uns...

– Corre – gritou ela ao passar por ele. – Precisamos cair fora da cidade *agora*.

## CAPÍTULO 11

Tinham perdido o sacerdote, mas estavam rapidamente perdendo o dia também.

Artair se pegava olhando para o céu repetidas vezes enquanto eles serpenteavam pelas ruas estreitas. Estavam nos arredores de Porto das Víboras, e as sombras estavam se aprofundando. Escuridão não significava, necessariamente, sono, mas ele sabia que, depois de uma noite correndo pela Floresta dos Jih e outra dormindo no chão desconfortável de um porão, estava perigosamente cansado. Passara a vida inteira treinando para aguentar longas horas sem dormir, mas não havia como negar o fato de que estava exausto; a luz escapava do céu, e uma parte enorme dele ansiava por se deitar e fechar os olhos.

– Não podemos encontrar outra taverna? Eu tenho moedas.

– É, eu vi a quantidade de prata que você empilhou naquele balcão. De onde tirou tudo aquilo, afinal? – E então, antes que ele pudesse responder: – E não, não podemos encontrar outra taverna. Aquele sacerdote de Triló ainda vai estar atrás da gente...

– Atrás de *você*.

– ... e estamos perto da fronteira da cidade. Vamos poder acampar esta noite sob as estrelas. – Era óbvio que Elver mal podia esperar para sair de Porto das Víboras.

– Peguei a prata no quarto do abade. E um pouco de ouro também – comentou Artair. – Fiz o que precisava fazer. Eu não tenho nada que seja meu.

– Bom, pelo que você me contou, não vai fazer falta pra ele.

Os prédios iam rareando ao redor deles, e os canais tornavam-se mais frequentes. O sol poente tingia a água de um laranja intenso, transformando os canais em padrões de fogo, e ao longe já era possível ver a estrada que levava ao leste.

– Ali, olha. – Elver apontou para um grupo de barcos estreitos e compridos, rentes à superfície da água. Pessoas subiam e desciam deles, os braços carregados de mercadorias. Um homem alto, com um bigode farto, acendia lamparinas em cada barco à medida que a luz do dia desaparecia. – Olha, um mercado. Podemos comprar comida com a sua prata de origens ilícitas e depois sumir na floresta, longe da estrada, para passar a noite.

Um barco verde, com luas douradas pintadas nas laterais, parecia vender todo tipo de comida, então eles subiram a bordo com todo o cuidado. No mesmo instante, foram abordados por uma mulher mais velha com um chapéu de aba larga. O olhar que ela lançou para eles foi distraído, meio impaciente, mas não hostil.

– Então, o que posso fazer por vocês? Tenho que seguir as marés, meus amores, ou não chego ao mercado da manhã em Sarancastra.

Artair ficou na proa, observando enquanto Elver disparava um pedido à vendedora do mercado, com o saco que carregava o filhote bem firme nos braços dele. Os barcos vendiam sobretudo comida, mas ele viu espadas à venda também, e, em um dos barcos, um homem rechonchudo que lembrava o Irmão Benzin vendia amuletos que, supostamente, mantinham você nas graças dos Doze. Muitos deles eram feitos de vidro e cristal, cintilando à luz avermelhada do pôr do sol.

Mas eram as pessoas que mais chamavam sua atenção: conversavam entre si, riam de piadas, pegavam os filhos no colo quando chegavam muito perto da beira da água. Ele viu homens e mulheres de mãos dadas; viu um homem dar um beijo carinhoso no rosto de outro antes de passar o braço ao redor da cintura do parceiro, e viu uma mulher mais velha beijar com ternura o topo da cabeça brilhante do marido baixo e calvo. No mosteiro, nunca se comentava sobre afeições desse tipo. Não porque fossem proibidas, exatamente, mas porque todos haviam concordado em não falar a respeito disso, sem que tenha sido de fato discutido. A ideia de querer passar tempo a sós com outra pessoa quando sua vida deveria sempre ser separada... era dolorosa demais.

– Está pronto?

Elver havia voltado. Também tinha conseguido barganhar um segundo saco com a mulher e o levava jogado sobre um ombro. O capuz estava puxado para baixo, cobrindo o rosto, e ele percebeu que ela se mantinha de costas para os humanos, como se olhar para eles também a machucasse.

– Estou – disse ele.

Quando chegaram à floresta, já havia escurecido, e Artair sentia que estava prestes a desabar. Seguiu os passos de Elver – ela dissera que conseguia enxergar mesmo nas sombras mais escuras –, e o filhote ficava cada vez mais pesado de se carregar. Chegava a ser engraçado, pensou ele. Todos aqueles anos de treinamento para controlar as fraquezas do corpo, e um único dia no mundo real quase o arruinara. Elver havia mergulhado no silêncio ao qual, aparentemente, estava acostumada, e de repente Artair percebeu que precisava ouvir a voz dela. Isso o ajudaria a se manter acordado.

– Me fale de Triló – pediu ele. – Me conte mais sobre aquele sacerdote.

– Vocês não aprendem sobre os Doze no seu mosteiro?

– Aprendemos, mas só o básico. Imagino que você saiba mais.

– Humm. – Na segurança da floresta, Elver havia baixado o capuz, e seu cabelo branco brilhava sob o luar como as lamparinas dos barcos.

Ela tinha um rosto em forma de coração, ele notou, contrastando com a proeminência dos ossos do rosto, e os olhos amarelos, contornados por uma linha mais escura, lembravam-lhe as moedas de ouro em sua mochila.

– Triló, o Sem Rosto, é o deus da justiça, da verdade, da pureza e das viagens. É um grupo poderoso, que costuma ser a mão oculta por trás de coisas como a Guarda da Cidade, os magistrados, as escolas. Em Porto das Víboras, costumavam meter alguns gatunos nos portos, disfarçados de sacerdotes viajantes, e os portos da cidade são ricos. Triló lida com segredos: magas devotas de Triló precisam oferecer segredos a ele para poderem fazer magia. E... – Ela franziu a testa. – Há boatos sobre outras coisas que o deus aceita, mas não sei o quanto disso é verdade.

– Que tipo de coisas?

Elver inclinou a cabeça para o lado, depois deu de ombros.

– Não importa. Os sacerdotes de Triló fazem voto de pureza quando entram no templo, o que significa que é proibido ter contato físico com outros humanos, nem encostar nem receber o toque. A cada ano de serviço, ganham uma nova peça das vestes sacerdotais para cobrir a pele: um capuz, um par de luvas e, por fim, uma máscara, até que estejam completamente cobertos. Tocar outro ser humano, pele com pele, é a pior coisa que podem fazer. Isso os faz perder a conexão com o deus.

– Então o fato de você ter tocado no rosto daquele sacerdote...  
– Deve ter causado um belo problema para ele – respondeu ela, com um sorriso.

– Ele não vai parar de nos perseguir, então.

– Não – disse ela, embora não soasse totalmente convencida. – Sacerdotes gostam demais de seus templos aconchegantes para ficarem longe por muito tempo. E ele é só um sacerdote, não um magácio. Não pode usar magia, só pode, sei lá, fazer o que os sacerdotes fazem. Miir aos pés dos deuses como gatinhos, eu acho. O que ele pode fazer contra nós?

– Na taverna, você disse que eu precisaria da ajuda de outro deus para salvar meus amigos do Garra Sangrenta. Imagino que Triló não sirva.

Elver deu uma risadinha curta.

– Triló preferiria ver tanto a gente quanto seus noviços Insones queimados até virar cinza. Não, o que você precisa é de uma mentira. Uma mentira poderosa. Uma ilusão capaz de enganar... de enganar a maga.

Havia um brilho nos olhos da garota que não estava ali na noite anterior. Artair se perguntou o que havia mudado.

– Você está sugerindo que eu dê a ela uma ilusão do filhote em vez do filhote de verdade?

Elver assentiu.

– E pra conseguir uma ilusão, você precisa lidar com o deus Tisk. Por acaso, eu sei que tem uma maga dedicada a Tisk perto de uma vila a leste de Porto das Víboras. Você pode ir até lá, comprar um feitiço de ilusão e depois entregar à magácia ladra uma versão tão convincente do filhote a ponto de tirar os noviços de lá antes que ela perceba.

– O deus da trapaça e das mentiras. – Artair franziu a testa. Parecia arriscado. – Como posso ter certeza de que a Mãe Maura não vai sacar tudo de primeira?

A garota pareceu se encolher, mas virou o rosto antes que ele pudesse entender o motivo.

– Acho que não tem como. Mas ainda assim, parece o único plano possível.

Ele limpou a garganta.

– E você vai comigo? Vai me ajudar, Elver?

O olhar dela era cortante e penetrante; era, ele pensou, como ser observado por uma ave de rapina.

– Pra que você precisa da minha ajuda?

– Eu não sei quase nada sobre magas ou deuses. Nunca tinha nem pisado em uma cidade antes. Você tem razão, talvez eu consiga fazer isso sozinho, mas acho que minhas chances são maiores se eu estiver acompanhado. E preciso de alguém que me vigie enquanto durmo para o Outro não escapar. – Ele respirou fundo bem devagar. – Eu não posso fracassar. Há pessoas contando comigo.

Elver olhou em volta para as árvores escuras, como se buscasse um conselho.

– Irei pelo menos até a maga – declarou ela, por fim. – Eu sei onde fica o templo, e ela vai precisar do filhote para criar a ilusão. Depois disso, vou levá-lo de volta para a Floresta dos Jih. Onde é o nosso lugar.

Eles acabaram escolhendo uma clareira na beira de um riacho para montar acampamento. Elver acendeu uma fogueira com a facilidade de quem faz isso todos os dias, e então tiraram o filhote do saco. Elver falou com a criatura em voz baixa – Artair entendeu partes soltas da conversa, frases como “se comporte” e “logo estaremos em casa” –, e depois os dois desembrulharam parte da comida comprada no mercado fluvial.

– Ele está dizendo que quer um pouco do que você está comendo – disse Elver.

Artair olhou para a torta nas mãos, recheada com pedaços de carne bovina, molho e cenoura. Devia ser uma das coisas mais gostosas que ele já tinha comido na vida.

– Ah. – Ele arrancou um pedaço e atirou ao filhote, que o pegou com um único estalo das mandíbulas. – Ele tem um nome?

– Ele disse que está pensando em escolher um. Algo como Mais-forte-de-toda-a-floresta ou Triturador-de-ossos-humanos.

O filhote empurrava com o focinho o tornozelo de Artair, que percebeu que não precisava de Elver para traduzir o que ele queria. Partiu outro pedaço da torta, esse ainda maior, e estendeu ao filhote, que dessa vez o abocanhou direto da palma de sua mão.

Artair terminou a torta – com uma generosa ajuda do Triturador-de-ossos-humanos – e depois comeu outra, seguida de três maçãs e uma grossa fatia de queijo curado. Estava bebendo um copo de água do riacho quando se deu conta de que suas pálpebras começaram a fechar, e embora Elver estivesse

falando, ele não ouvira uma única palavra. Endireitou o corpo em um pulo, o coração disparado.

Elver piscou para ele.

– Que bicho te mordeu?

– Eu quase dormi!

Ele se levantou de repente, assustando o filhote, que pegara no sono sobre seu pé. *Neste lugar, neste momento, estou seguro. O Outro está contido.* Olhou ao redor em busca das cordas, apanhou-as e as estendeu para a menina-monstro.

– Por favor, rápido. Amarre meus pulsos e tornozelos que nem da outra vez e depois prenda uma das cordas naquela árvore ali.

*O Outro está contido, e eu estou seguro.*

Elver suspirou, mas fez o que ele pediu, passando a corda em volta dos pulsos dele, que estavam cruzados atrás das costas, depois amarrando também os tornozelos. Artair testou as amarras, e, quando se deu por satisfeito, ela atou outra corda ao pinheiro robusto mais próximo da fogueira discreta. Quando tudo estava pronto, Artair permitiu-se relaxar um pouco. Deitou-se no chão e, por mais irregular e duro que fosse, sentiu o sono chegar quase de imediato. Elver tinha voltado para o outro lado da fogueira, o filhote agora em seu colo, e falava com a criatura em voz baixa. Sem o capuz e sem o risco de humanos por perto, ela parecia tranquila, a ruga de raiva habitual na testa suavizada. Porto das Víboras a deixava irritada, ele percebeu, enquanto a floresta – qualquer floresta, talvez – era seu verdadeiro lar.

Ele adormeceu pensando nisso, com o murmúrio da voz dela se misturando aos sons suaves da mata.

★

Lucian acordou sobressaltado, completamente desorientado. Levou alguns segundos para perceber o que havia de tão estranho, e então se levantou de repente e tentou correr. *Ele estava do lado de fora, a sensação era a do ar fresco em sua pele, e tudo o que tinha que fazer era correr...*

A corda repuxou de uma vez, e ele caiu de costas na terra.

– Boa noite – disse a menina-monstro. – Deixe-me te reapresentar ao conceito de estar amarrado.

Lucian rosnou para ela, o cheiro da terra preenchendo toda a sua cabeça. Sentou-se com esforço. Sentia uma folha grudada na bochecha, então balançou a cabeça até ela cair. Tudo doía.

– Me solte – ordenou ele.

Engoliu em seco, tentando organizar os pensamentos. Estavam ao ar livre, em uma floresta, e era noite. Uma fogueira singela queimava entre eles. A menina-monstro – Elver, ele se lembrou – estava sentada do outro lado, observando-o atentamente. Além do cheiro de terra, sentia o aroma forte do outono, folhas apodrecendo e frutas amadurecendo, um cheiro que ele quase havia esquecido. Um nó grosso de alguma emoção que ele não queria nomear ameaçou fechar sua garganta. Ele o engoliu depressa.

– Se não se importar, eu agradeceria muito se você pudesse desamarrar estas cordas e me deixar ir, Elver.

– Eu não vou fazer isso.

Ele suspirou. Apesar das amarras nos tornozelos e pulsos, estar ao ar livre era extraordinário. Só o movimento do ar contra a pele já parecia uma dádiva. Como sempre acontecia, a raiva dentro dele começou a crescer. De que adiantava a brisa se ainda estava preso?

– Eu não me lembro da última vez que estive ao ar livre – lamentou. – O idiota com quem divido este corpo nunca dorme ao ar livre, então eu nunca vivi nada do tipo. E ainda assim, sei que isso não é verdade. Sei que tive uma vida antes desse *cativeiro*. Também não me lembro de comida alguma, mas sei que já comi. Você consegue imaginar como é viver assim?

– Estou morrendo de pena, espírito maligno.

Ele riu, a falsidade soando na imensidão da noite.

– Um espírito jih me chamando de maligno. Uma filha da serpente, ainda por cima. Por que estamos aqui, e por que o monge está andando com uma menina-monstro?

Ela pareceu considerar a pergunta.

– Vamos visitar uma maga. Ela pegou algo, e ele está tentando recuperar.

– Pegou algo dele? Ele não tem nada.

– Ele tinha amigos.

– E quem é essa maga? De que deus ela é devota?

Elver balançou a cabeça, indicando que não diria mais nada. No chão, perto da fogueira, havia um saco aberto com comida, e Lucian viu uma maçã verde e brilhante. Era raro ver comida; afinal, o monge idiota nunca comia

nada em sua cela. E mesmo assim, ele sabia o que era e até fazia certa ideia de como poderia ser o gosto: um fantasma de sua vida esquecida.

– Me dá uma mordida daquela maçã. Por favor, Elver. É um pedido de uma criatura jih para outra. Se eu preciso ficar preso, ao menos me deixe viver alguns prazeres simples. Estou amarrado. Não tenho como te machucar.

Ela o observou por um longo momento e então puxou a faca do cinto. Era uma lâmina de aparência cruel, com a luz da fogueira dançando sobre ela em um brilho líquido. Lucian sorriu com amargura. Era assim que seria, então. Ela preferia cortar a garganta dele a lidar com ele. Pelo menos estaria livre daquela tortura sem fim – morrer devia ser melhor do que continuar preso.

Mas, para sua surpresa, ela pegou a maçã e a cortou em fatias, colocando uma na própria boca antes de levar outra até ele. Agachou-se a certa distância e estendeu uma única fatia. Lucian se inclinou o máximo que pôde e a pegou com todo o cuidado entre os lábios antes de esmagá-la com os dentes.

Era incrível... doce, ácida e levemente amarga, o suco enchendo sua boca com sabor e sensação.

– Obrigado – disse ele, e percebeu que estava falando sério. – Obrigado. Você não faz ideia... – Ele balançou a cabeça. Sentia-se estranhamente envergonhado. – Tanta coisa me foi tirada.

Ela se inclinou com outra fatia, e ele se aproximou para alcançá-la. Algo suave roçou sua mandíbula – a mão dela, ele se deu conta –, e naquele instante...

*Um clarão de cor impossível. Ele era jovem, sua cabeça mal alcançava o altar, e o espaço ao redor era silencioso e sagrado. Velas vermelhas queimavam, derramando cera como sangue nas paredes e colunas de pedra, e de algum modo aquilo era apropriado, de algum modo o empolgava. Havia um cheiro, um odor selvagem e indomado suavizado com incenso de especiarias. Alguém começou a falar em voz baixa. Havia vitrais vermelhos acima, deixando passar uma luz profana...*

E então acabou. Elver se afastara dele em um salto, os olhos arregalados, a fatia de maçã esquecida na terra. Por instinto, Lucian se lançou na direção dela, desesperado.

– O que foi isso? – exigiu. – O que fez comigo, menina-monstro?

– Nada! Eu... – Ela já tinha voltado a empunhar a faca. – Meu toque é venenoso para humanos. Não deveria afetar espíritos jih. Não afeta Artair. Mas você simplesmente... apagou por alguns segundos. Talvez você seja diferente?

Lucian soltou o ar entre os dentes, a mente tomada pelas imagens que acabara de visualizar. Ele *conhecia* aquele lugar. Já estivera lá. O que significava que acabara de recuperar uma lembrança.

– Faça de novo – ordenou. – Acho que seu veneno revelou algo. Despertou uma lembrança ou, sei lá, queimou o que quer que a estivesse escondendo.

– Não.

A menina-monstro recuou para o outro lado da fogueira.

– Você *precisa* – cuspiu ele. – Faça agora, sua criatura horrível, senão eu...

– Senão você o quê? – A expressão da garota ficou séria, e quando ele sustentou o olhar dela, Elver não estremeceu nem desviou os olhos. – Vai cair aí no chão de novo? Acho que esqueceu quem é que está preso e quem está com a faca.

Ele ficou quieto, a mente acelerada. Então ela não o tocara de novo agora, mas não conseguiria ficar de guarda para sempre. O importante era que ele tinha visto sua vida passada. Um único instante, um vislumbre luminoso de algo que achava ter perdido para sempre. Talvez tudo pudesse ser recuperado. Talvez nem tudo estivesse perdido, afinal.

Lucian sorriu com ferocidade na escuridão que se adensava.

## CAPÍTULO 12

– Se você vive na floresta desde os doze anos, como sabe para onde estamos indo?

Elver franziu a testa.

– Sabendo, tá bom?

Era a manhã do dia seguinte, e eles estavam caminhando pela floresta, seguindo uma trilha de cervo que Elver havia identificado, rumo ao leste. Não era uma floresta jih, isso estava óbvio – os sinais e marcas por ali eram todos de animais comuns: raposas, coelhos, texugos, esquilos, a cacofonia habitual de pássaros. O único monstro ali, além dela e de Artair, era o filhote, que trotava atrás deles. Ela enfim se deixara convencer pelos protestos dele sobre o saco em que estava e, depois que a criatura prometeu solenemente que não se afastaria deles, o soltou. Estavam na floresta, e as chances de toparem com humanos eram poucas. O que poderia dar errado?

– Esta é uma tarefa importante, e não quero seguir na direção errada. Tenho um mapa do santuário da Mãe Maura – disse Artair, batendo no bolso –, mas, até onde sei, o Templo de Tisk pode estar em qualquer lugar.

– Pois *eu* sei onde está. Aposto que tem muita coisa da qual você não faz ideia, preso lá naquela Torre Dourada do Tédio Perpétuo, ou seja lá como se chama, mas eu sei das coisas.

– Só não entendo como...

Por alguns instantes, Elver cogitou tentar envenená-lo de novo, com a vaga esperança de que seu poder enfim funcionasse nele, mas descartou a ideia. Pensou em Lucian, cuja experiência ao tocá-la havia sido bem diferente e totalmente inesperada. O que aquilo significava, que ele recuperava lembranças perdidas quando suas peles se encostavam? Era mais uma complicação em uma situação já bastante complicada.

– Eu coleciono livros. Tá? Pego de gente que passa pela Floresta dos Jih. Ou na estrada que passa perto. Às vezes, a Rainha das Serpentes me traz uns que ela acredita que vou achar interessantes. Um dos livros que encontrei na estrada era um livro enorme de mapas, com todas as estradas, cidades e rios desenhados.

– Quando você diz que pegou, quer dizer o quê? – Artair a olhava com atenção.

– Viajantes bondosos os doaram para mim. – Ela devolveu o olhar, desafiadora.

– Você quer dizer que *roubou*.

– Não esquenta a cabeça com isso. A maioria das pessoas saiu ilesa. – O filhote correu à frente, gritando algo para ela sobre esquilos. – Juntei uma boa coleção. E quando as coisas estão mais tranquilas, sem nenhum humano idiota pisando na minha floresta para que eu tenha que espantar, ou sem nenhum monstro preso em uma armadilha ou perdido, eu leio meus livros. Já os li muitas vezes ao longo dos anos. Sei quase todos de cor.

Ela sentiu uma pontada de orgulho. Sabia que os humanos que a viam achavam que era um fantasma, ou uma criatura selvagem, mas a verdade é que talvez ela fosse mais culta do que qualquer um deles.

– Hum – respondeu Artair –, me parece um tanto solitário.

– O quê?

– Ler livros em vez de conversar com pessoas. Deve ser deprimente viver assim, sozinha. Pelo menos eu tenho meus colegas noviços pra conversar.

– Isso só mostra que você não sabe de nada – retrucou Elver, ríspida. – A maioria dos monstros é mil vezes mais interessante para se conversar do que qualquer humano aleatório que você quiser nomear.

– O Irmão Benzin sabia o nome de todas as plantas do jardim, e sabia pra quê cada uma servia também.

– Acho que você acabou de provar meu ponto.

Artair olhou para os próprios pés e não respondeu, e Elver se lembrou do que havia acontecido com o Irmão Benzin.

– Olha – disse ela, por fim. – Se não acredita em mim, vou te mostrar.

Ela quebrou um galho de um jovem olmo e se ajoelhou junto a um trecho de terra exposta. O filhote estava gritando outra vez sobre algo que tinha visto nas árvores, mas ela o ignorou.

– Aqui – disse ela, desenhando um pequeno círculo na terra. – Este é o seu mosteiro. – Ela desenhou uma área bem maior perto dele. – Esta é a minha floresta. Este cocozinho aqui é Porto das Víboras, e a linha da costa vai assim. Agora, mais para o leste, tem várias estradas... – Ela parou por um momento para esboçá-las enquanto Artair observava com atenção. – Há outra cidade no interior, menor que Porto das Víboras, e logo depois dela fica o Templo de Tisk. Viu? Eu não estou inventando. – Ela se endireitou, satisfeita com a clareza com que se lembrava do mapa. – Não ensinaram geografia para vocês no mosteiro?

– Ensinaram – admitiu Artair. – Mas acho que não parecia muito importante. Eu nunca ia ver nada daquilo mesmo.

– Isso, sim, soa deprimente.

Parte de Elver esperava que ele discutisse com ela, mas ele só assentiu.

– Acabei perdendo muitas coisas.

Eles voltaram a caminhar, deixando o mapa de terra para trás. Elver pensou no espírito que habitava Artair quando ele dormia. Lucian dissera que nunca comia ou bebia, porque Artair nunca deixava comida na cela; ela supunha que, se ele não tinha permissão para sair nunca, mal deveria saber qual era a sensação da brisa no rosto, ou de mergulhar os pés em um riacho gelado. Parecia que os dois eram apenas metades de uma pessoa, privados de tanto.

– Já ouvi falar de carruagens, mas não tinha nenhuma onde cresci – comentou Artair depois de caminharem algum tempo em silêncio. – Alguns noviços têm familiares que vão ao mosteiro visitá-los, e falam sobre pegar a carruagem por estradas esburacadas. Não parece confortável, mas parece rápido. Mais rápido do que isso, pelo menos.

– Já vi algumas na estrada da Floresta dos Jih – respondeu Elver. – Coisas apertadas e idiotas, puxadas por cavalos. – Ao redor deles, o dia ia ficando mais quente, aquele tipo de calor abafado que o outono às vezes gostava de tirar da cartola. – Imagino que você tenha uma família, não? Alguém que fosse te visitar na Torre do Tédio Perpétuo.

– Eu... Não. Não tenho família.

Ela o olhou de lado, notando a mudança de tom na voz dele. Artair era uma figura marcante ao seu lado; ombros largos, cintura estreita, com o arco e as cordas pendurados nas costas. O cabelo estava ficando cada vez mais bagunçado, embora ela achasse que não estava em posição de julgar. E havia

uma sombra no maxilar, uma mancha mais escura na pele. Ela achou que havia mais para saber sobre essa família que Artair dizia não ter, mas quando abriu a boca para perguntar, sentiu uma onda repentina de irritação consigo mesma. *Ele é mais humano do que monstro. Por que eu deveria me importar com o que ele quer esconder?*

– Enfim – disse ela em vez disso –, uma carruagem é uma ideia idiota. Consegue imaginar esse pentelhinho dentro de uma carruagem? Não duraríamos nem uma manhã antes que ele mordesse ou fizesse xixi em alguém... – Ela parou e olhou ao redor. O filhote não estava com eles.

– Cadê o filhote? – perguntou Artair.

– Achei que você estivesse de olho nele! – Ela girou sobre os calcanhares e gritou: – Cadê você? Eu disse para não se afastar! – Nenhuma resposta. – Se não voltar agora, vai ficar sem almoço!

Nada.

– Se a gente perdeu ele... – Artair pareceu alarmado, o que só serviu para deixá-la mais irritada.

– Maldito seja você e malditos sejam os Doze. Vamos ter que refazer nossos passos – declarou Elver, voltando pela trilha. – A última vez que o vi, eu... Não, espera, eu não vi, eu ouvi, e ele estava falando de alguma coisa nas árvores, mas eu estava desenhando aquele mapa pra você.

*Idiota, ela se xingou. O filhote é sua prioridade, não esse garoto meio humano.*

Quando chegaram ao trecho de terra ainda rabiscado com as imagens da região, ela olhou ao redor e logo encontrou as pegadas dele, afundadas na lama sob um modesto arranjo de espinheiros. Na casca retorcida de uma dessas árvores, achou uma única pena carmesim – o filhote havia encostado ali no caminho para algum lugar.

Artair tirou a pena da árvore e passou o polegar por cima dela.

– Ele não pode ter ido longe.

– Preocupado com seus preciosos noviços? – disparou Elver. – Relaxa, vamos encontrar sua moeda de troca.

– Não é isso que...

Mas ela não estava ouvindo. Agora que tinha achado o rastro, era fácil segui-lo – ela passava a maior parte do tempo na Floresta dos Jih rastreando criaturas, e o filhote definitivamente não era mestre em se esconder. Depois do bosque de espinheiros, a floresta começou a escassear, e logo estavam atravessando uma área mais aberta, com campos verdes, tojos amarelos e

cercas de pedra cinza que cortavam a paisagem como um cobertor velho e amarrotado. Aquilo não era bom sinal. Pequenas estradas serpenteavam por ali, trazendo viajantes – trazendo *humanos* –, qualquer um dos quais poderia avistar o filhote e contar para os outros. Iriam capturá-lo? Enxotá-lo? Talvez algo pior. A Floresta dos Jih era um refúgio por um motivo. Elver apressou o passo, o coração na garganta.

– Eu não posso voltar para a Rainha das Serpentes e dizer que perdi o filhote – murmurou, mais para si mesma do que para Artair.

– O que é aquilo? – Artair havia parado, com uma mão sobre os olhos para se proteger do sol. – Uma tenda?

Elver ergueu o olhar para as colinas à frente e avistou o que ele observava: não apenas uma tenda, mas uma grande cercada por versões menores de si mesma. Eram listradas de roxo e amarelo, como doces berrantes jogados na grama, e um enxame de humanos com roupas chamativas entrava e saía delas. Elver se perguntou se era aquilo que o filhote tinha enxergado entre as árvores. E, pior ainda, bem à frente, ela viu novas pegadas na grama e na terra. Pegadas humanas. E era ali que o rastro do filhote terminava.

– Alguém o capturou – disse Elver, se endireitando. – Alguém dessa feira, aposto.

– Uma feira?

Eles começaram a andar mais rápido.

– São coisas que os humanos fazem pra se divertir. Vai ter música alta e homens e mulheres fazendo truques esquisitos, tipo... jogar bolas uns nos outros.

Elver tentou se lembrar do que lera a respeito desses eventos. Às vezes, feiras menores passavam por Porto das Víboras, mas, como órfã, ela raramente tinha moedas para visitar esses lugares.

– Jogar bolas uns nos outros? – Artair pareceu intrigado.

– E pegar também. Sei lá. Alguns humanos pintam o rosto de um jeito engraçado e usam calças enormes.

– De fato, o mundo é um lugar estranho.

– Olha, tem uma placa ali.

Eles estavam perto o bastante para ler a placa pendurada na tenda maior. Cada palavra fora pintada com letras elaboradas, cheias de voltas, em roxo, amarelo e verde. Artair leu em voz alta:

– Em nome de Vilon dos Muitos Membros, Booster Barnham apresenta seu Mundialmente Famoso Gabinete de Curiosidades Monstruosas, com Criaturas Jih Assustadoras e Fascinantes de Todos os Cantos do Continente, Todas Obtidas e Contidas Legalmente para Sua Segurança e Entretenimento.

– Ah – disse Elver. – Fantástico.

## CAPÍTULO 13

Dentro da tenda principal, o ar estava quente e abafado, com um forte cheiro de serragem e suor invadindo as narinas de Artair. O lugar estava lotado de pessoas falando e rindo, enquanto, no topo de três pequenos palcos, figuras vestidas com trajes elaborados gritavam para se fazer ouvir acima do burburinho da multidão. Quando se aproximaram, Artair parou para escutar um deles.

– Aproximem-se, meus bons amigos, e testemunhem a magia do meu Senhor Cevagrão nesta manhã, o deus que, sem dúvida, está mais próximo dos seus corações. – O homem no palco usava um chapéu alto de topo achatado e um longo casaco remendado, com bonequinhos feitos de espigas de milho e gravetos costurados por toda parte. – Pelas moedas em seus bolsos, eu trarei a generosidade dele, conjurada no ar bem diante dos seus olhos.

– Magácios – murmurou Elver de maneira sombria. Ela puxara o capuz sobre a cabeça e encarava a multidão com uma expressão fechada. – Que tipo de mago faz truques em uma feira?

– Eu achava que a magia fosse usada para coisas mais grandiosas.

Alguém do público estendeu um punhado de moedas para o mago, que as fechou na mão antes de beijar o próprio punho. Quando abriu a mão novamente, as moedas tinham desaparecido.

– Meu Senhor Cevagrão aceitou sua oferenda! Agora vamos ver o que ele nos dá em troca.

O mago pegou um copo vazio no palco e, assim que seus dedos tocaram o vidro, um líquido avermelhado começou a subir do fundo, enchendo-o rapidamente até a borda. Ele entregou o copo à pessoa que lhe dera as moedas, e ela tomou um gole.

– É cerveja! – exclamou, sob aplausos e gritos da plateia.

– É vergonhoso – comentou Elver – eles se deixarem impressionar por essa bobajada. Quem garante que isso é mesmo magia? Ele pode ter escondido as moedas. Talvez seja um copo de truques. É capaz que ele nem seja um magácio de verdade.

– Pareceu bem real pra mim – respondeu Artair.

Era estranho pensar que, poucos dias atrás, tudo o que ele tinha pela frente eram as quatro paredes e os jardins do mosteiro, e agora estava vendo magia acontecer diante de seus olhos. A mulher da plateia estava passando a cerveja para outras pessoas experimentarem, mas Elver os puxou dali.

– Vamos, isso é só a abertura. A exibição dos monstros fica do outro lado da tenda.

Eles passaram pelos outros dois palcos de longe. Em um deles, um mago alto, vestido com uma túnica preta, um chapéu de abas largas e uma máscara de corvo esquelético, estava com a cabeça curvada e uma mão pálida estendida em um gesto teatral. Ao lado dele, havia uma forma oscilante de luz incerta. Artair conseguia distinguir um rosto, os olhos fundos demais, os lábios se movendo sem emitir som. A plateia estava em silêncio, os rostos tomados por uma luz fantasmagórica.

– Patético – murmurou Elver.

No terceiro palco, havia uma mulher mais velha e corpulenta, o cabelo grisalho solto sobre os ombros. Ela estava sentada no chão de madeira, e de suas mãos em concha escorria um fluxo constante de ratinhos brancos. Eles desciam pelas pernas da mulher até o palco, onde se juntavam em um padrão crescente de círculos de ratos, para o encanto de várias crianças na plateia.

– Uma maga de Milique, o Pequeno – comentou Elver. – Não se vê muitas por aí. Olha ali. Estou vendo as jaulas.

Aquela parte da tenda era mais escura. Uma mulher atraente, usando um casaco curto de couro vermelho, falava em um tom baixo, mas perfeitamente audível. Seu rosto era largo e expressivo, com uma boca grande marcada por um batom da mesma cor que o casaco. Ao seu lado, havia um bastão de madeira com um gancho de prata na ponta. Artair supôs que aquela só podia ser a própria Booster Barnham. Ele e Elver se aproximaram, ficando um pouco afastados do público humano.

– O que estão prestes a ver, meus bons amigos, não é para os covardes – dizia a mulher do bastão. – Cada uma dessas jaulas contém uma criação da mais temida e odiada entre os Doze, a Rainha das Serpentes. – Artair olhou

para Elver, querendo ver se isso a havia irritado, mas sua expressão continuava a mesma. *Eu também sou jih*, pensou ele. *Ou a coisa dentro de mim é.* – Capturados por todo o território de Tlevrae por nossos caçadores especialistas, qualquer um desses jih poderia acabar com sua vida em um piscar de olhos; *isso*, é claro, se não estivessem contidos pelas barras de aço de nossas jaulas, abençoadas e reforçadas por um mago de John Cevagrão, o deus dos ferreiros. Quem aqui se atreve a entrar na minha Toca dos Monstros?

Houve murmúrios e suspiros vindos das pessoas ao redor, e muitas recuaram, receosas de seguir adiante. Barnham bateu com o bastão em uma das jaulas, e a criatura lá dentro, uma grande aranha peluda do tamanho de um cachorro, ergueu as mandíbulas e sibilou. Uma das crianças que estava na frente da multidão se virou de repente e correu, esbarrando nas pernas de Elver. A menina-monstro deu um salto para trás, como se o menino fosse feito de brasas, mas era tarde demais. Artair viu a mãozinha gorda da criança apertar brevemente a de Elver – o gesto inconsciente de uma criança em busca de conforto –, e, em seguida, o menino começou a chorar, segurando a mão queimada contra o peito. Os pais correram até a criança com os olhos arregalados.

– O que você fez? – perguntou o pai, ríspido. – Você caiu?

Eles não pareceram ligar o ferimento a Elver, e a mãe pegou a criança chorando e a levou de volta para a entrada da tenda. Elver enfiou as mãos nos bolsos, com o rosto fechado.

– Não foi culpa sua – comentou Artair.

Elver olhou feio para ele.

– Eu sei que não – sussurrou ela. – Esse humano estúpido quase se matou sozinho. Idiotinha. Quanto antes sairmos daqui, melhor.

Booster Barnham já havia passado para a próxima jaula, explicando ao público o que era cada criatura e onde a tinham capturado.

Elver marchou em direção às jaulas, e Artair teve que apressar o passo para acompanhá-la.

– Não consigo ver o filhote – disse ela em voz baixa.

– Talvez ele esteja lá no fundo.

E se Elver estivesse enganada e o filhote tivesse ido parar em algum outro lugar completamente diferente? Talvez nunca mais o encontrassem, e Mãe Maura não hesitaria em matar os outros noviços se Artair não entregasse o que ela queria.

– Eu sei. Sinto muito.

– O quê? – Artair piscou.

Será que Elver conseguia ler pensamentos? Mas então ele percebeu que ela havia se aproximado de uma das jaulas e não estava falando com ele. A criatura atrás das grades era um monstro ágil, de aparência felina, com olhos enormes como pires e asas peludas semelhantes às de um morcego. Elver passou a mão entre as grades, e a criatura se aproximou, pressionando o focinho contra os dedos dela. Atrás deles, Artair ouviu vários murmúrios do público, que agora a observava.

– Você precisa entender – dizia Elver –, não há nada que eu possa fazer. Estou tão deslocada quanto você...

– Elver. – Artair tentou se posicionar entre ela e a multidão que começava a se formar. – As pessoas estão olhando, Elver.

Ela se levantou e, para sua surpresa, ele notou que os olhos dela brilhavam com intensidade, como se estivesse prestes a chorar.

– Consigo ouvir todos eles – comentou ela. – Alguns estão aqui há meses. Anos. Por que a Rainha das Serpentes permitiu isso?

– Vai ver ela não sabe.

Na jaula seguinte havia uma criatura viscosa, em constante transformação, com olhos demais; na outra, uma serpente enrolada em si mesma, com chifres longos e espiralados como os de um cervo. Pequenas faíscas de fogo azul tremeluziam ao redor das narinas dela. Na jaula maior, um monstro de pelos azul-escuros estava de pé sobre duas pernas, com o longo rosto lupino meio escondido nas sombras. Agora, todos os jih estavam agitados, urrando ou rosnando, andando de um lado para o outro ou até mesmo se lançando contra as grades.

– Ei – disse a mulher do casaco vermelho. – O que vocês dois estão fazendo para deixá-los tão agitados assim? – Ela se aproximou, brandindo o bastão com o gancho na ponta.

– Achei ele – anunciou Artair.

Lá no fundo, em uma jaula novinha e reluzente, o filhote de keltráxia girava em círculos, ganindo. Artair conseguia até imaginar o que ele estava tentando dizer a Elver. Ele também se deu conta de que não tinham nenhum plano para tirar o filhote da tenda, nem ao menos da jaula. Uma semente de pânico brotou em seu peito. Como é que tudo já tinha dado tão errado?

*Neste momento, estou seguro, disse a si mesmo. E Elver precisa da minha ajuda.*

– Todos esses jih, presos, mantidos em cativeiro pelos humanos, para outros humanos ficarem boquiabertos. Todas essas vozes... – Elver empurrou o cabelo para trás com as mãos, e o capuz caiu e revelou seus olhos amarelos e o rosto marcado por cicatrizes.

Artair ouviu um dos humanos ali perto dizer a outro:

– Essa garota aí também devia estar em uma jaula. – Ele cerrou os punhos.

*O Outro está contido*, lembrou a si mesmo. *Não farei nada impulsivo*.

– Precisamos libertá-los – disse Elver em um sussurro. – Todos. Agora.

– Como? – Artair inclinou a cabeça para perto da dela, para que só ela o ouvisse.

Ao lado deles, Booster Barnham cutucava a criatura peluda com o gancho do bastão, empurrando-a para longe das grades.

– Eu não sei, só... Sei lá.

Pela primeira vez desde que se conheceram, ela parecia completamente perdida. Artair considerou por um instante colocar a mão em seu ombro, mas sabia que não seria bem recebido.

– Talvez seja possível negociar com esses humanos.

Elver emitiu um som abafado de desgosto.

– Então você não conhece os humanos. Eles só se importam com eles mesmos, com o próprio dinheiro e o próprio conforto. Espíritos jih? Não somos nada para eles, a não ser quando podem nos explorar por dinheiro.

– Nem todos devem ser assim, tenho certeza.

Mas, ao olhar para as jaulas, ele se pegou pensando no mosteiro. Ele também era jih. E, no fim das contas, não era para ele estar em uma jaula também?

Elver começou a flexionar a mão, com intenção.

– Eu poderia agarrar a mulher que comanda tudo. Envenená-la.

– E depois? Vai envenenar o resto também?

– Por que não? São todos tão podres quanto a mulher do bastão.

Artair franziu a testa.

– Tem que haver um jeito melhor. Acho que tenho uma ideia.

Ele se virou para Booster Barnham.

– Minha boa senhora! Eu gostaria de comprar todos os seus monstros.

O silêncio que se seguiu foi retumbante. Ao fundo da multidão, alguém riu.

– Claro que gostaria – disse a tratadora de monstros. – Está com vontade de morrer? Olha, por que não compra meus magos domesticados, então? Bem mais seguro, e a gente ainda se diverte.

A plateia riu obedientemente.

– Estou falando sério. – Artair enfiou a mão na mochila e tirou o saco de moedas que havia pegado no quarto do abade. Não fazia ideia de quanto havia ali, nem do valor exato, mas era bem pesado. Abaixou-se, abriu o saco e começou a despejar seu conteúdo no chão coberto de serragem. Moedas de ouro e prata caíram em profusão, grossas e reluzentes, e logo a risada da plateia se dissipou. A expressão de Barnham também mudou. Os olhos dela iam de Artair para Elver e de volta para ele.

– O que é isso? Vocês dois roubaram algum mercador, por acaso?

– Tudo isso, por todos os seus monstros – ofertou Artair, com imponência.

– Deve ser um preço justo, imagino.

Ele não fazia ideia de quanto era, mas a tratadora balançava a cabeça, com um sorriso tenso no rosto.

– Não sei qual é o seu jogo, rapaz, mas nem toda essa quantia substitui o lucro que eu tenho levando essas criaturas de cidade em cidade. – Ela elevou um pouco a voz, falando com o público. – O que eu faço é um serviço público! É educativo, no fim das contas.

– Então me venda só aquele. – Artair apontou para o filhote de keltráxia, que agora empurrava o focinho pelas grades, farejando com intensidade. – É só um filhote, nem cresceu ainda. Por todas essas moedas. Isso deve representar um bom lucro, não? – Artair foi tomado por uma súbita vontade de rir, que engoliu em seco. Estava tentando comprar a liberdade de um espírito jih sendo que ele mesmo carregava um monstro dentro de si. – O que me diz?

A mulher bateu o bastão no chão, confusa. Nesse momento, o filhote decidiu fazer suas necessidades de forma barulhenta e dramática bem no meio da jaula.

– Vendido – disse a tratadora de monstros. – Nem tive tempo de me apegar, mesmo. Tirem esse bicho da minha frente.

## CAPÍTULO 14

– Precisamos voltar. Libertar os outros.

– O quê? – Artair a encarou, piscando como se ela tivesse sugerido que criassem asas e voassem pelo resto do caminho.

Ao redor deles, o dia chegava ao fim, o sol se retirando antes da hora, como sempre fazia no outono.

– O resto dos meus congêneres jih. Não posso abandoná-los a esse fim. Servindo de entretenimento para humanos curiosos. Você viu como estavam sendo tratados.

– Foi horrível – concordou Artair. – Mas não tenho mais dinheiro. E acho que nem você conseguiria envenenar todas aquelas pessoas sem ser pega. Como vamos tirá-los de lá?

– Não sei. – Elver mordeu o lábio, frustrada. – Mas temos que tentar.

– É perigoso demais. E se descobrirem que nós também somos espíritos jih? Acho que aquela mulher do casaco vermelho não hesitaria muito antes de enfiar você em uma jaula. – Ele franziu a testa. – E aí a gente faria o quê?

– Eu a mataria antes que chegasse a me colocar em uma jaula – disse Elver de maneira sombria.

Ela lançou um olhar para o rosto de Artair: ele parecia inquieto, as sobrancelhas cerradas, mas ela percebeu que ele não se deixara convencer. Artair tinha seu próprio povo para salvar, afinal. Que diferença fazia se ela também tivesse congêneres que precisava resgatar, mesmo que esses congêneres tivessem pelos, penas e presas? Uma onda quente de raiva invadiu seu peito, e ela desejou mais uma vez que seu veneno funcionasse nele. *É só matá-lo, pegar o filhote, voltar para casa.* Seria a coisa mais fácil do mundo.

– Sinto muito – disse ele e, para sua surpresa, tocou brevemente o ombro dela, como quem tenta consolar um amigo. – Talvez a gente consiga algo com

a maga de Tisk que nos ajude a salvá-los. Podemos tirá-los de lá no caminho de volta.

Elver se afastou para impedir qualquer outra tentativa de toque.

– Sim – falou, seca. Tinha que haver outra solução, e talvez Artair nem precisasse saber disso. – Vamos fazer isso.

★

Naquela noite, quando Lucian abriu os olhos, descobriu que ainda estava ao ar livre, em um acampamento improvisado que parecia praticamente igual ao da noite anterior – árvores, arbustos, um riacho. Coisas básicas de estar ao ar livre. Mas quando se ergueu para se sentar, com as mãos amarradas atrás das costas, viu a menina-monstro em pé diante dele, com uma adaga na mão.

– Boa noite pra você também. – Ele suspirou. – Os monges podiam ser uns presunçosos moralistas, mas pelo menos não me cumprimentavam com facas afiadas. – Ele se remexeu na grama. – Na verdade, eles não me cumprimentavam de jeito nenhum.

– Tenho uma proposta pra você – declarou Elver. – Uma que acho que vai querer escutar.

– Ah? Mais maçãs, talvez?

– Que tal... – Ela franziu os lábios, como se dizer aquilo em voz alta fosse custoso. – Se me ajudar com uma coisa, eu ajudo você a recuperar suas lembranças.

– Vai me tocar?

Ela assentiu com um gesto breve.

– Ah, agora a coisa ficou interessante. E com o que eu teria que ajudar, menina-monstro?

– Há uma feira aqui perto, com várias criaturas jih mantidas em cativeiro. Quero tirá-las de lá.

Ele se endireitou de leve.

– O monge não quis ajudar?

Algo passou pelo rosto dela, algo que ele não soube decifrar, e então sumiu.

– Ele conseguiu tirar o filhote. Usou todas as nossas moedas pra isso. Mas não quer voltar pelos outros. Já você, acho que está desesperado o bastante

pelas suas memórias pra fazer o que eu pedir.

Lucian sorriu.

– Eu diria que você é um monstro muito observador. Mas tenho mais um pedido.

Elver fez uma carranca, mas Lucian sentia que ela precisava muito daquilo e, pela primeira vez em muito tempo, ele tinha uma leve vantagem.

– Que é...?

– Se eu ajudar, você me conta o que está acontecendo aqui e por que nosso doce mongezinho está fugindo do mosteiro.

Elver hesitou. Lucian percebia que ela ainda estava muito longe de confiar nele. Mas, no fim, deu de ombros.

– Tá bom. Não é como se isso fosse importante para mim.

– Então aceito seus termos. Vamos nessa.

– Tem mais uma coisa. – Ela ergueu a adaga na frente do rosto dele. – Se tentar me tocar sem a minha permissão, eu vou abrir buracos novos e bem criativos em você. Entendeu?

– Eu nem ousaria! Posso ser um espírito maligno, mas também sou um cavalheiro – respondeu Lucian. – Agora, vamos soltar essas cordas e causar uma bela confusão.

## CAPÍTULO 15

– Não acredito que só deixaram um guarda aqui de noite – sussurrou Elver.

Lucian se aproximou, a boca a poucos centímetros da orelha dela.

– Imagino que ele esteja aqui só para garantir que as jaulas não vão cair aos pedaços do nada. Quem seria maluco o bastante para invadir um lugar desses e roubar monstros?

– Um espírito das trevas preso no corpo de um monge, por exemplo. E se afaste de mim. Não precisa chegar tão perto, eu sei muito bem o que você está tentando fazer.

Lucian sorriu no escuro. Estava livre das amarras. Tinha caminhado sob o céu noturno, visto as estrelas, sentido o vento soprar no rosto. Agora, ele se escondia agachado atrás de caixas que exalavam um cheiro suspeito de carne podre, ao lado de uma jih que estava pronta para esfaqueá-lo ao menor roçar de sua mão na dela, e observavam um brutamontes de meia-idade provocar um monstro preso em uma jaula. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentia vivo – mesmo estando em um corpo que não era seu.

– Algum plano em mente, menina-monstro?

– O início de um. Está vendo aquela criatura no cercado, bem no final da fileira?

Lucian viu. Parecia a última coisa que alguém gostaria de encontrar em uma floresta escura. Lembrava um grande lagarto com armadura, a pele alaranjada e coriácea coberta por placas duras como espinhos gigantes. Tinha uma crista considerável ao redor da cabeça como um halo, e, mesmo na penumbra, Lucian conseguia ver os músculos no peito largo e nas pernas. Ainda assim, a criatura estava encolhida, como se esperasse não ser notada. Lá fora, o vento aumentava, e em algum lugar a lona de uma tenda havia sido mal amarrada, estalando como a vela de um barco em uma tempestade.

– Estou vendo. Um brutamontes.

– O Courarto. São muito dóceis e sociáveis; vivem em grandes grupos e, quando caçam, têm a capacidade de ficar bem maiores. Mais até do que essa jaula, com certeza.

– Ah.

– Ele não fica maior porque está sozinho, e eles sempre caçam em grupo. Talvez eu consiga convencê-lo de que não está mais sozinho.

– Então o monstro arrebenta a jaula... e depois?

O guarda segurava um bastão comprido com um gancho na ponta, que estava usando para cutucar uma criatura peluda e azul já encolhida no fundo da jaula. Lucian sentiu algo se acender dentro de si. Por outro lado, Elver deu de ombros.

– É uma distração, não é? Um monstro solto. Enquanto o guarda lida com isso, a gente acha as chaves das outras jaulas. Abre todas.

– Caótico, cheio de falhas. Como plano, eu gosto.

Ela olhou feio para ele.

– Tem alguma ideia melhor?

Lucian não tinha, o que era irritante. Ele fez um gesto de cabeça em direção à jaula em questão. Estava no canto mais escuro, longe do guarda naquele momento, mas isso poderia mudar rápido se o homem se cansasse de atormentar o monstro azul.

– É melhor ir logo. Eu fico de olho.

Elver se esgueirou por trás dos caixotes e foi até a jaula do Courarto. Movia-se em silêncio absoluto, sem o menor som das botas na serragem do chão, e com o capuz escuro puxado por cima do rosto, estava quase invisível. Só uma parte da mão pálida ou o contorno imóvel de seu rosto sério eram capazes de denunciá-la. Quando se aproximou da jaula, estendeu o braço com cuidado entre as grades, até encostar a palma da mão na pele coriácea do monstro. Lucian viu a criatura se mexer, surpresa com o toque, e levantar a cabeça com cautela. Viu os lábios de Elver se moverem conforme ela falava, mas não ouviu o que estava dizendo por causa do vento. Ele voltou a olhar para o guarda, ainda ocupado demais cutucando o monstro para notar os dois.

Não demorou para a raiva crescer dentro de Lucian, como sempre acontecia. Pensou na cela do mosteiro, tantos anos encarando as mesmas quatro paredes, vendo o rosto do monge mudar no espelho, envelhecer, o cabelo crescer, uma barba rala começar a surgir. Tudo isso enquanto não conseguia se lembrar do próprio rosto, até que *esse* rosto – essa imagem odiada

da pessoa que o mantinha prisioneiro tanto quanto os Irmãos e Irmãs – se tornasse... quem ele era. Era um tipo cruel de tormento, não tão diferente de ser cutucado com um bastão quando não se tem para onde fugir.

Elver ainda falava com o animal, sua expressão desesperada. O Courarto havia se aproximado, os grandes olhos úmidos piscando na penumbra, mas, até onde Lucian conseguia ver, ele não parecia maior. O guarda, por outro lado, tinha se endireitado e seguia para a próxima jaula, com o bastão de gancho em punho. Lucian calculou que tinham, no máximo, alguns minutos antes de serem descobertos.

*Anda logo, menina-monstro.*

Ainda assim, apesar de tudo, percebeu que queria ser descoberto. Sentia um poder dentro de si, adormecido, que precisava ser despertado. Ele sabia. E queria usá-lo naquele guarda. Queria fazê-lo pagar.

Lucian se ergueu parcialmente de onde estava agachado e viu Elver olhar para ele alarmada. Ela balançou a cabeça de leve. O Courarto *havia* de fato crescido, Lucian conseguia ver agora: sua cabeça estava mais próxima do topo da jaula, e os ombros largos pareciam ainda mais ameaçadores. *Está dando certo*, pensou ele, tomado por uma mistura confusa de alívio e frustração.

O guarda estava agora diante da próxima jaula, cutucando uma criatura parecida com um grande gato alado, o pelo coberto de manchas escuras. O jih deu uma patada no bastão, mas em retaliação o homem enfiou a ponta do gancho na parte macia da barriga da criatura, que soltou um silvo de dor. Elver levantou o olhar ao ouvir o som, e uma expressão de sofrimento percorreu seu rosto.

Aquilo foi a gota d'água. Lucian se levantou e saiu de trás dos caixotes sem fazer o esforço que Elver fizera para ser silencioso. O guarda se virou de repente, puxando o bastão da jaula. Lucian sorriu. Isso já era um começo.

– Quem é você? – exigiu saber o guarda.

– Acho que você poderia me chamar de um cidadão preocupado – disse Lucian. – O que essas criaturas fizeram pra você?

– São monstros. Jih. – O guarda riu, balançando a cabeça. – Coisas malignas, detestáveis. Perigosas.

Lucian assentiu, encantado. Sim. Era assim que os monges chamavam a ele e aos seus também.

– Eles não parecem tão perigosos assim. Trancados nessas jaulas, na verdade até parecem lamentáveis. E ainda assim, aqui está você, cutucando-os

com um bastão, atormentando-os por diversão. – Ele se aproximou do guarda, garantindo que o olhar do homem ficasse fixo nele. – Você se sente poderoso fazendo isso, homenzinho? Estou curioso, de verdade.

– Seu porquinho insolente. Você sabe que não devia estar aqui, não é? – O guarda o encarou de frente. – Pode visitar os monstros no horário do evento, como todo mundo. Pagando a entrada, como todo mundo.

Lucian riu. Sentia a presença de Elver, o olhar dela fixo nele.

– O que eu vou fazer – respondeu ele – é arrancar esse bastão de você e encontrar um lugar novo e criativo para guardá-lo. Que tal?

A reação foi tudo o que ele esperava. O guarda franziu o cenho e avançou na direção dele, e quando estava perto o suficiente, Lucian puxou o bastão de suas mãos, surpreso com a força que sentiu nos próprios braços. Ele levantou o bastão, acabou que devagar demais, e o guarda acertou-lhe um soco bem no queixo. Foi forte, mas não o bastante para derrubá-lo. Lucian cambaleou para trás, levando a mão ao rosto. Seus olhos lacrimejavam.

– Você vai se arrepender disso – disse ele ao guarda.

Neste instante, ouviu-se um estalo seco, e um segundo depois o Courarto avançou contra o homem mais velho, lançando-o longe. Um som desagradável de ossos contra as tábuas de madeira ecoou quando ele caiu no assoalho.

Elver surgiu, o capuz puxado para trás. Seus olhos amarelos brilhavam como duas luas na penumbra.

– Ele morreu? – perguntou. Não parecia particularmente preocupada.

Lucian se aproximou e ficou de pé diante do guarda, que gemia no chão. O Courarto, enquanto isso, contornava a tenda no que Lucian presumiu ser uma marcha da vitória.

– Não, uma pena. Mas quebrou o pulso e levou uma bela pancada na cabeça. Ah. – Ele se abaixou e começou a vasculhar os bolsos do homem. – Consegui as chaves das outras jaulas.

Eles foram rápidos, libertando todos os monstros e desamarrando a entrada principal para que as criaturas maiores pudessem sair. Em certo momento, o jih que se parecia com um felino malhado virou-se para Lucian, dentes à mostra, e Elver falou com ele em um tom calmo e contido – bem diferente do que usava com Lucian, ele reparou –, e a criatura se afastou, apaziguada.

– É uma habilidade e tanto que você tem, menina-monstro – comentou ele enquanto atravessavam os campos de volta ao acampamento. O vento

havia cessado, e um silêncio estranho pairava sobre o campo. – Falar com jih. E eles te escutam.

– Um presente da Rainha das Serpentes. – Ela fazia questão de manter uma boas distância entre os dois ao caminhar.

– E não é o único. – Ele estendeu a mão, a palma voltada para o céu. – Vai me deixar ver um fragmento do meu passado, Elver?

– Quando chegarmos ao acampamento. Ainda não sei como isso funciona, e não quero você desmaiando no meio da grama. Não estou a fim de te arrastar de volta até lá.

– Então me conte por que o monge está andando com uma menina-monstro em vez de ficar com aquele bando de tolos de túnica amarela.

– Não vejo por que eu deveria.

Lucian sentiu a raiva crescer de novo e a abafou com esforço.

– Eu ajudei você a libertar seus irmãos monstruosos, e em troca levei um soco no queixo. E eu podia ter fugido para as colinas a qualquer momento. Podia ter te entregado àquele carcereiro de monstros, e no dia seguinte eles teriam uma nova atração. – Ele ergueu as mãos, como se estivesse moldando um letreiro. – Menina-Monstro da Floresta dos Jih, toque nela e morra! Olhos de cobra, uma aberração...

– Estou curiosa. É assim que você consegue o que quer das pessoas? – Ela inclinou a cabeça na direção dele, como se realmente quisesse entender. – Isso costuma dar certo?

Lucian parou, cerrando os dentes. Por alguns segundos, um silêncio repleto de tensão pairou entre eles.

– Mais cedo, falei que eu era um cavalheiro – disse ele, por fim. Afinal, precisava ter cautela. A menina-monstro podia ser a chave para sua vida passada. Não podia jogar isso fora só porque ela era tão irritante assim. – Mas, pelo visto, esqueci o que isso significa.

– É, foi o que pensei. Eu pensei: esse espírito maligno é muito mal-educado.

Para sua própria surpresa, ele sorriu.

– Pois é. Elver, não espero que você seja minha amiga. Eu sei o que sou.

Ela ergueu o olhar para ele, com uma expressão diferente no rosto. Sim, ele sabia que isso funcionaria. Uma menina-monstro devia ser solitária, e era natural que sentisse empatia pelos isolados e rejeitados. Ele suspirou e assumiu uma expressão um tanto melancólica.

– Só quero entender o que está acontecendo. Passei anos trancado, Elver, e essa é minha primeira vez no mundo exterior. É claro que quero saber por que, de repente, estou aqui.

Por um longo momento, Elver não disse nada. Quando finalmente falou, não olhou para ele, como se encarar as sombras fosse uma forma de resistir.

– Olha. Tem uma maga chamada Mãe Maura. Ela quer o filhote jih como sacrifício para o Garra Sangrenta e sequestrou os outros noviços para forçar Artair a roubá-lo da floresta. Vamos conseguir um feitiço de ilusão com uma maga de Tisk, assim ele pode trazê-los de volta sem entregar o filhote.

Lucian ergueu as sobrancelhas. Tinha a estranha sensação de que aqueles nomes deviam significar algo para ele, e ainda assim a clareza lhe escapava por pouco, como se dançasse fora de alcance. Talvez as próximas memórias que recuperasse revelassem alguma coisa. Aquilo não podia ser tudo.

– Ah. Isso é... uma missão e tanto. Você veio por vontade própria, desesperada para agradar nosso jovem monge, ou foi a Rainha das Serpentes quem mandou você ir atrás do filhote de monstro?

Elver não respondeu de imediato, e, quando falou, sua voz estava mais fria do que antes.

– Chega de perguntas.

★

Mais tarde, depois que Lucian consentiu em ser amarrado de novo, virou-se de costas para encarar as estrelas e refletiu sobre o que tinha visto, com a mandíbula latejando levemente.

Um vislumbre e nada mais, mas ainda assim algo insuportavelmente tentador. Quando ela segurou a mão dele, Lucian viu uma sala cheia de livros e os rostos de outros jovens, concentrados ao extremo. Estavam estudando alguma coisa, ele sabia, a mesma coisa que ele estudava, e naquela memória sentiu as garras afiadas da própria ambição. Seria melhor do que eles. Superaria todos.

E então a imagem desapareceu, e tudo o que lhe restou foi a mão fria da menina-monstro entre as suas.

Mas era alguma coisa. Se conseguisse juntar peças suficientes de sua vida fragmentada, poderia reconstruí-las em algo que lhe trouxesse sentido,

significado e, com o tempo, um caminho. Tudo o que precisava fazer era continuar viajando com a garota até ter peças o bastante, e então poderia descartá-la.

Lucian sorriu para si mesmo no escuro e fechou os olhos.

## CAPÍTULO 16

Quando Elver desamarrou Artair na manhã seguinte, ele se sentou com certa rigidez, esfregando o maxilar. Estava sensível ao toque e um pouco inchado de um lado. Ele cerrou os dentes; teve a impressão de que haviam levado um soco e tanto. Sentiu um arrepio frio enquanto observava Elver chutar terra sobre o fogo apagado.

– O que aconteceu ontem à noite?

– Como assim?

– Ele... O Outro te deu trabalho? – Ele se levantou depressa. – Ele te machucou?

A menina-monstro o encarou inexpressiva por alguns instantes, depois pareceu notar que ele pressionava os dedos contra o maxilar.

– Ah. É. Não, ele não me machucou. Mas eu tive que... bater nele. Desculpe por isso.

Era seu pior pesadelo se tornando realidade. O mal que habitava dentro dele estava ferindo os outros. *Neste momento, estou seguro, e o mal está contido*, repetiu para si mesmo. Mas as palavras soaram vazias.

– O que ele fez? Conseguiu se soltar? Tentou fugir?

Elver franziu a testa, desviando o olhar. Estranhamente, parecia um pouco constrangida.

– Não foi nada. Ele ficou fazendo perguntas idiotas, então eu tive que bater nele para que calasse a boca. – Ela ergueu o olhar para ele, de um jeito quase desafiador.

– Sinto muito – respondeu Artair. – Sinto muito mesmo.

Seu rosto ficou quente de repente. Que tipo de perguntas o Outro estava fazendo? Quaisquer que fossem, tinham claramente deixado Elver desconfortável.

– Talvez hoje à noite você devesse me amordaçar, além de me amarrar. – Elver olhou feio para ele, que ficou com as bochechas ainda mais vermelhas. – Só pensei que...

– Talvez eu devesse te amordaçar durante o dia também. – Mas havia um leve repuxar no canto da boca dela ao dizer isso, como se estivesse tentando não sorrir, o que fez com que ele se sentisse um pouco melhor.

À luz da manhã, parecia que ela havia deixado para trás o assunto dos outros espíritos jih aprisionados, o que também causava certo alívio. Ela iria de fato ajudá-lo.

– Espere... – Ela foi até o saco de comida e o levantou por uma das pontas. O filhote rolou para fora, fungando com alegria. Uma nuvem de migalhas o seguiu. – Que os Doze nos salvem, o pestinha comeu toda a nossa comida!

– E nós gastamos todo o nosso dinheiro ontem. – Artair fez uma careta.

O filhote parecia um pouco maior do que no dia anterior, sobretudo na área da barriga, e agora tinha menos penas e mais escamas azuladas. Artair supôs que estivesse crescendo.

– Você gastou todo o nosso dinheiro – apontou Elver. Ela suspirou. – Vamos. Vamos arrumar tudo e partir. Talvez a gente consiga encontrar alguma coisa para comer pelo caminho.

Depois da tempestade da noite anterior, o céu parecia ter sido lavado, revelando um dia frio e claro, repleto do canto dos pássaros. Enquanto se preparavam para partir, Artair achou ter ouvido algo na mata, no caminho por onde tinham vindo; talvez uma tosse, um arrastar de pés. Teve a estranha sensação, parado ali olhando para as árvores, de que algo o observava – e a impressão nítida de que aquilo o odiava.

*Você está sendo ridículo, disse a si mesmo. Não há ninguém aqui. Ninguém do mundo exterior conhece você.*

A ideia deveria tranquilizá-lo, mas, em vez disso o fez lembrar-se do tempo antes da Torre Dourada da Manhã Perpétua. Houve um tempo em que pessoas o conheciam. Até se importavam com ele. E o que acontecera com elas?

Ele fechou os olhos por um breve momento, invocando as palavras de seu mantra. Havia uma tarefa a ser cumprida, e ele não podia se deixar distrair. Vasculhar antigas memórias fragmentadas não ajudaria em nada.

Quando Elver o chamou pela segunda vez, ele colocou o arco nas costas e a seguiu de volta para a trilha.

Caminharam até o meio-dia e, juntos, conseguiram encontrar algumas poucas coisas comestíveis: Elver achou uma moita de amoras quase toda devorada pelos pássaros e algumas nozes verdes em uma árvore que Artair não reconheceu, enquanto Artair colheu alguns tubérculos silvestres bons de mastigar.

– Quanto tempo até chegarmos a essa maga? – perguntou Artair, depois que seu estômago soltou um ronco particularmente alto e musical.

– Pelo menos alguns dias – respondeu Elver, desanimada. – Até lá, eu vou estar pronta para comer esta grama. Ou o filhote vai estar pronto para comer a gente.

Por fim, saíram da floresta e chegaram a outra estrada feita por humanos; esta, na opinião de Artair, bem mais bonita do que a anterior. Era pavimentada com pedras brancas e lisas, e nas bordas cresciam flores amarelas e cor-de-rosa em abundância, perfumando o ar com um aroma doce e inebriante. A estrada se perdia ao longe como uma fita delicada. Artair sorriu contra a própria vontade. Do alto dos muros do mosteiro, não se via nada assim.

– Por que você está sorrindo?

O filhote, talvez pressentindo que já estava encrencado, se deixou colocar de volta no saco, e Artair conseguia ouvi-lo roncando baixinho nos braços de Elver.

– O dia está bonito – disse, simplesmente. – E estou em uma parte de Tlevrae que nunca achei que fosse conhecer.

Altair lançou um olhar para ela. Elver havia jogado o capuz para trás, e a luz refletia em seu cabelo branco como um farol.

Ele conseguia ver a marca azul de uma das cicatrizes dela, bem nítida sobre a clavícula.

– Acho que estou vendo muitas coisas que nunca esperei ver.

– Que bom que você está se divertindo tanto – retrucou Elver. – Mas acho que não deveria precisar te lembrar de que você só está aqui porque a Mãe Maura, que o rosto dela murche e caia, sequestrou os seus amigos.

– Rá.

Altair sabia que ela odiava a maga porque Mãe Maura tinha orquestrado o roubo de um dos espíritos jih, mas a ideia de que ela estava, de alguma forma,

do seu lado o fazia se sentir melhor do que em dias. Quando deixara a Torre Dourada, tivera medo de ficar sozinho. E agora Elver estava com ele.

– Mas nós temos um plano, certo? – continuou a dizer ele. – Vamos trazê-los de volta.

Elver soltou um arzinho pelo nariz.

– Chamar de plano é um pouco demais. Mas se conseguirmos aquele feitiço de ilusão, temos uma chance.

Artair assentiu.

– Fico feliz por isso. Quer dizer, pela chance.

Os dois ficaram em silêncio por mais ou menos uma hora, até que uma forma surgiu entre as árvores à frente deles. Parecia uma carroça alta e coberta, com duas rodas enormes, puxada por uma figura de chapéu verde e largo. A carroça era pintada de verde-escuro, com padrões ondulados em branco e azul-claro. A carroça virou na estrada e começou a vir na direção deles.

– Uma loja ambulante – explicou Elver. – Pode ser a nossa chance de conseguir algumas moedas. Se você o distrair conversando, eu me esgueiro por trás e dou a ele uma pequena dose de veneno. – Ela viu a expressão que passou pelo rosto de Artair. – Só um toque! Só o bastante para apagar ele.

– Então seu primeiro instinto é roubar.

– Monge, quanto antes você entender que os humanos não ligam para nós e que, na real, eles nos odeiam, mais fácil vai ser pra você. – Ela bufou. – Eles mal gostam de si mesmos, que dirá de monstros. Não somos nada pra eles. Se fosse o contrário, esse humano não pensaria duas vezes, pode acreditar.

– Em vez disso, podemos vender alguma coisa pra ele – sugeriu Artair, apressado.

– E o que nós temos para vender?

– Meu arco – anunciou, embora tenha sentido um peso no coração ao pronunciar as palavras.

O arco pertencia ao mosteiro e era uma peça belíssima, entalhada com sigilos da sagrada ordem da Manhã Perpétua.

*E usaram um igual a este para matar Chessun*, sussurrou uma voz traiçoeira em sua mente.

– Ah, claro, vá enfrentar a Mãe Maura sem armas, parece um ótimo plano – disse Elver.

– Eu vou enganá-la, não enfrentá-la – respondeu ele. – Imagino que seja possível conseguir um bom valor pelo arco, e, na próxima cidade, podemos comprar comida. Talvez até um quarto para passar a noite. E, sendo sincero, toda vez que olho para este arco, penso na mãe do filhote. Eu ficaria feliz em me livrar dele.

Enquanto conversavam, a coisa que Elver chamara de loja ambulante se aproximou cada vez mais e, pelo que Artair podia dizer, ganhava velocidade. O homem que puxava a carroça parecia bem animado, com cabelo ruivo comprido, nariz afilado e físico esguio, sem dúvida de tanto arrastar a carroça para lá e para cá. Ele sorria com simpatia enquanto se aproximava. Artair suspeitou que, se não estivesse segurando as hastes da carroça, estaria acenando feito louco.

– Ora, ora, jovens enamorados! – gritou ele.

Elver suspirou. Quando se aproximaram da carroça, o homem baixou as hastes e deu um passo à frente para apertar as mãos deles. Artair observou, intrigado, enquanto sua mão era chacoalhada com entusiasmo, e Elver se afastou com os braços cruzados.

– Não gosta de apertar a mão? Justo. Nunca se sabe por onde eu andei, não é?

O vendedor sorriu para eles.

– Lorian Owllight é meu nome, um humilde magicar a serviço de nossa Senhora do Crepúsculo.

Fez uma reverência rápida.

– Mais um maldito magácio – comentou Elver.

– Também não é fã das artes mágicas? Criança, assim você me machuca. – Mas Lorian continuava absurdamente bem-humorado, notou Artair. – Estariam interessados em comprar ou vender algo nesta bela tarde?

– Você sabe fazer magia? – Artair lançou um olhar para Elver, que balançava a cabeça levemente. – Consegue... fazer algo parecer outra coisa? Ou esconder coisas?

– Ora, ora, esses parecem exatamente o tipo de feitiço que se conseguiria com Tisk, o Trapaceiro – disse Lorian. Usou um dedo para empurrar a aba do chapéu verde para trás e, sob a luz intensa do sol, Artair percebeu que ele era mais jovem do que parecia, pouco mais velho do que ele ou Elver. – Minha Senhora do Crepúsculo não se ocupa desse tipo de coisa, receio. Ela aceita seus poemas e suas canções e, em troca, oferece um vislumbre do seu futuro.

Uma barganha extraordinária, não acha? – Ele se inclinou na direção deles, como se estivesse compartilhando um segredo. – Mas têm de ser coisas que ela nunca ouviu antes, viu? Ela se entedia fácil, muda fácil, essa é a nossa senhora.

– Temos um arco para vender – falou Elver, seca. – Quanto vai nos dar por ele?

Lorian arqueou as sobrancelhas até que sumiram sob a aba do chapéu.

– Ah, não sejamos apressados. Aqui, deem uma olhada nos meus artigos primeiro. Talvez possamos trocar, em vez de envolver moedas sujas e velhas.

Ele puxou um gancho na lateral da carroça, e a cortina que prendia se abriu com um estalo. Por trás dela, havia um compartimento repleto de prateleiras, e todas elas estavam lotadas de objetos: apitos de madeira, potes com botões prateados, um corvo empalhado, pincéis, vasos de barro com rostos pintados, um trompete de latão, várias estatuetas dos deuses, um pedaço de veludo cravejado de agulhas de cobre, rolos de seda azul e amarela, e uma bola de cristal.

– Só queremos vender o arco e seguir nosso caminho – disse Elver.

– Vejo que esta aqui é das duronas – provocou Lorian. – Então mostrem logo essa arma misteriosa e poderosa.

Artair soltou o arco das costas e o entregou a Lorian, que o girou com agilidade entre os dedos. Ele assentia enquanto o examinava.

– Refinado, muito refinado. A Torre Dourada da Manhã Perpétua. Interessante. E onde foi que arranjam uma coisa dessas? – A expressão do vendedor ainda era amigável, mas havia agora um brilho diferente em seu olhar ao encarar Artair. – Aqueles monges não são exatamente conhecidos pela simpatia, e nem dá para culpá-los, considerando o que guardam.

Artair sentiu a pele esquentar. Abriu a boca para responder, mas Elver se adiantou:

– Encontramos. Quanto de moeda você oferece?

– Indo direto ao ponto. Justo, justo. – Ele virou o arco mais uma vez, depois assentiu. – Dou cinco moedas de ouro e trinta de prata. Serve?

– Vendido – concordou Elver. – Passe logo.

– Dez de ouro – falou Artair. Pensava no ouro e na prata que pegara do quarto do abade em como os havia despejado no chão coberto de serragem para comprar de volta o filhote. – E trinta de prata.

– Uh-hu! Eu adoro uma boa barganha sob o céu ensolarado – disse o vendedor, sorrindo. – Seis de ouro e quarenta de prata.

– Não temos tempo para isso – reclamou Elver.

– Oito de ouro, cinquenta de prata.

– Seis de ouro, quarenta de prata, e este belo colar para a sua dama. –

Lorian puxou de suas mercadorias uma corrente fina com um pingente azul em forma de lua crescente. – Carrega uma bênção da *minha* senhora. O que não é pouca coisa.

– Pode ficar com suas bugigangas – disse Elver, ríspida, e Artair sentiu uma pontada estranha de decepção. Talvez tivesse sido bom dar um presente para ela. – Só precisamos das moedas.

– Sete de ouro – falou Artair. – Sessenta de prata. É o mínimo que posso aceitar. É um arco muito bom. Duvido que veja outro igual, nesta estrada ou em qualquer outra.

Lorian assentiu, resignado.

– Está bem, meu bom senhor, acho que você me venceu. Sete de ouro e sessenta de prata, fechado.

Artair sorriu. Em sua vida anterior, aquela que ele preferia não analisar com muita atenção, Artair costumava observar os pais barganharem nos dias de feira, e às vezes até lhe deixavam dar algum palpite. Poder tocar, mesmo que de leve, naquele tempo antigo lhe trazia tanto prazer quanto um certo aperto no peito.

Lorian devolveu o arco a Artair e então abriu um pequeno compartimento na carroça com uma chave que trazia no pescoço. Dentro havia moedas, que ele contou rapidamente sobre a mão antes de encher um saquinho de pano. Lançou o saquinho a Elver, que o agarrou no ar com facilidade.

– Tenho um poema – disse Artair. As palavras escaparam antes mesmo que ele se desse conta de que as estava dizendo. – Posso te dar, se a Senhora do Crepúsculo me contar o meu futuro.

Pelo canto do olho, viu Elver lançando um olhar fulminante, mas Lorian parecia radiante.

– Assim é melhor! – exclamou ele, todo sorrisos. – Combinado, meu jovem e belo amigo.

Artair fechou os olhos por um instante, tentando se lembrar. Durante anos, tinha recitado versos de poemas para o Irmão Benzin pela fresta da porta de sua cela. Devia haver muitos que a Senhora do Crepúsculo ainda não ouvira.

– A estrela caiu – recitou ele. – O céu escurece mais à noite. Nossa senhora lua continua a sorrir.

– Ah! – Lorian se endireitou, como se movido por uma força invisível. – Esse ela não conhece. – Seu sorriso se alargou, e os olhos se encheram de uma luz cintilante cor de malva. Ele ergueu a mão esquerda e, sobre a palma, surgiu um símbolo estranho, vagamente semelhante a uma estrela. – Escute com atenção: eu vejo... eu vejo... – O sorriso de Lorian vacilou. – Vejo um futuro fraturado, um destino puxado em duas direções. Vejo sangue na água e veneno, tanto o esperado quanto o inesperado. Um pacto terrível e um coração substituído por outro.

– Viu o que quero dizer? – comentou Elver. – Um magácio típico. Promete mundos e fundos, e só entrega enrolação.

Mesmo assim, Artair agradeceu a Lorian, e eles seguiram viagem, sentindo-se um pouco mais leves por não carregarem mais o arco, mas tendo a certeza de onde viria a próxima refeição. Enquanto caminhavam pela estrada, Artair olhou para trás uma última vez e viu o vendedor parado junto à carroça, observando-os partir com uma expressão preocupada onde antes havia só alegria.

## CAPÍTULO 17

Eles chegaram aos portões de Cerro das Cinzas quando o crepúsculo começou a se transformar na noite de verdade, com um quê mais cortante de frio no ar. *O primeiro indício do inverno*, pensou Elver. O inverno era sempre uma época difícil na Floresta dos Jih, quando caçar e pescar se tornava mais complicado e quase não havia hortaliças para comer. Mas agora que estava no mundo dos humanos, o inverno na floresta parecia reconfortante: a paz de uma nevasca pesada em contraste com a cacofonia da presença humana.

Cerro das Cinzas em si era uma cidade murada, e à medida que se aproximavam do portão, ela sentiu um incômodo surgir: havia pilares de pedra vermelha de cada lado do portão, altos como homens, e no topo de cada um havia um leão esculpido em pedra cinzenta, com as mandíbulas abertas exibindo tochas acesas e ardentes. A estrada de terra diante do portão pulsava sob sombras cheias de dentes.

– Estamos entrando em território inimigo.

– Como assim? – perguntou Artair. Ele estava calado desde que perdera tempo com Lorian.

Elver fez um gesto em direção aos leões de pedra quando passaram por eles.

– Parece que o Garra Sangrenta é bem importante por aqui. É melhor mantermos a cabeça baixa.

Artair arregalou os olhos. Elver percebeu que os guardas do portão tinham bordados de leões saltando nas túnicas de couro.

– Vamos encontrar um lugar para passar a noite e algo para comer – sugeriu Artair –, e partimos o mais cedo possível. Só por precaução.

– Combinado.

Por dentro, a cidade era formada por ruas estreitas e desordenadas, com construções que pareciam ter visto dias melhores – cortinas tortas pendiam

das janelas, montes de caixotes quebrados entulhavam os cantos, e as calçadas de pedra estavam encardidas e manchadas de lama. Havia poucas pessoas na rua, e as que passavam andavam depressa, com as golas dos casacos erguidas contra o ar da noite. E em alguns lugares, nas esquinas ou espreitando das janelas, havia estátuas do Garra Sangrenta. Para sua surpresa e irritação, Elver percebeu que sentia falta dos canais reluzentes de Porto das Víboras.

– Pensa bem – disse ela. – Se tudo o que você precisa dar para aquele mago prever seu futuro é um poema, quão boa essa previsão pode ser, de verdade? Por que sequer perder tempo com isso?

Artair ficou em silêncio por um momento. Dentro do saco, o filhote dormia nos braços de Elver, roncando bem baixinho.

– Quando tudo isso acabar, vou voltar ao mosteiro com os outros noviços, e imagino que tentaremos reconstruir a ordem. Mas enquanto estou aqui fora, no mundo, quero experimentar tudo o que ele tem a oferecer. – Ele fez uma pausa.

Elver se deu conta de que isso a incomodava um pouco.

– Quer dizer que você pretende voltar pra sua cela? E... passar o resto da vida isolado de tudo?

– É o meu dever – respondeu Artair, gentilmente. – Se não fizer isso, estarei colocando o mundo inteiro em perigo. O Outro que vive em mim não pode ser deixado à solta.

Elver pensou em Lucian, em como ele havia caminhado até o guarda na feira e levado um soco.

– Você também não pretende voltar para a Floresta dos Jih quando tudo isso acabar? – continuou a dizer Artair. – Você também vive isolada do mundo. A diferença é que você vive entre as árvores.

– É diferente – disse Elver, franzindo a testa.

– Porque eu acho que você poderia viver entre os humanos, se quisesse – prosseguiu Artair. Ele baixou a voz quando uma mulher de sobretudo longo passou apressada ao lado deles. – Seus olhos dourados são bem marcantes, mas você poderia arranjar uma explicação, dizer que é uma característica de família ou algo assim. Talvez ninguém jamais desconfiasse, a menos que você contasse. Ou encostasse em alguém.

– Mas essa é a questão! Por que eu iria querer viver entre pessoas que me fizeram... entre pessoas que me odeiam tanto? Eu escolho a floresta porque... porque lá é o meu lugar.

– Acho que essa é a diferença entre nós – concluiu Artair. – Você tem uma escolha. Eu não.

Elver abriu a boca, certa de que queria discutir a respeito daquilo, mas sem saber exatamente como. Tornou a fechá-la quando um homem alto surgiu de uma rua lateral à frente deles. Tinha cabelo loiro e o rosto estava meio escondido por um cachecol escuro, e andava de maneira tensa, o olhar fixo no dela. Meio segundo antes de ele alcançá-los, Elver percebeu quem era.

– Espera...

O sacerdote de Triló retirou de dentro do sobretudo o que parecia ser uma lamparina coberta e, com a outra mão, puxou uma corda. Um clarão ofuscante explodiu, branco e intenso, e, antes que soubesse onde estava, Elver se viu estirada no chão de pedra sujo. Sentia-se como se tivesse se chocado de frente contra uma parede de tijolos. O saco com o filhote havia rolado para o lado, e ela trocou um olhar com a criatura assustada.

– Corra! – disse a ele.

Artair, que tinha escapado do clarão, recuou cambaleando de surpresa quando Kantor Witt se agachou sobre Elver. De outro bolso, o sacerdote puxou uma faca e a pressionou contra a garganta dela. O cachecol havia caído, e Elver pôde ver a marca de sua própria mão, vívida, estampada na bochecha pálida do homem.

– A luz de Triló te queima, monstro – sibilou ele antes de levantar o olhar para Artair. – Mexa-se um milímetro sequer, Insone, e eu abro a garganta dela aqui mesmo, na rua.

– E os outros sacerdotes, gostaram da marquinha bonita na sua bochecha? – perguntou ela, antes de estender a mão para o rosto exposto dele, mas Kantor Witt pressionou a lâmina ainda mais, e ela sentiu o corte rasgar sua pele. Um fio quente de sangue negro traçou um caminho pelo pescoço dela.

– Pare! Pare com isso, por favor – disse Artair. Estava com as mãos erguidas à frente do corpo. – Faremos o que quiser.

– Ótimo. Levante-se.

Kantor Witt colocou a lanterna no chão, a cobertura já fechada de novo, e com o punho enluvado agarrou uma parte do cabelo dela. Cerrando os dentes, Elver se pôs de pé. O saco sobre as pedras estava vazio, e o filhote havia sumido. Já era alguma coisa.

– Os dois vão vir comigo.

A sede do magistrado parecia estar em melhores condições do que os outros prédios que haviam visto até então, e também exibia a maior estátua do Garra Sangrenta; estava empoleirada sobre a viga de pedra, a juba esvoaçando com o vento imaginário. Kantor Witt havia convocado a guarda da cidade, e por isso havia uma verdadeira comitiva enquanto eram escoltados degraus acima. Para o desgosto de Elver, os guardas usavam manoplas de couro e prenderam suas mãos nas costas com facilidade, usando algemas de aço maciças.

Lá dentro, a construção mergulhava em sombras, iluminada em diversos pontos por lamparinas a óleo – presumivelmente por causa da hora tardia –, e Elver teve apenas vislumbres passageiros da sala principal enquanto era empurrada às pressas: um púlpito elevado com fileiras de cadeiras voltadas para ele; uma estrutura que lembrava muito a jaula da qual o filhote escapara, feita de madeira marrom polida; um altar de pedra com sulcos profundos entalhados, que desciam até reentrâncias semelhantes no piso. Elver franziu a testa ao ver aquilo.

– Não devíamos ter vendido o seu arco – disse ela.

Artair lançou um olhar para ela, e Elver percebeu uma expressão de arrependimento em seu rosto, mas os guardas os empurraram antes que ele pudesse responder.

Depois da sala principal, parte da guarda se dispersou, e eles ficaram a sós com Kantor Witt e dois rapazes corpulentos que pareciam ter sido tirados à força da nobre missão de esvaziar canecas na taverna local. Um deles abriu uma porta pesada de madeira que dava para um cômodo bem mais acolhedor. As paredes estavam forradas de livros – e, apesar de não querer, Elver arregalou os olhos –, e o fogo estava aceso na lareira. Diante dela, havia duas poltronas confortáveis com duas figuras sentadas. Uma delas se levantou quando entraram, permanecendo com as mãos cruzadas nas costas. Elver lançou um olhar rápido para o rosto da mulher, mas então voltou a encará-la com um estalo e não conseguiu mais desviar os olhos.

– *Você.*

A mulher franziu a testa para ela. Estava mais velha, é claro, e com a cintura um pouco mais larga, mas a pele ainda resplandecia de saúde, e o cabelo estava trançado sob um gorro vermelho. Elver esperou o momento do

reconhecimento, e houve algo – um pequeno estremecer nos cantos dos olhos da mulher –, mas logo a mulher desviou o olhar para a figura sentada na outra poltrona. Este era claramente outro sacerdote de Triló, de posto mais elevado que Kantor Witt. Usava uma máscara de marfim lisa com filigranas de prata, vestes brancas e longas luvas brancas de couro de bezerro.

– Foi para isso que me arrancaram da mesa de jantar, Isnere Sem Rosto?

O sacerdote deu de ombros.

– O que espera que eu faça ao receber relatos de dois espíritos jih vagando pelas ruas de Cerro das Cinzas, Magistrada Dalesh? Ou preferia que eu deixasse para lá e que seu povo descobrisse quando esses dois já tivessem matado alguém?

– Não somos nós que saímos matando gente – disse Elver.

Para seu próprio espanto, ela sentia cada vez mais dificuldade para falar. Ao olhar para Dalesh, tudo o que vinha à mente era a queda da Pedra Polida, o impacto escorregadio sobre a carne fria da serpente, e a luz se apagando enquanto era arrastada para o covil da Rainha das Serpentes. Jamais se esquecera daqueles rostos, os dois que a haviam puxado escadaria acima.

– Seria melhor perguntar a ela – provocou a garota, inclinando o queixo na direção de Dalesh. – Andou sacrificando algum órfão recentemente, Magistrada Dalesh?

Dalesh suspirou.

– Quem são essas pessoas? Esse rapaz mal parece ter idade para fazer a barba.

Kantor Witt estava de pé ao lado deles, tremendo com o que Elver supôs ser raiva. Suava, e a marca da mão em seu rosto estava ainda mais visível.

– A garota é uma criatura jih, saída direto da floresta a oeste. O toque dela é venenoso. – Ele levou a mão até a bochecha, os dedos roçando a marca. – Ela me contaminou, roubou de mim minha pureza e minha conexão com Triló, que agora virou o rosto para mim. Exijo que ela seja... purificada. O garoto é um dos Insones, fugido do mosteiro nas Montanhas do Caminho Partido.

– Isso não é verdade – disse Elver.

Ao mesmo tempo, Artair perguntou:

– Como você sabe disso?

– Eu segui vocês. – Kantor Witt sorriu para eles, os olhos brilhando de um jeito perturbador. – Ouvi vocês conversando, à noite e de manhã. – Inclinou a

cabeça na direção de Elver. – Ele sabe? O que vocês dois andam fazendo à noite?

– Do que você está falando? – perguntou Artair, mas Dalesh já os estava interrompendo.

– Isnere, por favor, ponha sua coleira de volta nesse sacerdote. Não tenho tempo para isso.

Isnere Sem Rosto suspirou e levantou-se devagar. Era impossível saber sua idade sob os paramentos de Triló, mas, pela maneira como se movia, Elver teve a impressão de que se tratava de um homem mais velho, com articulações doloridas.

– Muito bem. Witt, você merece um reconhecimento por ter seguido e capturado esses dois espíritos impuros. Tenho certeza de que isso ajudará a restaurar sua conexão com nosso senhor. Agora, levaremos os dois para a Casa dos Sem Rosto, onde serão eliminados como Triló achar adequado.

– Espere aí – cortou Dalesh. – Cerro das Cinzas foi construída sob as bênçãos do Garra Sangrenta, com sangue de sacrifício derramado em suas próprias fundações. Por direito, esses dois pertencem a Ele.

– E eu pensando que você queria voltar logo para o jantar – provocou Isnere. – Não, receio que terei de insistir, Dalesh. Veja o rosto desse tolo. – Ele fez um gesto na direção de Witt, que abaixou a cabeça, envergonhado. – É o pior insulto possível a Triló, e precisa ser reparado.

– Particularmente, acho que deixei o rosto dele até melhor – zombou Elver.

– *Cale essa boca* – disse Dalesh, a voz afiada como um chicote naquele cômodo pequeno. – Está bem. Você pode ficar com eles, mas quero interrogar os dois antes.

– Interrogar? – retrucou Witt. – Para quê? Garanto que são tão monstruosos quanto parecem...

– Isnere – chamou Dalesh, em um tom gélido. – Não aceito ser instruída dentro do meu próprio prédio. O Garra Sangrenta tem autoridade aqui, como até esse idiota marcado deve saber. Preciso descobrir o que está por trás dessa súbita invasão de espíritos jih em Cerro das Cinzas.

O sacerdote mais velho assentiu devagar, parecendo ceder. Ele se virou para Witt e, mesmo com a máscara, Elver percebeu que o olhar lançado ao homem mais jovem era severo.

– Em breve os teremos só para nós, Witt – disse ele. – Deixe a magistrada trabalhar. Dalesh, darei alguns minutos, mas apenas isso. Os jih são de nossa responsabilidade, como bem sabe.

Os dois saíram, Kantor Witt lançando um olhar furioso por cima do ombro antes que o superior fechasse a porta atrás deles. Dalesh soltou o ar pelo nariz, ruidosa, e voltou sua atenção para Elver.

– Como você ainda está viva?

De repente, o dia em que fora lançada ao mar pareceu tão próximo que ela quase sentiu o cheiro do sal, e, de imediato, a fúria retornou, vívida. Aquela mulher apertara seu braço com força suficiente para deixá-lo roxo, ouvira suas perguntas e protestos, e ignorara todos eles. Depois, ficara parada, assistindo enquanto uma criança de doze anos era jogada à morte certa. Elver tentou puxar as mãos das algemas, mas isso só serviu para se machucar.

– Você me matou! – gritou. – Me jogou naquele maldito mar, você e aquele outro imbecil sorridente!

Dalesh balançou a cabeça lentamente, os olhos escuros perfurando Elver.

– E, no entanto, aqui está você.

– Sua senhora tentou me sacrificar, mas agora pertencço a outro deus – cuspiu Elver.

– E você está prestes a ser purificada por mais um. – Dalesh suspirou e voltou para a mesa diante da lareira. Havia ali uma caixa preta laqueada que ela abriu, começando a revirar o conteúdo. – Não posso ajudar vocês agora – disse –, porque, como sabe, a magia do Garra Sangrenta tem um custo, e não tenho um tributo à mão...

– Ajudar a gente? Como assim, ajudar?

– E o Templo de Triló é estritamente proibido para quem serve a outros deuses. Eles acreditam que a presença de outros sacerdotes ou magos corrompe sua conexão. Mas darei isto a vocês. Assim poderão me chamar, apesar das magias deles. Com sorte, quando usarem, eu terei poder suficiente à disposição.

Ela estendeu um objeto que se parecia com uma moeda de metal preto. Na borda, havia uma linha fina de espinhos minúsculos, e no centro, uma forma parecida com um olho de gato, gravado em esmalte vermelho.

– Não pegue – disse Elver. Artair estendia a mão, mas parou ao ouvi-la. – É uma armadilha.

– Garota tola – falou Dalesh. – O Garra Sangrenta é um deus exigente, e ser uma de suas magas muitas vezes nos leva por caminhos sombrios. Quando escolhemos você, eu era jovem. Talvez fosse necessário, mas isso não quer dizer que eu não carregue o peso desse caminho até hoje. – Ela lançou o objeto preto na direção de Artair, e instintivamente ele o agarrou no ar antes que acertasse seu rosto. – Talvez você tenha cruzado meu caminho para que eu pudesse fazer algo a respeito.

– Nós tínhamos um animal com a gente, um espírito jih – disse Artair, rápido. – Nós o perdemos quando nos capturaram. Você precisa salvá-lo também...

Naquele momento, a porta se abriu, e os sacerdotes sem rosto estavam lá de novo. Ficou claro que Kantor Witt a empurrara com o ombro, trazendo mais guardas com ele. Eles invadiram o local, e Elver sentiu o primeiro deles agarrar seu bíceps com pouca delicadeza enquanto começavam a arrastá-los para fora do gabinete do magistrado.

– Espera. – Artair já tinha escondido a moeda em algum lugar. – Como usamos isso?

– Você sabe – disse Dalesh, em voz baixa, antes de virar o rosto. Quando falou novamente, sua voz vinha carregada de impaciência. – Já vi esse rostinho de serpente mais vezes do que gostaria ou esperava, Isnere. Leve-a para sua prisão.

## CAPÍTULO 18

A câmara onde foram trancados fora claramente feita para abrigar o tipo mais tradicional de espírito jih, daqueles que andavam sobre quatro, seis ou oito patas, tinham chifres ou asas, ou cuspiam fogo. Havia janelas gradeadas logo abaixo do teto, por onde entrava a luz das fogueiras do templo maior, e o interior era pintado de branco. Havia milhares de arranhões nas paredes, deixados pelos monstros que tinham sido mantidos ali antes deles. Elver estremeceu só de olhar. Na câmara, havia também dois fossos profundos; um cheio de água, e o outro com pilhas do que parecia ser lixo de cozinha. Ela ansiava por levar a mão ao pescoço, que ainda sangrava um pouco, mas estava algemada.

– O que é isso, afinal? – perguntou Artair. Ele segurava a moeda preta em uma mão, com a palma aberta.

– Não importa. – Só de olhar para o objeto, Elver sentia raiva. – É mais uma crueldade. Ela te deu isso para você pensar que ainda há alguma esperança. O Garra Sangrenta se alimenta do sofrimento.

– Quando perguntei como funcionava, ela disse que eu sabia. – Ele deu leves batidas na superfície com o dedo indicador, depois levou a moeda até o olho. Esfregou o polegar sobre a figura gravada no centro. Nada aconteceu. – Talvez ela ainda não esteja pronta.

– Ou talvez seja mentira.

– Não sei o que ela quis dizer. Nunca vi nada parecido com isso na vida. – Artair suspirou. – O que será que vão fazer com a gente?

Elver se virou e viu que ele olhava para as grades.

– Purificar a gente com o fogo sagrado de Triló – respondeu, e então deu de ombros. – Não sei o que isso significa, mas duvido que vá ser divertido. Até onde sei, nenhum outro monstro voltou depois de ser pego por um sacerdote sem rosto. Pelo menos é isso o que a Rainha das Serpentes nos diz.

– Talvez seja uma metáfora. – Ao receber um olhar demorado dela, ele continuou a explicação: – Eu quis dizer que talvez seja um ritual que eles fazem para agradar a Triló, e depois soltam a gente.

– Artair – repreendeu ela. – Eles vão matar a gente.

No silêncio que se seguiu, os dois ouviram ao longe o som de cantos, a mesma sequência de palavras indistintas, repetidas sem parar. Era belo e terrível.

Artair apontou para a água e a comida.

– Por que nos alimentar, então, se vão nos matar?

– Não sei, monge. – Elver suspirou. – Talvez eles gostem de manter os que vão ser queimados vivos para datas comemorativas. Mas duvido que esse seja o nosso caso.

– Isso é loucura! A gente não fez nada pra eles.

– Isso não importa. – Ela se aproximou da comida. Cascas de batata, ossos roídos pela metade, maçãs apodrecendo. – Eles odeiam a gente. – Ela respirou fundo. – Se serve de consolo, monge, eu peço desculpas. Fui eu quem queimou aquele sacerdote e meteu a gente nessa encrenca. Eu posso ser venenosa, mas, na minha visão, você não fez nada de errado. Só tentou salvar seus amigos.

Ele se juntou a ela perto das valas de comida e água e tirou um pedaço de tecido dobrado de dentro do manto. Mergulhou-o na água até encharcar, depois torceu para tirar o excesso.

– Vem cá. – Ele deu um passo à frente. – Me deixe limpar isso. A água está bem fria, pelo menos, então deve anestesiar um pouco. Se o que você disse que vai acontecer de fato acontecer... não vejo por que você deveria ficar com dor.

Elver hesitou. Estar tão próxima de um humano – de alguém que parecia humano, corrigiu ela – ainda era difícil. Mas ele podia tocá-la sem sentir dor, sem morrer, e isso era algo raro e curioso. Ele se aproximou, limpando com cuidado o sangue preto, passando o pano frio pela garganta dela e depois pressionando suavemente a pele ferida. Apoiou a mão livre no ombro dela para firmá-la, e de vez em quando os dedos quentes roçavam sua clavícula. O toque dele era diferente do toque de Lucian, ela reparou. Quando Lucian pegara sua mão, depois que libertaram os monstros na feira, ele a segurara com força – não de forma agressiva, mas como se aquele toque fosse a coisa mais preciosa do mundo para ele. Como se precisasse daquilo. Artair, por

outro lado, era delicado. Ela observava seu rosto enquanto ele cuidava dela, de maneira firme e concentrada. Os olhos castanhos tinham manchas douradas, notou, e só eram visíveis assim de perto. Era como receber algo secreto, algo escondido. Quando ele terminou e recuou, Elver sentiu um leve aperto no peito.

*Idiota, disse a si mesma. Você está prestes a virar carvão e está agradecendo porque cuidaram de um cortezinho.*

Mas não era só isso. Pensar nas mãos dele a queimava de um jeito completamente diferente. Um que a assustava.

– Assim está melhor. – Ele pareceu notar o jeito como ela o olhava, então Elver virou o rosto.

– Obrigada – murmurou depressa.

– Elver, aquele sacerdote sem rosto que você queimou... Ele falou alguma coisa sobre... o que você faz à noite. – Quando ela o encarou de volta, ele estava corado, os olhos castanhos bem sombrios. – O que ele quis dizer? Eu sei que você teve que atacar o espírito maligno. Mas teve mais alguma coisa?

– O nome dele é Lucian – respondeu ela, e viu a surpresa passar pelo rosto de Artair. – Imagino que você não sabia disso.

Artair a olhou como se ela o tivesse agredido.

– Você está conversando com ele? Com aquilo?

– Olha... – Ela deu um passo na direção dele, tomada por uma inquietação súbita. – Se Lucian é um *aquilo* pra você, então o que eu sou?

– É diferente.

– Como?

– Ele é... destrutivo. Você não sabe o que ele fez. Por que fui mandado pra Torre Dourada da Manhã Perpétua.

– Então me conta.

– Não posso.

Ela balançou a cabeça.

– Bom, então torça para que Triló, o Sem Rosto, queime Lucian até sumir, e assim você vai estar puro, finalmente. Não é?

– Elver...

Ouviu-se um rangido na porta, e um sacerdote mascarado entrou carregando uma lança longa com uma ponta absurdamente afiada. Pelos orifícios da máscara, era possível ver um par de olhos contornados por maquiagem branca.

– Criaturas jih – disse ela. – Está na hora de enfrentarem seu julgamento.

★

Eles foram levados a outra câmara, maior, também pintada de branco e iluminada com o que Artair julgou serem milhares de velas; estavam em todas as superfícies, cera pálida se acumulando em pequenas poças por todos os cantos, escorrendo por madeira e pedra indistintamente. Por isso, o calor ali dentro era sufocante, e ele sentiu o suor brotar nas costas e no peito. Quando olhou para Elver, viu que até o rosto pálido dela parecia corado, e os traços azulados das cicatrizes se destacavam de forma ainda mais vívida. No centro da câmara, havia um cristal facetado gigantesco, com o dobro da altura de uma pessoa, suspenso pela ponta graças a uma grossa corrente de prata. Era límpido como vidro, com um brilho de purpurina dourada se movendo no interior. Sacerdotes com máscaras lisas cercavam o cristal em círculos, todos de joelhos, exceto aquele chamado Isnere Sem Rosto, que os observava se aproximando com as mãos enluvadas cruzadas à frente do corpo. Kantor Witt também estava ali, uma silhueta desgrehada no fundo da sala.

– Aí estão vocês – disse Isnere, fazendo um gesto para os guardas. – Primeiro, temos um assunto pendente. Tragam a criatura.

Só então Artair percebeu que um grupo de sacerdotes sem rosto havia entrado na câmara atrás deles e que, no meio da multidão, havia um animal – não, um espírito jih, um monstro. Parecia um pouco com o gato alado que tinham visto na feira de Booster Barnham, só que menor, com a pelagem listrada em vez de malhada. Havia um grilhão em seu pescoço e correntes nas patas, e estavam arrastando a criatura em direção ao cristal. O monstro sibilava e cuspiu neles, batendo as asas de couro com fúria, mas havia sacerdotes demais.

Ao lado dele, Elver lutava contra os guardas, os olhos amarelos arregalados.

– Não! – gritou, com a voz esganiçada. – Soltem ela! Soltem, seus desgraçados!

– O que estão fazendo?! – berrou Artair para Isnere, mas o sacerdote apenas o observou, impassível.

– Soltem, ou eu juro que mato todos vocês!

– Vejam o que uma pequena fração do poder do nosso senhor é capaz de fazer – disse Isnere, em tom baixo, como se nenhum dos dois tivesse falado. – Observem e tenham a certeza de que suas almas também serão purificadas.

O cristal no centro da sala relampejou com luz, como se o sol tivesse de alguma forma atravessado a câmara de repente. Raios brancos saíram dele, passando sobre a criatura jih e transformando-a, por um momento, em uma coisa em preto e branco, as listras nas costas apagadas, as pupilas reduzidas a pontos. Ela gritou.

– Parem com isso! – Artair percebeu que também estava gritando. – Por quê? Por que estão fazendo isso? – Lançou um olhar para Elver. – Vocês estão machucando ela!

A luz branca ficou mais intensa, e o gato alado se encolheu sobre si mesmo, como um bicho tentando se esconder da chuva, enquanto pequenas espirais de vapor, feito fumaça, começaram a subir das asas e da pelagem. O animal tinha parado de gritar, o que, de alguma forma, era pior.

Artair apertou a moeda preta no punho, implorando para que Dalesh aparecesse. *Se você pode impedir isso, então impeça!* Mas nada aconteceu. A luz branca se intensificou tanto que ele teve que desviar o olhar e, quando se apagou de repente, Artair se virou de volta; havia uma figura pequena e desalinhada sobre as pedras, onde o gato alado estivera. Ele piscou várias vezes, tentando enxergar através das imagens que ainda dançavam diante dos olhos.

– Desgraçados – dizia Elver. – Escória humana.

Era um gato, ele percebeu, um gato comum, listrado, como se vê em qualquer taverna de qualquer cidade. Qualquer vestígio de sua natureza jih havia sido queimado. E estava morto.

– Louvado seja Triló – disse Isnere Sem Rosto. – Agora, façam-nos se ajoelharem.

Braços fortes forçaram Artair a se ajoelhar. Ele cogitou resistir – tinha certeza de que era mais forte do que eles –, mas a sacerdotisa com a lança ainda mantinha a ponta apoiada na lombar de Elver.

*Talvez a gente sobreviva à purificação, pensou. Mas Elver não sobrevive a uma lança nas costas. Tenho que tentar.*

*E se o Outro for queimado no processo?, sussurrou uma voz em sua cabeça. Você estaria livre, finalmente.*

Os sacerdotes voltaram a entoar cânticos. Elver estava ajoelhada ao lado dele, ainda com as mãos presas atrás do corpo. Havia movimento dentro do cristal, uma luz tremeluzente que subia e descia, formando aos poucos uma silhueta. Uma figura humanoide. Devagar, ela ganhou nitidez.

– Meu senhor – disse Isnere Sem Rosto –, trazemos até vós as criaturas jih corrompidas da Rainha das Serpentes, para que sejam purificadas por vossa luz sagrada.

– Luz sagrada uma ova – retrucou Elver, em alto e bom som. O peito subia e descia depressa, a raiva cedendo espaço ao medo.

*Estou diante de um dos Doze deuses, pensou Artair. Este é Triló, o Sem Rosto.*

O deus era uma criatura de pano branco, porcelana branca e espaço vazio. Havia um corpo ali, preenchendo a túnica reluzente, e uma máscara simples de barro com lábios, nariz e pálpebras, mas além disso... nada. Artair não via uma cabeça atrás da máscara, nem pescoço saindo da gola da túnica. As cavidades dos olhos estavam vazias, e ainda assim a figura se movia e falava.

*Corrompidos, distorcidos, disse o ser. Recebam minha luz e sejam purificados.*

Triló, o Sem Rosto, estendeu as mãos enluvadas, e uma luz branca e intensa começou novamente a emanar do cristal. As sombras dos sacerdotes ao redor se alongaram, esticando-se até as paredes da câmara, com bordas dolorosamente nítidas, enquanto os próprios sacerdotes baixavam a cabeça. A luz crescia, pulsando como um coração, até se tornar insuportável. Mesmo de olhos fechados, Artair conseguia vê-la. Ao seu lado, ouviu Elver gritar, e se forçou a abrir os olhos de novo. Ela estava toda encolhida, o rosto contorcido de dor. Pequenos fios de fumaça branca subiam de sua pele e, ao olhar para a própria mão, viu o mesmo acontecendo com ele. Sem pensar, inclinou-se sobre ela, tentando protegê-la com o próprio corpo.

– Pare com isso! – veio a voz de Isnere Sem Rosto, vinda de algum lugar acima. – Separem os dois. Eles devem estar sozinhos para o julgamento.

Antes de puxarem um para longe do outro, Elver pressionou o rosto contra o peito dele por um instante, como se encontrasse ali algum conforto, e Artair sentiu uma pontada de dor, uma mistura de pavor e tristeza. *Ainda havia tanta coisa para fazer, pensou.*

A luz parecia empurrá-lo com um peso estranho, como mãos ossudas que o forçavam contra o chão de mármore. Viu o próprio punho cerrado sobre as pedras, desbotado de qualquer cor, e sentiu uma dor aguda na palma da mão. A moeda, lembrou-se, com as bordas afiadas, estava cortando sua pele, e

quando se mexeu, quase desmaiando, viu uma mancha vermelha sobre o branco – a única cor que restava na câmara.

E então surgiu outra luz, vermelha como sangue e de alguma forma familiar. Vários sacerdotes gritaram, e ouviu-se um estalo, como de fogo descontrolado. Artair ergueu a cabeça a tempo de ver um portal cercado por chamas escarlates, com a Magistrada Dalesh parada no centro. Atrás dela, via-se o campo escurecido e um fino pedaço da lua entre as nuvens. Depois da brancura implacável daquela sala, aquilo parecia uma bênção, como um gole de água fresca num dia quente.

– Depressa, vocês dois – disparou ela. – Fiquem de pé.

Enquanto isso, algo estranho acontecia com o chão. Tentáculos rosados começaram a brotar das fendas entre as pedras, pulsando, crescendo em uma velocidade alarmante. Eram úmidos e, de algum jeito... carnudos. Artair se levantou cambaleando enquanto os tentáculos começavam a se enrolar nas pernas dos sacerdotes, prendendo-os no lugar quando tentavam fugir. A luz do cristal piscava. Artair viu Triló, o Sem Rosto, inclinar a máscara levemente para o lado, como quem observa algo com curiosidade. Elver já corria na direção do portal, pulando por cima dos tentáculos com a mesma leveza com que atravessava os galhos caídos da floresta.

– Agarrem eles! – gritou Isnere. – Magistrada, quero uma explicação para essa ofensa!

Alguns sacerdotes tentaram alcançá-los. Artair viu Kantor Witt lutando ferozmente contra os tentáculos rosados no outro lado da câmara, o rosto contorcido de raiva, mas era tarde demais. Elver saltou para dentro do portal, e então Dalesh estendeu a mão na direção de Artair. Ele deu um passo e saiu do Templo de Triló, aterrissando na floresta em uma noite fria de outono.

Alguns segundos depois, o portal desapareceu, deixando para trás o odor fraco e selvagem de uma fera malcheirosa.

## CAPÍTULO 19

Elver ficou um instante olhando para as próprias mãos, que ainda tremiam, com leves nuvens de vapor ou fumaça subindo delas. Dalesh a havia libertado das algemas com uma pequena chave de prata, tomando cuidado para não encostar os dedos nas mãos dela. A luz de Triló, o Sem Rosto, fora agonizante, mas pior ainda tinha sido a emanção da vontade do deus: ela sentira com clareza o quanto o deus da pureza e da verdade desejava que sua essência desaparecesse, apagada como uma mancha de sujeira em um vidro. O sangue envenenado dentro de si, dado a ela pela Rainha das Serpentes, fervera em resposta. Ela pensou no espírito jih que os sacerdotes haviam destruído, a luz de Triló deixando para trás um pequeno animal morto.

– Vocês estão a cerca de um quilômetro de Cerro das Cinzas – dizia Dalesh. – Imagino que Isnere vá procurar vocês primeiro no escritório do magistrado e depois no templo do Garra Sangrenta, já que sabe que passo boa parte do tempo lá. Mas não tenho dúvidas de que ele também vai mandar sacerdotes sem rosto procurarem vocês além dos muros da cidade, então é melhor se mexerem logo. E acredito que isto aqui também pertença a vocês.

Ela se afastou para revelar o filhote, que roía um generoso pedaço de carne assada. Ele lançou um olhar rápido aos dois antes de voltar a lamber os beiços.

– Obrigado – disse Artair, quase sem fôlego de tanta gratidão. – Achei que talvez...

Dalesh franziu os lábios com desgosto quando o filhote rolou de barriga para cima.

– Os guardas o encontraram. Por sorte, trouxeram direto para mim.

– Não entendo. – Artair olhava para a moeda preta em sua mão, agora manchada de sangue. – Como isso funcionou?

– Você me deu o vínculo de que eu precisava com o sacrifício do seu sangue. E eu alimentei os feitiços do meu lado – explicou Dalesh, com um leve ar de superioridade. – É bem fácil, quando se é habilidoso.

– O que você vai fazer? – perguntou Artair. – Os sacerdotes de Triló pareciam furiosos.

Elver abaixou as mãos.

– Problema dela – rosnou. – E quanto à pobre alma que pagou o preço por aquele portal? Quem você matou para alimentar seus feitiços, Dalesh? – Ela se virou para Artair. – Sua salvadora aqui é aprendiz da Mãe Maura, aquela mesma magácia maldita que levou seus amigos e matou seus monges.

Os olhos de Artair se arregalaram.

– Maura fez o quê? – A maga apertou a ponte do nariz. – Escutem... Sim, Elver está certa. Por muitos anos, estudei com a maga conhecida como Mãe Maura. Aprendi muita coisa com ela. E... fiz muitas outras que hoje considero questionáveis em nome do nosso deus, inclusive o que aconteceu com você, Elver. O Garra Sangrenta exige muito por sua magia, e é justamente por isso que ela é tão poderosa.

– Ele exige sangue – retrucou Elver. – Exige *vidas*.

Estar perto de Dalesh a deixava febril.

– Se você caiu na órbita de Maura, tem minha solidariedade. – Dalesh suspirou. – Parei de servi-la já faz alguns anos. Não foi fácil, mas ela fez coisas que eu não podia tolerar.

– Piores do que jogar órfãos no mar?

– Ai. Tá bom. Eu mereci essa. Mas sim, o preço que estávamos pagando parecia mais alto do que nunca, e os planos dela eram, por falta de palavra melhor, insanos. Os sonhos de Maura são encharcados de sangue e esquisitos, e, na minha opinião, inalcançáveis. Sabe, quando dedicamos esta cidade ao Garra Sangrenta e erguemos as pedras ao redor, uma parte do muro insistia em desabar. Não entendíamos por quê, até que um dos pedreiros cavou além das fundações e encontrou raízes de uma árvore atravessando os alicerces, tornando tudo instável. Era impossível perceber aquelas fissuras analisando da superfície.

– O que isso tem a ver? Do que você está falando? – rebateu Elver.

Dalesh suspirou.

– Quando era mais jovem, Maura tinha uma família, e, por um capricho do destino, ela os perdeu. Isso a mudou. E não foi algo evidente de imediato. É

disso que estou falando. Estávamos sacrificando vidas não por um propósito maior, mas pelos delírios de uma lunática. – Ela apertou os lábios, e seu rosto já fechado adquiriu traços ainda mais severos. – Ainda sou devota do meu deus, Elver, e não vou me desculpar por isso. Mas fiquei em dívida com você pelo que te aconteceu. E me pergunto se agora consegue entender melhor, já que carrega a marca de um deus também.

O olhar de Dalesh percorreu os olhos amarelos de Elver, suas cicatrizes azuis e o cabelo branco.

– Pelo menos agora é impossível não saber a quem você pertence. E só para constar, fico feliz por você ter sobrevivido. São poucos os que escapam depois que o Garra Sangrenta lança seu olhar sobre eles. – Ela suspirou. – Elver, eu invoquei o portal com um globo de alma. Mantemos alguns por perto caso seja necessário lançar um feitiço inesperado, então, em teoria, não houve derramamento de sangue. A não ser por algumas gotas do seu rapaz aqui.

– Não houve derramamento de sangue *hoje*, você quer dizer.

Elver cogitou saltar sobre a maga, segurá-la pelo pescoço e entregá-la mais cedo ao deus que servia. Mas Dalesh já se virava, fazendo um gesto em direção a uma mochila encostada em uma árvore, e de algum modo o momento passou.

– Vocês não podem voltar para Cerro das Cinzas, e, sendo bem sincera, eu preferia que nunca mais voltassem. Então, trouxe aqui alguns suprimentos pra vocês. Há uma pousada a cerca de três quilômetros na direção leste, mas... – Ela lançou um olhar para Artair. – Pode ser que você a ache um tanto estranha, Insone. É dedicada à deusa Enos, aquela que vela o sono, os sonhos e o esquecimento.

– Já ouvi falar dela – disse Artair. – Nós aprendemos a respeito dela na Torre Dourada. Dizem que não suporta os Insones, que estão sempre fora do alcance de seu poder.

– Pelo jeito, sua popularidade só aumenta por onde passa – ironizou Dalesh em um tom seco.

– E o que você vai fazer? – perguntou Elver. De algum modo, sentia que aquilo não era suficiente. Queria algo mais de Dalesh, algo além de um pedido de desculpas ou até mesmo de um resgate, mas não saberia dizer o que. – Você roubou de Triló.

– Vou dar um jeito. – Pela primeira vez, o canto da boca da maga se curvou em um sorriso amargo. – Agora caiam fora antes que eu mude de ideia.

★

– ... e te jogaram no mar, sem mais nem menos?

Elver assentiu brevemente, os olhos fixos na estrada à frente.

– Então você tem tantos motivos para odiar a Maura quanto eu. Mais, até.

Artair pensou naquela mulher feroz de cabelos vermelhos atirando uma criança para a morte. Não era difícil de imaginar.

– No começo, eu não sabia que era com ela que você estava lidando – continuou a dizer Elver. – Talvez tenha sido coisa do destino você cruzar meu caminho, Artair. Se alguém fosse te ajudar a derrotá-la, esse alguém seria eu.

Ele olhou para ela, que desviou o olhar, como se estivesse envergonhada do que acabara de confessar.

– Ela é uma desalmada mesmo. Comprar uma órfã só pra tirar sua vida...

– E ainda me chamam de monstro. Mas a Rainha das Serpentes me deu uma nova vida. Ela me abocanhou e trocou meu sangue por veneno, fazendo de mim uma de suas filhas.

– Olha, você vai me perdoar, mas isso também não me parece um gesto de bondade. – Ela o encarou com um olhar ameaçador, como quem promete dar uma facada no escuro ou, na melhor das hipóteses, um chute na canela. – Sua rainha podia ter te salvado e te levado até algum lugar na costa. Ainda viva. Ainda humana.

Elver fez um som de desprezo. A noite estava silenciosa, a lua brilhando como um farol acima deles. Caminhavam pela beira da estrada, prontos para se esconder caso ouvissem alguém se aproximando; afinal, os sacerdotes sem rosto ainda podiam estar à procura deles. Mesmo no terreno irregular, Elver andava sem emitir um som, a graça suavizando cada um de seus movimentos.

– Pra quê? Para que eu voltasse para os humanos que pensaram tão pouco da minha vida a ponto de sacrificá-la para salvar a própria pele? – O filhote trotava ao lado dela e, ao ouvir sua voz, ergueu o focinho. – Não. Eu estava melhor na floresta, vivendo entre monstros. Pelo menos eles são sinceros.

– Sinto muito – disse Artair. – Quer dizer, sinto muito que isso tenha acontecido com você.

A menina-monstro ficou em silêncio por um tempo. Em algum ponto da mata à esquerda, uma coruja piou, um som fantasmagórico e triste.

– Pois eu não sinto – falou ela, por fim. – E não preciso da sua compaixão. Pode guardá-la para o monstro que Triló queimou até virar pó.

– Aquilo foi terrível – comentou Artair. – O Garra Sangrenta não é o único deus cruel.

Ela o encarou com os olhos semicerrados, como se fosse dizer algo, e então apenas balançou a cabeça de leve.

– Cerro das Cinzas nos atrasou um pouco, eu diria. Vamos ter que nos apressar se quisermos encontrar essa maga de Tisk a tempo. – E então acrescentou: – Quanto antes terminarmos isso, mais cedo poderei voltar à Floresta dos Jih, onde é o meu lugar.

Quando chegaram à Estalagem de Enos, encontraram uma construção bastante peculiar. Feita de madeira e com três andares, trazia no telhado uma imagem da própria deusa, cujas oito pernas de aranha desciam pelas paredes, como se envolvessem a estalagem. Luzes suaves em tons de laranja e rosa brilhavam por trás das janelas. Ao observá-la, Artair sentiu uma onda de emoções contraditórias: o lugar parecia acolhedor, calmo, em nítido contraste com Cerro das Cinzas e o Templo de Triló; mas o rosto de Enos, sorrindo beatificamente do alto do telhado, só servia para lembrá-lo de quem e do que ele era. Seu corpo conhecia apenas a ilusão do sono e, desde que se tornara um Insone, não tivera um sonho sequer.

– Você quer ficar aqui? – perguntou Elver. – A gente sempre pode arriscar a floresta.

Mas enquanto ela falava, uma mulher saiu pela porta da estalagem. Usava um vestido lilás, largo e sem forma, com mangas amplas, e um gorro macio sobre o cabelo. Fez uma reverência diante dos dois e falou com a voz suave:

– Bem-vindos à Estalagem de Enos. A melhor noite de sono da vida de vocês os espera.

Quando Lucian despertou, estava amarrado de novo, mas desta vez em um quarto quente, de luzes suaves, com as paredes pintadas em padrões ondulantes, como ondas do mar. O lugar parecia estranhamente silencioso, e, ao se sentar, até seus movimentos pareciam abafados. A menina-monstro estava sentada em outra cama do lado oposto do quarto, o filhote enrolado sobre uma manta, dormindo profundamente. Elver bocejou de forma exagerada.

– Você acordou, então.

– Acordei. – Lucian franziu a testa. – Que lugar é este? Sinto como se meus ouvidos estivessem cheios de algodão.

– É estranho, né? A deusa Enos vigia esta estalagem e lança um feitiço de silêncio sobre ela para ajudar os hóspedes a dormirem melhor. – Ela se remexeu na cama. – Eu não gosto. Na floresta, você precisa estar alerta o tempo todo. Já Artair... bom, ele apagou na hora.

– Parece que tiveram um dia agitado. Cada noite estamos em um lugar diferente. O que aconteceu hoje? – Seus olhos percorreram Elver, o quarto, as janelas, procurando pistas. A garota parecia ainda mais atenta que o normal. – O monge deve estar muito feliz com sua companhia. O pobre Artair não sobreviveria nem uma manhã fora do precioso mosteiro dele sem ajuda.

A garota olhou feio para ele, o que era curioso.

– Não aconteceu nada que você precise saber.

– Não vai me contar nem um pouquinho? Como foi que você conseguiu esse corte no pescoço? – Como ela não respondeu, ele deu de ombros. – Elver, eu estou amarrado. Você é a única pessoa com quem posso conversar. Pra quem eu contaria?

Ela suspirou.

– Fomos capturados por um sacerdote em uma cidade aqui perto e levados para um Templo de Triló para sermos... purificados. Nós fugimos.

Lucian riu baixinho, embora não achasse tão divertido quanto esperava. Ao que parecia, Elver e Artair andavam vivendo aventuras interessantes enquanto ele estava preso na cabeça do monge.

– Triló? Aquele velho desgraçado. Nunca gostei desse culto ganancioso, tão convencidos da própria superioridade. Sem falar na obsessão bizarra com pureza. Não ficaria nem um pouco surpreso em descobrir que eles escondem umas coisas bem feias... – divagou.

– Você se lembrou de algo – disse Elver. – Da sua vida passada. Você não gostava dos sacerdotes de Triló? – Ela quase sorriu. – Pelo menos parece que tinha um pouco de juízo.

– Exatamente. Eu odiava Triló – concordou ele, surpreso. – E também não gostava da Senhora do Crepúsculo, muito insossa. Imagine ser uma maga e ter que colecionar *poesias*, dentre tantas coisas. – Ele piscou devagar. – É como se eu quase pudesse *sentir* o que sentia antes, Elver. Não é extraordinário? Passei esses últimos anos preso em uma espécie de torpor, e agora os sentimentos estão voltando. Tudo graças a você, menina-monstro. – Ele piscou de novo e depois bocejou.

Elver bocejou em resposta.

– E o que você acha dos outros deuses? – perguntou ela. – De Tisk, por exemplo? Do Corvo Cuculado?

– Até que são dignos de respeito – disse Lucian. – Na verdade, Tisk está bem longe de ser respeitável, mas a trapaça é tão antiga quanto o sangue, e a mentira está nos lábios de todo humano. É algo poderoso. E o Corvo Cuculado é sério demais para o meu gosto, mas se existe um deus que está de olho em todos nós... – A voz foi sumindo, e ele bocejou de novo.

Seus olhos pareciam pesar toneladas, e deitar e dormir seria tão fácil – tão bom, na verdade. Tão fácil...

Lucian sentou-se de repente, o coração disparado.

– Maldito seja este lugar, estou pegando no sono! Como se eu fosse devolver o controle para aquele tolo assim tão fácil. – Ele jogou as pernas para fora e se levantou desajeitado, as amarras nos tornozelos apertando sua pele. – Tem algum lugar aqui que não seja encantado? Preciso ficar acordado. Preciso lembrar de mais coisas... se você me permitir, Elver.

A garota esfregou o braço no rosto e piscou várias vezes.

– Pelo que sei, o prédio inteiro está sob o feitiço do sono, mas tem uma fonte termal nos fundos, no jardim. Os hóspedes podem se banhar nela.

– Um banho! Se tem uma coisa de que eu tenho certeza é que eu costumava gostar de um bom banho quente. Me desamarre e eu farei o mesmo juramento de antes, Elver da Floresta dos Jih... Permita que eu recupere um pouco mais de mim e me comportarei.

Por alguns segundos, ela pareceu hesitar. Quando ele perguntou, ela falou sobre o Templo de Triló e o que viveram lá como se não fosse nada, mas ele se

perguntava se aquilo a tinha perturbado mais do que queria admitir. Manteve o rosto cuidadosamente neutro.

– Tudo bem – disse ela, por fim. – O filhote pode ficar aqui. – Ela apontou com a cabeça na direção dele, agora deitado de costas, as quatro patinhas apontando para o alto. Ronquinhos suaves vinham de onde ele estava. – Já está dormindo mesmo.

★

A fonte era um poço fundo e redondo, cercado por grandes pedras cinzentas e pequenas árvores retorcidas de folhas carmesim. A água em si era turva, e o vapor subia dela como uma fumaça branca. Não havia outros hóspedes por perto, e os únicos sons vinham de insetos noturnos zumbindo ao longe. Algumas mariposas dançavam sobre a água, hipnotizadas pelo reflexo da lua. Lucian tirou a camisa e ficou apenas com a roupa de baixo antes de entrar na água até os joelhos. O calor era quase sufocante, e por um momento ele não pensou em nada. Quando foi a última vez que sentira algo assim? Com certeza não foi naquela cela fria do mosteiro. Com um sorriso, voltou-se para Elver.

– Isso é incrível. Vai entrar?

A garota o observava de um jeito estranho, e pela primeira vez ele tomou consciência do próprio corpo. O monge passara boa parte da vida treinando, o que o deixara magro e bem musculoso. *Não é meu corpo*, pensou Lucian, *mas não é de todo ruim*.

– Não – disse ela, desviando o olhar. – Mas aproveita aí, né.

Ele avançou mais no poço até que a água quente chegasse ao peito.

– Ahhhh. Agora sim, isso é bom. Me sinto desperto de novo. Tem certeza de que não quer me acompanhar? – Ele se acomodou, encostando-se nas pedras ao redor do poço. – Se quiser, prometo não olhar até você estar dentro. A água é bem opaca.

Elver se aproximou da beirada. Teria sido imaginação dele ou havia um leve rubor na sua bochecha branca como osso?

– Temos fontes termais na Floresta dos Jih – disse ela. – Muitos dos jih gostam de nadar nelas, principalmente no inverno.

Ela se sentou nas pedras e tirou as botas enlameadas, depois arregaçou as pernas da calça, remendada em vários pontos. Quando ficou descalça, deixou

os pés mergulharem na água. Lucian, observando-a, se pegou imaginando como ela ficaria com roupas mais elegantes. Tinha a impressão de que, um dia, gostara muito de seda e veludo, e suspeitava que o cabelo branco dela ficaria deslumbrante com um vestido bordô. Quando se acomodou, ela estendeu a mão na direção dele.

– Se quiser buscar outra lembrança, vamos nessa – disse ela. – Antes que algum outro hóspede resolva usar a fonte. Mas, desta vez, quero que você me diga o que viu.

– Por quê?

Ela franziu a testa para ele, e ele se surpreendeu ao perceber o quanto gostava daquele brilho feroz nos olhos dela.

– Satisfazer minha curiosidade é o preço que você paga para recuperar suas memórias.

– Neste caso, será um prazer te satisfazer.

Ele avançou pela água até Elver, mas em vez de segurar a mão dela, pegou no pé descalço da garota, acariciando o arco e encaixando os dedos em seu calcanhar. Ela estremeceu de leve, pega de surpresa, e então...

Ele estava amarrado e de joelhos. O lugar era rochoso, desolado, sem vegetação, exceto por uma minúscula raiz vermelha que brotava entre as pedras. Havia um sentimento de perigo extremo, de fracasso e dor, e ao redor dele estavam pessoas que desejavam seu mal... Não, não exatamente. Elas apenas esperavam que o mal recaísse sobre ele em vez delas. Uma mulher se aproximou com uma tocha na mão. Era décadas mais velha que ele e o encarava com um ódio escancarado. O cabelo ruivo esvoaçava ao redor de sua cabeça como uma bandeira de alerta.

*Lucian, disse ela, consegue adivinhar o que vai acontecer depois disso?*

Quando recobrou os sentidos, ele se viu largado na beira da fonte, com as pernas mergulhadas até os joelhos. Elver parecia ter se molhado também; as roupas estavam encharcadas.

– Você afundou quando me tocou – disse ela. – Tive que te puxar antes que se afogasse, seu idiota. – Ela se afastou, visivelmente desconcertada. – O que foi que você viu?

Ele afastou o cabelo molhado do rosto.

– Uma mulher de cabelo vermelho. Acho que queria me matar. Acho... Acho que talvez *tenha* me matado.

Os olhos de Elver se arregalaram.

– Acho melhor voltarmos para dentro.

## CAPÍTULO 20

Eles perceberam que estavam no caminho para o templo de Tisk muito antes de chegarem lá de fato. Havia placas espalhadas pela beira da estrada, umas coisas tortas feitas à mão, com dizeres como *PASSE NO EMPÓRIO DE TISK HOJE E REALIZE TODOS OS SEUS SONHOS* e *PROCURANDO UM JEITO DE ENRIQUECER? VISITE TISK, DEUS DA ILUSÃO*.

– São promessas ousadas – comentou Artair.

– O deus das mentiras – murmurou Elver.

Já na estrada, tinham avistado outros viajantes, homens e mulheres a cavalo, carroças cheias de mercadorias e, certa vez, uma carruagem que parecia abrigar uma família inteira: primos, tias, tios e tudo o mais. Uma criança pequena acenou para Elver ao passarem, e, hesitante, ela retribuiu o aceno. O filhote, após toda a dificuldade que tiveram para tirá-lo do cantinho aconchegante na cama de Elver, fora colocado de volta no saco, bocejando. Ele consentira em ser carregado por Artair, que, Elver notou, parecia um tanto satisfeito. Até o momento, não tinham visto nenhum sacerdote sem rosto.

Conforme caminhavam, com o leve sol de outono aquecendo o topo de suas cabeças, Elver se pegou revivendo mentalmente a noite anterior. Primeiro, o que a irritava mais que tudo, se lembrava da imagem de Lucian apenas de roupa íntima, o vapor da fonte termal formando gotículas sobre sua pele lisa. Quando olhava para Artair agora, sentia-se culpada, como se tivesse visto algo que não deveria. Em segundo lugar, havia a lembrança recuperada por Lucian. Com as lacunas no que ele sabia, era impossível dizer se a mulher ruiva era ou não a Mãe Maura, mas ela não parava de pensar no fato de que talvez ele também tenha sido sacrificado para o Garra Sangrenta. Afinal, ninguém sabia de onde vinham os Insones.

– A magia do sono não funcionou em você? – perguntou Artair. Ele a olhava com uma expressão preocupada. – Você parece meio indisposta.

– Estou bem – respondeu ela, pensando na mão quente dele deslizando por seu pé. – Só estou mais do que pronta para voltar pra minha floresta, só isso.

– Lembre-se, se o Outro...

– Lucian.

– ... se ele estiver falando na sua cabeça e te mantendo acordada, eu não me incomodo em ser amordaçado antes de dormir.

– Não sei se isso ajudaria.

Mais adiante na estrada, havia outra placa, maior do que todas as anteriores, que apontava para uma curva ladeada por castanheiras-da-índia. A placa dizia *POR AQUI PARA O GLORIOSO TEMPLO DE TISK* e, ao lado das palavras pintadas com esmero, havia uma gravura em baixo-relevo de uma raposa saltando.

– Pelo jeito, é aqui.

Eles seguiram pela estrada lateral, desviando das cápsulas verdes e espinhosas que cobriam o chão. Elver parou para apanhar uma castanha reluzente, apreciando a maciez contra os dedos antes de guardá-la no bolso; estava longe da Floresta dos Jih, mas as castanheiras-da-índia eram como um lembrete de sua casa, e sentia-se bem levando um pedacinho com ela.

O Templo de Tisk mais parecia uma cabana caindo aos pedaços; o telhado era de sapê, com uma variedade de plantas e musgos crescendo entre os caules, e, no jardim da frente, havia toda sorte de estátuas votivas de todos os formatos, tamanhos e cores, representando os doze deuses de maneiras diversas. Elver avistou o Corvo Cuculado se erguendo sobre os demais, o longo bico saindo por baixo do capuz, pintado todo de preto. Havia uma estátua de Vilon dos Muitos Membros, com braços e pernas em poses de dança ou empunhando um pincel. Havia até uma figura marcante da Rainha das Serpentes, o corpo curvado e ondulante envolvendo as outras estátuas – ela havia sido pintada em um verde-esmeralda cintilante, o que irritou Elver. *Ora, todo mundo sabe que ela é amarela.* O Garra Sangrenta também estava lá, na forma de várias estatuetas idênticas de um leão com uma pata erguida, a boca aberta exibindo as presas. Elver franziu a testa ao passar por elas. Parecia um mau presságio.

Quando abriu a porta da cabana, um sino tilintou em algum lugar, e, ao entrarem, ela percebeu que aquilo não era de fato um templo, nem mesmo uma cabana; era uma loja. Havia objetos de todo tipo por toda parte,

abarrotoando as prateleiras e o chão, e atrás de um balcão de madeira polida, uma jovem sorria para eles com expectativa.

– Boas-vindas ao templo de Tisk! – exclamou ela. – Como posso realizar os seus sonhos hoje?

– Isto é um templo? – perguntou Artair. Ele olhava em volta para os diversos artigos.

Aquilo não fazia o menor sentido para Elver.

– Sem dúvida – respondeu a mulher atrás do balcão, este também repleto de velas, moedas e potinhos de barro.

Ela parecia ter apenas alguns anos a mais do que eles, com a pele marrom de um tom quente e cabelo preto. Tinha olhos escuros contornados por lápis preto e usava uma jaqueta ricamente bordada e de mangas largas por cima de uma blusa de seda cor de mostarda. Era de uma beleza impressionante. E então seu rosto se abriu em um sorriso maroto que, se é que era possível, a tornava ainda mais encantadora. Fez uma rápida reverência, espalhando alguns potinhos com as mangas.

– Sou Sunay Tiskertalia, maga devota do nosso glorioso e benevolente Lorde Tisk. Aqui, em meu humilde templo, coleciono coisas que são do agrado dele.

– Parece que muitas coisas são do agrado dele – retrucou Elver.

– Ah, seria de se pensar que sim! – respondeu Sunay. – Mas todos esses objetos estranhos e encantadores têm algo em comum. Consegue adivinhar o quê?

Elver deixou o olhar vagar até uma pintura pendurada na parede atrás da cabeça da mulher. Nela, uma raposa saltava sobre uma cerca de madeira em um campo, cada linha de seu corpo expressando velocidade e agilidade. Linhas douradas traçavam sua silhueta como um rendado, e, quando Elver se movia de um lado para o outro, a imagem mudava: no lugar da raposa, via-se uma figura masculina com cabelo arrepiado como a cauda de uma raposa, e olhos de um verde perigoso e incandescente.

– Todas as coisas à venda aqui já foram dadas a outro deus – concluiu Artair. – É isso que Tisk deseja em troca de sua magia: itens que, por direito, pertencem a outro alguém.

Sunay assentiu com alegria.

– Ele aceita algumas das coisas que ofereço, mas a maioria ele apenas aprecia por um tempo e depois devolve. E então eu revendo. – Ela baixou a

voz. – Ele fica muito satisfeito com a ideia de ganhar dinheiro com as posses de outros deuses. Pois bem! – Ela se recostou, sorrindo para os dois. – Vieram comprar? Vender?

– Viemos por um feitiço – disse Elver. – Um feitiço de ilusão. Podemos comprar algo assim de você?

– Ah. – A expressão de Sunay ficou mais séria. Ela saiu de trás do balcão e foi até a porta da frente, virando a plaquinha pendurada ali para FECHADO. – Venham comigo – instruiu ela, fazendo um gesto em direção a uma porta menor à direita do balcão. – Me parece o tipo de coisa que deve ser discutida em um ambiente mais acolhedor.

Do outro lado da porta, havia uma pequena sala de estar. Ali, os objetos eram mais refinados, como se tivessem sido escolhidos por Sunay por seu brilho e beleza. *Magácia*, pensou Elver. Os três se sentaram em poltronas estofadas demais, e Sunay serviu um chá frio perfumado em três xícaras de prata.

– Então, me contem... quem são vocês? Qual é a história?

Elver falou antes que Artair pudesse se pronunciar:

– Somos um irmão e uma irmã de Porto das Víboras. Precisamos de um feitiço de ilusão para enganar o homem que está tentando ludibriar nossa mãe.

Artair a olhou como se tivesse nascido uma segunda cabeça do pescoço dela.

Sunay sorriu e bebeu um gole de chá.

– Tentem outra vez. Vocês dois jamais poderiam ser irmãos.

– Eu...

– Tem uma coisa que você precisa saber a respeito dos magos de Tisk, meu bem. Quando sua magia está atada ao deus das mentiras, você aprende a reconhecer uma de longe.

Elver recostou-se de leve na poltrona. Desde que haviam mencionado o feitiço, algo em Sunay havia mudado. Ela continuava calorosa e simpática, mas havia agora uma perceptividade na maga que a deixava um tanto desconfortável.

– Outra maga sequestrou alguns amigos meus – falou Artair. – Em troca deles, me pediu que levasse algo para ela... mas é algo que não me pertence. Em vez disso, queremos entregar uma ilusão para ela.

À medida que ele falava, as sobrancelhas de Sunay se erguiam na testa.

– Ah – disse ela –, mas isso é *maravilhoso*. Interferir nos assuntos de outra maga e, portanto, nos assuntos de outro deus... Meu senhor vai adorar isso. E onde você entra nessa história? – Ela olhou para Elver.

– A coisa que ele pegou. Ela pertence a outro deus. E esse deus me pediu para levar de volta.

– Dois deuses! – Sunay estava visivelmente radiante. – Mas tem mais alguma coisa que vocês dois não me contaram. – Ela se inclinou sobre a mesinha, os olhos escuros repletos de curiosidade. – Está bem diante do meu nariz, tenho certeza...

Artair olhou para Elver.

– Não há mais nada a saber – disse ele depressa. – Fora isso, somos pessoas muito normais. Gente muito normal de Porto das Víboras.

– Outra mentira! – exclamou Sunay, triunfante. – Sim, consigo ver agora. – Ela apontou os dedos indicador e médio da mão direita para indicar os dois ao mesmo tempo. – O jeito como vocês dois estão sentados aí, esperando serem desmascarados. E seus olhos dourados deslumbrantes, é claro, meu bem. Jih. Espíritos monstruosos. O que me faz pensar: o que, em nome de Tisk, essa maga quer com você?

Elver suspirou e abriu o saco. Lá dentro, o filhote dormia com as patinhas sobre o focinho. Sunay se levantou. Por um instante, Elver se perguntou se a maga iria correr aos gritos templo afora para chamar os guardas mais próximos, ou até trazer os sacerdotes sem rosto para buscá-los, mas em vez disso ela começou a andar apressada pela sala, como se não conseguisse conter a empolgação.

– Que dia! Isso vai ser um golpe e tanto. Digo, meu Lorde Tisk ficará interessado em ajudá-los, disso tenho certeza, mas criar a ilusão de uma criatura viva, respirando... um monstro, ainda por cima... não é tarefa fácil, e o tributo a ser pago será significativo. Não pode ser qualquer oferenda votiva arrancada do altar de Cevagrão ou da Senhora do Crepúsculo. Ah, não. Deve ser algo *especial*. – Ela parou de andar de um lado para o outro e ergueu a cabeça. Um brilho sólido alaranjado, como a última luz do pôr do sol, acendeu-se em seus olhos e desapareceu logo em seguida. – Sim. Ah, meu senhor é muito esperto.

– O que foi? – perguntou Artair. – É só que, veja bem, nós não temos muito. Temos um pouco de ouro...

– Não, não, nada que possa ser comprado. Tisk pede que vocês vão até o Templo do Limiar, que fica aqui perto, e consigam para ele um Coração Congelado.

– E o que é isso, exatamente? – perguntou Elver.

Tinha a nítida sensação de que cada palavra dita por Sunay acrescentava mais dias à sua permanência longe da floresta. E ainda tinham os noviços... Quanto tempo mais ainda teriam de vida?

– O Coração Congelado é um dos artefatos-chave no Templo do Limiar, concedido àqueles que vêm em busca da bênção daquele deus particularmente poderoso. Tem propriedades mágicas – Sunay gesticulou com a mão como se os detalhes não importassem –, mas vocês não precisam se preocupar com isso. Só que precisarão mentir para entrar no templo.

– Não podemos só pedir? – perguntou Artair. – Talvez se a gente explicar...

– Não, não, não, as mentiras são o ponto, não percebe? Se fosse dado de graça, meu Lorde Tisk não iria querer. E você vai ter que deixá-lo aqui, comigo. – Ela acenou com a cabeça em direção ao saco. O filhote tinha acordado de vez, seus olhos verdes brilhando com um quê sobrenatural.

– Quanto a isso, eu não sei. – Elver franziu a testa. Ser obrigada a confiar o filhote a essa magácia parecia ir longe demais. – Ele não vai gostar.

– Bobagem. Tenho muita comida. Ele gosta de bacon? Aposto que sim.

Elver se ajoelhou ao lado do saco e passou a mão entre as orelhas felpudas do filhote.

– Precisamos buscar uma coisa. Você vai ficar bem aqui?

*Este lugar tem um cheiro estranho. Muitos cheiros estranhos.* O filhote olhou para Sunay. *Posso mordê-la?*

– Acho que é melhor não fazer isso.

Os olhos do filhote brilharam ainda mais intensamente por alguns segundos, iluminando a saleta.

Sunay arfou de leve. Ela se virou para Artair.

– Ela está falando com a criaturinha?

– Está – disse Artair, sorrindo. – É parte da magia dela.

*Sinto falta da floresta,* disse o filhote. *Sinto falta da minha mãe. Quando vamos voltar?*

Uma pontada de tristeza atravessou o peito de Elver.

– Em breve, prometo. – *Assim que eu fizer Maura pagar*, pensou ela. – E quando estivermos de volta, vamos catar caracóis juntos. Aqueles bem gostosos. Que tal?

A criaturinha fungou de prazer, e Elver se levantou.

– Está bem. Ele fica com você.

– Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso. – A maga abriu um sorriso largo. – Pois bem. Vocês vão precisar de mentiras muito específicas para entrar no Templo do Limiar. Não se preocupem, estão nas mãos de uma especialista.

## CAPÍTULO 21

O Templo do Limiar era tão diferente do Templo de Tisk quanto se poderia imaginar, pensou Artair. Com exceção do mosteiro, era o maior prédio que ele já tinha visto, uma construção imensa de pedra cinza-clara no alto de uma colina verde. Torres finas se erguiam em cada canto, e uma constante corrente de casais subia pela trilha que levava até lá, de mãos dadas. Sinos soavam de forma discreta em algum lugar, e quando o sol surgiu por entre as nuvens, o templo pareceu piscar para eles de forma sedutora – as janelas, as portas e os topos das torres eram todos adornados com ouro.

– Isso nunca vai funcionar – murmurou Elver baixinho. – É melhor você segurar minha mão. Todos os outros estão de mãos dadas. – Ela escorregou a mão fria na dele. – Eles nunca vão acreditar que somos um casal.

Artair não tinha tanta certeza disso. Quem decidia como um casal deveria parecer? Logo ao lado deles, na trilha, paradas para admirar o templo, estavam duas senhoras de pelo menos sessenta anos – uma alta e magra, com marcas de expressão profundas ao redor da boca, e a outra baixa e robusta, o cabelo ruivo com mechas grisalhas. E alguns passos adiante, ele viu um homem e uma mulher de meia-idade conversando animadamente com dois rapazes jovens que se abraçavam pela cintura. A única coisa que todos pareciam ter em comum era a alegria de estarem na companhia um do outro.

– Acho que nos encaixamos bem – disse ele com cautela. – Talvez se a gente parecesse um pouco menos nervoso...

Ela olhou para ele, nervosa.

– Você acha que eu estou nervosa?

Na verdade, ele achava que ela estava linda. Antes de deixarem o Templo de Tisk, Sunay Tiskertalia os obrigara a tomar banho e se arrumar, e dera roupas novas aos dois. Artair vestia uma camisa creme simples, aberta no colarinho, uma calça escura de couro de vitelo e um casaco curto e justo de

couro marrom macio por cima; tudo mais ajustado do que as túnicas e mantos que usava no mosteiro, mas, ao se olhar no espelho de Sunay, ficara agradavelmente surpreso. Chegara até a prender o cabelo em uma trança discreta na nuca. No espelho, parecia mais velho, quase mais sábio: um jovem que vira mais do mundo do que esperava.

A maga tentara dar diversos trajes para Elver, e todos foram recusados por serem “ridículos”, até que, por fim, aceitara um gibão verde-azulado com pequenos peixes entalhados em pérolas costurados na gola e nos punhos. Lavado e penteado, o cabelo branco de Elver caía em ondas suaves sobre o rosto, e seus olhos amarelos – dourados, na verdade, pensou ele – pareciam especialmente marcantes após Sunay passar o lápis preto de maneira habilidosa.

Artair limpou a garganta, percebendo que a encarava.

– Não.

– Ótimo – disse Elver, mexendo nos botões do gibão. – Espero que o filhote esteja se comportando. Duvido que aquela maga saiba como cuidar de monstros.

– Olha, eles estão agrupando as pessoas nas portas.

Era impossível não ver os sacerdotes do Limiar. Vestiam sobretudo dourados sobre túnicas brancas e zumbiam em volta dos casais como abelhas douradas e rechonchudas.

Rapidamente, Artair e Elver foram colocados em um grupo com outros dois casais: dois jovens – um rapaz e uma garota – com idade próxima à deles e os dois homens que Artair tinha visto na trilha.

– Amados – falou o sacerdote que lhes fora designado, um homem enorme como um urso, com barriga arredondada, ombros largos e uma espessa barba loira que se enrolava luxuosamente até o meio do peito. – Hoje, vocês vieram pedir ao Limiar que abençoe suas uniões, que preencha seus dias com a gloriosa celebração do amor que já compartilham. – A voz dele era calorosa e muito, muito alta. Artair suspeitava que as pessoas ao pé da colina conseguiam ouvi-lo. – Que ocasião alegre. Mas não será fácil, ah, não. – Ele lançou um olhar sério a cada um deles, um por um. – Vocês devem enfrentar três provações antes que o Limiar conceda sua bênção. A provação da verdade, a provação da vulnerabilidade, e a provação da conexão. Meu nome é Sam, meus amigos, e como mago devoto do Limiar, serei seu guia por essas provações hoje. Agora, não fiquem assim tão preocupados – disse ele à jovem

que apertava nervosa a mão do companheiro magricela. – Tenho certeza de que passarão por cada uma com facilidade. Afinal – sua voz retumbava de convicção –, não estamos todos aqui em nome do amor profundo, duradouro, e da necessidade de conexão?

Os outros casais trocaram olhares e riram baixo. Uma onda de irrealidade tomou conta de Artair: ele nunca sequer tinha segurado a mão de uma garota antes, e agora estava no Templo do Limiar.

– Agora – prosseguiu Sam –, presumo que todos tenham trazido os tributos apropriados?

Artair ajeitou a sacola no ombro, sentindo o peso reconfortante dos itens ali dentro. Sunay também os ajudara com isso. Para que os magos do templo pudessem realizar suas magias, o Limiar – deus do amor, da conexão e da cura – exigia tributos de coisas remendadas. Na sacola, Artair levava três desses itens: uma tigelinha azul da cor do céu com garças pintadas e uma linha dourada irregular onde fora quebrada e remendada com ouro derretido; um xale de seda fina cuidadosamente remendado; e uma pequena boneca de madeira cujo rosto já fora repintado várias vezes. Quando Sunay lhes entregara os objetos, Elver perguntara quanto teriam de pagar, e a maga respondera que eram gratuitos: itens que Tisk adquirira como parte de suas próprias oferendas e que agora seriam usados para obter algo muito melhor.

Com Sam na liderança, eles entraram no templo propriamente dito. Dentro, havia um vestíbulo vasto, ladeado por janelas que davam vista para as colinas, e no centro, suspenso no ar logo abaixo do teto, havia um imenso coração de pedra cinzenta e lisa, completo com câmaras, tubos e outras partes que Artair reconhecia vagamente de seus estudos. Pequenas luzes cor-de-rosa, quase como vagalumes, deslizavam lentamente pela superfície. Abaixo, os sacerdotes guiavam grupos de suplicantes até fileiras de portas douradas ao longo das paredes.

– Cá estamos, meus amigos.

Dentro da primeira sala, havia uma abertura horizontal na parede, de onde saíam chamas alaranjadas; fazia Artair se lembrar dos fornos das cozinhas do mosteiro. Elver observava tudo com atenção extrema, como quem procura possíveis rotas de fuga.

– Esta é a provação da vulnerabilidade.

– Nós não vamos... ter que enfiar a mão ali dentro ou coisa do tipo, né? – perguntou o jovem magro. Estava pálido como papel.

Sam riu com gosto.

– Imagine só, jovem mestre! Não. O Limiar consome o tributo por meio do fogo, reduzindo todas as peças separadas a uma única chama de conexão.

Elver fez um som de desdém bem baixinho, audível apenas para Artair.

– Na provação da vulnerabilidade, a magia do Limiar concederá a vocês uma visão do passado de seu parceiro, um fragmento da vida que ele teve antes de você. Você é capaz de aceitar quem seu amado era antes de essa ligação ser formada? E será capaz de se deixar ver por inteiro diante dele? A verdadeira conexão só pode ser formada com uma vulnerabilidade real.

Os dois jovens rapazes foram os primeiros a completar o rito. Seguindo as instruções de Sam, entregaram a oferenda às chamas – um broche com o alfinete recentemente soldado – e então ajoelharam-se um diante do outro, sobre duas almofadas em tons de cinza e dourado. O sacerdote orientou que se inclinassem até as testas se encostarem e fechassem os olhos, e então murmurou algumas palavras ao seu deus. Luzinhas cor-de-rosa, como as que cercavam o coração, começaram a girar em torno do casal. Durante alguns minutos, os demais permaneceram em pé, observando, e então o mais alto dos dois, que usava um tapa-olho de veludo verde, riu, e o outro sorriu, balançando a cabeça. As luzes desapareceram. Quando se levantaram, Artair teve a impressão de que se olhavam com mais ternura do que antes.

Sam sorriu, radiante.

– Perfeito. Imagino que as lembranças trazidas pelo Limiar só serviram para tornar a conexão entre vocês mais profunda, certo?

– Eu vi o Barnard aqui quando ele ainda era um menininho teimoso – disse o homem do tapa-olho –, se esgueirando pela cozinha para comer os docinhos que foram preparados para o aniversário do irmão. Não sei como a mãe dele aguentava.

Seu parceiro sorriu.

– A memória que me deram de você não é adequada para ambientes públicos, Diamin, então cuidado.

Sam fez um gesto para Artair e Elver.

– Agora é a vez de vocês, meus amigos.

Elver tirou a bonequinha da sacola e a colocou no fogo. Ele se alastrou no mesmo instante, o rostinho da boneca derretendo, e Artair desejou, por um breve momento, que tivessem escolhido outro tipo de oferenda. Então, ajoelharam-se nas almofadas, os joelhos quase se tocando. Era curioso estar

tão próximo de Elver; normalmente, ela se esforçava para manter distância – com medo, sem dúvida, de envenenar alguém por acidente. Ela se sentava com uma graça inconsciente, a linha do pescoço muito branca contra a gola do gibão.

– Muito bem, vocês dois – disse Sam. – Quero que deem as mãos e se olhem. Aqui não é lugar para distância.

Artair sentiu as bochechas esquentarem. Deixou as mãos sobre os joelhos, e, após um momento, Elver pousou as dela sobre as dele. Achando que precisava de algo mais, ele entrelaçou os dedos nos dela, que ergueu os olhos, quase espantada. Ele não conseguiu decifrar a expressão que via ali. *Olhe para ela como se estivesse apaixonado*, disse a si mesmo. *É assim que esperam que você olhe.*

Ele sorriu e ela franziu a testa de leve.

– Encostem as testas e fechem os olhos – orientou Sam. – E esperem o Limiar oferecer uma memória para vocês.

Artair fez o que lhe foi pedido. Embora não pudesse ver as luzes cor-de-rosa, podia senti-las, uma espécie de calor vibrante e animado que roçava seu rosto e seus braços. E então, as imagens começaram a preenchê-lo, e até mais do que isso: cheiros, gostos, sons. Ele estava parado à beira de um trecho rochoso da costa, o mar que antes vislumbrara das janelas do mosteiro agora como uma presença imensa e agitada diante dele, o sabor do sal na língua tão ácido e delicioso quanto qualquer fruta. Logo abaixo, havia uma sucessão de poças entre as rochas, escorregadias por causa das algas verde-escuras e cheias de água azul e branca, que se revolia a cada onda. Enquanto observava, uma enorme serpente amarela emergiu do mar e, entre as mandíbulas, trazia uma criança, que depositou à beira de uma poça. A menina, que parecia ter cerca de doze anos, estava toda ensopada e pálida, mas viva. Era Elver. O cabelo, então escuro, tinha uma larga mecha branca na frente, e havia marcas de mordidas em carne viva no rosto, ombro e braço. As roupas encharcadas estavam pesadas de sangue, e ela tremia por inteiro. Artair sentiu um impulso imenso de correr até ela, de envolvê-la em algo quente, mas não conseguia se mover das pedras onde estava.

*É a memória dela*, lembrou a si mesmo. *Tudo isso aconteceu há muito tempo, e não há nada que eu possa fazer agora.*

A menina puxou os joelhos até o peito, ainda tremendo.

*Criança. A voz da Rainha das Serpentes soava como uma música estranha. Seu sangue agora é meu veneno, e você deixou o mundo humano para trás. Você é um espírito-monstro, uma das minhas filhas abençoadas. Entendeu?*

Elver ergueu a cabeça.

*Viverá na floresta que se ergue atrás de você e será a guardiã dela. Elver, criança-veneno, você sempre terá minha bênção e minha proteção. Entendeu?*

Desta vez, a menina assentiu e parecia não tremer mais.

– Eles me mataram – disse ela. Sua voz quase se perdia sob o sussurro e o chiado do mar. – Me jogaram no mar como se eu não fosse nada. – Devagar, ela se ergueu, uma figura pequena e desafiadora contra as pedras. – Eu *nunca mais* vou voltar.

Com isso, as imagens se dissiparam, e Artair se viu de volta na sala, junto ao sacerdote do Limiar e aos demais casais. Elver piscava para ele, os olhos arregalados, as mãos apertando as dele com força. Quando se deu conta do que estava fazendo, soltou as mãos dele abruptamente.

– Aí está – disse Sam, indicando que se levantassem. – Mais uma conexão forjada.

Quando se puseram de pé, Artair notou que Elver evitava encará-lo e sentiu um frio na barriga. O que ela tinha visto? Que lembrança recebera?

Havia a pior lembrança de todas, claro, aquela em que nem ele próprio se permitia pensar. Mas então, se tivesse sido essa, ela já não teria fugido do templo, colocado a maior distância possível entre eles?

*O filhote monstro, lembrou a si mesmo, amargo. É por causa dele que ela está aqui. A lealdade à Rainha das Serpentes a impede de partir, mesmo que quisesse.*

Enquanto isso, o último casal completava seu próprio rito, e Sam olhava em volta, animado.

– Vamos prosseguir para a provação da verdade?

## CAPÍTULO 22

– Assim que conseguirmos o Coração Congelado, temos que cair fora daqui.

Estavam esperando o sacerdote terminar de preparar o espaço para o próximo rito. Ele usava uma pequena ferramenta de ferro para varrer as cinzas das oferendas anteriores enquanto os casais permaneciam juntos, absortos um no outro.

– Sunay disse que eles só nos entregam depois da última provação – comentou Artair. Elver percebeu que ele observava os outros casais com uma curiosidade evidente. Sua curiosidade pelo mundo estava em cada movimento e gesto. Isso, ao mesmo tempo, a fascinava e a irritava. – Eu não consigo entender – admitiu ele. – Não é como se estivéssemos invadindo este lugar à noite para roubar o objeto às escondidas. Eles vão nos entregar porque estamos fazendo os testes. Se Tisk só aceita tributos roubados de outros deuses, como isso conta?

– Porque nós não somos um casal de verdade – sibilou ela de volta. – Estamos pegando algo que não temos o direito de pegar.

Seus olhos deslizaram até o rapaz e a garota que agora estavam junto às almofadas, ansiosos para começar a próxima provação. Estavam de mãos dadas. Elver levou a mão à castanha que havia transferido para o bolso do gibão. Era reconfortante tê-la por perto; como se, de algum modo, a Floresta dos Jih não estivesse assim tão longe.

– E há uma boa chance de ainda fracassarmos nas provações. – Ela bufou. – Se esse deus for bom no que faz, deveríamos fracassar. Qualquer um consegue perceber que não estamos apaixonados.

– É... – disse Artair, e assentiu. – Bom. Vamos torcer para que não. Precisamos muito daquele feitiço. – Ele baixou a voz. – Posso perguntar... que lembrança você recebeu? Minha?

– Ah, nada muito interessante. O que esperava? Você passou metade da vida num mosteiro.

Elver fez uma pausa. Ela o vira parado diante de um portão de ferro alto, que um dia já fora pintado de vermelho. Era ainda bem jovem e magro, muito frágil, e o rosto estava molhado de lágrimas. Dois homens corpulentos, parecendo guardas, estavam atrás dele, um deles com a mão pousada em seu ombro de um jeito nada amigável. Por fim, o portão se abriu, revelando um monge em vestes amarelas. Tinha um ar alegre, mas quando o monge estendeu a mão, Artair recuou, tentando correr, e o guarda mais próximo o agarrou sem delicadeza alguma. Juntos, arrastaram o menino resistente para dentro do portão, indiferentes aos gritos dele.

– Você estava, sei lá, meditando ou algo assim. Foi bem entediante.

Artair assentiu.

– Ah. – Parecia aliviado.

O sacerdote instruiu o casal seguinte a colocar sua oferenda no fogo, e então sentaram-se frente a frente sobre as almofadas, as mãos ainda entrelaçadas. Sam se postou ao lado deles e ergueu as mãos sobre suas cabeças. Um leve brilho rosado preencheu o espaço entre os dois.

– A provação da verdade – entoou solenemente. – Talvez a mais difícil das três, pois o Limiar olha dentro de cada coração e vê o que de fato há ali, uma verdade que, por vezes, nem nós mesmos conhecemos.

Dois pontos de luz rosada surgiram no ar, pairando diante do peito de cada um. Enquanto Elver observava, os pontos cresceram e tomaram formas familiares, até se tornarem pequenas réplicas dos humanos que representavam, como bonecos feitos de luz cor-de-rosa. Moviam-se de forma independente; a pequena garota de luz ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha, enquanto a moça de verdade a observava, perplexa.

– Falem – ordenou Sam. – Mostrem-nos a verdade.

A figura luminosa diante da garota foi a primeira a falar.

*Markan fala comigo com gentileza. Às vezes se atrasa para fazer suas tarefas e isso me irrita um pouco, mas acredito que ele é meu verdadeiro amor.*

A garota riu, nervosa. O garoto pareceu um tanto incomodado, Elver notou, mas então a figura à frente dele começou a falar.

*A Vellerie serve por enquanto, mas estou de olho na irmã dela.*

Markan saltou como se tivesse levado um beliscão, e Vellerie gritou horrorizada antes de correr para a porta, os olhos já marejados. Ambas as

figuras de luz se apagaram de imediato. Todo o sangue havia sumido do rosto do garoto e, ao se levantar, parecia prestes a desabar. Ele tentou se encaminhar até a porta, mas Sam pousou a mão em seu ombro com firmeza, mantendo-o no lugar. O semblante do sacerdote era cuidadosamente neutro, mas Elver julgou ter visto um leve tremor de repulsa por trás da barba.

– Ora, Markan. É melhor deixá-la ir por agora, não acha?

Sam conduziu o garoto por uma porta lateral e, durante sua ausência, Elver e Artair trocaram um olhar apreensivo. Certamente seria impossível que passassem por aquela provação. Também seriam convidados a se retirar, sem o artefato de que Sunay precisava em troca do feitiço.

– Eu bem que não tinha ido com a cara daquele sujeito – comentou Barnard. – Tinha um olhar meio dissimulado.

– Ah, nem vem com essa, Barny – disse Diamin. – Você não tinha achado nada disso.

Quando o sacerdote retornou, parecia bem-humorado de novo, lançando um sorriso irônico para todos.

– Acontece mais vezes do que gostaríamos – falou ele –, mas pensem nos muitos anos de angústia e dor que essa menina conseguiu evitar. – Ele deu uma risadinha de leve. – Pois bem. Acredito que agora seja a vez de vocês, meus queridos.

Esforçando-se para não parecer tão desesperançosa quanto se sentia, Elver se ajoelhou sobre a almofada cinza e dourada, de frente para Artair. Mais uma vez, o sacerdote murmurou palavras que ela não conseguia identificar, e ela teve uma estranha sensação de calor no peito enquanto a luz cor-de-rosa se condensava diante dela. Diante do peito de Artair, havia também uma versão minúscula dele, mas.... Ela estreitou os olhos. Por um momento achou que estivesse imaginando, mas parecia haver duas imagens, uma um pouco fora de sincronia com a outra – como um eco ou uma sombra. Elver olhou para o sacerdote, mas ele não parecia ter notado. Então, a figura de luz diante dela começou a falar.

*Quando olho para você, vejo a única pessoa que talvez entenda como é estar na minha pele.*

Elver engoliu em seco, o coração parecendo prestes a sair pela boca. Artair arregalou os olhos, e ela desejou com todas as forças estar em outro lugar, qualquer outro lugar – até mesmo uma taverna lotada em Porto das Víboras seria preferível a estar ali, com o rosto em chamas e os olhos castanhos de

Artair encarando aquela verdade secreta e vergonhosa. Por um instante insano, ela quis se levantar de um salto, agarrar a mão do sacerdote e envenená-lo, envenenar a todos... Mas a lembrança do filhote e o juramento feito à Rainha das Serpentes a mantiveram imóvel. Ela cerrou os dentes e encarou Artair com ousadia, desafiando-o a dizer algo.

O que ele disse foi:

– Obrigado. – E, de algum modo, aquilo foi pior do que se ele tivesse zombado.

A figura à frente dele se agitou – não, eram definitivamente duas figuras, ela tinha certeza –, e então duas vozes falaram ao mesmo tempo.

*Você é corajosa, determinada e extraordinária*, disse a primeira voz.

*Eu preciso estar mais perto de você*, disse a segunda.

Elver viu sua própria expressão de surpresa refletida nos olhos de Artair, e acima deles o sacerdote se engasgava com as palavras.

– Bem, bem – disse ele. – Nunca vi isso acontecer antes. – Pareceu perturbado por um instante, depois deu de ombros. – Devemos confiar na sabedoria do Limiar, meus amigos. Parece que o amor que você sente por essa garota, jovem mestre, é tão poderoso que uma única revelação não é suficiente. E que todos nós sejamos tão afortunados, não é mesmo?

Eles se levantaram. O casal restante, Elver notou, os olhava com um sorriso aberto. Ela fez o possível para evitar contato visual.

– Agora, esses dois aqui – dizia Barnard ao parceiro –, tenho um bom pressentimento a respeito deles. Há uma tensão palpável. Você não percebe, Diamin?

Barnard e Diamin passaram pela provação da verdade com facilidade, rindo baixinho das pequenas versões cor-de-rosa de si mesmos. Quando terminaram, o sacerdote lhes indicou que se levantassem.

– Meus amigos – disse Sam –, o último rito, a provação da conexão, acontece na Sala dos Corações. Lá vocês irão juntos, sem mim, e enfrentarão o Limiar por conta própria. Lá, será revelado a vocês o momento de maior conexão que já compartilharam até agora, e vocês terão um vislumbre do que está por vir em seu futuro – continuou ele, com um ar bastante satisfeito. – Só me deem um momento para preparar a sala.

Quando ele saiu, Elver mexeu nervosamente nos botões do gibão.

– Falta só mais uma – disse em voz baixa. – Estamos quase lá.

Artair estava corado, e alguns fios de cabelo haviam escapado da trança.

– Aquela segunda voz... – sussurrou ele. – Era *ele*? Ou será como o sacerdote disse... – A frase se perdeu no ar, enquanto seu rosto ficava ainda mais vermelho. – Digo, que as duas vozes eram minhas.

– Eu não sei – respondeu Elver depressa, embora ambas as frases ainda ecoassem em sua mente. *Eu preciso estar mais perto de você*. – Como eu poderia saber?

– É que *eu* acho que você é corajosa – respondeu Artair. Ele roçou os dedos no dorso da mão dela com hesitação, como se quisesse segurá-la. – E meio que extraordinária. E...

Sam voltou à sala, o rosto amigável agora sério de novo.

– O Limiar os aguarda.

## CAPÍTULO 23

Artair e Elver entraram sozinhos no último cômodo. No centro da câmara circular havia uma pira de fogo, e foi ali que lançaram com todo o cuidado a última de suas oferendas: a tigela azul de garças. Artair tinha certeza de que ela se quebraria com o calor, mas derreteu no fogo como se fosse feita de manteiga, cintilando brevemente em dourado enquanto as partes remendadas se rendiam às chamas. Ficaram ali, aquecidos, sem saber o que fazer em seguida.

– Estamos perto agora – disse Elver.

Ele notou que a garota não olhava diretamente nos olhos dele e mantinha uma distância um pouco além da que permitiria que ele segurasse sua mão. *Não é preciso fazer isso aqui*, disse a si mesmo. *Não tem ninguém para quem fingir.*

– Assim que conseguirmos esse Coração Congelado, seja lá o que for, podemos voltar para a casa da maga e pegar o feitiço. – Ela soltou um som que quase parecia uma risada. – Só precisamos, sabe como é, enganar um deus.

– Até agora, conseguimos – apontou Artair.

– Olha, a luz está mudando.

Ela estava certa. A câmara era iluminada por pequenas lamparinas a óleo ao longo da base das paredes. Uma a uma, estavam ficando cor-de-rosa. Ao mesmo tempo, o ar na sala tornava-se mais quente; primeiro, como um agradável dia de primavera, e depois, como o calor de uma noite quente de verão. Artair sentiu o corpo se aquecer, relaxando aos poucos. Elver passou o dedo pela gola do gibão e a afrouxou levemente. Um zumbido agradável preencheu o ambiente ao redor deles, um som suave que fez Artair pensar em tardes preguiçosas nos jardins do mosteiro, deitado na grama e ouvindo as abelhas. De forma absurda, as pálpebras pesaram, e ele se balançou sobre os próprios pés.

– Artair? – A mão fria de Elver pousou em seu braço. – Acho que o Limiar está chegando.

Ele voltou para o presente, um leve pânico acelerando seu coração: naqueles poucos segundos, havia chegado perigosamente perto do sono. A câmara agora se enchia de figuras fantasmagóricas feitas de luz rosada, todas de pé, olhando para os dois. Não era possível distinguir os detalhes de seus rostos, mas, pelos contornos e posturas, ele sabia que eram todas diferentes e que seus semblantes eram gentis. Isso o fez pensar na caminhada até o templo. *O amor tem uma aparência diferente para cada um*, pensou.

– Duas pessoas em busca da verdade sobre sua conexão.

A voz do Limiar era um coro de cem vozes falando ao mesmo tempo, mas, de algum modo, não era sufocante. Elver, no entanto, parecia sentir o contrário, e ele se lembrou de que ela passara grande parte dos últimos tempos sozinha em uma floresta. Deu um passo na direção dela.

– Estou aqui com você – murmurou, e ela o olhou de uma forma que parecia quase grata, ou isso seria fruto da imaginação dele? Ao menos não parecia irritada, o que já era um avanço.

– Primeiro, mostraremos o momento de conexão mais profunda entre vocês, o instante que entrelaçou suas vidas o suficiente para trazê-los até nós hoje. – O Limiar fez uma pausa, e as figuras luminosas sorriram ao mesmo tempo. – Pode não ser o que esperam. Mas confiem no Limiar para revelar o que precisam ver. Depois, daremos um breve vislumbre de um possível futuro, o futuro escrito pelo desejo que corre em seus sangue.

A luz magenta que preenchia o ambiente começou a pulsar, como um batimento cardíaco, e no ar acima da pira de fogo, uma imagem começou a se formar. Era como se vissem a cena de cima, e Artair vislumbrou um prédio que reconheceu. Era a Estalagem de Enos, com a figura do deus aranha agachado no telhado. Ao seu lado, sentiu Elver enrijecer.

– Acho que é melhor a gente ir embora – disse ela baixinho –, isso não vai dar certo e podemos achar outra coisa para dar a Tisk como tributo.

A imagem deslizou pelo telhado até que estavam olhando para uma fonte termal, nuvens de vapor subindo da água turva.

– Que estranho – comentou Artair, franzindo a testa. – Não me lembro de ter visitado essa fonte.

No entanto, segundo as imagens, ele esteve lá, e Elver também. Conforme assistia, viu-se avançar com confiança em direção à água, tirando a túnica

curta por cima da cabeça e jogando-a na grama. As imagens não tinham som, mas Artair pôde ver o próprio rosto sorrindo, os lábios se movendo enquanto ele entrava na água. O Artair da imagem se virou e fez um gesto para Elver, que ainda estava parada junto às pedras. Uma suspeita horrível nasceu em seu peito.

– Não dá pra entender. – Mas ele entendia.

Elver não disse nada.

Na imagem, a versão passada dela havia tirado as botas e estava sentada na beira da fonte, enquanto aquele Artair ainda falava, sorrindo de um jeito maroto que... *que não era ele*.

– Você o libertou – protestou Artair, um vazio crescendo em seu peito, deixando-o tonto. – Você desamarrou Lucian e permitiu que ele vagasse livremente.

– Olha – dizia Elver –, olha só, Artair, tem algumas coisas a respeito dele que você não entende...

– Você faz ideia do que fez? – Artair deu um passo para longe dela, e as figuras do Limiar tremeluziram como reflexos na superfície de um lago. – Pelos Doze, Elver, ele poderia ter machucado alguém! Ele poderia ter feito qualquer coisa, e é *minha* responsabilidade garantir que não o faça.

A pior lembrança, a mais sombria, emergiu do lugar onde sempre o aguardava. O cheiro de grama queimada, fuligem gordurosa em seus dedos.

– Ele é perigoso, e você o libertou...

Na imagem flutuante, Lucian se movia pela água para se aproximar de Elver e, conforme assistia, Artair viu sua mão tocar o pé descalço dela. Era demais.

– Eu não consigo fazer isso.

Ele caminhou com rigidez de volta à porta, ignorando os protestos de Elver, e encontrou-se novamente na sala com o sacerdote e o casal restante, que aguardava sua vez com o Limiar. Sentiu os olhares examinando seu rosto e virou-se bruscamente, afastando-se deles.

*Preciso sair daqui. Agora.*

Ao deixar a câmara, ouviu Barnard dizer ao parceiro, a voz tomada por consternação:

– Ah, não, eu achei que aqueles dois iam conseguir, de verdade.

Artair deixou os pés o guiarem para longe do templo, sem pensar, enquanto tentava controlar o pânico crescente que ameaçava tomá-lo por completo.

*Aqui e agora, neste momento, estou a salvo*, dizia a si mesmo. *O Outro está contido*.

O caminho pela encosta ainda estava cheio de casais e grupos a caminho do Templo do Limiar, mas olhar para aqueles rostos felizes e esperançosos só fazia com que ele se sentisse ainda pior. Manteve a cabeça baixa, tentando repetir o mantra, mesmo enquanto sua mente trazia um fato desagradável atrás do outro.

O primeiro era que Elver havia desamarrado Lucian, colocando-se em perigo direto. O segundo era que ela vinha conversando com ele enquanto Artair dormia. E o terceiro, que ela permitira que ele saísse de um cômodo trancado, chegando ao ponto de levá-lo lá para fora, colocando em risco todos ao redor.

E, por fim, que ela havia mentido a respeito disso.

Ele se lembrou do que o sacerdote de Triló Kantor Witt dissera: *Ele sabe o que vocês dois andam fazendo à noite?* Artair sentiu uma dor suave e insidiosa florescer por trás de seu esterno. Deuses, será que era ainda pior do que ele pensava?

Ele demorou para se dar conta dos passos apressados que vinham do caminho atrás dele. Franziu a testa, olhando com determinação para a frente.

– Artair. – Elver surgiu ao lado dele. – Artair, por favor. Me escute só um minuto, tá?

– Eu confiei em você – disse ele.

– Lucian é como você. Ele é como nós. É um espírito *jih*. – Artair acelerou o passo, e ela se apressou para acompanhá-lo. – O que os monges te falaram a respeito dele? Eles chegaram a contar alguma coisa? Você nunca nem falou com ele, então como pode saber como ele é de verdade?

Outros casais no caminho lançavam olhares incômodos.

– Eu não preciso conhecê-lo – retrucou Artair. – Basta saber o que ele fez.

– E o que ele fez, exatamente?

As lembranças ameaçaram emergir, e ele as sufocou brutalmente. Não podia pensar naquilo além de tudo o mais, então balançou a cabeça com força.

– Fracassamos em conseguir o coração – disse ele, ainda sem olhar para ela. – Vamos ter que voltar e ver se há algo mais que Tisk aceite. Tem que haver.

Perguntas se acumulavam em sua garganta, e ele as engolia com dificuldade. *Sobre o que vocês dois conversaram? Ele te ameaçou? Zombou de mim? Vocês riram juntos de mim, o monge idiota encarregado de manter um mal longe do mundo? E por que ele tocou seu pé? O que aconteceu na parte daquela lembrança que eu não vi?*

– Aposto que qualquer coisa daquele lugar serve – comentou Elver. – Vou voltar lá. Roubar alguma coisa. Estou acostumada a roubar de humanos.

Artair lançou um olhar para ela. Sua cabeça estava baixa, e o cabelo caía sobre o rosto, impedindo-o de ver sua expressão.

– Do que você está falando? O lugar está cheio de sacerdotes e casais. Você não pode entrar lá e sair roubando. Roubar o quê, afinal?

Ela deu de ombros.

– Posso esperar até escurecer. O sol já está se pondo. Deve ter alguma coisa. Escuta... – Na pausa, ele ouviu os sinos do templo tocando lá no alto. Tudo indicava que estavam terminando o dia de trabalho. – Quando eu encosto no Lucian, ele recupera parte das lembranças. Porque ele tem lembranças, Artair, assim como eu e você, o que significa que ele não pode ser apenas um espírito maligno, certo? Ele tem um passado...

– Faz o que quiser – disparou Artair, já arrependido do tom cortante, mas incapaz de evitá-lo. – Eu vou voltar para a Sunay. Talvez ela saiba o que posso fazer agora. *Eu* estou ficando sem tempo.

Ele continuou pelo caminho enquanto os passos de Elver vacilavam e paravam, e por um instante ele quis voltar, olhar para ela. Mas, em vez disso, olhou para os próprios pés e seguiu andando. Estava escurecendo, e ele precisava se esconder. Não importava o que Elver pensasse, Lucian era perigoso.

## CAPÍTULO 24

A escuridão caiu depressa sobre a colina. Elver precisou esperar apenas um pouco até que os últimos suplicantes saíssem do templo, e então, uma a uma, as janelas iluminadas mergulharam na penumbra, até que restasse apenas um tênue brilho rosado, que ela suspeitava vir do grande coração no vestíbulo. Perguntou-se para onde iam os sacerdotes do Limiar à noite; se teriam aposentos dentro do templo, um lugar onde todos se reunissem para jantar juntos. Imaginou Sam sentado com seus companheiros sacerdotes, contando-lhes as histórias de Markan, que no fundo preferia a irmã da namorada, ou daquele casal estranho que chegou até o rito de conexão antes de ver algo que fez o belo jovem fugir do templo em um acesso de raiva. Imaginou-os rindo disso, balançando a cabeça. Deviam ver coisas do tipo todo santo dia, ela supôs.

Parada junto à entrada principal, havia uma mulher que Elver, a princípio, pensou ser uma guarda, mas, ao se aproximar, viu que era uma das sacerdotisas: uma mulher mais velha, com uma cabeleira farta de cachos grisalhos e um par de óculos de prata sobre o nariz. Ela fumava um cachimbo, encostada na parede, e baforadas de fumaça branca subiam para formar uma nuvenzinha acima de sua cabeça.

Aquilo era irritante. Elver esperava guardas e estava preparada para envenená-los para entrar no templo, mas uma senhora aproveitando o ar da noite?

*Mãe Maura*, lembrou a si mesma. Se conseguissem aquele feitiço com Sunay, ela poderia destruir os planos da maga e sentir um leve sabor de vingança pelo que haviam feito com ela. E, por mais que odiasse admitir, a ideia de decepcionar Artair naquele ponto era... desconfortável. Ele confiara nela, e ela já o havia deixado na mão uma vez. Precisava pôr as mãos no

Coração Congelado, se conseguisse encontrá-lo. Então, o que era uma sacerdotisa do Limiar diante de tudo isso?

Mas quando Elver se esgueirou na direção da mulher, mantendo-se nas partes mais escuras das sombras e movendo-se em silêncio, ela não tirou a adaga do cinto. E, quando estendeu os dedos até a nuca da sacerdotisa, foi para dar o mais leve dos toques. E quando a mulher arfou e caiu de joelhos, Elver se certificou de segurá-la e deitá-la longe das portas, sobre um trecho de grama que parecia macio o bastante. Ela até mesmo recolheu o cachimbo da mulher e o deixou próximo de sua mão estendida.

Lá dentro, o lugar estava silencioso, as lâmpadas reduzidas a tal ponto que as luzes rosadas e mutantes do imenso coração mágico passavam a impressão de que o templo estava preso em uma tempestade silenciosa e encantada. Não havia ninguém à vista, embora ela conseguisse ouvir algumas vozes próximas. Talvez, em algum andar superior, os sacerdotes estivessem mesmo jantando, como ela havia imaginado. Ela se esgueirou até a câmara onde passara pelos ritos com Artair mais cedo naquele dia, até que estivesse novamente na Sala dos Corações.

O fogo estava apagado, e o lugar, vazio, com as pequenas lamparinas nos cantos da sala reduzidas a brilhos tênues feito pequenos vagalumes.

Mas então ela percebeu que o ambiente não estava totalmente vazio.

Ali, no chão, junto ao braseiro, havia um objeto onde antes não havia nada. Parecia uma versão minúscula do coração que pendia no vestíbulo do templo, os tubos e câmaras feitos de argila branca e esmaltados com um brilho cintilante discreto. Só podia ser o Coração Congelado.

Mal conseguindo acreditar na própria sorte, Elver correu até ele e o pegou, mas, no segundo em que seus dedos tocaram a superfície escorregadia, ela viu...

Viu uma floresta mergulhada nas sombras lilases do crepúsculo, o musgo verde como esmeralda e espesso como carne sob os pés. Artair estava lá, mas parecia pálido e desgrenhado, a camisa encharcada de sangue, e Elver postada diante dele. Ela segurava um ramalhete de flores venenosas em uma das mãos. Enquanto Elver assistia, sua versão futura acariciava o rosto de Artair, depois o maxilar, afastando os fios de cabelo de seu rosto com um gesto de ternura que mal podia reconhecer. Ela disse algo que Elver não conseguiu ouvir, e então o beijou, deixando cair o buquê. Depois de um instante, a mão livre dele se entrelaçou no cabelo dela; estavam colados um ao outro, e...

As imagens se dissiparam, e quando Elver voltou a si, com o coração retumbando no peito, viu que a câmara estava mais uma vez preenchida pela luz magenta, e o Limiar havia reaparecido: uma centena de seres feitos de luz rosada e suave, que a observavam com expressões igualmente pesarosas.

– O que foi aquilo? – exigiu saber. – O que acabaram de me mostrar?

– O que você veio buscar – respondeu o Limiar, com suas muitas vozes que eram uma só. – Um vislumbre do seu futuro. Você partiu sem levar o Coração Congelado, então nós o deixamos aqui para que o recolhesse. Sabíamos que retornaria.

O Limiar emitiu um zumbido. Se era possível um zumbido soar presunçoso, ela achava que o Limiar tinha conseguido.

– Quer dizer que passamos no seu teste idiota?

– Criança, você mal pode negar a verdade da conexão entre vocês três, agora que viu a visão concedida pelo Coração Congelado.

– Não esperam mesmo que eu acredite que aquilo era *real*, né?

– Só somos capazes da verdade, Elver da Floresta dos Jih. Se você é capaz de enxergá-la ou não, aí é uma coisa totalmente diferente.

Elver presenteou a divindade com uma recitação de todos os palavrões que já havia lido ou ouvido nas ruas de Porto das Víboras, e, com uma risadinha, o Limiar desvaneceu.

– Vocês se acham demais – protestou Elver à câmara vazia. – Pois bem, nós enganamos vocês, então não devem ser tão sábios assim.

Ela se inclinou para pegar o Coração Congelado e, mais uma vez, a cena da floresta preencheu sua mente – a camisa ensanguentada, os dedos enfiados no cabelo dela, o quanto estavam próximos –, e Elver arrancou a mão como se tivesse tocado em um carvão em brasa. Desta vez, ocorreu-lhe que a pessoa que beijava naquela visão do futuro talvez não fosse necessariamente Artair... Poderia ser Lucian. Não tinha como saber. Praguejando novamente, puxou a manga da camisa por sobre a mão, apanhou o coração e o enfiou no bolso.

Tinham o Coração Congelado, o que significava que tinham o feitiço. Supondo que Artair algum dia voltasse a falar com ela, estavam mais próximos de arruinar os planos de Mãe Maura, o que significava que ela também estava mais perto de voltar para a floresta e para a solidão. No entanto, enquanto Elver se dirigia à porta, percebeu que sua mente estava ocupada com pensamentos completamente diferentes.

## CAPÍTULO 25

– Ela é engenhosa, aquela garota. Dá pra ver de longe. Imagine o quanto alguém precisa ser esperto pra viver e sobreviver em uma floresta cheia de monstros – disse Sunay, balançando a cabeça com admiração. – Eu não duvidaria nada se ela voltasse com o Coração Congelado, sabia?

– E quantas pessoas ela vai envenenar para conseguir isso? – perguntou Artair.

Eles estavam sentados no aconchegante escritório da maga, bebendo xícaras de um líquido preto fumegante que Sunay chamava de kopi. Assim que ela viu o rosto dele ao voltar, colocou uma chaleira no fogo, dizendo que aquilo ajudaria a clarear a mente. Pelo modo como seus músculos estavam se contraindo, Artair tinha fortes suspeitas de que kopi fosse algum tipo de estimulante, algo que a Torre Dourada da Manhã Perpétua desaprovava veementemente – para eles, depender de estimulantes para manter-se desperto era abrir as portas para o desastre. Mas ele se deu conta de que estava grato por aquilo, saboreando o gosto amargo na língua. Era diferente de tudo o que já havia provado.

– Não se faz uma omelete sem envenenar alguns ovos – disse Sunay em tom pensativo.

– Perdão?

– Olha, o ofício dos deuses e dos magos é uma bagunça, meu amigo, cheio de atos sombrios e decisões duvidosas.

– Você envenenaria alguém se Tisk pedisse?

– Bom, ignorando o fato de que isso não é nem um pouco o estilo do meu senhor, eu envenenaria, sim. – Sunay fez uma pausa para sorver um gole da própria xícara. – O laço entre um mago e seu deus é muito profundo, Artair. Devo tudo ao meu senhor, e o preço pelos meus queridos feitiços é uma vida inteira de devoção. Não é algo que se possa contornar ou negociar. Quando o

pacto é feito, muitas vezes ainda na infância, não há como se livrar do jugo. E isso me faz pensar no laço entre a nossa Elver e a Rainha das Serpentes. Ela é bem conhecida por não formar magos, e ninguém realiza magia em nome dela; é a única dentre os Doze que evita os humanos dessa maneira. E, ainda assim, tem seus filhos, os jih, que ela vem transformando ao longo de milênios, pegando suas naturezas ordinárias e tornando-as extraordinárias. O que faz com que eu me pergunte o que, exatamente, Elver representa para ela. Pelo que sei, ela nunca transformou um humano de forma tão direta antes. Não é interessante?

– E eu? – perguntou ele, em um tom quase inaudível. – Dizem que os Insones também são espíritos jih. Ela nos criou? E se sim, por quê?

Sunay deu um gole ruidoso no kopi e fez uma careta.

– Excelente pergunta. Mas receio que não tenho uma resposta para te dar. Talvez ninguém saiba o porquê, exceto a própria Rainha.

Artair olhou para dentro de sua xícara. Talvez ele nunca viesse a conhecer a verdade sobre sua própria natureza.

– O que você sabe sobre a Mãe Maura?

– Já ouvi o nome, e ouvi dizer que ela é extremamente ambiciosa, mas ela é uma maga do Garra Sangrenta. Dizer que eles são ambiciosos é como dizer que uma raposa é ardilosa. Claro que é, faz parte da natureza dela. – Sunay se recostou na cadeira, segurando a xícara com as duas mãos. – Alguns nomes carregam uma reputação sombria mesmo sem trazer detalhes, então, quando você e Elver foram ao Templo do Limiar, tomei a liberdade de perguntar ao meu senhor se ele sabia de algo. – Sunay fez uma pausa, franzindo os lábios. – Ele costuma ser do tipo que adora uma boa fofoca, então fiquei bem surpresa quando me respondeu que sabe bem pouco sobre essa tal de Maura. Alegou conhecer pouco além do nome. Disse que o tom do cabelo dela muitas vezes não combina com os vestidos que usa.

– Só isso?

– Como ele contou tão pouca coisa, resolvi perguntar ao pessoal da aldeia a leste daqui. A maioria nunca ouvira falar dela, mas alguns, sim. O boato era de que, anos atrás, ela dedicou a cidade de Porto das Víboras ao seu deus, uma cerimônia sangrenta que ergueu seus muros e trouxe prosperidade. O boato que veio em seguida era de que os sacrifícios não foram voluntários. – Sunay suspirou. – Não invejo você por ter que lidar com essa aí, Artair. Trevas e tragédia grudam nela como sangue em pano.

A porta se abriu, e Elver surgiu, piscando sob a luz do lampião. Sunay quase saltou da cadeira.

– Pelos Doze, seus pés não tocam o chão quando você anda?

Artair percebeu que não conseguia desviar os olhos dela. Parte dele achava que Elver nunca mais voltaria.

– Consegui – anunciou ela –, eu trouxe o Coração Congelado.

A manga de sua camisa estava dobrada em torno dele, como se o objeto estivesse quente demais para ser tocado.

– Ah, muito bem! – Sunay se levantou e foi até ela. – Como? Artair me contou que seu rito final foi meio que, hã, interrompido.

– Eu roubei – disse Elver depressa. – Foi fácil. Aqueles monges idiotas nem trancam as portas.

Sunay estendeu a mão e pegou o objeto de Elver, e, neste instante, Artair viu as duas trocarem um olhar, as sobrancelhas pretas e espessas de Sunay se erguendo em um gesto que parecia de surpresa.

– *Nossa*. Isso vai servir muito bem. Vamos levar isso até meu Lorde Tisk, e então você terá seu feitiço. Venham, é uma curta caminhada até o templo.

– Quer dizer que aqui não é o templo? – Artair esvaziou o resto do kopi com algo parecido com pesar.

– Aqui? Pelos deuses, não – disse Sunay, alegremente. – Você achou de verdade que o templo de Tisk ficaria assim, à vista de todos? O escondido e o secreto são os domínios do meu senhor.

Ela os conduziu pela porta da frente da cabana, passando por fileiras e mais fileiras de estátuas votivas; à luz do luar, tinham um ar de estranheza, como se pudessem ganhar vida a qualquer momento e atacar seus tornozelos. Dali, atravessaram um bosque fechado de castanheiras-da-índia até emergirem em uma pequena clareira coberta por folhas outonais em tons de vermelho, dourado e marrom. No centro, havia uma bacia de pedra cheia de água, refletindo o céu estrelado acima, com raposas saltando esculpidas na borda. Não havia uma única folha flutuando nela, apesar das centenas que estalavam sob os pés deles.

– Meu Lorde Tisk – disse Sunay. Ao contrário da maioria dos magos e sacerdotes que haviam encontrado até então, sua voz não soava solene nem submissa. Mantinha aquele tom leve, quase alegre, que lhe era natural. – Tenho uma oferenda superespecial para você hoje, por nada menos do que o preço imbatível de um feitiço de ilusão levemente sofisticado. Que tal?

Ela colocou o coração dentro da água, que o engoliu de imediato – Artair não conseguia ver o fundo da bacia, apenas mais céu, tremeluzindo e se recompondo ao toque da maga. Ficaram todos ali por um momento, em silêncio, ouvindo ao longe o pio de uma coruja entre as árvores às suas costas.

– Então... – disse Elver, por fim. – Funcionou, ou...?

– Às vezes, ele é cheio de truques – respondeu Sunay, mergulhando os dedos na água novamente, criando pequenas ondulações. – Um pouco mais de contexto, meu senhor: esse feitiço de ilusão é para enganar uma maga do Garra Sangrenta, a pedido da Rainha das Serpentes. A maga em questão é a Mãe Maura, aquela sobre quem eu perguntei antes. Essa é das boas, né?

Um segundo depois, o pequeno coração de cerâmica voltou à superfície, e Sunay o pescou da água com um sorriso. Uma luz alaranjada escorria do objeto como se fosse mel, penetrando na pele de suas mãos.

– Ah, sim – murmurou ela. Sunay estendeu a mão livre, observando enquanto a magia se espalhava por seus dedos e pela palma. – É disso que eu estou falando. Vou só manter... Ah.

Seus olhos brilharam com o mesmo laranja intenso, iluminando a clareira com o fulgor quente de uma fogueira.

– O que foi? – perguntou Elver.

– Meu senhor me fez um pedido inusitado. Nada com que se preocupar. Acontece, de vez em quando. – Quando Elver estendeu a mão para pegar o coração de cerâmica, a maga fechou a dela em volta do objeto. – Vou ficar com isso por enquanto, se não se importar.

Mais uma vez, elas trocaram um olhar que Artair não soube decifrar, e então Elver deu de ombros.

– Claro. Tudo bem. Por mim, tanto faz.

– Muito bem. – Sunay guardou o coração dentro do casaco de mangas largas e esfregou as mãos. – Vocês dois podem passar a noite na cabana e partiremos amanhã cedo. Eu diria ao raiar do dia, mas, pra ser sincera, prefiro evitar o amanhecer sempre que possível. Minha cama me chama com força demais nessa hora.

– Como assim *nós*? – disse Elver.

– Nós, nós três – respondeu Sunay com um sorriso largo, os olhos escuros brilhando.

– Você não pode só... dar o feitiço pra gente? – Elver parecia cada vez mais desconfortável.

– Pra gente? – repetiu Artair, olhando para Elver. – Achei que você só nos acompanharia até este templo. Disse que levaria o filhote de volta pra casa a partir daqui.

– Mudei de ideia – respondeu Elver, seca, lançando um olhar significativo para ele. – Tenho mais motivos do que qualquer um para querer que Maura seja detida.

– Meu senhor insiste que eu acompanhe vocês – disse Sunay, ignorando a pausa constrangedora. – Como talvez eu já tenha mencionado, ele tem um certo gosto pelos assuntos de outros deuses, e isto aqui, francamente, exala essa energia. Pois é. Vocês vão ter o prazer da minha companhia. Vamos lá; não sei quanto a vocês dois, mas lidar com deuses me deixa faminta, e eu faço um ensopado de castanhas aceitável. Só não perguntem o que vai nele.

– Castanhas? – disse Elver, com um tom de sofrimento na voz.

– É. – Sunay parecia radiante. – Como foi que adivinhou?

★

Quando Lucian abriu os olhos naquela noite, se deu conta de que olhava para um teto enfeitado com pequenos objetos cintilantes – conseguia ver bolotas prateadas, minúsculas figuras cravejadas de joias, mãos de porcelana com linhas azuis pintadas nas palmas, dezenas de moedas perfuradas e penduradas por fios dourados. Sentou-se e descobriu que estava deitado em uma cama, em um quatinho no sótão. Não havia muito mais digno de nota ali, exceto por um baú de armazenamento aos pés da cama e uma pequena janela redonda que dava para uma floresta pacífica durante a noite.

– Pelo menos é uma cama – falou em voz alta. – Já é uma melhora em relação ao chão cheio de pedras de uma clareira miserável.

Não havia sinal da menina-monstro, e ele ficou surpreso ao perceber que estava desapontado.

– Preciso dela pra me ajudar a recuperar minhas memórias, então é por isso que fico incomodado quando ela não está por perto – disse a si mesmo. – Sem contar o fato de que ela é praticamente a única pessoa com quem conversei nos últimos tempos. No momento, não posso me dar ao luxo de ser exigente quanto à companhia.

Por hábito mais do que por esperança, testou as amarras nos pulsos e tornozelos, e descobriu que estavam ainda mais apertadas. Quando ergueu as pernas no ar para examiná-las melhor, percebeu que havia algo diferente nelas: eram mágicas, de um modo indefinível. Um indício de outro deus, alguém ardiloso e traiçoeiro... Na verdade, o quarto inteiro cheirava a isso. Ele olhou novamente para os objetos pendurados no teto. Um dia, já tinham sido oferendas a alguém.

– Então eu consigo sentir cheiro de magia. Não sabia disso. – Ele balançou as pernas até a beirada da cama e fitou a porta. Havia magia ali também, e ele não precisou girar a maçaneta para saber que estava trancada. – Parece que não vou a lugar algum hoje à noite.

Ainda assim, quando se moveu para voltar a erguer as pernas e deitá-las na cama – afinal, melhor aproveitar para descansar –, ouviu o passo furtivo de alguém que claramente tentava não fazer barulho.

– Elver? – chamou ele suavemente.

Ouviu um suspiro quase inaudível, e em seguida a voz dela, vinda de algum lugar logo além da porta:

– Eu não posso falar com você.

– Por que não?

Ele deslizou para fora da cama e cambaleou desajeitadamente até a porta, até encostar a testa nela. Dava para sentir a presença dela do outro lado, uma menina fria como gelo, de olhos dourados e penetrantes.

– Artair sabe que eu te deixei sair na Estalagem e está bravo por causa disso.

– Por que você se importa com o que ele pensa?

– Eu não me importo – disse ela depressa. – Mas esta viagem já é irritante o suficiente sem ter que lidar com alguém de mau humor o tempo todo. – Ela fez uma pausa. – E ele tem razão. Ele confiou em mim, e eu fiz uma promessa. Posso até não ser leal aos humanos, mas ele é jih, e eu devo isso a ele.

– Elver...

A mente dele girava. Se ela não quisesse desamarrá-lo, era uma coisa. Mas se nem mesmo quisesse ficar no mesmo cômodo que ele, Lucian jamais descobriria quem era. Decidiu fazer algo que normalmente evitaria a qualquer custo: dizer a verdade. Ou algo próximo disso.

– As memórias que você trouxe de volta me devolveram parte da minha vida. Eu preciso de mais do que esses fragmentos minúsculos. Preciso saber

quem eu sou. O que eu sou.

Houve um longo silêncio do outro lado da porta. Lucian prendeu a respiração.

– Eu não posso – respondeu ela, por fim.

– Elver, ao menos fale comigo – pediu ele, tentando não demonstrar em sua voz o desespero que sentia.

Por um instante estranho e elástico, ele quis atravessar a porta e pegar a mão dela. E pela primeira vez, não quis fazer isso para despertar as memórias adormecidas dentro de si, mas apenas para sentir o toque de outra pessoa. O toque da menina-monstro.

– Eu só quero ouvir a sua voz.

– Eu não posso – repetiu ela, e ele ouviu o rangido suave de uma tábua quando ela se afastou.

Abatido, Lucian mancou de volta para a cama. Um pânico familiar, tingido de fúria, começava a inundar seu peito. Era isso? Tinham lhe dado alguns vislumbres de sua vida antes daquele cativeiro, e aquilo era tudo o que teria – apenas o suficiente para tornar esse pesadelo vivo uma tortura ainda mais cruel. Ele puxou as amarras nos pulsos com força, saboreando a dor ao sentir o corte da corda em sua pele.

– Você não vai querer fazer isso. Vai acabar se machucando à toa.

Lucian ergueu a cabeça de uma vez. A voz vinha de uma prateleira que percorria a metade superior da parede, repleta de quinquilharias semelhantes às que pendiam do teto. Agachada entre estatuetas e vidros decorativos, havia uma raposa, com a cauda vermelha como uma folha de outono.

– Quem é você? – Mesmo enquanto falava, Lucian soube que era uma pergunta tola. Era um deus. Não podia ser outra coisa.

– Acho que você me conhece, Lucian. – A raposa saltou da prateleira em silêncio, as patas negras como fuligem tocando o assoalho com uma delicadeza inesperada.

– Você me conhece? *Eu?*

A raposa riu.

– Gosto dos mortais, mas eles são muito egocêntricos, sabia? Sempre presumindo que estão no centro de todas as histórias. – Ele fez uma pausa. – Bem, talvez você esteja mesmo, Lucian, mas isso não quer dizer que eu saiba quem você é. E essa é a questão, não é?

– Você pode me dizer quem eu sou?

A raposa veio sentar-se a cerca de trinta centímetros dele, a longa cauda enrolando-se com cuidado ao redor das patas.

– Por que eu faria isso? Parece que você encontrou um jeito bem mais interessante de obter essa informação. Elver é outra mortal marcada pela história. Curioso como vocês todos acabam se reunindo. Além disso, não ouviu falar? Não se pode pedir um favor a um deus assim, como quem não quer nada. Não quando você não é devoto desse deus, e nunca sem pagar o preço.

Lucian recostou-se, refletindo.

– Então por que está falando comigo, afinal?

– Porque tudo isso é muito *interessante*. – As orelhas da raposa se ergueram. – Quando Sunay pagou o tributo, pensei que seria mais uma daquelas trapalhadas camponesas de sempre, mas, ah, não. Há outros *deuses* envolvidos.

– Olha, eu não estou pedindo magia. Estou pedindo conhecimento. Só quero saber quem eu sou e ter a chance de voltar ao mundo. Eu já fui alguém. Posso sentir. Nem sempre fui um prisioneiro trancado na cabeça de um monge idiota.

– Escute aqui, garoto, vou te dizer o que posso fazer. – A raposa fez uma pausa para lamber a porção macia de pelos no peito com uma língua rosa e brilhante. – Tenho dentes afiados. Posso roer essas amarras para você. Que tal?

– Você faria isso? – Lucian se endireitou, o coração batendo tão rápido que precisou puxar o ar devagar. *Lembre-se de com quem está lidando*. – E qual é o preço?

– Rá. Você é esperto. Gosto de você. – Lucian viu um lampejo de dentes brancos em um sorriso astuto. – Em breve, você vai se encontrar no domínio de outro deus. Roube algo para mim. Só isso.

– Pode deixar.

– Ótimo. – A raposa começou a caminhar em direção à porta.

– Calma aí! – Lucian ficou meio de pé, as cordas apertando seus tornozelos. – Você não vai me soltar?

– Ah, não. Ainda não. – A cauda da raposa balançava para a frente e para trás. – Tem que ser no momento certo. E este ainda não é o momento. Aguenta firme, garoto.

E com isso, Tisk, o deus da trapaça e das mentiras, desapareceu pela porta fechada como se ela fosse feita de fumaça.

## CAPÍTULO 26

Na manhã seguinte, fazia frio e o céu estava cinzento. Uma camada espessa de geada cobria a grama e estalava sob seus pés enquanto caminhavam. Antes de partirem, Artair havia consultado o mapa que Mãe Maura lhe dera, e estavam talvez a poucos dias de distância – tempo suficiente para chegarem antes que a maga cumprisse sua ameaça e matasse seus amigos, mas seria por um triz. E, ao lançar um olhar para as nuvens amareladas acima, ele se pegou pensando nas manchas de sangue nas pedras do mosteiro, na expressão de Reah enquanto era puxada de volta pelo portal.

Sunay Tiskertalia vestia tantas roupas que parecia quase cômica; seu cachecol de lã espessa subia até o nariz, mas ainda assim ele podia perceber que ela sorria quando a olhava de soslaio.

– Eu sinto muito frio – disse ela. – Fiquei acostumada demais ao conforto da minha casinha aconchegante.

Elver parou de andar para se agachar ao lado do filhote e tirar uma folha marrom e seca das penugens atrás da orelha dele.

– Já te disse – falou para ele. – Estamos partindo em uma aventura para enganar uma maga. Uma muito má. – Ela fez uma pausa. – Se você chegar perto o bastante, vai poder mordê-la, sim. Pode ser que eu também morda.

Nem ela nem o filhote pareciam sentir o frio. Elver aceitara um dos gorros de lã que Sunay oferecera e usava uma capa sobre seu gibão verde-marinho, mas, fora isso, não parecia incomodada, com mãos, rosto e pescoço expostos ao ar gelado da manhã. Os dois seguiam à frente, enquanto Sunay e Artair vinham logo atrás. Ele se pegou olhando com frequência para a silhueta esguia de Elver, e sentia um aperto no peito a cada vez que isso acontecia. Desde o episódio no Templo do Limiar, os dois mal haviam trocado palavras. Por sorte, Sunay parecia ter uma discordância fundamental com o silêncio e se dedicava a falar mais do que a boca.

– Eu prefiro viajar na primavera e no verão e muitas vezes viajo por meses a fio, para poder oferecer meus serviços às vilas costeiras. Gosto muito do litoral. Lá, fazem umas batatinhas assadas, cortadas em fatias, acompanhadas de peixe frito numa massa crocante, você já provou? Tem alguma coisa no mar que agrada meu senhor, eu acho, porque é difícil saber onde começa ou termina, por causa das marés, e isso é a cara dele: a incerteza, a sagacidade, a mudança. Tá me ouvindo?

– Hum? – Artair desviou o olhar de Elver. – Eu nunca estive no litoral.

– O quê? – Ela deu um tapinha no braço dele. – Como assim?! Você tem que experimentar essas batatinhas assadas. Diabinhos deliciosos, pode acreditar.

– Eu acredito.

Mas era um pensamento interessante, cheio de arestas afiadas. Sim, ele gostaria de ver o mar de perto, caminhar pela orla e comer as coisas vendidas nas barraquinhas coloridas. Só que, em teoria, estava indo resgatar os outros noviços e acabaria voltando à sua cela nas montanhas, trancado longe do mundo mais uma vez. Sem mar, sem liberdade, sem batatinhas deliciosas. Sem passeios por clareiras branqueadas pelo toque precoce do inverno e sem meninas-monstro.

As terras por onde viajavam agora estavam além do que ele conseguia ver das janelas do mosteiro, um lugar completamente desconhecido onde até a paisagem parecia ter outro caráter. Era uma região rochosa, não exatamente árida, mas repleta de pedras e pedregulhos, alguns do tamanho de casas. Por entre muitos deles, veios de quartzo brilhavam como gelo, mesmo sem a luz do sol. Artair tinha a impressão de que era uma terra que fora violentamente revirada em algum passado distante – com frequência, cruzavam ravinas ou grandes fendas no chão.

No fim da tarde, a geada já tinha desaparecido, embora o ar continuasse gelado, e diante deles Artair se surpreendeu ao ver uma cadeia de montanhas que não eram as suas. Sob as nuvens, elas se erguiam escuras como hematomas roxos.

– Vamos descansar – sugeriu Sunay, embora não parecesse cansada aos olhos de Artair; certamente não o bastante para ficar em silêncio. – Acendam uma fogueira ou seja lá o que vocês, rufiões, fazem quando estão no meio do nada. Eu prefiro uma estalagem. Um albergue. Cafés da manhã quentes e toalhas macias. Esse tipo de coisa.

Sem dizer uma palavra, Elver começou a juntar lenha para a fogueira, o filhote a circulando sem parar, e quando encontraram um ponto protegido do vento – aninhado sob um dos enormes pedregulhos espalhados por ali –, Sunay começou a preparar chá em uma pequena chaleira de lata que tirou de sua bagagem. O filhote se acomodou junto ao fogo, rolando de costas para expor suas escamas azuladas às chamas quentes, mas Elver permaneceu à margem, sem se sentar.

– Vai querer um chá? – perguntou Sunay. – Tenho um pouco de mel em algum lugar, se preferir doce...

– Vou dar uma caminhada – respondeu Elver, sem olhar para Artair enquanto falava. – Eu já volto.

Com isso, partiu, desaparecendo por entre uma fileira de pinheiros. Sunay suspirou.

– Você vai atrás dela, então?

– Por que eu faria isso? Ela está com raiva de mim. – Artair se aproximou do fogo, estendendo as mãos para se aquecer. – A última coisa que ela quer é que eu vá atrás.

– Lorde Tisk, dai-me paciência. Ela não está com raiva, Artair, está se sentindo *culpada*. – A maga tomou um gole do chá. – Ai, está muito quente. E, aliás, achei que era você quem estava com raiva dela, não?

– Eu... É.

Era verdade. Ela deixara Lucian vagar por aí sabendo que ele era extremamente perigoso e mentira para Altair a respeito disso. Mesmo assim, naquela manhã, sob um céu cinzento e o silêncio de um mundo aberto ao redor, Artair percebeu que não sabia mais ao certo o que sentia. Sabia apenas que não gostava do silêncio que se instalara entre eles.

– Seu destino está entrelaçado ao dela, meu caro, e não há como escapar disso.

– Como assim?

– Eu vi coisas. – Sunay deu de ombros. – Sou uma maga, afinal.

– Uma maga devota do deus das mentiras.

Ela riu, encantada.

– Isso é verdade, tenho que concordar. Mas se eu mentisse o tempo todo, não iria muito longe, né? Vá atrás dela, rapaz. Confie em mim.

Ele se levantou com certa relutância.

– Pode ficar de olho nele? – Apontou para o filhote.

– Sinto que eu e essa criaturinha criamos um laço permanente desde o momento em que ele decidiu comer três pares das minhas meias favoritas – brincou Sunay. – Ficaremos bem.

Artair partiu em direção aos pinheiros. Não foi difícil seguir Elver. Embora a geada tivesse derretido, gotas de água ainda se agarravam a cada folha e a cada fio de grama, e ele conseguia ver as pegadas dela como marcas mais escuras entre o verde. Por fim, chegou a uma fileira mais espessa de pinheiros e cedros, cujo aroma lembrava um fantasma do inverno, e, do outro lado, viu um lago amplo, coberto por uma camada de gelo esverdeado. Elver estava agachada à beira dele, os braços ao redor do próprio corpo e a cabeça baixa, e ele se perguntou se ela estava com frio, afinal. Parecia muito pequena e sozinha, emoldurada pelo gelo do lago.

*Isto é um erro, pensou ele. Sunay está errada. Elver quer ficar sozinha, e eu deveria respeitar isso. E se nunca mais sorrirmos um para o outro, qual o problema? No fim disso tudo, ela volta para a floresta, e eu volto para o mosteiro, e é isso.*

Ele chegou a se virar para ir embora, mas então um som se ergueu do lago e o fez parar. Era um zumbido estranho e agudo, seguido por vários estalos ensurdecedores que o fizeram saltar. O gelo no lago rompeu-se e depois se despedaçou quando uma enorme cabeça de serpente surgiu das águas. A criatura era de um amarelo dourado ofuscante, da cor das flores de laburno do jardim do mosteiro – *venenosas*, ele se lembrou –, com fileiras de espinhos e gavinhas que desciam pelas costas. Chifres parecidos com galhadas de cervo brotavam de sua cabeça estreita, e seus olhos eram pretos de uma borda à outra, salpicados de pontos luminosos, como estrelas. Elver se pôs de pé em um salto e arrancou o gorro de lã da cabeça. Não estava com medo, mas demonstrava respeito. Artair sentiu-se paralisado.

Aquela era a Rainha das Serpentes.

*Criança-veneno. A voz da deusa era como um arranhão em uma pedra submersa, uma garra deslizando devagar na superfície de uma ardósia. Você está há muito tempo longe da minha floresta. Recuperou o que foi roubado?*

– Estou com o filhote – disse Elver. – Ele está seguro.

*Então está voltando para nós?*

Elver hesitou.

– Não, ainda não. Há outras criaturas jih que precisam da minha ajuda. A mulher que me lançou ao mar está com elas e vai matá-las se eu não fizer nada.

A serpente se ergueu mais, seu corpo longo se arqueando até que a cabeça pairasse sobre Elver. Abriu a mandíbula, revelando presas douradas e afiadas, além de uma língua roxa e bifurcada. A visão encheu Artair de pavor. Levaria menos de um segundo para aquela criatura engoli-la por inteiro, mas Elver não se intimidou.

*Criança, deixe-me provar o seu sangue para que eu saiba a verdade.*

Artair se enrijeceu. Não sabia o que faria se a deusa atacasse Elver, mas sabia que seria impensável simplesmente assistir enquanto isso acontecia. Elver tirou a adaga do cinto e fez algo que ele não conseguiu ver de onde estava. Ela ergueu a mão acima da cabeça, a palma voltada para a serpente, e a longa língua roxa estalou para fora e retornou. A Rainha das Serpentes recuou com serenidade, afundando suas espirais douradas de volta na água.

*Criança-veneno, há muito que não me contou,* disse a serpente. Artair julgou perceber um novo tom em suas palavras, algo perigoso, como vidro fino prestes a se estilhaçar em cacos letais. *Há esse garoto humano. Esse Insone.*

– Ele não é humano – disse Elver depressa. – Ele é jih, um dos seus, minha rainha. Artair... e Lucian... eles precisam da minha ajuda. Eu quero ajudá-los. Você disse... disse algo sobre sentir um destino no meu sangue. Talvez seja isso.

*Eles não são jih o bastante,* respondeu a serpente. *Cheiram a humanos, têm gosto de humanos, apenas a mente é jih. Você os tratará como trataria qualquer humano, criança-veneno.*

– O que isso quer dizer?

*Você os matará.*

Artair viu os ombros de Elver ficarem tensos. Não podia ver o rosto dela de onde estava, mas viu quando ela balançou a cabeça.

– Meu veneno não funciona neles.

*Então usará essa adaga na sua mão e a passará pela garganta deles. A impaciência se infiltrara na voz da Rainha das Serpentes. Ele está repleto de fedor humano e não merece a sua atenção. Mate o garoto e volte com o filhote para a floresta.*

– Não – disse Elver.

O movimento foi tão rápido que Artair quase não viu. Uma cauda fina como um chicote disparou da água, transformando por um instante o verde em branco, e de repente Elver estava no chão, encolhida, com os braços envolvendo a cintura. Artair saiu de seu esconderijo, sem outro pensamento

senão o terrível pressentimento de que estava prestes a ver Elver ser devorada. Mas a Rainha das Serpentes já se afastava, afundando de novo na água.

*Você se acostumou demais ao toque humano, criança-veneno. Lembre-se de quem a criou. Lembre-se de quem salvou sua vida.*

A serpente afundou sob a superfície e desapareceu. Artair alcançou Elver e a ajudou a se sentar. Ela lançou para ele um olhar breve de surpresa, que logo se contorceu em uma careta de dor.

– Você está machucada?

– Há quanto tempo você está aí? – perguntou ela, sem responder à pergunta dele. – Eu não... Ai.

Ela puxou a barra da camisa, e Artair teve um breve vislumbre de sua barriga; havia uma marca vermelha viva atravessando-a, já começando a ficar roxa. Depressa, ela a cobriu de novo.

– Você está ferida. Vou te ajudar a voltar até a fogueira.

Artair achou que ela se afastaria, mas em vez disso ela assentiu, e ele a ajudou a se levantar com todo o cuidado. Ela tocou a mão dele por um momento, apertando-a uma única vez antes de soltá-la.

– É essa a deusa de que você é tão devota? – Assim que as palavras saíram de sua boca, ele se deu conta do quanto soavam severas. Elver piscou. Os olhos dela, ele percebeu, tinham o mesmo dourado incandescente das escamas da Rainha das Serpentes.

– Ela me salvou. Me arrancou da morte e me deu outro tipo de vida. Eu devo tudo a ela.

– Você não deve sua dor a ela, Elver.

– E você não deve sua liberdade ao mundo, Artair, mas mesmo assim abriu mão dela, não foi?

Ele descobriu que não tinha resposta para isso. Os dois caminharam de volta lentamente por entre os pinheiros, lado a lado.

## CAPÍTULO 27

Eles estavam viajando por uma cidade chamada Tarflínia quando o sacerdote sem rosto os alcançou.

Sunay pareceu não precisar de explicações: apenas viu a expressão no rosto deles e começou a conduzi-los às pressas por uma rua lateral. Elver olhou por cima do ombro, vislumbrando um pedaço de túnica branca desaparecendo na esquina. Era um grupo pequeno e carregavam algo pesado entre eles, embora ela não conseguisse ver o que era.

– Por aqui, olhem – indicou Sunay, empurrando-os sem cerimônia por um beco estreito escorregadio de lama. – Estão vendo aquelas portas azuis ali?

As duas portas pareciam já ter visto dias melhores e estavam parcialmente cobertas de cartazes colados anunciando uma taverna próxima. Artair tocou uma delas, hesitante.

– Entrem logo, entrem logo.

Eles adentraram um espaço escuro, e um homem enorme surgiu das sombras. Elver teve a impressão de ver barris alinhados contra as paredes, caixotes empoeirados cobertos com mantas.

– Quem são vocês? – rosnou o homem enorme. Ele tinha uma barba igualmente volumosa e uma cicatriz enrugada que serpenteava da orelha esquerda até a ponte do nariz. – O que acham que estão fazendo, entrando assim como se estivessem em casa?

Para o terror de Elver, ela viu que ele segurava um porrete pesado, a ponta escurecida e lisa, como se tivesse sido mergulhada em piche, e estava encarando Artair como se fosse ficar mais feliz com os miolos dele espalhados pela parede. Ela ergueu as mãos nuas – pelo menos havia bastante pele à mostra para envenenar.

– Ah, Creg, que bom que é você – disse Sunay, aproximando-se do homem e dando tapinhas familiares em um dos bíceps descomunais dele. – Só preciso

de um lugar para esconder esses dois idiotas por um momento. Você se importa?

– Sunay? – O homem, que pelo jeito se chamava Creg, relaxou visivelmente. – Achei que só veríamos você no mês que vem. O chefe ainda está resolvendo o negócio dos tributos...

– Sim, sim, só estou de passagem por causa de outros negócios.

Lá fora, Elver ouvia pessoas gritando. Não dava para ter certeza de que se tratava dos sacerdotes de Triló, mas, quem quer que fosse, não parecia gente muito amigável.

– Tem um cantinho pra esconder esses dois, meu amigo?

– O que eles fizeram? – Creg parecia genuinamente interessado, como se torcesse para que fossem dois assassinos de passagem.

– Creg. Você sabe que é melhor não fazer esse tipo de pergunta – respondeu Sunay, animada.

Ele riu.

– Venham comigo.

O homem os conduziu por um corredor imundo e desceu uma curta escadaria até o que era claramente algum tipo de depósito. Havia mais caixas ali, ocupando quase todo o espaço, e um conjunto de janelas longas e estreitas que davam para a calçada, na altura dos pés. Estavam sujas e arranhadas; Elver se perguntava se as pessoas que passavam sabiam que eles estavam ali.

– Perfeito – disse Sunay.

Creg, por sua vez, já voltava pisando firme escada acima.

– Que lugar é este? – perguntou Artair.

– É só a sede de negócios de outro cliente meu – respondeu Sunay depressa. Com seu casaco bordado em cores vivas, ela parecia completamente deslocada entre as caixas e a sujeira. – Vocês podem se esconder aqui por um tempo, e eu vou dar uma espiada lá fora para ver como estão as coisas.

– Não temos tempo – protestou Artair. – Temos que seguir até o santuário da Mãe Maura, senão ela vai... Precisamos nos apressar.

– Se sairmos agora, eles vão nos pegar – respondeu Elver. Ela olhou de novo para as janelas. Conseguiu ver um par de pés calçados com sandálias e a barra de uma túnica branca. – Olha – disse, abaixando a voz –, Sunay está certa. Temos que esperar até a barra estar limpa.

O filhote, que estava em seus braços, se remexeu de repente, exigindo ser colocado no chão, então ela o soltou do saco. No mesmo instante, ele foi até

as caixas e começou a farejá-las com entusiasmo.

*Sangue*, disse, feliz. *Sangue foi derramado perto dessas coisas.*

– Volto quando souber que o caminho está livre – anunciou Sunay, já saindo pela porta. – Fiquem com a cabeça baixa, meus queridos. Vou trancar vocês, só por precaução, caso algum sacerdote sem rosto resolva girar maçanetas. – Ela fechou a porta atrás de si, e eles ouviram a chave girar na fechadura.

– Que lugar é este? – perguntou Artair.

– Acho que não é surpresa uma maga devota do deus das mentiras trabalhar para... clientes pouco respeitáveis – disse Elver. Ela fez um gesto com a cabeça em direção às caixas. – Acho que essas coisas são roubadas.

Como não havia outro lugar onde se sentar, eles usaram as caixas para improvisar assentos. O filhote se acomodou para dormir aos pés deles, o focinho apoiado nas patas.

– Não temos muito tempo agora – disse Artair em voz baixa. – Apenas alguns dias.

– Eu sei – respondeu Elver.

De algum lugar acima deles, ela ouviu um canto lento. Baixo no início, como se viesse de longe, mas depois foi se aproximando. Aos poucos, as palavras se tornaram claras, e uma sensação gélida se espalhou sobre ela como uma mortalha.

*Pai da pureza*

*Pai da justiça*

*Que não sejamos maculados pelos de sangue impuro*

*Envie tua luz*

*Para queimar os monstros*

O pior de tudo, pensou ela, era que aquilo a fazia se sentir culpada, como se de fato tivesse feito algo errado, quando tudo o que estava fazendo era existir. Esse era o mal insidioso de Triló: ele se instalava sob sua pele para te esfaquear por dentro.

– Que luz é aquela? – perguntou Artair, com urgência.

Era começo da tarde em um dia encoberto, mas o trecho de rua que conseguiam ver estava ficando cada vez mais claro, como se o próprio sol estivesse se aproximando deles. Era uma luz branca e quente, iluminando a rua e os prédios ao redor de modo que cada pequeno detalhe se tornava visível. De relance, Elver viu as marcas feitas em um tijolo por um calceteiro,

indicando quem havia moldado a pedra; uma garrafa quebrada que fora jogada na sarjeta; vidro verde tão claro quanto a água de um lago; e o nó elaborado dos cadarços de um par de botas, cujo dono corria pelos paralelepípedos. Então um feixe de luz branca pura riscou a superfície irregular da rua na direção deles. Elver teve um segundo para perceber que o objeto volumoso que os sacerdotes de Triló carregavam entre si era uma imensa lanterna de ferro, e então o feixe da luz de Triló cortou seu braço, queimando como se tivessem jogado água fervente sobre sua pele.

Ela gritou, recuando sem jeito, e de repente Artair estava ali, protegendo-a com o próprio corpo. Fumaça subia dos dois.

– Rápido – disse ela entre os dentes cerrados. – Fique bem debaixo da janela. Lá a luz não vai nos alcançar.

Eles se colaram à parede encardida, o filhote encolhido aos seus pés. A criaturinha tremia de puro terror. Artair se agachou e pousou a mão sobre a cabeça do monstro, coçando atrás das orelhas dele.

– Estão vasculhando as ruas. – A raiva de Elver parecia estar bem próxima, como se tivesse uma mão em seu pescoço, apertando-o devagar. – Que os Doze amaldiçoem esse bando de besouros de esterco. Os sacerdotes sem rosto falam muito sobre pureza, justiça e segurança, mas o que querem mesmo é que todos os espíritos jih sofram. Triló se alimenta da nossa dor. – Como Artair não respondeu, Elver se pegou procurando algo em seu rosto. A luz da lanterna já havia passado, e grande parte do corpo dele estava mergulhada em sombras novamente. – Por que você odeia tanto a sua própria espécie? – perguntou ela, em voz baixa.

O filhote olhou para Artair, empurrando o focinho contra a perna do rapaz.

*Decidi que não quero te comer, disse ele. Então você não deveria nos odiar.*

– Eu não odeio a nossa espécie – disse Artair. – Só odeio... a mim mesmo. Ou o que está dentro de mim.

– Por quê?

Artair se remexeu na caixa. Em um espaço tão apertado, havia pouco lugar para acomodar suas pernas compridas.

– Há cinco anos, eu vivia muito, muito ao sul daqui. Tão longe que, mesmo na biblioteca do mosteiro, nunca encontrei um mapa que mostrasse aquela região. Meu povo era nômade, vivíamos em tendas e carroças, sempre nos movendo com as estações. Eu passava tanto tempo ao ar livre naquela

época... Conhecia melhor o céu sobre minha cabeça do que meu próprio rosto. – Ele fez uma pausa. – Hoje em dia, não lembro de muita coisa. Acho que o que aconteceu despedaçou aquelas memórias, de alguma forma. Vivíamos da criação e venda de um tipo específico de pônei. Eram resistentes e velozes, perfeitos para atravessar as planícies onde morávamos, e os levávamos aos mercados, ou as pessoas vinham até nós; eles eram famosos, aqueles pôneis, e eram o cerne da nossa riqueza. E da nossa vida, na verdade. Mal dávamos os primeiros passos e já aprendíamos a cavalgar.

Ele abriu um sorriso discreto. Mesmo na penumbra, Elver viu que havia pouca alegria naquele sorriso.

– Em um verão, no meu último verão, ficou tão quente que toda a grama morreu, e as planícies ficaram cobertas de um capim seco e intragável, mas continuamos nos movendo, procurando um lugar onde eles pudessem pastar. Costumávamos deixar os pôneis soltos, porque eles sempre voltavam, mas naquele verão estávamos mantendo todos juntos, confinados num cercado, para garantir que tivessem água com regularidade para beber.

Artair parou, com a cabeça baixa. Coçou o filhote atrás das orelhas outra vez, e o silêncio se estendeu entre eles.

– O que aconteceu? – perguntou Elver, por fim.

– Eu queria saber, mas, na verdade, não me lembro de nada. – Ele suspirou pesadamente e ergueu os olhos para ela. – Acordei com o cheiro de carne de cavalo queimando. Meu pai me chacoalhando pelos ombros. Naquela época, fazer fogo era terminantemente proibido, até mesmo para preparar comida, pois o risco de o capim pegar fogo era imenso... – Sua voz morreu outra vez.

– Tudo bem – disse ela depressa. Vê-lo sofrendo daquela maneira era insuportável. – Você não precisa me contar.

– Não, é melhor que você saiba – respondeu ele. – Que saiba o que eu fiz. O que deixei escapar para o mundo. Muita gente me viu, inclusive minha família. No meio da noite, acendi uma tocha, levei até o cercado dos pôneis e taquei fogo na grama. O fogo se alastrou tão rápido que era assustador... foi o que minha mãe contou depois. Uma das últimas coisas que me disse. Que o fogo se espalhou em um instante, e então os pôneis começaram a gritar enquanto queimavam.

Por um longo momento, nenhum dos dois disse nada.

– Como eles descobriram...?

– Que eu era um Insone e não um lunático? Bom, para começar, eu não me lembrava de nada. Me encontraram mais tarde em um leito seco de riacho na beirada do acampamento. Tinha fugido quando os cavalos começaram a queimar e todos estavam ocupados tentando salvá-los. E quando finalmente dormi de novo, os anciãos do meu povo conversaram por muito tempo com esse tal de Lucian. Disseram que ele era uma criatura furiosa, tomada pelo desejo de destruir, de matar, e que prometeu fazer tudo de novo se não o deixassem ir. Então, escreveram para a Torre Dourada da Manhã Perpétua, e eu fui mandado embora.

Ele esfregou o polegar na linha do maxilar, e Elver ouviu o ruído áspero da barba por fazer.

– O que você precisa entender, Elver, é que perder os pôneis destruiu o meu povo. Eles eram sua riqueza, seu futuro, tudo o que tinham investido por gerações. Lucian poderia muito bem ter queimado todo mundo junto. Meus pais me mandaram para o mosteiro, e nunca mais tive notícias deles. Não sei o que aconteceu com eles. Talvez tenham morrido também.

Ele abaixou a cabeça, e Elver viu uma única lágrima deslizar por sua bochecha, um brilho prateado puro naquele pequeno depósito imundo.

– Artair.

Ela se arrastou até se sentar ao lado dele nas caixas e passou os braços ao seu redor. Foi estranho, e ela tinha plena consciência de que nunca havia abraçado alguém daquela maneira antes, mas o impulso era inegável. Passou o braço por trás do pescoço dele e o puxou para que sua cabeça repousasse contra a bochecha dela. A cabeça de Artair era quente, e os braços dele a envolveram pelas costas, apertando-a contra si. O coração dela disparou, um pássaro preso dentro do peito.

– Sinto muito – disse ela.

Elver nunca tinha experimentado a sensação de estar tão próxima de outro ser. Ela piscou, dividida entre a tristeza por ele e uma vontade súbita e feroz de que aquele momento durasse para sempre. *Minha rainha me mandou matá-lo, lembrou-se. Era exatamente isso que ela temia.* Como se buscasse se rebelar contra esse pensamento, ela pressionou os lábios no topo da cabeça dele, um beijo rápido e seco, e só o soltou quando ouviram a chave girar na porta. Creg apareceu no topo da escada, recortado pela luz do corredor atrás dele. A contragosto, Elver e Artair se afastaram.

– Menos disso aí – disse ele, bem-humorado. – Este é um lugar de respeito.  
– Ele riu da própria piada, depois colocou uma bandeja amassada sobre as caixas. – Trouxe um almoço pra vocês, caso estejam com fome.

– Cadê a Sunay? – perguntou Elver enquanto Artair agradecia.

– Já veio e já foi... seus rapazes sem rosto estão por aí em peso, pelo visto. Seja lá o que vocês fizeram, eles estão uma arara. – Isso pareceu agradar enormemente Creg, e por isso Elver passou a gostar mais dele. – Ela volta logo, não se preocupem. Mas é melhor comerem enquanto dá. Pode ser que tenham que sair daqui às pressas.

Creg saiu, e eles colocaram a bandeja entre os dois. Havia grandes enrolados de salsicha, tão pesados que Elver achou que talvez pudessem servir como arma, além de ovos cozidos envoltos em carne de porco temperada. Havia quatro garrafas de vidro verde cheias de um líquido transparente que com toda a certeza não era água.

– O que é isso? – perguntou Artair depois de dar um gole. – Tem um gosto esquisito.

Elver deu de ombros. Estava alimentando o filhote com pedaços do enrolado de salsicha, que ele devorava com gosto.

– Sunay deve estar procurando uma rota segura para sairmos daqui – disse ela.

Terminaram a comida e a bebida rapidamente e voltaram a se acomodar nas caixas. Lá fora, a luz do dia tornava-se mais suave à medida que a tarde avançava.

Artair bocejou, e ela o olhou com atenção.

– Tudo bem?

– Tudo – disse ele, com um sorriso forçado. – Já faz cinco anos que não tiro uma soneca à tarde.

O filhote cutucava Elver com o focinho, pedindo mais comida.

*Mais daquilo, por favor, falou ele. Estava bom. Tem muita comida interessante fora da floresta. Por que a mãe não nos traz aqui?*

Elver pensou na luz branca de Triló, queimando o que havia de monstruoso até sumir por completo. O que restaria do filhote se isso acontecesse com ele? Seria reduzido a uma raposinha morta? Um passarinho morto, talvez? Ela passou a mão pelo braço, que ainda estava sensível pela queimadura.

– Não somos bem-vindos aqui, amiguinho.

*Isso é falta de educação, disse o filhote. Sou uma ótima companhia. Por que ainda estamos nesta sala pequena e fedida?*

– Estamos escondidos – respondeu ela. – Não se preocupe, logo vamos respirar ar fresco. Mas talvez você tenha que voltar para o saco por mais um tempinho.

O filhote bufou.

*O saco fede a cocô.*

– A culpa é sua. – Ela hesitou. – Mas talvez a gente consiga arranjar um saco novo. Parece o tipo de coisa que eles teriam por aqui. Artair, você acha que...?

Mas Artair estava dormindo, com o queixo apoiado no peito e o cabelo caindo para cobrir o rosto.

## CAPÍTULO 28

Lucian ouviu Elver se levantar e atravessar o cômodo correndo, ouviu-a chacoalhar a maçaneta da porta. Deixou-se tombar um pouco mais para a frente, entregando-se à ilusão do sono. Elver sibilava através da porta, chamando um tal de Creg para vir destrancá-la. Havia uma versão daquele plano em que Lucian se levantava no instante que a porta se abrisse e forçava a saída. Ele não sabia onde estavam, mas isso pouco importava – seus braços e pernas não estavam amarrados, e ele podia correr. Mesmo assim, permaneceu onde estava, e quando Creg entrou no quarto – Lucian teve a impressão de que o homem era grande, pelo peso de cada passo da bota –, ele não se mexeu, deixando que o homem segurasse seus braços e pernas e os amarrasse com corda, apenas erguendo a cabeça devagar, piscando para afastar o sono dos olhos. Ele precisava recuperar a confiança dela e não havia se esquecido da promessa de Tisk. Havia uma chance de a raposa voltar para libertá-lo.

– O que tinha naquela bebida que você deu pra gente? – perguntou Elver.

– Um tiquinho de grogue – respondeu Creg, quase como se pedisse desculpas. – Por que, ele é alérgico ou coisa do tipo?

– Não, mas nunca deve ter bebido isso antes, e tomou tudo como se fosse água. – Ela praguejou de um jeito vibrante que Lucian achou absolutamente encantador.

– Elver? – Ele semicerrava os olhos contra a luz. – Onde estamos?

– Pelos Doze – disse Creg –, ele está mesmo mamado.

Elver suspirou.

– Pode nos deixar a sós agora.

Quando Creg se foi, Lucian se sentou, olhando ao redor. Elver havia se recolhido para o outro lado da sala, observando-o com uma expressão tão afiada que fez um nó de inquietação se instalar no estômago de Lucian. Ele teve a súbita certeza de que havia cometido um erro.

– Você está com raiva – disse ele. Não foi uma pergunta.

– Eu sei o que você fez com o povo de Artair – respondeu ela. Na luz turva que entrava pela janela suja, os olhos dela pareciam quase prateados. – *Por quê?*

O filhote monstro estava encolhido no colo dela, o rosto enterrado nas patas.

– Consegue imaginar – disse ele, devagar – o pavor absoluto de acordar sem saber onde está, nem quem você é? Só uma existência súbita e aterradora, sem contexto e sem familiaridade. Ninguém com uma palavra ou toque gentil, apenas uma sensação vertiginosa de... descolamento. Como se tivesse sido arremessado com violência...

Ele parou. Percebeu que não se sentia bem ele mesmo e que o quarto parecia girar se virasse a cabeça rápido demais. O monge tinha andado *bebendo*?

– Aqui e agora, falando com você, menina-monstro, estou lúcido, ou lúcido o suficiente para não fazer diferença, porque tive anos para aceitar o que me aconteceu. – Uma risada amarga subiu pela garganta dele. – Não, essa é a frase errada. Não há como aceitar algo que você não compreende, Elver.

– E daí? – retrucou Elver. – Você se confundiu a ponto de causar um incêndio?

– Eu já te disse antes que eu só sabia de duas coisas com certeza – respondeu Lucian, mantendo o tom calmo. – Que meu nome era Lucian e que este – ele inclinou a cabeça, gesticulando para si mesmo como pôde – não era meu corpo. Bem, isso não era totalmente verdade. Eu sabia de mais uma terceira coisa, e era esta: que morte é poder. Então fui atrás dela.

Elver ficou em silêncio. Havia se recolhido ainda mais para dentro das sombras, deixando que a escuridão a envolvesse.

– Na verdade – disse ele –, aquele monge idiota teve sorte de eu ter matado só os cavalos dele.

– Eu achei que sabia o que monstros eram – falou Elver. – Que nós éramos incompreendidos. Mas você é de fato aquilo que eles temem.

Lucian sorriu em meio ao estranho pulso de tristeza que atravessava seu peito – era quase uma dor física.

– Nós tínhamos um acordo – lembrou a ela. – Eu me comportaria, e você me devolveria minhas memórias.

– O acordo está cancelado.

– Você não pode fazer isso.

– Posso fazer o que quiser – disse Elver.

– Isso é... – Lucian fez menção de se levantar, mas as cordas em seus tornozelos o forçaram a sentar novamente. Esperava sentir a fúria habitual crescendo, mas no lugar dela havia apenas cansaço. – É o mais próximo que já estive de descobrir quem sou, Elver. Como pode tirar isso de mim?

Algo brilhou nos olhos dela ao ouvir isso, mas quando falou, sua voz era dura como aço.

– Você tirou o mundo inteiro de Artair.

Depois disso, ela não falou mais com ele. Lá fora, a luz do dia se esvaía do céu, até restar apenas o brilho suave da luz da lua entrando no depósito apertado, filtrado por uma fina camada de sujeira. Ele viu Elver olhar para a porta repetidas vezes, claramente esperando que alguém retornasse a qualquer momento. Como isso não aconteceu, ajeitou as pernas debaixo do corpo e, quando o filhote se deitou ao seu lado, ela adormeceu. Ou ao menos ficou tão imóvel e silenciosa que ele não conseguia ouvir nem sua respiração.

– Ela está dormindo *mesmo* – disse uma voz suave ao seu ombro. – Imagino que, se você vive na floresta como um inseto rastejante, acaba se acostumando a dormir em lugares desconfortáveis.

Uma figura emergiu das sombras. Lucian se afastou dela, a pele arrepiada de nervosismo. A silhueta era de um homem de traços marcantes, com uma cabeleira vermelha e uma barba e um bigode cuidadosamente aparados. Os olhos verdes e estreitos cintilavam no escuro. Ele sorriu para Lucian, e seus dentes eram um pouco afiados demais.

– Você – disse Lucian.

– Eu – confirmou Tisk. – Pronto para sua liberdade, fantasma?

– Sim – respondeu ele. E então: – Por que agora?

– Porque este é o momento que trará mais deleite. – Tisk apontou para as amarras, e elas se soltaram como cobras, deslizando até o chão. Lucian se pôs de pé, esfregando os pulsos. – E vai recuperar suas memórias antes de ir?

– Ela não quer me devolver – disse ele. Parecia estranho dizer aquilo em voz alta, como se tivesse se tornado vulnerável de repente.

– Mas são as *suas* memórias – falou Tisk. – E você vai precisar delas aonde está indo.

Lucian hesitou. Em pé ao lado da garota, lembrou-se de estar na fonte termal, uma mão enrolada ao redor do pé nu dela; lembrou-se da tenda com os monstros enjaulados, de como ela havia se sentado e falado pacientemente

com a criatura amedrontada – havia oferecido palavras gentis, o mais suave dos toques, no momento em que mais precisavam.

– Se for fazer, é melhor ir logo – disse Tisk. – Só tenho paciência para truques e histórias mirabolantes, e isso não é nenhum dos dois.

Com muito cuidado, Lucian estendeu a mão e pousou um único dedo sobre o dorso da mão dela. Sentiu o frio de sua pele e...

Ele estava em um templo iluminado por chamas vermelhas. Diante dele, erguia-se a figura dourada e colossal de um leão, com olhos formados por aglomerados de rubis. Sangue jorrava de sua boca como uma fonte, e Lucian estava ajoelhado diante dele. Sabia que aquele era seu maior teste até então; deveria pedir uma bênção a seu deus e usar o que recebesse para realizar um feitiço. Era perigoso, e todos os olhos estavam sobre ele, mas ele era bom naquilo. Tinha talentos que superavam os dos demais, e sua única preocupação era o tempo que levaria para chegar até ali. Ter sido forçado a esperar, como o resto dos magácios sem talento, era insultante, e ele pretendia dar o troco um dia.

Olhou para a direita do leão e *a viu*, o cabelo da cor do sangue que escorria da boca do deus, maçãs do rosto afiadas como lâminas. *Mãe*. O olhar que ela lhe lançou era especulativo, penetrante, mas não necessariamente hostil. *Ela vê meu poder*, pensou, cheio de orgulho. *Ela reconhece que, um dia, serei seu igual. Talvez mais cedo do que imagina*.

Bem à sua frente havia um globo de vidro fino, cheio de uma luz violeta em constante movimento. Uma alma, capturada e guardada só para esse propósito; preciosa e de valor inimaginável, e sua para usar como quisesse. Ao pegá-la, sentiu uma leve vibração da coisa contida ali, e viu o próprio reflexo no vidro: cabelo preto, olhos cor de avelã, pele de cor creme – passava tempo demais em templos mal iluminados.

– Meu senhor, Garra Sangrenta – disse ele em voz alta. – Consuma esta alma e conceda-me uma bênção.

Ele esmagou o globo contra as pedras diante de si e ouviu o grito agudo da alma enquanto a luz violeta subia e era sugada pela boca do leão. Em resposta, suas mãos se encheram de fogo vermelho, inimaginável em calor e dor e *poder*...

Lucian voltou a si e se viu caído no chão, com Tisk, o deus da mentira, pairando sobre ele.

– E então? – perguntou Tisk, animado. – Foi tudo o que esperava e mais?

Lucian se levantou, trêmulo. Agora, ele sabia quem era. Sabia *o que* era. Um dia, tivera uma conexão tão poderosa com um dos deuses que fora capaz de usar seu poder por si mesmo, e agora que estava consciente disso, podia senti-lo – uma linha de fogo fina, oculta nas profundezas de seus ossos, reduzida a brasas. Para recuperar o restante de si mesmo, precisava reacendê-la, restabelecer aquela conexão, e para isso teria que chegar ao templo mais próximo do Garra Sangrenta.

Apontou para a porta.

– Seja útil e abra aquilo.

## CAPÍTULO 29

– acorde, criança, seu amorzinho sumiu.

Elver despertou devagar, o corpo inteiro pesado com um cansaço que parecia profundo e anormal. Sunay estava curvada sobre ela, uma das mãos puxando sua manga. Elver puxou o braço com brusquidão. Pelo tipo de luz no cômodo, percebeu que tinha dormido até o fim da manhã e que a porta estava escancarada. O filhote rondava o pequeno depósito, e Artair...

Ela se sentou de repente, a cabeça girando de forma desagradável.

– Cadê ele?

– Essa é a grande dúvida, não é? – Sunay puxava as próprias mangas. – Por mais que odeie admitir, sinto o cheiro da magia do meu senhor por todo este quarto: na porta, nas cordas que usamos para amarrar Artair, e em você também. Esse não é um sono normal do qual você está tentando sair. – A maga parecia inquieta, uma ruga vincando sua testa normalmente lisa. – O problema de servir ao Lorde Tisk é que ele se deleita com esse tipo de coisa. Semear o caos, jogar planos pela janela. Ele pode fazer qualquer coisa virar um suplício, isso eu te garanto.

– Ele foi embora. – Elver esfregou as mãos no rosto, obrigando-se a acordar.

Artair não teria simplesmente desaparecido, não quando estavam tão perto de chegar ao Salto Soberbo, o que significava que Lucian tinha esperado que ela dormisse e dado um jeito de sair do quarto.

– E é Lucian quem está no controle. Quando ele foi embora? Você sabe?

Sunay deu de ombros.

– Estive fora a noite inteira, e Creg não estava aqui; ele faz a maior parte do trabalho dele à noite, como você deve imaginar.

– Então ele pode estar em qualquer lugar.

Seu coração parecia afundar pelo assoalho, o que só a deixava mais furiosa. Ele não era nada para ela. Era pior que nada; era um ladrão que havia entrado em sua floresta e ferido seu povo. Então por que a ideia de nunca mais vê-lo fazia seu estômago se revirar?

– E não será fácil capturá-lo. Mas vamos lá, os jumentos sem rosto de Triló já foram todos embora, então vamos te levar para o ar livre. Acho que a magia do meu senhor te derrubou, e não gosto nada dessa palidez em seu rosto.

– Meu rosto é sempre pálido.

– Mesmo assim, não gosto. Vamos andando.

Elas colocaram o filhote em um saco novo e saíram. A manhã estava clara e fresca, o céu uma imensa abóboda azul, uma daquelas manhãs de outono que recebem o inverno de braços abertos. Elver inspirou fundo algumas vezes, tentando dissipar os últimos resquícios de sono.

– E então, o que você vai fazer, Elver da Floresta dos Jih, filha da Rainha das Serpentes? – disse Sunay com pompa. – Porque o que você *poderia* fazer é tomar um baita café da manhã, jogar esse saco nas costas e voltar para casa. O monstro seria devolvido à sua floresta, e essa era sua promessa ao seu deus, não era? Você ainda teria um favor de Tisk como carta na manga para usar no futuro, se um dia precisar.

A magácia estava certa. Não havia nada que a ligasse aos noviços, e ela não seria capaz de encontrar Artair agora, mesmo que quisesse – não tinha dúvida de que Lucian os teria levado o mais longe possível, seja qual fosse a missão sombria que tinha em mente. Sim, era verdade que parte dela havia flertado com a ideia de destruir os planos de Mãe Maura, um pequeno acerto de contas pela infância encurtada e pela vida roubada. Mas a Floresta dos Jih a esperava. Ela se viu caminhando de volta desde Porto das Víboras, saindo da estrada de terra batida para dentro das árvores, para nunca mais ser vista por olhos humanos. Sua antiga vida a aguardava lá. Por instinto, seus dedos encontraram a castanha-da-índia no bolso e a apertaram.

E então ela pensou em Artair cuidando do corte no pescoço dela, ajoelhado diante dela no Templo do Limiar, e na dor que ele carregava. Lembrou-se de como, quando Triló tentou queimar a monstruosidade deles, ele havia tentado protegê-la com o próprio corpo.

E pensou na Rainha das Serpentes, que a atacou por ter desobedecido às suas ordens.

– Não – disse ela. – Não vou fazer isso. Com Artair fora de cena, não há mais ninguém para salvar aqueles noviços. E eu sei qual a sensação de estar à mercê da Mãe Maura. – A boca dela se retorceu ao pronunciar o nome da maga. – Sunay, se você vier comigo, eu vou tentar salvá-los. – Ela limpou a garganta. – Ter sua ajuda quebraria um galho.

– E você a terá. – Sunay fez menção de dar um tapinha nas costas dela, mas pareceu mudar de ideia. – Estou em dívida com você pelo Coração Congelado. Agora, se bem me lembro, era Artair quem tinha o mapa. Você sabe onde fica o santuário da Mãe Maura?

Elver assentiu. Tinha decorado a localização no exato momento em que a vira na caligrafia de Mãe Maura no papel.

– Ótimo. Então vamos sair daqui. E tomamos um baita café da manhã no caminho.

★

Quando Artair despertou, pensou que tinha sido enterrado vivo.

Estava em um lugar pequeno e escuro, sem espaço sequer para esticar as pernas. As paredes o comprimiam, e havia coisas roçando seu rosto, coisas macias e sufocantes como pelos ou penas.

E seus pulsos e tornozelos estavam amarrados.

O pânico floresceu em seu peito como tinta pingada na água, contaminando tudo. Tentou se levantar, falhou e se chocou contra a parede de madeira, batendo a têmpora com força o bastante para ver uma chuva de estrelas dançando à sua frente. Tentou agarrar-se às palavras de seu mantra, aquele que os monges o haviam ensinado a recitar quando se sentisse sobrecarregado demais, mas elas se dispersaram. Não sabia onde estava, e estava amarrado, o que significava que Lucian estava no controle. E se Lucian estava no controle, então Artair tinha falhado, e todos estavam em perigo.

– Elver? Elver!

Ela não estava com ele e não respondeu. Mas ele ouviu um ruído; o som de uma cadeira de madeira sendo arrastada pelo assoalho enquanto alguém se levantava.

– Você acordou.

A voz era sedosa e perigosa, e se aproximava. Tarde demais, Artair percebeu que havia um pouco de luz naquele espaço escuro. Acima da linha dos olhos, havia um buraco de fechadura, e a luz que entrava por ali delineava as circunstâncias de seu cativeiro: estava encostado nos painéis de madeira de um guarda-roupa, e as coisas macias que lhe cobriam a cabeça e os ombros eram roupas penduradas. Com dificuldade, arrastou-se até o buraco e colocou o olho nele.

– Imagino que tenha levado um baita susto.

O cômodo além do guarda-roupa era luxuoso. Ele viu uma cama com dossel cheia de cobertores bordados, tapetes espessos no piso polido e tapeçarias elaboradas nas paredes. Havia também janelas com vidros trabalhados, por onde entrava luz suficiente para fazer brilhar as partículas de pó no ar como pontos de ouro em movimento. Pela voz, esperava ver um homem de pé no quarto, mas não havia ninguém. Então, um instante depois, uma forma alaranjada cruzou o chão depressa e pulou na mesa. Era uma raposa, os olhos cheios de fogo amarelo.

– Quem é você?

– Vamos lá, Artair, sei que pode fazer melhor do que isso. Você sabe quem eu sou. A menos que prefira que eu minta para você, que tal? Será que isso tornaria as coisas mais óbvias?

– Você é Tisk. – Artair engoliu em seco. Estava falando com um deus. – O que está fazendo aqui? – E, em seguida: – Pode me soltar?

– Para responder à sua primeira pergunta, estou aqui para proteger meu investimento. E para responder à segunda, não, porque isso colocaria meu investimento em risco.

– Você não entende. O outro eu... Ele não pode ficar vagando livremente por aí. Ele é perigoso. Pessoas vão se machucar.

A raposa balançou o corpo, fazendo o tufo de pelo branco em forma de coração no peito se eriçar.

– Você acredita mesmo nisso, Artair?

Ele ignorou a provocação.

– Preciso estar no Salto Soberbo em três dias. Se eu não estiver lá, ela vai matar os outros novinhos.

Uma onda de frustração e horror atravessou seu corpo, e ele bateu o ombro contra a madeira do guarda-roupa. Por que estava perdendo tempo conversando com um deus que claramente não tinha a intenção de ajudá-lo?

Poderia arrombar aquela porta ele mesmo. Pelo menos já era um começo. Lançou-se contra a porta de novo, e embora sentisse toda a estrutura tremer, ela não cedeu nem um pouco.

– Eu não me daria o trabalho – disse a raposa, seca. – Fiz uns pequenos reforços.

– *Por quê?* Por que está do lado *dele*? Ele é um espírito maligno, uma criatura feita para causar miséria e caos. Como pode ajudá-lo?

– Remeto você à resposta da sua primeira pergunta. – A raposa saltou de volta ao chão, suas patas pretas e cobertas de fuligem não fazendo barulho algum. – Mas tenho algo para você. Seu outro eu deixou uma mensagem. E fui encarregado de lê-la.

Para o espanto de Artair, onde antes havia uma raposa, agora havia um homem. Era magro e ossudo, com uma cabeleira ruiva e olhos verdes penetrantes. Vestia um terno de veludo bordô, forrado com seda cor de pêssego, e carregava uma bengala com uma cabeça de raposa prata no topo. O homem sorriu na direção de Artair, como se pudesse ver sua expressão de surpresa. E até onde Artair sabia, talvez de fato pudesse. Tisk atravessou o cômodo até a mesa e pegou um pedaço de papel que havia sido deixado ali, dobrado com cuidado.

– “Meu querido monge idiota” – leu em voz alta, adotando um tom levemente pomposo –, “como se sente ao acordar com os pulsos e tornozelos amarrados, incapaz de se mover ou até mesmo de se sentar sem qualquer conforto? Como é saber que passará horas nesse espaço minúsculo, sem ter como aliviar o tédio e, melhor ainda, que todos os dias do resto da sua vida serão exatamente iguais? Gostaria de poder ver a expressão no seu rosto ao perceber que este é o seu destino, mas imagino que, se eu pudesse, não estaríamos metidos nesta confusão, para começo de conversa.” – Tisk fez uma pausa para alisar o bigode, assentindo de leve. – “Você me vê como a criatura maligna que roubou um espaço dentro da sua cabeça, monge, mas a realidade é que serei muito mais gentil com você do que você jamais foi comigo. Sou um mago do Garra Sangrenta. Sei disso agora, graças a Elver, cuja doçura inesperada foi um dos poucos pontos luminosos desta existência miserável.”

Artair baixou a cabeça, tentando ignorar o que aquelas palavras provocavam dentro dele.

Tisk prosseguiu:

– “Gostaria de ter provado mais dessa doçura, mas não houve tempo. Agora, devo viajar até o templo mais próximo do meu deus e, uma vez lá, restabelecerei a conexão que já foi minha, reivindicando meus talentos como um dos maiores magos do Garra Sangrenta...” – Tisk suspirou. – Ele se prolonga um pouco demais, tenho que admitir. – Ele retomou o ar pomposo. – “Pois estou destinado à grandeza e a um poder que você jamais poderia imaginar”, blá-blá-blá, mais um pouco aqui sobre como ele vai ser importante e poderoso, pi-pi-pi, pó-pó-pó... Ah, aqui está. Essa parte é boa. – Tisk limpou a garganta. – “Quando tiver restabelecido essa conexão, farei o sacrifício que o Garra Sangrenta exigir para: primeiro, recuperar todas as minhas lembranças, e segundo, expulsar *você*, mongezinho piedoso e mesquinho, desta cabeça para o nada eterno. Talvez eu não possa voltar ao meu próprio corpo, mas se houver uma chance de habitar o seu por completo, eu a aproveitarei. Você entende a bondade desse ato, Artair? Não vou mantê-lo prisioneiro para sempre, uma criatura enjaulada, enlouquecendo aos poucos. Eu simplesmente te lançarei no esquecimento.”

Tisk parou de ler e dobrou o papel, guardando-o no bolso. Girou a bengala entre os dedos.

– Prontinho.

Artair encostou o rosto na porta, aproximando a boca do buraco da fechadura.

– Você *tem que* me soltar – disse. – Lucian é perigoso. Não dá pra perceber?

– Ah, meu querido, eu não *tenho que* fazer nada. A menos que você esteja disposto a pagar pelos meus serviços. E você, garoto, não tem nada que me interesse. – Tisk sorriu, um gesto afiado e astuto que fez os pelos da nuca de Artair se arrepiarem, e então desapareceu, deixando para trás o cheiro de folhas queimadas.

Artair escolheu um dos muitos xingamentos de Elver, gritou o mais alto que pôde, e então deslizou até o chão do guarda-roupa, com a cabeça entre os joelhos.

## CAPÍTULO 30

– Acredite, assim vamos chegar bem mais rápido, e eu já caminhei tanto que minhas pernas estão até sumindo. Viu só? – Sunay esticou uma perna de forma dramática. – Por favor, Elver, pense nos meus sapatos.

Elver hesitou diante dos degraus. A carruagem era a maior que já tinha visto, com assentos suficientes para umas dez pessoas, e, à frente, havia dois cavalos pretos poderosos com patas brancas. Ela havia puxado o capuz sobre a cabeça, mas era impossível ignorar o fato de que a cabine estava *lotada* de humanos. Eles viam seu rosto marcado por cicatrizes, seus olhos amarelos, e, pior ainda, ela teria que gastar muita energia para evitar tocá-los – porque os humanos, com certeza, não pareciam ter noção alguma de espaço pessoal. Estava anoitecendo, a temperatura ao redor diminuía depressa, e ela podia ver nas expressões das pessoas já acomodadas que eles desejavam com todas as forças que ela parasse de hesitar e entrasse para que pudessem fechar a porta.

*Vai nos levar mais rápido*, disse a si mesma. *O que significa que voltarei para casa mais cedo.*

Ela baixou a cabeça para o embrulho nos braços. Ainda era possível ver o brilho verde e tênue dos olhos do filhote.

– Temos que entrar em uma carruagem humana agora – sussurrou. – Vai se comportar?

*Posso morder eles?*

– Não.

*Você é muito chata.* O filhote bocejou. *Vou tornar as coisas mais interessantes. Vou pular e morder.*

– Escuta aqui – disse Elver, pressionando o rosto contra o saco, a ponta do nariz quase tocando o dele. – Isso é muito assustador pra mim, entendeu? Ficar tão perto assim de humanos. Então preciso que você seja forte por nós

dois. Preciso que seja forte e fique bem... quietinho. Consegue fazer isso por mim?

Estava escuro demais para ver, mas ela sentiu as penas do filhote se eriçarem com um ar de orgulho.

*Consigo. Porque sou muito corajoso e forte.*

Elver fechou a boca do saco e assentiu para Sunay. Seguiu-a pelos degraus, que foram então recolhidos pelo cocheiro. Havia humanos de diversos tipos lá dentro, pelo que ela podia ver. Tinha um casal de idosos, um deles envolto em mantas e xales o bastante para enfrentar o inverno mais sombrio da Floresta dos Jih; uma mulher de ombros largos, com um nariz grande quebrado e braços de trabalhadora; e uma família – mãe, pai e três crianças pequenas. Ela e Sunay encontraram assentos vazios em um canto, onde Elver tentou se esconder o máximo possível – dava para ver que a menor das crianças já olhava para ela com os grandes olhos azuis –, mas Sunay se inclinou para a frente e cumprimentou com alegria todos na carruagem, apresentando-se com entusiasmo e apertando solenemente a mão de cada uma das crianças. Com um solavanco e uma leve reclamação de um dos cavalos, a carruagem pôs-se em movimento. Elver colocou o saco no chão, entre os pés, fazendo um carinho discreto no filhote durante o processo.

– Devo avisar a todos que sou uma maga devota de Tisk, senhor dos contos, truques e tribulações. – Sunay tirou uma grande moeda de prata de algum lugar da manga e a girou com habilidade pelos nós dos dedos, fazendo-a brilhar como a lua. As crianças desviaram a atenção de Elver para a maga no mesmo instante. – Então, essa viagem está verdadeiramente abençoada.

– É melhor que esteja mesmo – disse a mulher de ombros largos, com suavidade. – Tenho trabalho na próxima aldeia e não posso me atrasar por causa de truques, magia.

– Claro, claro – respondeu Sunay, inclinando a cabeça. – Estou apenas oferecendo um pouco de entretenimento para nos alegrar durante a jornada.

– E qual o preço? – perguntou o homem mais velho. A voz era seca, mas ele exibia um sorriso discreto ao falar.

– Ora, apenas as suas almas... – Sunay fez uma pausa, então deu uma gargalhada. – É brincadeira. Qualquer bagatela sagrada que tenham consigo serve. Meu senhor não é exigente.

Ela fez a moeda dançar, e as crianças começaram a puxar a saia da mãe até que ela lançou um olhar significativo ao marido. Ele suspirou e tirou um

pequeno objeto de um dos sacos. Era uma escultura minúscula de um camundongo, gravada com letras pequenas demais para serem distinguidas. Entregou-a a Sunay.

– A gente tinha esse talismã de Milique, o Pequeno, em nossa cabana. Mantinha os ratos longe da despensa, mas estamos nos mudando, então creio que não precisaremos mais dele.

– Perfeito – respondeu Sunay.

Ela deu uma leve batida no topo da cabeça do ratinho de madeira e, de repente, ele se tornou real, com olhos como pequenas contas de vidro preto e o focinho se contraindo de modo curioso. As crianças arfaram, e, quando Sunay estendeu a mão em direção a elas, o rato deu várias cambalhotas antes de se transformar em um botão de prata, que ela entregou à menorzinha. A criança segurou o botão nas mãos como se ele pudesse voltar a ser um camundongo a qualquer momento. Elver percebeu que estava sorrindo. Irritada, passou a encarar as próprias botas.

Algo na carruagem pareceu mudar, e várias conversas se iniciaram. A mãe das crianças tirou alguns pãezinhos doces da sacola e os distribuiu pela pequena cabine, enquanto a senhora idosa, toda embrulhada contra o frio, se inclinava para amarrar o cadelão de uma das crianças.

A mulher do nariz quebrado inclinou-se para Elver com um sorriso, estendendo uma pequena garrafa de prata que tirara de algum lugar do casaco.

– Aceita um golinho? Vai te manter aquecida.

Por um longo segundo, Elver não se moveu. A mulher humana estava totalmente à vontade com ela, apesar da aparência da jhi, e oferecia algo seu, por mais que Elver não visse motivo aparente. Com cuidado, de modo que não encostasse os dedos nos dela, Elver pegou a garrafa e deu um gole cauteloso. Tinha gosto de mel e sabugueiro. Quando devolveu a garrafa, a mulher piscou.

– Meu nome é Halla – disse. – Muito prazer.

– Eu sou a Elver. – Ela procurou desesperadamente algo para dizer. – Essa bebida é... bem gostosa.

– Obrigada – respondeu Halla, corando de satisfação. – Eu mesma preparo, e sempre levo um pouco comigo quando saio para trabalhar, ainda mais quando está frio. Trabalho com madeira, sabe, e fico ao ar livre faça chuva ou faça sol.

Halla ofereceu a garrafa ao homem idoso e começou a conversar com ele também, e Elver sentiu uma estranha mistura de alívio e decepção. Pensou que Artair teria adorado aquilo; teria ficado encantado só de estar ali sentado, ouvindo as histórias das outras pessoas. Ele era tão curioso a respeito do mundo. Pela janela à sua esquerda, ela podia ver luzes quentes brilhando na escuridão. Estavam passando por uma aldeia ou uma cidade, e aquelas eram as lâmpadas acolhedoras de um espaço humano. Pela primeira vez na vida, sentiu-se quase reconfortada por isso.

Quando Sunay fez uma breve pausa em sua incansável forma de encantar as crianças, que agora discutiam entre si sobre quem ficaria com o botão-rato, Elver se inclinou e falou ao ouvido da maga, o mais perto que se atreveu:

– Você ainda está com o Coração Congelado? Será que eu posso... ver por um instante?

Os olhos escuros de Sunay encontraram os dela no mesmo instante. Estavam brilhando, divertidos.

– Já com saudades dele, é?

– Eu não...

– Infelizmente, não vou poder te ajudar – respondeu Sunay sem hesitar. – Coloquei aquele pequeno artefato dentro da mochila de Artair, então, onde quer que ele esteja agora, é lá que o Coração Congelado está.

– Eu... – Elver ficou toda arrepiada. A ideia de ele ver a visão contida no coração de argila a enchia de horror. – Por que você fez isso? – Ela limpou a garganta. – Quer dizer, você não vende os tributos usados de Tisk na sua loja?

Sunay deu de ombros.

– Só tive a sensação de que Artair, ou talvez o outro, pudesse precisar dele em breve, só isso.

Naquele momento, ouviu-se um grito furioso do cocheiro. Halla se ergueu no assento.

– O que foi? Ele precisa de ajuda ou algo assim?

Um segundo depois, o grito dele foi respondido por dois relinchos desesperados dos cavalos, e a carruagem oscilou perigosamente de um lado para o outro. As crianças gritaram também, agarrando-se aos pais, e de repente todos foram jogados contra a parede da carruagem, enquanto pertences voavam por todos os lados. Elver caiu de mau jeito um instante antes de Halla despencar sobre ela, arrancando-lhe todo o ar dos pulmões.

*Não posso tocar nela, pensou, o pânico e a raiva fechando sua garganta. Não devo tocar em nenhum deles.*

Houve um coro de gritos e clamores quando a carruagem parou, acentuado pelo choro das crianças. Ao lado, e um pouco abaixo dela, Elver ouviu Sunay usando todos os palavrões que conhecia. Ela tateou em busca do saco, que ainda estava por perto, e pousou a mão na áspera fibra de estopa. Debaixo dela, sentiu o coração do filhote disparado.

– Você está bem?

*Estou sendo corajoso, disse o filhote depressa demais. Não como todos esses humanos gritando.*

A janela da carruagem agora estava acima deles, oferecendo um vislumbre do céu noturno. Quando Elver olhou, houve um clarão de luz ofuscante, que desapareceu no instante seguinte. Seu estômago se revirou, e ela começou a se arrastar em direção à porta, escalando sobre os outros o melhor que pôde sem encostar na pele em ninguém. Tinha uma péssima sensação de que já sabia o que encontraria lá fora. Atrás dela, Sunay tentava acalmar as crianças ao mesmo tempo que ajudava a senhora idosa a se levantar. Alguém se ferira, Elver podia sentir o cheiro de sangue. Empurrou a porta até ela se abrir e ergueu a cabeça para fora, devagar.

A carruagem estava tombada à beira da estrada, com duas rodas para o ar, ainda girando. Um dos cavalos tinha se afastado um pouco; não havia sinal do outro. Ao redor, havia pequenos chalés de paredes lisas de argila e, um pouco além, um prédio mais alto com uma torre e um sino. O cocheiro jazia de bruços na terra, imóvel. Elver não viu mais ninguém, então escalou pela lateral do veículo, saltou no chão e correu até ele. Atrás de si, ouviu os outros saindo da carruagem.

– O que, em nome dos Doze, aconteceu? – gritou Halla. Sua voz estava carregada da raiva que surge quando alguém forte sente medo. – A gente bateu em alguma coisa?

O homem mais velho desceu pela lateral da carruagem. Olhou em volta, para os chalés.

– Vou buscar ajuda – disse. – Deve ter alguém acordado por aqui.

Hesitante, Elver pressionou os dedos nas costas do cocheiro, esperando pelo sobe e desce da respiração. Quando sentiu e teve certeza de que ele não estava morto, virou-se a tempo de ver Kantor Witt surgindo por trás da carruagem, onde estivera escondido, fora de vista. Ele carregava uma pequena

lâmpada de Triló em uma das mãos, e suas vestes, antes brancas, estavam cinzentas de terra e manchadas aqui e ali de lama úmida. O belo cabelo dourado caía em mechas gordurosas no rosto, e a marca da mão dela ainda estava visível, mesmo na escuridão.

– Vocês estão andando com um monstro! – gritou ele, apontando com a mão livre para Elver. – Um espírito jih imundo corrompeu todos vocês!

Sunay, que seguira Halla e a primeira das crianças para fora da carruagem, revirou os olhos.

– Ah, que ótimo, um sacerdote de Triló. Da série *frases que nunca foram ditas*.

– Do que você está falando? – gritou Halla, enfrentando-o ao descer da carruagem. – Quem é você?

– Estou aqui para salvar vocês – vociferou Witt, a voz subindo. – A cria da Rainha das Serpentes se infiltrou entre vocês, transformando tudo o que é bom em imundície...

– Você assustou aqueles cavalos de propósito? – perguntou Halla, em um tom perigosamente frio. – Porque se você fez isso...

– Fiz isso para salvar vocês do monstro!

– Não tem nenhum monstro aqui, sua coisinha asquerosa.

Kantor Witt, o rosto distorcido por uma raiva que beirava a insanidade, arremessou a lâmpada em direção a Halla. Errou completamente o alvo e acertou a menor das crianças, que estava sendo retirada da carruagem pelo pai. Ouviu-se o tilintar do vidro se espatifando, seguido por um grito agudo de dor e pavor da criança. A lâmpada estourara sobre o vestido dela, incendiando a barra. Elver teve tempo de ver Sunay se atirar sobre a menina, abafando o fogo com o próprio casaco bordado, e então percebeu que estava correndo, as mãos estendidas à frente do corpo e os dentes à mostra. Passou como um raio por Halla, que olhou surpresa para ela.

– Está vendo agora! – Witt gritou, triunfante, apontando um dedo para ela. – Testemunhem sua verdadeira forma, sua forma venenosa e imunda, quando...

Elver o atingiu com toda a força, derrubando-o na lama com um baque abafado. Fez menção de pressionar a outra mão no lado do rosto dele, o que ainda não tinha sido marcado, mas então parou, os dedos pairando a menos de um centímetro da pele dele.

– Essas pessoas não te fizeram nada – sussurrou.

Kantor Witt se contorceu debaixo dela.

– Elas ficaram ali sentadas, respirando o ar que você envenenou, monstro, então já não têm salvação. Triló jamais voltará sua graça para elas. Estaria fazendo um favor se as livrasse desse sofrimento. – Os olhos dele estavam vidrados e fora de foco. – Você é a morte para tudo que toca.

Então, Elver pensou em Artair, e depois em Lucian, que sentiram seu toque e viveram para contar a história. Talvez houvesse outra forma de viver, afinal.

– Não para tudo – retrucou ela. – *Não para tudo.*

Ela afastou a mão.

– O que você está fazendo?

– Você não me conhece – disse Elver. – Não conhece nem a mim nem a qualquer das criaturas que escolhe odiar tanto. Lembre-se de que eu, um monstro, poderia ter matado você esta noite, e escolhi não fazer isso.

Halla apareceu ao lado dela, a testa franzida. Estendeu uma mão para ajudá-la a se levantar, o que Elver não aceitou, mas, assim que ficou de pé, tocou com cuidado a manga da mulher em uma espécie de agradecimento.

– Quem é ele? – perguntou Halla. – Que tipo de monstro assusta cavalos de propósito e joga uma lamparina acesa em uma criança?

– Um humano – respondeu Elver.

Houve um grito atrás delas, e o homem mais velho voltou correndo com dois homens robustos, um deles em uniforme de guarda.

– Vocês têm que prender esse homem – disse Halla, apontando para Kantor Witt. – Ele assustou os cavalos de propósito e fez a gente capotar.

– E jogou uma lamparina acesa na minha filha! – gritou a mãe das crianças, a voz ainda rouca de pânico. – Ele poderia tê-la matado!

– Não, não, vocês estão errados! – bradou Kantor Witt, gotas de saliva voando de sua boca. Ele se ergueu sobre os cotovelos e apontou para Elver. – Aquilo é uma criatura jih. Uma abominação. Amarrem-na, e eu a escoltarei de volta ao Templo de Triló. O monstro deve ser queimado, deve ser purificado!

Halla colocou a bota sobre o peito dele, empurrando-o de volta para a terra.

– Já chega – disse, a voz fria como gelo. Ela se voltou para o guarda com um leve aceno de cabeça. – Ele é louco ou algo assim. Vocês têm alguma prisão nesta aldeia?

– Bem – disse o guarda, em um tom pensativo –, temos um buraco. Serve?

– Acho que sim – falou o pai das crianças.

Quando Kantor Witt foi arrastado dali, ainda gritando sobre monstros e abominações, várias pessoas saíram dos chalés e, juntas, endireitaram a carruagem e recuperaram o cavalo que faltava, que tinha ido parar no jardim de alguém e começara a devorar a plantação de tomates. O cocheiro foi levado à pequena taverna da aldeia e recebeu um gole de rum, enquanto o segundo homem forte se ofereceu para conduzi-los pelo restante do trajeto. Elver observou tudo de longe. Eles se uniram sem nem pensar, percebeu ela, sem perguntas nem desconfianças. Brincavam uns com os outros e sorriam com frequência. Alguém trouxe xícaras de chá quente – Elver aceitou uma com cautela –, e uma senhora idosa da aldeia deu à criança menor um vestido novo para substituir o que fora queimado; tinha pertencido à filha dela, contou, quando ainda era pequena. E em nenhum momento, durante tudo aquilo, alguém olhou para ela pensando nas palavras de Witt. Viram-na, viram suas cicatrizes e seus olhos amarelos e, em vez de um monstro, viram alguém que tinha se arriscado por eles.

– Em breve estaremos de volta na estrada – disse Sunay, surgindo ao lado dela, com o saco contendo o filhote firmemente apertado nos braços. – Peço desculpas, Elver. Esta viagem de carruagem foi um pouco mais movimentada do que eu esperava. Talvez tivesse sido melhor ir andando mesmo.

– Não, foi uma boa ideia. – Ela observou uma das crianças acariciar gentilmente o focinho do cavalo recém-recuperado. – Foi o caminho certo a seguir.

## CAPÍTULO 31

– Não sei se gosto disso.

Elas estavam paradas aos pés de um penhasco, diante da entrada de uma caverna. A argila tornava a parede do penhasco alaranjada, interrompida aqui e ali por uma trepadeira de folhas azul-claras que Elver não conseguia identificar. Ao lado da caverna, havia uma pilha alta de pedras, uma equilibrada com cuidado sobre a outra, com um crânio de cervo no topo. Elver percebeu que seus olhos eram atraídos a todo instante para as órbitas vazias do crânio. Não conseguia imaginar Sunay passando muito tempo ali – era um território selvagem, longe da estrada –, mas a maga parecia bastante à vontade. A seus pés, o filhote farejava a grama, perambulando e falando sozinho sobre cheiros interessantes.

– É o melhor caminho pra ele – disse Sunay. – Já conheço o trapaceirinho bem o bastante para criar a ilusão mesmo sem ele por perto, e o Salto Soberbo não será seguro para ele. Acho que você já deve imaginar.

– Sim – respondeu Elver, relutante. – Se ela enxergar através da ilusão, se suspeitar que ele está escondido lá por perto... Mas deixá-lo aos cuidados de um estranho? De um magácio?

– Eu também sou uma magácia – observou Sunay. – E Bawric me deve um favor.

Como se tivesse sido convocado por seu nome, uma figura surgiu das sombras da caverna. Ele não saiu piscando para se acostumar à luz, como qualquer pessoa faria; pareceu ajustar-se a ela de imediato. Olhou com calma para as duas, como se as avaliasse, enquanto dois lobos de pelagem acinzentada e desgrenhada surgiam ao seu lado.

– A Alcateia dá as boas-vindas – disse ele.

Bawric era um homem esguio na casa dos quarenta e poucos anos, com cabelos castanhos que caíam até os ombros e uma barba escura bem aparada.

Os olhos tinham um tom castanho-avermelhado, quase rubro, e dele vinha um cheiro que Elver julgava quase reconhecer: ele cheirava um pouco como a floresta.

– Meu amigo, como anda? – disse Sunay, com afeto.

Enquanto falava, mais três lobos emergiram da caverna, os focinhos se contraindo. Elver não temia os lobos – afinal, vivia na floresta dos monstros –, mas não sabia como reagiriam ao filhote. Tensionou o corpo, sem saber o que faria se eles avançassem sobre ele. Sua pele venenosa não teria efeito sobre a pelagem espessa.

– Ocupado – respondeu Bawric, também olhando para o filhote. – Na sua mensagem, você disse que precisava que eu cuidasse de um animal. Sinto que deixou algumas informações bem importantes de fora, Sunay.

– Você só precisa ficar de olho nele por um ou dois dias – retrucou Sunay. – Mal vai notar a presença dele entre esses belos companheiros. – Ela gesticulou para mais lobos, que começavam a se aglomerar na entrada da caverna. – O que me diz?

– Monstros jih são considerados fora da lei, por ordem de Triló – disse ele, com calma. – Se me pegarem abrigando um, serei multado. Preso. Talvez algo pior.

– E você segue o que Triló diz, é? – provocou Elver. Estava pensando no gatinho morto que tinham deixado para trás no Templo do Deus Sem Rosto. – Pensei que a Alcateia fosse o seu senhor, magácio.

Sunay deu uma risadinha nervosa.

– Minha amiga quer muito que o filhote esteja a salvo, entende? E isso faz com que pareça *não tão amistosa assim*. – Ela olhou feio para Elver.

– Eu também seria pouco amistoso se fosse um espírito jih vagando pelo reino dos humanos – apontou Bawric. – Sim, eu sei o que você é, garota. Uma das dádivas de correr com a Alcateia é que isso me permite ver a verdadeira natureza das coisas. Para caçar, é preciso ver com clareza.

Elver se endireitou de leve, o queixo erguido.

– Se você tem tanto medo de Triló que não pode ajudar, diga logo para encontrarmos outra solução.

Um dos lobos soltou um ganido agudo, exibindo por um instante suas presas amareladas. Mas Bawric balançou a cabeça, com um sorriso discreto no canto da boca.

– Não nutro amor algum por Triló – disse, ainda com a voz tranquila. – E tampouco ódio pelos congêneres da Rainha. Até monstros precisam caçar, mesmo que trancados em sua própria floresta. – Ele fez um gesto com a cabeça para os lobos, e eles recuaram para as sombras. – Mas não será comigo que o pequenino passará suas horas. Entrem e vamos ver o que meus companheiros acham da proposta. Só então darei minha resposta, Sunay Tiskertalia.

Por dentro, a entrada da caverna se estreitava como o gargalo de uma garrafa antes de se abrir para uma câmara muito maior. Pendurados nas paredes de pedra irregulares havia cerca de cem crânios desbotados de animais, alguns decorados com flores e colares de contas pretas e douradas. Ao longo da câmara, corria uma pira de fogo comprida e estreita, que exalava um calor agradável e o cheiro de carne assando. Para sua surpresa, Elver percebeu que se sentia atraída por aquilo; o desejo de se sentar junto à lareira – descansar, conversar e comer – era intenso. *Os humanos gostam de se reunir.* Ela pensou nas pessoas da carruagem, e em como Halla lhe oferecera um gole da própria garrafa. Os lobos, que deviam ser ao menos vinte, estavam ou parados ao fundo da caverna, ou esparramados sobre o chão de pedras para além do fogo. Alguns permaneciam perto de Bawric, e ali Elver teve uma noção mais clara do enorme tamanho dos lobos; seus focinhos ficavam na altura do peito do mago. Ela apontou para os crânios.

– Todos de animais que vocês pegaram?

– Caçados, mortos, preparados e honrados. – Bawric assentiu em direção ao crânio que parecia de um alce. Os galhos dos chifres estavam enfeitados com laços de contas de vidro. – Nós guardamos na memória quem nos fez batalhar. Enfim. – Ele se sentou junto à lareira. – Vamos dar uma olhada nesse carinha.

Mas o filhote ainda estava encolhido na entrada da câmara maior.

– Venha – chamou Elver. – Você precisa vir conhecer este magácio.

*Não vou.* O filhote balançava a ponta do rabo de um lado para o outro, as penas escarlates eriçadas. Seus olhos brilhavam em verde. *Não estou a fim.*

– Não temos muito tempo para isso – respondeu ela entre dentes. Bawric a observava com interesse, e Elver podia sentir as bochechas ficando coradas. – Você pode ficar com o resto da carne seca da minha mochila. Ou eu posso ir até aí, te pegar no colo e trazer você à força.

O filhote recuou mais um pouco, as garras escorregando na pedra. *Você não se atreveria! Eu vou te morder! Vou arrancar seus dedos humanos!* Ele dançava de um lado para o outro. *Esta caverna cheira a esterco, e vocês todos são feitos de esterco.*

– Ele ainda é um animal muito jovem – comentou Bawric.

Elver se virou para ele, surpresa.

– Você consegue entendê-lo?

O mago balançou a cabeça.

– Não como você, jih, mas sou mais familiarizado com o jeito dos filhotes do que a maioria. – Ele apontou os lobos com a cabeça. – Ele está assustado e não quer que a gente saiba disso. Pode ser que ele coopere mais se você o chamar pelo nome.

– Pelo nome? Ele é um filhote de keltráxia. É isso que ele é.

Bawric se abaixou junto ao fogo e pegou uma pequena tigela de argila que repousava perto do calor. Pela cor, era feita da mesma argila que compunha o penhasco. Havia nozes dentro, que Bawric partiu com os dedos antes de tirar os pedaços doces do interior.

– Todas as criaturas têm nomes que escolheram para si – disse ele. – Como mago da Alcateia, posso ver quais são, mas devo admitir que nunca tentei essa magia com um monstro.

Sunay, que estivera em um silêncio atípico para ela, se agachou para pegar uma noz da tigela.

– Isso vai mesmo ajudar a gente, meu amigo? Saber o nome da criatura?

Bawric deu de ombros.

– Ajudar vocês? O objetivo não é ajudar vocês, Sunay, mas tratar essa criaturinha com respeito. O respeito que todos os animais merecem, mesmo os que foram tocados pela Rainha das Serpentes.

Elver franziu a testa. Não conseguia decidir se gostava ou não daquele humano.

– E qual é o preço? Dessa magia?

– Algo com uma ponta afiada. Uma lâmina, uma ferramenta, uma faca. Eu aceito um pedaço de sílex talhado, se você tiver.

Elver deslizou a mão até o cinto. Para que precisava de uma arma, afinal? Ela *era* a arma.

– Toma. – Ela tirou a adaga do cinto e a estendeu ao mago, tomando o cuidado de não encostar nos dedos dele. – Pode pegar. Faça o feitiço.

Bawric examinou a lâmina, depois assentiu.

– Esta lâmina já viu muito sangue. – Por um momento, Elver achou que ele fosse acusá-la de alguma coisa, mas, em vez disso, ele pareceu satisfeito. – Sendo uma parte fruto da perseguição a uma presa. Muito bem.

Ele enfiou a adaga no próprio cinto, e a pira de fogo brilhou de repente, como se algo enorme tivesse soprado sobre ela. Um murmúrio surgiu ao redor, e os crânios começaram a falar.

*O nome dele, entoaram as vozes antigas e secas, é Ligeiro. Agora você sabe o nome dele, agora você conhece a natureza dele.*

*Ah, é verdade,* disse o filhote. *Esse sou eu.*

– Você nunca pensou em nos contar isso? – exclamou Elver. – Nós até perguntamos uma vez...

*Bem, eu não tinha certeza,* respondeu Ligeiro. Ele trotou câmara adentro, a cauda erguida. *Mas agora eu sei. Eu sou Ligeiro, isso significa que sou rápido e esperto e ninguém consegue me pegar.* Ele lançou um olhar desafiador a todos os lobos, os olhos bem abertos. *Quando eu crescer, nem vocês terão coragem de me enfrentar!*

– Aos que correm ao meu lado, esse é o Ligeiro – disse Bawric aos lobos, e sua voz assumiu uma qualidade rítmica, quase musical. Todos os pares de olhos de lobo voltaram-se para ele. – Ele é jovem e ainda não aprendeu a caçar. Podem ensiná-lo, meus amigos? Permitem que ele corra ao nosso lado por um tempo, para aprender os caminhos do cheiro, do rastro e da presa?

Houve um momento de silêncio agitado. Elver olhou para Sunay, que deu de ombros quase imperceptivelmente antes de colocar mais um pedaço de noz na boca.

*Eu? Aprender a caçar?*

Elver se agachou ao lado de Ligeiro e coçou atrás das orelhas dele do jeito que Artair fazia às vezes.

– Eu preciso ir para um lugar por um tempo, com Sunay, e é perigoso você vir com a gente – explicou ela em voz baixa. – Então quero que você fique aqui até a gente voltar pra te buscar. Você vai estar seguro aqui. – Ao dizer isso, ela se perguntou se era mesmo verdade.

*Elver, quanto tempo você vai ficar longe?* Havia um quê de medo na voz de Ligeiro que fez o coração dela ficar apertado.

– Não muito. Um dia ou dois. Você nem vai notar que estive longe, e, quando eu voltar, vamos para casa.

*Vou sentir saudade.*

Foi uma afirmação um tanto exagerada vinda de uma criatura que passara boa parte do tempo dormindo, fugindo, comendo toda a comida ou fazendo cocô de forma escandalosa nos momentos mais inconvenientes, mas, mesmo assim, Elver sorriu. Ao redor deles, os lobos erguiam os longos focinhos para o teto e uivavam em uníssono, um som estranho e fantasmagórico que fez os pelos da nuca de Elver se arrepiarem.

– Estão dizendo que será um prazer correr com ele – disse Bawric. – Então cuidarei dele pelo tempo que for necessário.

Elver puxou o filhote para perto de si e enterrou o rosto nas penas entre suas orelhas.

– Também vou sentir saudade, Ligeiro.

## CAPÍTULO 32

Lucian chegou aos arredores de Cerro das Cinzas nas primeiras horas da manhã, o corpo inteiro vibrando com a necessidade de dormir, mas ele resistiu, inalando grandes lufadas de ar gélido da alvorada para afastar o torpor. Nos dois últimos dias, foi Tisk quem o amarrou quando ele não conseguiu mais se manter acordado – o deus ardiloso aparecia sempre que Lucian precisava, toda manhã –, mas hoje ele estava perto do objetivo, o Templo do Garra Sangrenta ao alcance, e a ideia de esperar mais um dia para reivindicar quem era – e expulsar Artair daquele corpo – era impensável. Deixou os pés o guiarem, passando pelas colunas com estátuas de leões e seguindo por ruas e vielas imundas, até finalmente parar diante do templo. Era um edifício impressionante, e, mesmo no limite da paciência, ele se permitiu um momento para admirá-lo: todo esculpido em mármore vermelho fosco, parecia uma imensa laje de carne crua, e cada centímetro estava coberto com representações de seu deus. O Garra Sangrenta espreitava sobre o arco da entrada, saltava das paredes sobre vítimas desprevenidas, erguia-se altivo e múltiplo ao longo do telhado. Muitos dos leões tinham olhos dourados, pintados à mão com cuidado, e brilhavam como minúsculos sóis na luz da manhã.

Lá dentro, o lugar era silencioso. Havia lamparinas queimando em vermelho e um cheiro selvagem de especiaria no ar que fez os pelos da nuca de Lucian se eriçarem. Com o aroma, veio uma enxurrada de emoções que ele não compreendia: reverência, empolgação, fúria, terror. Engoliu em seco, subitamente tomado por uma vontade irracional de deixar o templo e nunca mais voltar.

– Posso ajudá-lo, garoto?

Um sacerdote havia surgido de trás de um biombo. Estava com o peito nu, e uma tatuagem do Garra Sangrenta se estendia do estômago até a clavícula.

Usava uma máscara de leão em bronze que captava a luz das lamparinas e a transformava em um fogo líquido que corria por entre as presas e os bigodes.

Lucian sentiu as mãos se cerrarem em punhos. Ser chamado de garoto por um simples sacerdote... Os sacerdotes eram servos bajuladores de seu senhor, enquanto ele era uma arma, uma espada forjada para cumprir Sua vontade. Só que, por mais que desejasse mostrar a esse idiota o verdadeiro significado de poder, aquele não era o momento de perder a calma.

– Vim agradecer ao nosso senhor.

O sacerdote inclinou levemente a cabeça.

– Ele te abençoou?

Lucian sorriu, sentindo um prazer genuíno ao pensar nisso.

– Ele me trouxe de volta à Sua luz – disse. – E me mostrou o caminho para o poder.

O sacerdote assentiu com seriedade. Lucian sabia que esse era o tipo de coisa que eles gostavam de ouvir. O Garra Sangrenta era o deus da ambição, da influência, do potencial e da força. Ninguém entrava naquele templo se esses não fossem os desejos mais íntimos de seu coração.

– Então deve vir até o lugar onde Ele é mais forte, garoto.

O sacerdote o conduziu para fora da câmara principal até um espaço menor e mais escuro nos fundos. Ali dentro, o cheiro de animal selvagem era quase insuportável, e o cômodo era dominado por um busto colossal do deus, sua juba esculpida fluindo pelo chão e se fundindo nele; parecia que todo o espaço fora esculpido a partir de um único bloco gigantesco de mármore. A mandíbula estava aberta, revelando dentes tão longos quanto o antebraço de Lucian e uma língua larga recoberta de folha de ouro. Na ponta da língua, havia uma mancha escurecida pelo tempo. Era ali que os suplicantes deixavam suas oferendas. Lucian se ajoelhou diante da estátua.

– Deixarei você em contemplação à Sua glória – disse o sacerdote.

Ouviu o sussurro das sandálias sobre pedra, e ele desapareceu pela porta. Lucian esperou mais um instante para ter certeza de que estava sozinho. Então, ergueu a cabeça.

– Meu senhor, eu voltei – disse. Estava vagamente ciente do tremor em suas mãos. – Me devolva o que é meu.

A sala permaneceu em silêncio. Lucian procurou dentro de si aquela linha fina de fogo e tentou transformá-la em chama viva.

– Fale comigo, senhor.

*Sangue.*

A voz era um rosnado baixo e aveludado, tão grave que Lucian sentiu as pedras sob seus joelhos vibrarem levemente. Lucian pegou a faca do cinto – roubada na última taverna em que ficara – e cortou a palma da mão, mal sentindo o silvo da dor. O sangue escorreu pela pele, negro sob a luz esfumaçada. Ele pressionou a mão na língua da estátua.

– Me devolva o que é meu, senhor.

Lucian sentiu uma leve pressão sob a mão, como se o mármore estivesse ávido por absorver o sangue dele. Então a sensação parou, e, por alguns instantes, nada aconteceu.

*Sangue*, repetiu o Garra Sangrenta. Nunca fora o deus mais fácil com quem falar. Lucian sabia que outros magos conseguiam manter conversas inteiras com seus deuses patronos. Tisk era, sem dúvida, um belo de um tagarela. Mas o Garra Sangrenta era, em sua essência, uma besta, um animal, e conversar com mortais era indigno dele.

Lucian se agachou sobre os calcanhares. Sabia que aquilo não era suficiente. Seu próprio sangue fora dado de livre vontade e, por isso, não tinha valor. Mas oferecer ao Garra Sangrenta o que ele queria, ali, naquele lugar, era extremamente arriscado. Ele olhou para a faca em sua mão, a lâmina já coberta de sangue.

*O que você vai fazer?*, perguntou a si mesmo, a voz interior carregada de desprezo. *Vai fugir com o rabo entre as pernas e admitir derrota porque o que Ele pede é muito difícil? Passou tempo demais no corpo desse monge molenga.*

O Garra Sangrenta estava certo em exigir aquilo dele. Afinal, se não era capaz de cumprir essa tarefa simples, não era digno de ser um dos magos mais célebres do leão. Lucian se levantou. A mão que segurava a faca já não tremia.

– Sacerdote? – chamou. – Preciso da sua ajuda.

★

O sangue corria livremente sobre a língua do leão; agora, não era preto, mas de um vermelho vivo, o cheiro metálico se misturando ao fedor de animal do templo e criando algo terrivelmente familiar.

Lucian empurrou o corpo do sacerdote para o lado, ofegante. Um assassinato tão rápido, tão simples, mas que o deixara exausto, quase esgotado.

*Você está cansado*, disse a si mesmo, *é só isso*.

Ele colocou a mão no sangue, que ainda estava obscenamente quente.

– Você me conhece, senhor – disse, arfando. – *Me devolva o que é meu*.

Algo se agitou nas profundezas da garganta do leão. Lucian estremeceu, subitamente ciente das enormes presas ao seu redor. Se fosse um leão de verdade, poderia partir seu corpo ao meio com uma única mordida. Por um instante, quis tirar a mão, sair daquele círculo de perigo, mas sabia que fazer isso seria abandonar o Garra Sangrenta para sempre e aceitar esta versão incompleta, diluída de si mesmo. Em vez disso, obrigou-se a encarar o espaço escuro no fundo da garganta do leão. Vinham sons de lá. Sons suaves e perigosos.

– Você me conhece – repetiu, a voz mais firme agora. – Permita que eu exerça seu poder como antes.

Nas profundezas das sombras, um par de olhos amarelos se abriu, as pupilas verticais se estreitando com uma emoção que Lucian não sabia identificar. Uma onda de memórias veio à tona, arrastando-o.

*Sangue pingando sobre pedra por milhares, milhares de anos...*

Ele era Lucian Prideson, um garoto abandonado nos degraus de um templo, criado sob o olhar atento e amarelado do leão. Outros eram talentosos, mas Lucian era um prodígio, adivinhando os caminhos e vontades do Garra Sangrenta com uma precisão que alarmava os sacerdotes, até ser enviado para aprender com uma das magas mais temidas e respeitadas de seu senhor: Mãe Maura. Ele floresceu sob a tutela dela, a linha de fogo dentro dele queimando cada vez mais forte. Viu Maura presidir sacrifício após sacrifício, exercendo poder e distribuindo-o entre os acólitos, mas sobretudo a ele, seu favorito. Aquele em quem mais confiava.

– Meu Lucian – chamava ela, colocando uma mecha de cabelo preto atrás da orelha dele. – Meu filhotinho de leão.

E então viu que ela o olhava de outra forma, os olhos verdes semicerrados.

Havia um plano, algo em construção há anos, que Maura tramava desde antes de ele ter chegado como potencial aprendiz. Apenas os membros mais íntimos de seu círculo sabiam, e quando falavam do plano, era em lugares altos e solitários, longe dos outros acólitos, e longe até da presença do próprio deus...

Em algum momento, Lucian foi incluído nesse círculo. Lembrava-se de um penhasco com vista para uma cidade, o mar cintilando ao longe, e as

vestes dela esvoaçando ao vento.

– Lucian, meu filhote de leão – dissera ela. – Já imaginou como seria ter poder sem ter que pagar o preço?

Ela explicara a ideia de um sacrifício envenenado. Um tributo com espinhos. Uma vida que o Garra Sangrenta consumiria com avidez, apenas para descobrir que era uma vida falsa, algo distorcido e sombrio. O leão se tornaria devorador de mortos, o oposto de sua natureza sagrada, e morreria...

– Morreria em sacrifício a *mim* – dissera Mãe Maura. – E eu tomarei o lugar Dele entre os Doze. Chega de mendigar por magia ou suplicar por poder. Tudo isso será meu, simples assim.

Lucian balançara a cabeça. Este corpo, seu corpo real, tinha olhos cor de avelã e cabelo preto como a asa de um corvo.

– Eu não entendo – dissera ele naquela ocasião. – Que tipo de sacrifício poderia envenenar um deus?

– Um sacrifício bastante raro. Um que já tenha morrido uma vez – respondera ela. – Em segredo, com todo o cuidado, venho procurando por algo assim, Lucian, e tenho certeza de que estamos perto.

O vento afastara seu cabelo vermelho para longe do rosto, e ela fechara os olhos, como se estivesse fazendo um pedido. Naquele momento, parecia beatífica, quase em paz, embora Lucian estivesse longe disso. A ideia de que ela pudesse tentar derrubar o deus deles – o ser a quem ele havia devotado toda a vida e treinamento – não era apenas absurda, mas insultuosa. Uma abominação. O que ela esperava que fizessem? Que destruíssem as estátuas do Garra Sangrenta e erguessem novas, de Mãe Maura, uma *mortal*? E então os acólitos teriam que se ajoelhar diante dela? A ideia de rastejar diante de Maura em busca de magia... A reverência e o respeito que sempre sentira por sua mestra haviam se estilhaçado naquele penhasco, tornando-se algo letal e intenso.

Mas ele teve o bom senso de não dizer nada daquilo a ela. Em vez disso, esperou, na esperança de falar com seu senhor; talvez, ao revelar o plano traiçoeiro de Maura, pudesse conquistar a gratidão do Garra Sangrenta.

Mas não conseguiu.

Nunca soube o que o havia denunciado. Talvez não fosse tão bom em esconder suas emoções quanto imaginava. Maura pode ter olhado para ele em um momento de descuido e enxergado ali a traição germinando, com a mesma clareza com que via seus olhos cor de avelã. Ou talvez ele

simplesmente não demonstrasse entusiasmo o suficiente quando ela conduzia suas buscas por esse tal de sacrifício envenenado. De qualquer modo, certa noite ele foi arrancado da cama estreita no Salto Soberbo e levado até um local da montanha partida, com o céu noturno girando acima de sua cabeça. O restante do círculo íntimo da maga estava lá, com o medo e a cautela estampados em cada rosto, e ela havia... não, ela não o matara, mas arrancara sua alma de seu corpo e a lançara ao vento. O que era o mesmo que estar morto, na verdade, as últimas palavras dela ecoando como um sino.

*Você vai me servir ou vai morrer. Talvez um dia aprenda essa lição.*

Nunca.

Lucian ergueu a cabeça devagar. Parecia pesar toneladas, carregada das memórias que tinham acabado de despertar dentro dele. Mal tinha forças para se sentar, o que era um problema, já que havia um sacerdote morto ao lado dele e qualquer um poderia entrar ali a qualquer momento. Com esforço, esfregou a mão suja de sangue nas calças do sacerdote, tentando limpá-la o melhor que pôde.

Era coisa demais para processar. Ele era um mago, sim, e já tinha sido o mais promissor entre os devotos do Garra Sangrenta, mas Mãe Maura vira o que ele era de verdade e cortara a ligação entre sua mente e seu corpo. Ele não sabia como tinha acabado no corpo de Artair, mas isso já não importava, porque Mãe Maura o encontrara no mosteiro e, em um último ato de humilhação, o forçara a obedecê-la mais uma vez. A mesma Maura que tinha mandado Artair para a floresta atrás de um monstro...

De repente, várias peças se encaixaram ao mesmo tempo, e, mesmo com o corpo exausto, Lucian se levantou em um salto, o coração batendo forte.

– O que foi que você entendeu? – perguntou Tisk, que surgiu ao lado dele em um clarão alaranjado. – Pela sua cara, parece coisa boa.

– Isso nunca teve nada a ver com o filhote de monstro – disse Lucian, quase sem olhar para o deus. – Era por causa de *Elver*. Ela morreu naquele dia em Porto das Víboras, mas a Rainha das Serpentes a trouxe de volta e a encheu de veneno. *Elver* é o sacrifício envenenado, e Maura sabia que precisava tirá-la da floresta, longe da proteção da rainha... – Ele parou de falar. – E apostado que a menina-monstro está indo para lá agora mesmo. Que os Doze se danem de vez.

– Vou tentar não levar isso para o lado pessoal – falou Tisk. – E o que você vai fazer?

Houve um rangido vindo da sala atrás do altar, o som de uma bota sobre o chão liso, e Tisk desapareceu no instante em que uma figura surgiu na porta. Era uma mulher de uns vinte e tantos anos, com a pele marrom e vincos fundos ao redor dos olhos, como quem está sempre de cara fechada. Ela estava com o cenho franzido agora, enquanto observava a cena diante do leão, e Lucian percebeu que a conhecia.

– Você – disse ela, com desdém. – Eu falei pra você não voltar para Cerro das Cinzas, seu idiota. – Ela atravessou a sala até o altar e balançou a cabeça. Como maga do Garra Sangrenta, não se incomodou nem um pouco com o cadáver, mas estava claramente irritada. – Que bela confusão é essa agora?

– Dalesh! – Lucian agarrou o braço dela e o chacoalhou, soltando um riso nervoso. – Sou eu! Quer dizer, não estou com a mesma cara, mas não me diga que já se esqueceu. Você era como uma irmã... ou pelo menos uma irmã de quem eu não gostava muito. Sou eu, Lucian.

Dalesh afastou a mão dele abruptamente.

– Artair, é bom você começar a falar coisa com coisa, senão te mando de volta para o Templo de Triló antes que consiga abrir a boca.

– Eu não sou o Artair, sou o Lucian. Escuta... – Ele parou, tentando se lembrar de algo que a convencesse depressa. – Uma vez, a Mãe Maura nos mandou montar uma armadilha para pegar um cervo. Ela queria sacrificar o bicho, mas a sua armadilha pegou um coelho, e você o soltou, mesmo sabendo que ela aceitaria aquilo no lugar. Você disse que... disse que Milique, o Pequeno, consideraria aquilo um grave insulto e que você não queria seu quarto infestado de ratos em vingança. Mas a real é que você achou o coelhinho fofo demais pra morrer. Me fez jurar segredo, e eu juro que nunca contei para ninguém.

Dalesh ficou imóvel.

– Lucian está morto – disse ela, mas sem muita convicção.

– Você está meio certa – respondeu ele. – Me escuta, Dalesh. Eu preciso da sua ajuda. E não temos muito tempo.

## CAPÍTULO 33

– É uma honra, é claro, ter uma maga tão reverenciada vivendo tão perto. – O guia, que dissera se chamar Liamat, inclinou a cabeça tão para baixo que quase pareceu uma reverência. – Será um prazer conduzir vocês até a trilha que leva ao Salto Soberbo, onde poderão encontrar a Mãe Maura. Pelo modesto valor de três moedas de ouro.

Elver se afastou alguns passos, deixando que Sunay conduzisse a negociação. O pequeno galpão onde o guia aguardava por potenciais clientes era pintado de um rosa acinzentado, e no interior, fileiras de prateleiras exibiam estatuetas de argila. A maioria representava o Garra Sangrenta, e, de acordo com a placa, podiam ser compradas por alguns cobs cada. Havia também ornamentos retratando a própria montanha partida. Os olhos de Elver desviaram para a janela, onde a versão real as esperava: uma cadeia de pedras tão escuras que pareciam púrpura, moldadas por algum cataclismo antigo em formas irregulares e ameaçadoras, quase desafiando a gravidade em certos pontos. Encará-la deixava Elver inquieta. Algo havia acontecido ali, algo anormal.

– Mãe Maura uma ova.

Elver se sobressaltou. Aquela forma encolhida que ela tinha tomado por um monte de panos e peles era, na verdade, uma senhorinha minúscula. Um rosto mirrado como uma maçã em conserva a fitava de dentro de um cachecol de pele de coelho.

– Vovó, por favor – disse o guia. – Já falamos disso.

– Só estou dizendo o que você não tem coragem de contar a essas duas idiotas errantes. – A senhora quase saltou em pé. Elver teve a impressão de que ela era como uma mola pequena e apertada, pronta para disparar. – A *verdade* sobre a Mãe Maura.

– E que verdade seria essa? – perguntou Elver.

Sunay interrompeu o gesto de entregar as moedas de ouro, as sobranceiras erguidas.

– Não deem ouvidos para o que ela fala – disse Liamat, com um sorriso tenso no rosto. – A Mãe Maura é uma maga muito respeitada, e *não queremos manchar seu bom nome...*

– Besteira – disse a senhora. Cruzou o barraco em um pulo e agarrou um cajado torto que repousava encostado na parede. – Paguem meu neto idiota e eu mesma levo vocês até o Salto Soberbo. Não até lá em cima, é claro. Não estou querendo me matar.

– Já chega, vovó. Por favor, vou reunir minhas coisas e partiremos de imediato – disse Liamat, em um tom que devia achar que estava passando firmeza, mas Sunay já havia empurrado as moedas na mão dele.

– Vamos com ela – respondeu, assentindo na direção da senhora. – Mas agradecemos mesmo assim.

Lá fora, o céu estava carregado de nuvens escuras, ameaçadoras, como se estivessem confrontando a montanha, e uma fileira de árvores sem folhas se alinhava no horizonte feito um coro de esqueletos; o inverno chegara cedo àquela parte do mundo. A vovó as guiava por uma trilha de pequenas pedras brancas, a coisa mais clara naquela paisagem enegrecida. Enquanto caminhava, cravava o cajado no chão como se o solo a tivesse ofendido pessoalmente.

– Quanto tempo vai levar? – perguntou Elver.

– Paciência é uma virtude, sabia? – A senhora a olhou de cima a baixo. Os olhos eram azuis e muito, muito aguçados. – Não, imagino que não saiba. Vai levar a manhã toda e talvez a maior parte da tarde, porque a montanha partida não é lugar para passeiozinhos. Mas vou entretê-las no caminho, não se preocupem.

– Ótimo – disse Sunay, animada. – A verdade sobre essa Mãe Maura nos interessa bastante.

Elas desceram a trilha em direção a um desfiladeiro, onde as pedrinhas brancas terminavam. Ali, a terra era crua e vermelha, como uma ferida. Elver avistou uma placa de madeira envelhecida fincada na terra, entalhada com símbolos que ela não reconhecia e uma seta apontando para leste.

– Por que estão indo até lá? – perguntou a vovó. – Vocês não parecem o tipo dela, com o perdão da franqueza. Esta aqui é alegre demais – disse,

apontando o cajado para Sunay –, e esta outra tem cara de quem preferiria mastigar o próprio braço a pedir ajuda a alguém.

– Estou abrindo um novo negócio – comentou Sunay, com a desenvoltura de uma mentirosa experiente. – E minha boa amiga Elver aqui é minha sócia. Procuramos um feitiço para ludibriar nossos concorrentes e as bênçãos do deus da ambição. Ouvimos dizer que ambição é a especialidade de Maura.

A senhora bufou. O desfiladeiro se torcia pela paisagem como uma serpente. Pedras despedaçadas do tamanho de casas se erguiam por todos os lados. Elver se perguntou mais uma vez que tipo de violência teria moldado aquele lugar.

– Isso vocês acertaram – concordou a vovó. – Mas nem sempre foi assim. Seria uma surpresa para vocês se eu dissesse que, quando era moça, Maura vivia rindo? Ria de tudo, aquela ali. Não levava quase nada a sério, a danada da Maura, quando era uma coisinha franzina, mas já era uma maga nata.

– A reputação dela, hã, não é bem de quem costuma rir muito – observou Sunay, lançando um olhar rápido para Elver. – Confesso que é até difícil imaginar uma maga do Garra Sangrenta com senso de humor.

– Ah, naquela época, ela não era do Garra Sangrenta, de jeito nenhum. Era de Tisk, o deus das mentiras e das traquinagens.

Elver viu Sunay piscar várias vezes antes de soltar uma risada forte que não soou nada convincente.

– Haha, agora entendo por que seu neto queria tanto manter você trancada no galpão, vovó. – Sunay balançou um dedo para ela. – A senhora é uma piadista nata, hein? Todo mundo sabe que o vínculo que se forma com um deus é para a vida toda. Não é algo que se troca quando bem entender, como se troca de calça, de corte de cabelo ou de opinião sobre queijo azul.

– Mesmo assim, ela trocou – disse a vovó.

Ela parou, usando a ponta do cajado para coçar a canela. A trilha as guiava para uma subida íngreme, e as pedras que se avolumavam por todos os lados as impediam de ver para onde seguiam. Elver pensou em Artair e se perguntou onde ele estaria, o que estaria fazendo. Ou o que Lucian estaria fazendo. Era impossível saber quem estava no controle, mas ela imaginava que, se Artair tivesse escolha, estaria seguindo os rastros delas. Mas Elver tinha fortes suspeitas de que ele não tinha escolha nenhuma.

– Como? – perguntou Sunay.

– Por quê? – quis saber Elver.

A vovó fez um som satisfeito com a garganta.

– Bom, a Maura de antigamente, vejam bem, ela era jovem, tinha um namorado, e com o tempo tiveram filhos, como às vezes acontece com casais apaixonados. Foram felizes, por um tempo. Ah, Maura fazia uns encantos pra quem precisava: uma ilusão de glamour para a moça que queria atrair um rapaz; uma história para um homem que precisasse dar um jeitinho de escapar de algum compromisso; um álibi à prova de tudo para um trapaceiro...

– Só feitiço honesto – comentou Sunay.

– Mas o que ela amava mesmo eram aquelas crianças. – A vovó falava mais baixo agora, e Elver percebeu que não era por conta do cansaço. – Maura era louca por elas e pelo marido. Ninguém nunca via Maura sem um bebê nos braços.

– A senhora os conheceu, não foi? – disse Elver.

A vovó suspirou, e voltaram a caminhar.

– Vivíamos numa aldeia não muito longe daqui. O tipo de lugar com uma taverna, dois cavalos e um ferreiro. Hoje em dia, não aparece em mapa nenhum, porque, bem... Às vezes, eu cuidava dos bebês pra ela, quando Maura estava fora e o marido, ocupado. Eram umas coisinhas fofas, na verdade, bem mais comportados do que Liamat na idade deles.

Elas fizeram uma curva e, à esquerda, o mundo se abria de repente, oferecendo uma vista do galpão do guia. De onde estavam, parecia minúsculo, como uma unha caída sobre a paisagem.

– O que aconteceu com eles?

– Trinta anos atrás, muito antes de qualquer uma de vocês ser um brilho nos olhos de algum malandro, e quando minha bunda ainda era digna de fazer uma moeda de ouro quicar... – A senhora fez uma pausa enquanto Sunay se engasgava em um acesso de tosse. – Trinta anos atrás, houve um desentendimento entre os Doze. Agora, vejam bem. Um desentendimento bobo entre os deuses pode ter consequências devastadoras para nós, meros mortais, não é? Se eles resolvem sair no soco, não há muito o que a gente possa fazer além de assistir e torcer pra sair vivo.

– Quais deuses? – perguntou Sunay.

– Os principais foram Triló, o Sem Rosto – disse a vovó –, e ele mesmo, o Garra Sangrenta. Não sei dizer qual foi o motivo da briga e duvido que algum mortal saiba, mas o que é certo é que foi o nosso mundo que levou a pior. Maura estava fora, fazendo alguma ilusão elaborada para um duquezinho

qualquer, quando Triló despedaçou a montanha com um raio de sua luz purificadora, um golpe que era destinado ao Garra Sangrenta, mas errou o alvo. Dá pra ver o que virou o lugar.

Ela apontou com o cajado para os blocos de pedra quase púrpura que se amontoavam ao redor da trilha.

– Tivemos uma avalanche – continuou a dizer. – Metade da montanha virou pó e despencou sobre nossas cabeças. E, bem... poderia ter sido eu, é nisso que penso até hoje. Se o marido dela não estivesse em casa cuidando dos pequenos, eu teria sido a pessoa dentro daquela casinha quando ela foi esmagada.

O silêncio pairou entre elas por um momento. Acima, Elver ouviu o grito de uma águia e pensou em Ligeiro, correndo com os lobos em algum lugar. Sua mão fechou-se na castanha que guardava no bolso.

– O que eu lembro – disse a senhora –, e acho que vou lembrar até meu último dia, é o som que ela fez quando descobriu. Tanta dor, tanto horror. Aquilo virou a mente dela de cabeça pra baixo na mesma hora, e ela foi até seu senhor Tisk e pediu, *decretou*: traga-os de volta. *Pago o preço que for, mas traga-os de volta.*

– Tisk não tem esse tipo de poder – falou Sunay. Toda a leveza habitual havia desaparecido de sua voz, deixando apenas um eco pálido e fraco. – Nenhum dos deuses tem. Nem mesmo o Corvo Cuculado.

– Maura não aceitou isso. Estava convencida de que tinha que haver uma força grande o bastante pra trazer de volta, das Terras Sombrias, aqueles que amava, e foi essa necessidade que a mudou. Ela era filha da raposa e se tornou uma criatura do leão. Em vez de riso em seus lábios, passou a ter sangue, e uma adaga na mão.

– Não é possível – insistiu Sunay, embora soasse bem menos convicta. – Ou, pelo menos, não deveria ser.

– Pois me parece que muitas coisas que não deveriam ser, são – disse a vovó. – O que sei com certeza é que Maura mudou, e que aquela moça risonha nunca mais foi vista. Agora, ela é movida pela fúria e pela sede de poder.

– Ela vai destruir quantas vidas estiver a fim para conseguir o que quer – ponderou Elver.

Ela estava pensando nos noviços que pretendiam salvar. E nela mesma, lançada do alto da Pedra Polida.

– Então, vocês têm certeza? – A vovó parou e se virou para as duas com os olhos semicerrados, como se estivessem presos em uma delicada rede de rugas. – Têm mesmo certeza de que esse é o caminho que precisam seguir? Porque o preço pelo trabalho sangrento dela é bem alto. – Ela limpou a garganta. – É por isso que Liamat não quer que eu acompanhe viajantes até aqui, mas achei que vocês deveriam saber. Precisam estar avisadas.

Elver trocou um olhar com Sunay.

– Temos certeza, vovó – disse a jih. – É esse o caminho que temos que trilhar.

★

Elas avistaram o Salto Soberbo justamente quando o sol tocava o horizonte do oeste, inundando o vale abaixo com uma luz dourada. O edifício de mármore branco era uma construção irregular à distância, como uma pérola cravada no coração púrpura partido da montanha. Elver olhou para o edifício e se perguntou o que significava o fato de Maura ter escolhido erguer seu santuário ali, entre as mesmas pedras que haviam sepultado sua antiga vida.

– Eu só posso vir até aqui – anunciou a vovó. A senhora mal suava, apesar da longa subida. – Dizem que ela não gosta de lembranças de seu passado, então prefiro me manter fora do alcance dela. Mas daqui dá pra ver bem o caminho.

Ela apontou, e, de fato, havia uma trilha sinuosa e irregular, salpicada aqui e ali por arvorezinhas retorcidas que se agarravam ao rochedo como podiam.

– Obrigada, vovó – disse Sunay, entregando mais uma moeda de ouro à velha. – Foi esclarecedor.

– Só não digam que não avisei – ressaltou a senhora, virando-se para partir. – Tudo o que resta no coração daquela magácia é a raiva.

## CAPÍTULO 34

– Venha comigo.

Lucian se levantou com esforço. Explicar tudo a Dalesh havia drenado suas últimas reservas de energia, e o sono lhe pressionava a testa como uma mão pesada. Ainda assim, precisava continuar em movimento.

Dalesh o conduziu para longe do altar – e do sacerdote morto – por um corredor que terminava em uma sala dominada por uma grande porta de ferro cravada na parede. Havia inscrições mágicas cobrindo cada centímetro. Lucian tentou ler algumas, mas seus olhos não conseguiam manter as letras na ordem certa. Enquanto isso, Dalesh destrancou a porta com uma chave que brilhava em um tom fraco de vermelho, e, quando ela se abriu, revelou fileiras e mais fileiras de prateleiras quase vazias, com exceção de três pequenos globos de vidro que continham uma tênue luminescência. Agora que suas memórias haviam retornado, ele lembrava que os magos do Garra Sangrenta colecionavam almas em globos mágicos de vidro, para que, caso precisassem urgentemente de um tributo para lançar um feitiço, tivessem algo apropriado à mão. Eram sobretudo almas de animais, mas os vidros mais valiosos eram aqueles que continham espíritos de humanos mortais. Ele percorreu os globos com o olhar, atento ao fogo lilás pálido que cada um carregava. Teria sido essa a aparência dele quando Mãe Maura o arrancou de seu corpo?

– Certo. – Dalesh pegou um dos globos da prateleira e o ergueu contra a luz, a testa franzida. – Este lugar não está tão bem abastecido quanto eu gostaria, mas isso deve ser o bastante para alimentar o portal. O santuário da Mãe Maura fica no meio da montanha partida, e aquele lugar está cheio de magias antigas que vão destruir qualquer feitiço meu. Posso nos levar até a base da montanha, mas não mais perto do que isso... não quero arriscar sair do portal com as tripas pra fora.

– Não seria melhor contar para ele? – perguntou Lucian. As palavras pareceram levar uma eternidade para sair de sua boca. Ele piscou devagar, como uma coruja sonolenta. – Contamos ao Garra Sangrenta o que ela está tramando e deixamos que ele faça picadinho dela.

Dalesh lançou um olhar impaciente para ele enquanto apertava o globo na mão.

– Coloque os globos de alma na mochila. Você se lembra tão pouco do nosso senhor, Lucian? Ele não tem paciência para brigas entre magácios. Consegue imaginar o que ele vai achar se dissermos que Maura pretende matá-lo? Absurdo o bastante para que ele nos mate só por desperdiçar seu tempo. Eu volto em um minuto. Preciso mandar alguém limpar aquela confusão que você causou e buscar algumas coisas.

E após dizer isso, ela desapareceu. Lucian ficou parado, olhando o globo de alma nas mãos. Um lampejo de luz alaranjada cintilou, e então Tisk estava ali, encostado na enorme porta de ferro, girando entre os dedos sua bengala com a cabeça de raposa no topo.

– Você se lembra – disse ele – de que prometeu roubar uma coisinha pra mim? – Ele apontou para o globo com a cabeça. – Isso aí serve.

– Pra que você quer isso?

Tisk sorriu e revirou os olhos.

– Porque não é meu, ora essa. Precisa mesmo que eu o lembre de que, sem a minha ajuda, você ainda estaria amarrado feito um leitão preparado para o banquete?

Lucian entregou o globo para ele e então recolheu os outros dois do cofre. Colocou um deles na mochila, tomando o cuidado de envolvê-lo na velha camisa de Artair.

– Se você consegue abrir portas, não entendo por que não podia pegar isso sozinho quando quisesse.

– Isso acabaria com toda a diversão, lindinho.

Dalesh voltou. Lucian não precisou se virar para saber que Tisk havia desaparecido antes que ela o visse. A maga trazia uma mochila pequena pendurada em um ombro e uma faca enfiada no cinto. Tomou o globo de vidro das mãos dele, que não resistiu, e então o atirou no chão de pedras, murmurando palavras no processo. Com um cheiro quente de pelo queimado e um estalo crepitante, como papel seco jogado ao fogo, surgiu diante deles uma porta contornada por chamas. Do outro lado dela, Lucian viu o trecho de

uma paisagem desolada, salpicada por blocos de pedra cinza-arroxeadas. Um arrepio frio percorreu todo o seu corpo ao reconhecer o lugar. Não ficava longe de onde havia sido expulso do próprio corpo. E o que Maura teria feito com ele depois? Teria simplesmente o deixado ali, sob o céu aberto, para ser devorado por aves? Será que seus ossos estariam espalhados por ali, sob aquele céu indiferente?

– Rápido. – Dalesh já atravessava o portal. – Se o que você disse for verdade, temos muito pouco tempo.

Lucian a seguiu. Mas, ao cruzar a porta de chamas rubi, uma sensação estranha percorreu seu corpo, como se estivesse despencando de grande altura, e, quando chegou do outro lado, tropeçou e caiu de joelhos. *Este corpo ridículo do monge*, pensou. *Por que está falhando comigo bem quando mais preciso dele?*

Dalesh o observou levantar-se devagar. Era uma das lembranças mais vívidas que Lucian tinha dela, aquele olhar minucioso. Sempre fora difícil esconder qualquer coisa dela.

– Você parece um morto-vivo – disse ela, lançando um olhar para a trilha que subia atrás deles. O portal flamejante se extinguiu em um sopro. – Não estamos longe do Salto Soberbo, mas você precisa descansar antes.

– Não posso – rosnou Lucian. – Se eu dormir, *ele* vai voltar.

– Se não dormir, Maura vai mastigar você e cuspir os pedaços. – Ao redor deles, o vento se ergueu, trazendo uma chuva breve de gotas geladas contra seu rosto. Dalesh puxou o manto mais apertado ao redor dos ombros. – Tem tanta certeza assim de que esse monge vai te atrapalhar? Ele quer salvar os outros monges, não quer?

– Não é essa a questão.

Era insuportável pensar em devolver o controle a Artair justo quando finalmente o conquistara. Aquele corpo era dele agora, aquela vida era dele, e não pretendia devolvê-la. Mas era verdade que Artair precisava enfrentar Maura tanto quanto Lucian, e se ficasse o dia todo preso e algemado, não fariam progresso algum. Estava com a horrível sensação de que teria que... confiar no monge. Ele fez uma careta.

– Além do mais – continuou a dizer Dalesh –, eu vi os dois juntos. Ele está meio que apaixonado por aquela menina-monstro. Duvido que queira deixá-la sozinha diante de uma lâmina de sacrifício.

Lucian fechou a cara de vez. Ele se pegou pensando em como ela o olhara quando ele entrou na fonte termal. Era difícil aceitar que era para o corpo de Artair que ela estava olhando, que nunca tinha nem visto o rosto de Lucian. Exceto que, percebeu com um aperto estranho no peito, ela tinha visto. Elver só não sabia disso.

– Está bem. Eu vou descansar. Mas você vai me amarrar antes e vai explicar para ele o que está em jogo. Ele precisa concordar em trabalhar junto nisso e em devolver o controle para mim quando enfrentarmos Maura.

– Ele consegue fazer isso? – perguntou Dalesh, franzindo a testa. – Devolver o controle pra você?

– Vai ter que conseguir – disse Lucian, irritado. – De que serve um monge contra uma maga poderosa?

Por fim, encontraram um lugar protegido do vento e improvisaram um acampamento. Lucian se sentou e começou a remexer a mochila, procurando algo para comer antes de se entregar ao sono, e seus dedos tocaram um objeto sólido envolto em um tecido macio. Por um instante, achou que o globo de alma tivesse mudado de forma, mas, ao desembrulhá-lo, viu que se tratava de um pequeno coração de porcelana, anatomicamente correto e coberto por um esmalte que lhe conferia um leve brilho. Segurou-o entre o dedo indicador e o polegar com a intenção de examiná-lo mais de perto; só que, ao fazê-lo, sua mente se encheu com uma imagem: uma floresta ao anoitecer, Artair parado sob as árvores com a roupa encharcada de sangue. Elver o fitava de baixo, uma expressão vulnerável no rosto, e, enquanto Lucian assistia, ela acariciou o rosto dele e o beijou. No peito de Lucian, algo se apertou dolorosamente.

*Quem ela está beijando, eu ou ele?* De algum modo, essa pergunta parecia mais importante do que o fato de suas roupas estarem encharcadas de sangue.

Ele assistiu à cena repetidas vezes, tentando decifrar os olhos do jovem, buscando neles algum traço de si mesmo, mas onde quer que estivessem, estava escuro demais. Então Dalesh o cutucou com a ponta da bota, e ele guardou o coração de volta na mochila.

– Chega de enrolar. Você precisa dormir.

Era estranha a sensação de ensinar Dalesh a amarrá-lo, e ele estava quase certo de que seu sangue estava fervendo demais para conseguir dormir; porém, ao deitar a cabeça, a escuridão o envolveu tão rápido quanto uma queda em um velho poço.

Quando Artair acordou, estava à beira de uma montanha gelada, encarando um precipício vertiginoso. Ofegou e tentou se arrastar para trás, para longe da borda, mas seus pulsos e tornozelos estavam bem amarrados, até que uma mão segurou seu ombro e o puxou um pouco para longe do abismo. Uma voz vagamente familiar falou:

– Você está seguro, monge. Acalme-se.

Ele rolou de costas e viu Dalesh, a magistrada de Cerro das Cinzas a quem Elver tivera uma reação tão alarmada; a maga que, antes de tudo, a entregara a Mãe Maura. Os lábios da mulher estavam cerrados em uma linha fina, como se tivesse acabado de receber uma notícia ruim ou estivesse prestes a dar uma.

– O que você está fazendo aqui? Onde eu estou? – Ele se deu conta de que aquilo era algo que não previra sobre perder o controle: todas as perguntas com as quais acordava todos os dias. Era exaustivo.

– Estou aqui para ajudar vocês, idiotas – respondeu ela, seca. – Se bem que só os Doze sabem por que me enfiei nessa história. – Ela suspirou. – Tenho pouco tempo para explicar, então vou precisar que você escute e preste bastante atenção no que vou dizer. Vamos lá. Você sabe quem é Lucian?

Artair se sentou.

– Você pode pelo menos me desamarrar?

– Ainda não. Responda à minha pergunta, monge.

– Lucian é como o outro que vive dentro de mim diz se chamar. Ele é um espírito de maldade e caos.

– Hum. Tá, de caos pode até ser, mas Lucian é, ou era, uma pessoa real, e não um espírito maligno. Ele era alguém que eu conheci quando fui aprendiz da Mãe Maura. Ele também era aprendiz... e, na verdade, um dos mais promissores.

Artair balançou a cabeça.

– Isso não é verdade. Não pode ser.

Dalesh continuou a explicar como se ele não tivesse dito nada:

– Por todos esses anos, achei que Maura o tivesse matado mesmo, mas parece que ela apenas o arrancou do próprio corpo. Remover almas de mortais é algo que os magos do Garra Sangrenta aprendem a fazer; assim, podemos guardar tributos para mais tarde, quando for preciso. Ninguém quer

estar desesperado por um feitiço sem ter nada para oferecer ao nosso senhor em troca de poder. De algum modo, ele acabou dentro de você... mas isso, talvez, seja um mistério pra outro dia.

– Isso não é verdade – repetiu Artair. – Não pode ser. Se fosse verdade...

Se fosse verdade, isso significaria que ele havia ajudado a aprisionar alguém. Que Lucian suportara anos de tormento por causa dele, privado de coisas simples como caminhar sob o céu de verão, saborear um café da manhã quente em uma manhã fria, ou conversar com um amigo ao pôr do sol. Era impensável. E ainda assim... Elver também acreditava que Lucian era mais do que um espírito maligno.

– Por que os Irmãos e Irmãs da Torre Dourada mentiriam para mim?

Dalesh deu de ombros.

– Vai ver eles não sabiam. Vai ver os demônios Insones existem de verdade, ou talvez todos esses chamados espíritos das trevas sejam apenas almas desalinhadas. Não importa. O que você precisa saber é o seguinte, Artair. Artair, você está prestando atenção?

– Estou – respondeu ele, embora fosse difícil se concentrar. Um calafrio de horror percorria seu corpo, ameaçando arrastá-lo como uma corrente de maré.

– A Mãe Maura não se importa com aquele filhote monstruoso que mandou você roubar. O filhote era uma isca para tirar Elver da Floresta dos Jih e levá-la até o santuário. Maura pretende usá-la como sacrifício para enganar o Garra Sangrenta...

– O quê? – Isso o trouxe de volta à realidade com um baque. – Como assim, sacrificar ela?

– Foi o que eu acabei de dizer. – Dalesh estava perdendo a paciência. – Ela precisa da vida da sua amiga para derrubar e destronar um deus. Elver está a caminho de lá agora mesmo, e um sacrifício que caminha até a lâmina por vontade própria é muito mais poderoso do que aquele que é arrastado à força.

– Então temos que ir. – Ele fez menção de se levantar, mas se lembrou de que os tornozelos ainda estavam amarrados. – Talvez ela já esteja lá!

– Espera. – Dalesh o segurou pelo antebraço, impedindo-o de se mover. Seus olhos castanhos o fitaram com firmeza. – Lucian precisa saber se você vai cooperar com ele. Se, quando chegar a hora, você vai deixá-lo assumir o controle. Fico irritada só de ter que admitir, mas ele era um mago talentoso quando o conheci. Pode ser nossa melhor chance de impedir a Mãe Maura.

– Entregar o controle pra ele? Eu... – Artair balançou a cabeça. – Por que Lucian se importaria com isso?

– A Mãe Maura quer matar o nosso deus, Artair. – Dalesh suspirou. – E eu tenho fortes suspeitas de que Lucian gosta da sua amiga, por mais que tente esconder.

– Ele gosta? – Artair engoliu em seco.

Pensou na visão que tivera no Templo do Limiar, a mão de seu outro eu envolvendo delicadamente o pé de Elver. *Ele sabe o que vocês dois andam fazendo à noite?*

– Posso confiar em você, então? – perguntou Dalesh. Ela apertou de leve o braço dele. – Podemos confiar que você não vai sair correndo montanha abaixo assim que eu te soltar?

A resposta era óbvia, no fim das contas. Se havia uma chance de salvar Elver, ele teria de agarrá-la. Estendeu os pulsos amarrados.

– Vocês podem confiar em mim. Lucian pode confiar em mim. Me solte.

## CAPÍTULO 35

– Então... – disse Sunay, com a voz nitidamente mais grave do que o normal. – Você gosta mais de mim assim?

Elas tinham decidido que, como Maura estaria esperando por Artair, precisariam apresentá-lo de alguma forma, e Sunay – mentirosa profissional e contadora de histórias extravagantes – era a melhor escolha para interpretar o monge. Lançara sobre si mesma e sobre o saco um feitiço de ilusão, preenchendo-o com a imagem do filhote. Explicara a Elver que não era magia o bastante para criar duas ilusões cheias de vida ao mesmo tempo, mas conseguiria mostrar a Maura o interior do saco por um breve instante, mantendo ali a imagem do filhote por tempo o suficiente. Teria de bastar.

A ilusão de Artair, no entanto, era espantosamente convincente. Era como tê-lo de novo à sua frente, embora faltasse seu estoicismo de costume, que fora substituído pelo otimismo alegre de Sunay. Isso fez com que ela sentisse saudades dele.

A maga fez uma pose, mãos na cintura e peito estufado, e, contra a própria vontade, Elver riu.

– Admito que você ficou bem mais atraente de uma hora pra outra, Sunay.

– Eu sabia.

A entrada para o Salto Soberbo era um caminho largo, revestido de pedras tão brancas que eram quase translúcidas, ao fim do qual se erguia uma porta elegante que levava ao edifício principal, que parecia uma catedral feita de marfim. Um bando de pássaros – pontinhos pretos àquela distância – voava inquieto em torno das torres, como se não tivessem coragem de pousar no mármore branco e puro. Era lindo, extraordinário e completamente deslocado naquela paisagem devastada por magia, como se tivesse sido arrancado de uma cidade encantada e jogado ali, no meio da montanha partida.

Ao longo do caminho, viam-se estátuas, também esculpidas na mesma pedra branca e brilhante. Elver percebeu, à medida que passavam, que todas eram de Maura, em diferentes idades e poses. Ali estava ela jovem, de quadris estreitos, com o cabelo solto pelas costas e um filhote de leão nos braços. Mais adiante, uma Maura que Elver reconhecia com mais facilidade: uma mulher mais velha, com o cabelo parcialmente domado, uma das mãos estendida ao céu como se quisesse arrancar dele a lua. As estátuas causavam incômodo, mas ela só entendeu o motivo quando Sunay falou.

– Nem sinal do Garra Sangrenta por aqui, não é?

– Não mesmo. Estranho, não acha? Você tem imagens de Tisk no seu templo, né?

– E como tenho. Caso contrário, ele ficaria furioso, aquele tolo vaidoso. Meu amado senhor, quero dizer.

A última estátua pela qual passaram era outra versão de Maura mais jovem, desta vez ajoelhada e com os braços em torno de duas crianças pequenas. Elver parou diante dela, o estômago revirando. Independentemente do tipo de relação que tivesse com as dela, Maura não amava crianças. Elver tinha certeza disso.

– Estávamos esperando pela sua chegada. – Ambas se viraram ao ouvir a voz. Um jovem usando roupas escarlates saía pela estreita passagem. Usava uma máscara de seda preta cobrindo a metade inferior do rosto, e seus olhos não revelavam emoção alguma. – Mas só esperávamos um de vocês.

– Monstros não são criaturas fáceis de controlar – respondeu Sunay, erguendo brevemente o saco para que o aprendiz de Maura pudesse vê-lo. – Precisei de ajuda, só isso.

– Muito bem. Venham comigo.

Lá dentro, o Salto Soberbo dava lugar a uma pedra mais escura, e o ambiente parecia mais frio do que lá fora, na montanha em si. Alguns homens e mulheres, todos de escarlate, os observavam passar com atenção, desconfiados.

O coração de Elver começou a acelerar. Era isso. Em breve, estaria frente a frente com a mulher que, cinco anos antes, havia decidido lançá-la à morte. Sentia-se tomada por uma mistura amarga de ansiedade e expectativa; libertariam os noviços, e talvez então ela tivesse a chance de dizer o que sempre quisera à mulher que a havia matado. Talvez até conseguisse mostrar o quanto essa menina-monstro podia ser venenosa. Era pouco provável que a

maga a reconhecesse, e ela se deliciava só de pensar em ver um traço de espanto no rosto de Maura. Só lamentava que Artair não pudesse estar ali para ver.

O mago aprendiz as guiou por uma escadaria de pedra, e a temperatura caía ainda mais conforme desciam. As tochas nas paredes ardiam com uma luz avermelhada e esfumaçada. Sunay ficou para trás e se aproximou do ouvido de Elver, que virou um pouco a cabeça para evitar encostar nela – não sabia como a ilusão funcionava, mas não queria envenená-la por acidente.

– Este lugar é sombrio, não é? Meu senhor prefere o ar livre.

– Não gostei daqui – respondeu Elver. – É como andar dentro de um túmulo.

Emergiram em uma câmara subterrânea, o cheiro forte de minerais e água preenchendo o ar. Ao fundo, havia um semicírculo de assentos escavados na pedra escura, e sobre ele estava Maura.

O sangue envenenado de Elver pulsava no peito como se estivesse prestes a transbordar, de raiva ou de medo. Tinha chegado, enfim. Era o momento. Estava diante da mulher que a havia assassinado.

Mãe Maura estava com um vestido branco de muitas camadas de seda fina, todas bordadas com símbolos que Elver não conseguia decifrar. O cabelo, solto sobre o branco, parecia um jato de sangue fresco. A maga observava algo que segurava com cuidado nas mãos, mas, assim que entraram no salão, levantou o olhar bruscamente. Ao vê-las, reclinou-se, apoiando um cotovelo no degrau atrás de si.

– Obrigada, Warnick – disse, fazendo um gesto para o aprendiz.

Era aquela voz: um ronronar que prometia violência. Não havia mudado.

– Estamos com o filhote – anunciou Sunay, com a voz de Artair saindo de sua garganta com segurança. – Agora pode libertar o meu povo.

Maura assentiu, embora não tivesse feito menção de se levantar. Elver notou que os noviços não estavam em lugar algum.

– Me mostre – disse Maura.

Sunay avançou até ficar a poucos passos de onde Mãe Maura estava sentada. Quem conhecesse bem Artair, pensou Elver, notaria que agora, ao andar, ele estava rebolando mais do que o normal. Sunay abriu o saco pela gola e revelou o conteúdo a Maura. O olhar da mulher passou rapidamente sobre a ilusão do filhote e voltou-se para Elver. Um sorriso breve e escorregadio dançou em sua boca, um movimento que fez Elver pensar em

um lagarto correndo por uma pedra. O aprendiz chamado Warnick se aproximou e pegou o saco das mãos de Sunay.

– Muito bem. Trato é trato – falou Maura. – Não posso negar que fez o que pedi.

Ela se levantou, colocando ao lado no banco o que segurava. Parecia um brinquedo de criança: um ursinho esculpido em madeira e pintado com cores vivas. Tinha botões de pérola no lugar dos olhos e, em algum momento, fora quebrado e colado de volta com cuidado. Maura ergueu uma das mãos e fez um gesto de torção no ar, como se estivesse puxando uma corda invisível. Dois portais se abriram diante delas, exatamente como o que Dalesh usara para tirá-los do Templo de Triló. Através de um deles, Elver pôde ver um grupo de pessoas aglomeradas. Pareciam assustadas, mas ilesas. Todas estavam com as mesmas camisa e túnica amarelas que Artair vestia quando entrou na Floresta dos Jih. O outro portal dava para um jardim tranquilo; ela pôde ver fileiras bem cuidadas de plantas e pilhas de folhas de outono que haviam caído e não foram varridas. *O mosteiro, pensou. O lar de Artair.*

Maura bateu palmas três vezes, assustando os noviços, que a encaravam com olhos arregalados. De repente, a maga assumiu o ar de uma professora sem paciência no fim de um dia longo demais.

– Dessa porta direto para a outra! – Bateu palmas mais uma vez. – Vamos, crianças, não temos o dia todo.

Hesitante, o primeiro dos noviços desceu do portal. Era um menino, que parou por um instante, lançando um olhar tímido a Artair antes de correr em direção à outra porta flamejante. Rapidamente, os demais seguiram seus passos. Elver viu, estampado no rosto de cada um deles, o quanto aquele jardim lhes era familiar e querido, e sentiu uma pontada funda no peito.

Assim que o último passou, Maura repetiu o gesto, e ambos os portais desapareceram em um lampejo de fogo vermelho. *Conseguimos, pensou Elver. Onde quer que esteja, Artair, levamos todos para casa.*

– Parece que nosso negócio está encerrado – disse Maura, com suavidade.

Agora que ela estava mais perto, Elver percebeu que os bordados brancos no vestido da maga eram todos de pequenas figuras humanas: crianças brincando, crianças dormindo, crianças correndo umas atrás das outras. A visão daquelas criancinhas inventadas fez sua pele se arrepiar por completo.

– É uma longa jornada montanha acima. Vocês devem estar famintos. Ficarão para o jantar?

Sunay, ainda na forma de Artair, fez uma reverência profunda. *Cuidado*, pensou Elver. *Não exagere*.

– Infelizmente, temos outros compromissos – respondeu Sunay. – Precisamos ir embora.

– Ora, não pode ser. – Maura sorriu. Suas unhas, pintadas de vermelho, brilhavam de forma obscena contra o branco do vestido. – Uma viagem tão longa para uma visita tão breve. O Salto Soberbo não é o tipo de lugar que se pode visitar sem apreciar devidamente. – Ela virou o rosto para Elver, devagar, como uma ave de rapina que finalmente enxerga a presa que andara se escondendo. – Me perdoe, criança, mas por acaso eu te conheço? Tenho certeza de já ter visto esse rosto em algum lugar. Embora talvez, na época, ele não estivesse tão marcado nem tão mal remendado.

Elver engoliu em seco. A raiva irrompeu dentro dela como um rio transbordando, correndo por cada veia como os canais que cortavam Porto das Víboras.

– Você deveria me conhecer – disse ela, o veneno escorrendo de cada palavra. – Você me matou, lembra? Me lançou ao mar como se eu não valesse nada. Eu sou Elver, a criança que você assassinou para banir as serpentes de Porto das Víboras.

Para sua surpresa, Maura não demonstrou choque. Não arfou, nem seus olhos se arregalaram. Em vez disso, voltou-se para os degraus com um sorrisinho doce nos lábios. Moveu a cabeça de leve, quase com pena.

– Ah, Elver – disse ela. – Você é tão especial. Tão orgulhosa, tão furiosa, tão venenosa... Estou *muito* feliz por você ter chegado até aqui. Sempre houve o risco de você se recusar a sair da floresta, ou de alguém te capturar no caminho... Aqueles sacerdotes de Triló são verdadeiras feras. E havia também sua mãe, sua *rainha*, de sangue tão frio, que poderia ter agido contra mim se eu tivesse atacado você diretamente. Mas não, você lutou e abriu caminho até aqui, por nada mais do que o privilégio de ser usada novamente. – Maura soltou uma risada seca, curta, como o latido de um cão, um som que fez calafrios de pavor correrem pelas costas de Elver. – Que piada cruel tem sido sua vida. E sua morte. Ou, devo dizer, suas mortes.

Sunay recuava devagar, tentando alcançar a porta do outro lado do salão.

– Do que você está falando? – disparou Elver. – Eu vim aqui para ajudar Artair.

– Você veio porque *eu quis* – disse Maura. – É verdade que achei que estivesse morta. Por que pensaria o contrário? Então imagine minha surpresa quando, após anos buscando o sacrifício envenenado perfeito, meus feitiços me mostraram seu rosto. E agora você morrerá pelo meu senhor uma segunda vez e me dará tudo de que preciso. A vida dele, o poder dele, e a minha... – Pela primeira vez, ela hesitou. – A minha família. Quando eu me tornar uma deusa, nada me será negado.

Era uma armadilha. Elver avançou contra a maga, as mãos nuas esticadas em direção à pele exposta do rosto e do pescoço da mulher, mas Maura estalou os dedos e, em um instante, Elver começou a cair por um buraco aberto no ar – e logo foi arremessada de volta ao chão de pedra da câmara. Por um momento, ficou deitada ali, o impacto forte demais para que conseguisse pensar em qualquer coisa.

– Talvez você fique feliz em saber, Elver, que me custou cinco dos meus melhores aprendizes para realizar esses pequenos truques de magia para você hoje. Se continuar resistindo, terei que matar mais. É isso o que deseja?

Elver abriu a boca para cuspir um insulto corrosivo, mas só conseguiu soltar um suspiro.

– E *você*... – Maura se virou para Sunay, que seguia tentando se esgueirar para a porta. – Acha mesmo que me esqueci de você, Lucian? Eu sei que é você aí dentro. – Ela sorriu, predatória. – Como foram os últimos anos? Horríveis, espero. Foi uma delícia quando meus feitiços revelaram onde sua alma havia ido parar. E que prazeroso é ter você aqui para testemunhar o sucesso do plano que achou que não estava à sua altura. Aliás, me deixe colocar seu outro eu para dormir, assim poderá assistir a tudo, do início ao fim.

A maga avançou sobre Sunay, tentando pousar a mão – agora envolta em chamas rubi – na testa de Artair, mas sua mão passou direto, como se Artair fosse feito de ar e luz. Houve um brilho alaranjado, um súbito cheiro de folhas de outono, e então Sunay surgiu diante dela. A maga de Tisk ergueu as mãos, com um sorriso sem jeito.

– Então... – disse ela. – Imagino que você tenha algumas perguntas.

## CAPÍTULO 36

O caminho era íngreme, e o ar, rarefeito, mas Artair estava acostumado a viver na montanha e teve que parar de tempos em tempos para esperar que Dalesh o alcançasse. A cada pausa, sentia um arrepio nas costas, como se o perigo que rondava Elver respirasse em sua nuca.

*Que cheguemos a tempo, pensou. Que ela esteja bem.*

Por fim, o Salto Soberbo surgiu diante deles. Não havia ninguém na entrada, e, para Artair, o lugar parecia abandonado. Lançou um olhar para as estátuas de Mãe Maura enquanto desciam o último trecho do caminho. Pareciam fantasmas da mulher que ele havia conhecido no mosteiro.

– Chegamos – disse Dalesh, sem necessidade. Observava o santuário de Maura como se preferisse estar em qualquer outro lugar. – Está pronto para entregar este corpo para Lucian?

– Eu não sei como fazer isso.

Por um instante, Dalesh pareceu querer estrangulá-lo.

– Lucian parecia achar que você sabia.

– Ele assume o controle quando eu perco a consciência. Mas, falando sério, acho que nunca estive tão acordado na vida.

Um vento frio soprou, como se reforçasse suas palavras. Ele não queria ceder o controle ao Outro, *Lucian*, ele se corrigiu, *o nome dele é Lucian*; mas se isso significava aumentar as chances de salvar Elver, ele estava disposto. Só não sabia como.

– Você poderia tentar me apagar?

– Você parece um rapaz resistente, Artair. Não sei se conseguiria sem usar uma pedra ou um pedaço de pau, e aí corro o risco de esmagar seu crânio.

– O tempo está se esgotando. – A imagem de Elver sobre um altar de pedra o assombrava, o sangue escorrendo sobre o mármore branco, os olhos

amarelos apagando-se para sempre. – Não dá para usar magia para me fazer dormir?

Dalesh suspirou.

– Dá se usarmos os globos de alma, mas não tenho dúvida de que vamos precisar de todos para impedir que Maura mate o Garra Sangrenta. – Ela hesitou por um instante, depois balançou a cabeça. – Você vai ter que confiar em mim.

Aconteceu tão rápido que Artair já estava de joelhos antes que se desse conta. A lâmina de Dalesh rasgou sua camisa e abriu um corte irregular em seu abdômen. Uma dor lancinante o atravessou de lado a lado. Um som estranho e sufocado escapou-lhe da garganta.

– Sinto muito. Precisa ser relativamente fundo. Meu senhor não aceita arranhões como pagamento.

Ela ergueu a mão, agora transbordando de fogo rubro.

– Vou estancar o ferimento o melhor que puder. Você vai ficar bem.

– Elver... os noviços... você tem que ajudar...

– Meu senhor, ofereço este sangue e esta dor em troca de uma bênção...

Dalesh se inclinou e pressionou os dedos incandescentes contra as pálpebras de Artair. Uma sensação estranha o invadiu, como se fosse uma folha arrastada pela brisa da floresta, e então o sono o engoliu.

★

– Pelo amor de tudo o que é razoável e bom... – Lucian arfou de dor. – *O que foi que você fez?*

– O que precisava ser feito – respondeu Dalesh, seca.

Ela o ajudou a se erguer, e ele cambaleou, pressionando o ferimento no abdômen. A bandagem estava firme, mas o tecido já começava a escurecer.

– Você está aqui, não está? Eu jamais conseguiria enfrentá-la sozinha. O poder dela supera o de todos nós.

– O seu, talvez – cuspiu Lucian.

Ele inspirou fundo, tentando se concentrar. Era inacreditável que Artair tivesse deixado aquela mulher esfaqueá-los. *Você precisa cuidar melhor desse corpo, monge, pensou. Não quero que ele acabe todo furado.* Quando conseguiu

lidar um pouco melhor com a dor, apalpou a mochila ao seu lado, procurando a forma do último globo de alma. Era a única chance de deter Maura.

– Vamos logo antes que eu perca mais sangue ou que você queira me esfaquear de novo.

– A vontade só cresce, pode acreditar.

Lá dentro, o branco radiante das pedras se desfez, e o Salto Soberbo tornou-se um lugar de sombras e cantos escuros. De repente, Lucian se lembrou de caminhar por aquele chão gelado ao lado de Maura. Era muito pequeno, quase um bebê, e perguntara por que o santuário dela era tão diferente por dentro. Às vezes, ela lhe dissera, *aquilo que somos por fora precisa ser muito diferente do que carregamos por dentro. Às vezes é preciso esconder quem realmente somos*. Agora, cruzando aquelas pedras outra vez, com a alma dentro de um corpo estranho, aquelas palavras lhe pareciam dolorosamente proféticas.

Alguns acólitos de Maura se aproximaram, os uniformes vermelhos e pretos familiares para Lucian, mas Dalesh os afastou com um gesto brusco, e ninguém se opôs. Afinal, pensou Lucian, um dia ela também fora aprendiz ali, e agora era maga do Garra Sangrenta por mérito próprio. Eles presumiriam que ela e Maura eram colegas.

Os dois seguiram juntos até os degraus que levavam ao altar inferior. Sabiam, sem precisar dizer, que era ali que Maura realizaria sua magia. Quando ainda eram aprendizes inexperientes e com as mãos pouco sujas de sangue, era ali que sua mestra realizava os rituais mais sombrios. Lucian apressou o passo, a dor no estômago enfraquecendo. Era ali que tudo se resolveria. Maura pagaria pelo que fizera com ele, e, ao impedir que ela matasse o Garra Sangrenta, o deus não teria outra escolha senão torná-lo o primeiro entre seus magos. E Elver... Ele pensou no beijo de novo. Bom, talvez se ele a salvasse, seria capaz de descobrir em quem ela daria aquele beijo.

Desceram às pressas os últimos degraus até o altar inferior, e Lucian parou, absorvendo a cena diante de si. Elver estava encolhida no chão, como se tivesse sido jogada ali. Mãe Maura, espectral em um vestido branco esvoaçante, pairava sobre ela. Havia também uma figura que por um momento se pareceu com Artair, mas, em um brilho de magia alaranjada – *Tisk está aqui*, pensou Lucian –, revelou-se uma jovem de cabelo preto e grandes olhos escuros. Ela disse algo a Maura que ele não entendeu, e então

Elver se lançou contra a maga, com os braços esticados. Maura saltou para trás, fez um gesto no ar, e um portal em chamas se abriu, arremessando Elver de volta ao chão. A menina-monstro rolou de lado, arfando, depois se arrastou até ficar de cócoras.

– Outra vida desperdiçada, Elver – disse Maura, sorrindo. – Está gastando essas vidas como se não valessem nada. Está na hora de parar de resistir.

Lucian tentou correr até ela, mas o ferimento no abdômen reduziu o gesto a uma mancada apressada.

– Maura! – gritou. – Mãe, sou eu! Seu maldito pupilo favorito.

Ela se virou para ele, os dentes expostos no meio do caminho entre um sorriso e um rosnado. Pareciam afiados demais.

Um grupo de acólitos saiu das sombras e cercou Elver, mas, quando chegaram perto, ela os atacou. Lucian a viu segurar a mão de um deles por tempo suficiente para que ele desmaiasse, e, a partir daí, os outros hesitaram. Ela parecia um animal acuado, os olhos dourados selvagens, o coração em fúria – estava deslumbrante.

– Lucian Prideson. – Mãe Maura parecia feliz em vê-lo, o que soava como um mau sinal. – Até que enfim você chegou.

– Todos esses anos, eu quis incendiar o mundo por tudo o que me aconteceu, mas era você que eu deveria ter sonhado em matar. – Ele sorriu. – Você não suportava, não é? O fato de eu ser um mago melhor do que você. Mais poderoso, mais habilidoso.

– Sempre tão arrogante. – Maura balançou a cabeça como se ele tivesse acabado de confirmar isso para ela. – Foi um prazer imenso te jogar para fora do próprio corpo. Deveria encarar como um elogio, Lucian, que eu tenha vigiado onde sua alma foi parar. Sabia que você voltaria a ser um problema. Há quem diga que eu devia ter matado você, mas... – Ela sorriu. – Acho que sou sentimental. Você foi como um filho para mim.

– Você é uma *péssima* mãe e uma maga medíocre – disparou Lucian.

Maura fingiu não ouvir.

– Isso é quase uma reunião de família, sabia? Elver, permita-me apresentá-lo... Lucian foi o menino que te tirou do orfanato por mim e te colocou neste caminho. Se não fosse por ele, talvez você tivesse levado uma vida normal. Sem ele, você não estaria morrendo pela segunda vez em meu nome.

Lucian encarou os olhos de Elver. Viu ali o choque, a confusão. Ela o odiaria agora, claro, e como não odiar? Toda a vida dele fora feita de ódio e

dor. Uma fúria gélida percorreu seu corpo, e ele tirou o globo de alma da mochila. Não lançava um feitiço verdadeiro havia anos, mas sentia as linhas de fogo represadas dentro de si brilharem em expectativa. A luz lilás banhou seu rosto quando ergueu o globo diante de si. Ordenaria ao Garra Sangrenta que levasse Elver para algum lugar seguro, algum lugar longe daquela montanha amaldiçoada, e assim Maura ficaria sem seu sacrifício envenenado. O que faria depois disso, bem... ele daria um jeito.

– Meu senhor – começou a dizer –, ofereço esta alma...

Alguém o socou no estômago, perto demais do ferimento, e por um instante as bordas de sua visão escureceram. Ele se curvou, ofegante, e o globo de alma escorregou de sua mão, espatifando-se nas pedras do chão. Um fiapo de luz brilhou como uma brasa antes de desaparecer. Com os olhos marejados, ergueu o rosto e viu Dalesh em pé diante dele.

– Eu o trouxe até você, Mãe – anunciou ela, ainda olhando para ele. – Sabia que você gostaria que ele testemunhasse sua vitória. – Ela se agachou, ficando com o rosto na altura do dele. – Sempre achei você um babaca presunçoso, Lucian.

Lucian abriu a boca para responder, mas só conseguiu emitir um chiado rouco.

– Boa garota – disse Maura, com calor na voz. – Você atraiu a ira daqueles tolos de Triló ao salvar meu pequeno sacrifício, Dalesh? Teria sido um desperdício ver essa garota purificada antes de cumprir seu verdadeiro destino.

– Nada com que eu não pudesse lidar, Mãe – respondeu Dalesh, visivelmente satisfeita consigo mesma. – Os sacerdotes de Triló escondem segredos obscuros de todos os tipos, e eu sei o suficiente a respeito deles para mantê-los sob controle.

Maura sorriu.

– Ótimo. Agora, o que mais você trouxe pra mim?

Dalesh arrancou a mochila do lado de Lucian e começou a remexer nela. Enquanto o fazia, sua expressão mudou.

– Onde está? – Ela estava furiosa, mas havia certo tom de medo por baixo daquela raiva que Lucian julgou deliciosa. – Cadê o outro globo, seu miserável?

– Devo ter perdido – respondeu ele entre os dentes cerrados.

Ela o socou de novo, acertando em cheio sua lateral. Estrelas escuras explodiram diante de seus olhos mais uma vez, mas ele conseguiu, por pouco,

permanecer de pé.

– Pare com isso! – exclamou a voz de Elver, afiada como uma lâmina. – Deixa ele em paz, ou eu mesma arranco suas tripas.

Lucian levantou a cabeça. A menina-monstro havia recuado até encostar-se na parede. Os acólitos de Maura restantes seguravam a mulher de cabelo preto, com uma lâmina encostada em sua garganta. No instante em que percebeu isso, Lucian sentiu o beijo gelado do aço pressionar sua própria pele. A respiração de Dalesh era quente em seu ouvido.

– Esqueça o globo – disse ela. – Se precisarmos de outra vida, podemos sempre usar a sua.

– Pois bem, Elver, cá estamos nós. – Maura recuou até a galeria de pedra, erguendo a saia do vestido com os dedos antes de se sentar. – Está na hora de você fazer uma escolha, menina-veneno. Afinal, eu não sou totalmente desprovida de sentimentos. Sei qual a sensação de perder alguém que amamos. Então, comporte-se. Aceite o seu destino em silêncio, sem fazer nenhuma birra, e deixarei esses dois irem embora. Sua vida por outras duas. Três, tecnicamente. E que tipo de vida é essa sua, de qualquer forma? Uma vida imunda, reclusa, vivendo na floresta e incapaz de tocar ou ser tocada, servindo à vontade de um *verme*. – O nariz de Mãe Maura se contorceu, como se estivesse sentindo um cheiro ruim. – Você devia ter ficado morta, o que restava dos seus ossos apodrecendo nas águas de Porto das Víboras. Mas deixe que a sua vida, por fim, sirva para algo grandioso. Salve a vida dos seus amigos e me veja ascender ao meu lugar de direito entre os Doze.

Elver estava respirando com dificuldade, o cabelo branco grudado na testa e nas bochechas. Lucian queria gritar para que ela corresse, para que lutasse contra Maura com todas as suas forças, mas já não lhe restava energia. Sentiu o ferimento voltar a sangrar livremente, um jorro quente de sangue encharcando a camisa e a cintura da calça dele. Curiosamente, parecia que Artair estava muito próximo; conseguia sentir o horror e o medo do monge misturados aos seus próprios. *Neste momento final, somos um só*, pensou, maravilhado.

Elver deu um passo à frente com as mãos erguidas diante do corpo, as palmas voltadas para fora.

– Eu aceito. Deixe eles irem. *Deixe eles irem*.

O sorriso de Mãe Maura era tão largo que parecia partir seu rosto ao meio. Lucian achou que, naquele momento, ela se parecia muito com o deus que

estava determinada a matar.

– Maravilha. Vamos oferecer uma última refeição ao meu senhor, então?

## CAPÍTULO 37

Ela precisava se aproximar o bastante da magácia para tocá-la. Envenená-la com a arma que a Rainha das Serpentes havia infundido em sua pele. Uma vez morta, os acólitos do Garra Sangrenta se dispersariam. Elver tinha quase certeza disso. Maura só precisava acreditar que ela havia desistido; talvez então baixasse a guarda.

– Fique na poça – ordenou Maura. – É o lugar sagrado do Garra Sangrenta. Aqui, ele é o mais forte de todos os deuses.

Elver deu alguns passos na direção da poça rasa no centro da câmara. Ali, a água se movia de um jeito estranho – às vezes, parecia sangue; outras, lembrava a água de um lago, verde, profunda e silenciosa. Maura estava à margem, já murmurando palavras magaciais.

Lucian desabara nos braços de Dalesh, finalmente vencido pela perda de sangue, e Elver pensou no que Maura havia dito. O rapaz de olhos cor de avelã que estivera com Dalesh naquele dia não demonstrara um pinga de compaixão ao escolhê-la entre os órfãos; houvera apenas uma satisfação acentuada em seu olhar, uma ânsia por poder. Seria fácil odiá-lo. Mas ela já tinha visto o desespero e a fúria dele. Em parte, conseguira enxergar o que Maura lhe fizera – não apenas o expulsara de seu próprio corpo, mas o moldara como uma arma, uma ferramenta, algo a ser usado e depois descartado. Sabia que não era o tipo de coisa do qual era fácil se recuperar. E então, diante de seus olhos, a consciência retornou ao corpo do garoto, e quem estava ali era Artair, caído, exausto. Ele se sentou, surpreendendo Dalesh, que pressionou a lâmina de volta contra sua garganta.

– Não se mexa – sibilou ela.

– Elver! – Ela viu a confusão e a dor surgirem no rosto de Artair à medida que ele tentava entender o que acontecia ao redor, e aquilo, de algum modo, foi o pior de tudo. – O que você está fazendo?

– Me desculpa – disse ela. Lançou um olhar para Maura, para ver se a maga estava atenta. – Cuide do filhote por mim. Leve ele de volta à Floresta dos Jih. Eu acho que... Fico feliz por ter conhecido você, Artair.

– O que está acontecendo?

– Já chega – interrompeu Maura, com a voz afiada. – Entre logo nessa poça, garota. Chegou o momento. Prometi ao Garra Sangrenta uma refeição rara e deliciosa, e Ele vai nos honrar com Sua presença. Prepare-se.

Elver entrou na poça. Era sangue, pensou, mas sangue que queria ser outras coisas, coisas mais estranhas. Franziu o cenho diante daquilo. Ao redor, o ar se tornava mais quente, as lamparinas assumindo um tom de vermelho mais escuro, mais intenso, e um cheiro avassalador tomou o ambiente: carne crua, pele apodrecida, suor animal. Uma sombra crescia, uma forma descomunal se erguendo do outro lado da poça. Ela estava com os tornozelos imersos em sangue, e em seu reflexo imóvel via coisas que não deviam estar ali: as árvores da Floresta dos Jih, o voo preguiçoso dos insetos no ar, um céu manchado de nuvens. Era como se estivesse à beira de seu próprio lago, contemplando o reflexo.

*Você está perto, minha rainha, pensou. Mas está perto o bastante?* Maura quis atraí-la até ali por um motivo, e Elver suspeitava que era porque, naquele lugar, a Rainha das Serpentes estava muito enfraquecida.

Sunay gritou, desviando a atenção de Elver da poça. Maura ergueu os braços em saudação.

– Meu senhor! – exclamou. – Trago a você a filha de outro deus, tocada e abençoada pela rainha dos monstros, a Rainha das Serpentes. Sua para devorar.

Relutante, Elver levantou a cabeça para ver o que havia surgido na poça com ela. Parecia um leão, um leão do tamanho de um carvalho ancestral e largo como uma casa, com uma juba que se derramava em torno de sua cabeça orgulhosa e olhos que ardiam como estrelas gêmeas, verdes e ferozes; mas, em vez de ter o pelo dourado, era uma criatura crua e sangrenta, feita de carne torcida e tendões. Uma ideia terrível lhe ocorreu de súbito: que cada parte do Garra Sangrenta era feita do sangue e da carne de tudo e todos que já haviam sido sacrificados a ele. *Ele nos absorve e nos transforma em parte de si mesmo, somando à sua força, pensou ela. Não é à toa que Maura quer me usar de alimento para ele.*

– Maura quer te matar! – A voz era de Artair, que levou um empurrão de Dalesh como resposta.

– A Mãe Maura é minha maga mais dedicada, mais sanguinolenta – retrucou o Garra Sangrenta. Sua voz era grave e carregada, um rugido coagulado. – A única maga de toda a Tlevrae que rompeu sua lealdade com um deus menor para servir a mim. Sua fidelidade é absoluta.

– Servi-lo é minha honra – disse Maura, inclinando a cabeça.

A maga avançou, entrando na poça de sangue. Tirou de algum lugar entre as dobras do vestido uma faca longa e serrilhada. Elver sentiu a mulher enfiar os dedos com força em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás e expondo a garganta.

– Isso mesmo, aceite seu destino – sussurrou Maura em seu ouvido. – Seja uma boa menina e faça o que Mãe manda.

Elver esperou um instante, esperou até que a faca surgisse no canto de seu olho. Viu a mão de Maura fechada em torno do cabo, as sardas nas costas dos dedos.

– Meu senhor, devore esta oferenda e conceda-me uma bênção!

A ponta da faca tocou a pele sob seu maxilar. Elver agarrou o pulso de Maura – o único ponto não coberto pelas mangas do vestido –, e a mulher soltou um grito agudo, afastando-se tão repentinamente que Elver a soltou. Ela cambaleou na poça de sangue, tentando se firmar e agarrá-la de novo, mas Maura já estava conjurando mais magia, a mão livre tremendo de leve enquanto desenhava formas no ar. A pele em torno do pulso estava da cor de uma maçã doce e vermelha.

– *Sua serpentezinha insolente.*

Cordas de fogo surgiram de repente, enlaçando-se no corpo de Elver com a rapidez e firmeza de uma armadilha. Ela tombou na poça, incapaz de mover braços ou pernas.

– Que seja do seu jeito – disse Maura, balançando a mão ferida. – Meu senhor pode devorá-la viva, então.

Elver ergueu o olhar para o deus que se erguia acima dela. Dava para ver suas mandíbulas se abrindo, revelando presas amareladas de osso e cartilagem, cada uma do tamanho de seu próprio corpo. Tentou evocar a Floresta dos Jih, a brisa fresca e as criaturas extraordinárias que viviam lá; pensou, em especial, no lago da serpente, o lugar onde a Rainha das Serpentes vinha visitá-la. *Isto*

*não é sangue, pensou, é a água do lago, fresca, verde e pronta para me acolher. Eu estou sempre em casa, porque levo esse lar comigo.*

Com certa dificuldade, virou o rosto de volta para Maura.

– Solte todos eles. Foi esse o trato.

– O trato, criança-veneno, era que você aceitaria seu destino de bom grado. – Maura sorriu. – Mas você tinha que reagir, né? Como a cobrinha que é.

Elver engoliu em seco e ergueu o olhar para o deus leão.

– Espero ficar entalada na sua garganta – disse.

★

Artair observou, impotente, enquanto o Garra Sangrenta abaixava a cabeça e engolia Elver com uma única mordida. Seus joelhos cederam, e ele caiu no chão.

– Não.

Sentia Lucian por perto e sabia que o espírito maligno – embora não fosse um espírito maligno de verdade, como tinha descoberto – de alguma forma vira o que acontecera, sonhara com aquilo ou sentira o horror que tomava conta de Artair. *Nós a perdemos*, pensou. *Depois de tudo isso, ela se foi.*

O próprio Garra Sangrenta sacudia a juba em um gesto que parecia de satisfação.

– Uma excelente refeição – disse. – Um sabor raro, de fato. Posso sentir a fúria da Rainha das Serpentes, notas de potencial sufocado. Exceto...

Mãe Maura ergueu a cabeça, os olhos semicerrados. Os ombros subiam e desciam em um ritmo acelerado.

– Humm. Talvez eu não me sinta...

Um clarão alaranjado cortou o ar, e o deus Tisk apareceu em sua bela forma humana. Levantou o rosto para o Garra Sangrenta, balançando a cabeça.

– Você sempre foi um velho idiota – disse com suavidade. – Sem nenhum interesse real pelos humanos além do que podiam te oferecer como alimento, quando eu poderia ter te contado que eles são cheios de coisas fascinantes, tantas complicações e complexidades. Aprenda a devorar isso e nunca mais

sentirá fome. – Tisk sorriu. – Pelo menos foi isso o que descobri. E tenho fortes suspeitas de que você devia ter ouvido os mortais hoje.

O impacto da presença de Tisk em Maura foi imediato. A cor sumira de seu rosto, e os lábios estavam repuxados para trás, revelando os dentes como se quisesse dilacerá-lo ali mesmo. Enquanto isso, o Garra Sangrenta abaixava o corpo até o chão, sacudindo a cabeça como se algo zunisse dentro de sua orelha.

– Você! – gritou Maura, apontando um dedo em riste para Tisk. – Como ousa mostrar esse rosto para mim de novo?

– Mas que belo jeito de se falar com um deus – provocou Tisk.

Ele parecia crescer conforme falava, tornando-se mais perigoso: não mais um homem ou uma raposa, mas algo diferente, algo mais antigo, de contornos mais afiados. Inclinou a cabeça para Sunay, cujos olhos estavam escancarados de espanto.

– Está ouvindo isso, Sunay? Não vai defender minha honra?

– Sua desonra sempre foi maravilhosa, meu senhor – respondeu ela em voz baixa. – É uma das coisas de que mais gosto em você.

Tisk riu disso.

– Quem é desonrada aqui é você, Maura. Eu te abençoei no nascimento, assim como fiz com Sunay, mas você jogou tudo fora. Jurou lealdade ao grande gato idiota. Como espera que eu veja isso como algo além de um insulto?

– *Você me abandonou.* – As lágrimas escorriam pelo rosto de Maura, e manchas de cor viva tingiam suas bochechas e lábios. – Te dei tudo o que eu tinha, tudo o que podia, e você *não os trouxe de volta*. Nenhum de vocês. – Ela respirava com dificuldade, arfando. – Vocês são todos inúteis. Por isso, eu preciso me tornar meu próprio deus.

– Eu não me sinto... Parece que tem algo de errado comigo. – O leão colossais de carne abaixara a cabeça até a poça, e um fio de baba amarelada escorria entre suas mandíbulas.

Tisk continuou a dizer, ignorando-o:

– Mas isso não é toda a verdade, é, minha cara Maura? Havia um deus que podia tê-los trazido de volta. Um único deus que já teve o poder de conceder nova vida... mas você não suportava a ideia de ver seus filhos renascidos como jih. – Ele riu. – Devia ter procurado Triló, criatura sem fé... teria sido mais a sua cara.

– Cale a boca. Cale a boca! Já está feito, e você não pode impedir. O Garra Sangrenta está morrendo em sacrifício a mim. Nada pode deter isso agora!

– E quem disse que eu queria impedir? – respondeu Tisk. Ele se virou para o leão monstruoso, agora deitado de lado, o peito imenso subindo e descendo com esforço. Tisk cutucou-o com sua bengala. – Espero que esteja doendo, velho amigo. Não se toma o que é meu sem sofrer as consequências.

– Eu não posso... não posso morrer...

– Não só pode como vai – cuspiu Maura. Ela avançou pela poça de sangue em direção ao leão caído, e em um instante o vestido branco estava tingido de escarlata até os joelhos. – Foi sua guerra idiota contra Triló que matou minha família, e agora você vai aprender o que é sofrer.

Ela apoiou as mãos sobre a perna carnuda da criatura, cravando as unhas como se fossem garras.

– Eu sou um deus...

– Não por muito tempo. Em breve, você não será mais do que um monte de carne apodrecida, e seu poder será meu. – De onde estava, Artair só conseguia ver parte do rosto dela; estava coberto de lágrimas. – E eu terei meus filhos de volta. Meus amores.

O Garra Sangrenta começou a convulsionar. Atrás dele, Artair ouviu Dalesh prender a respiração e se afastar. Um tilintar indicou que sua adaga havia caído no chão. Da mesma forma, os acólitos restantes de Mãe Maura recuavam em direção às paredes, arrastando Sunay com eles.

Artair se levantou com cuidado, pressionando com a mão o ferimento no estômago. A dor era forte, mas nada se comparava ao que sentia no coração. Inspirou fundo, devagar, lembrando-se dos ensinamentos da Manhã Perpétua – não para dominar o medo desta vez, mas para afastar a dor.

*Aqui, neste momento, estou seguro.*

– Está acontecendo – murmurou Dalesh. – Está mesmo acontecendo.

O corpo do leão se contraiu e estremeceu, e então, de repente, seu flanco se abriu e uma enorme serpente amarela irrompeu de dentro dele, brilhando com uma luz dourada própria. Por alguns segundos, a câmara se iluminou como se fosse meio-dia, e todos sentiram o açoitado da fúria da Rainha das Serpentes.

*QUEM OUSA FERIR MINHA CRIANÇA-VENENO?*

A serpente estava com Elver entre os dentes, Artair viu, e antes que percebesse o que fazia, estava atravessando a curta distância que os separava, a

dor no abdômen esquecida. Certa vez, nos jardins do mosteiro, o Irmão Benzin encontrara um gato selvagem ferido, com a pata traseira pendendo, quebrada e inútil; ainda assim, quando tentaram movê-lo para tratar o ferimento, o animal reagiu com violência, silvando e arranhando sem pensar. Artair pensou nisso quando o deus leão, mortalmente ferido, investiu contra a serpente dourada gigante, cravando as mandíbulas em sua pele escamosa uma, duas, três vezes. A Rainha das Serpentes deixou Elver cair na poça e atacou o leão com fúria, seus dentes em forma de gancho abrindo buracos irregulares na carne crua. Mas, apesar das feridas, o Garra Sangrenta a repeliu com um único golpe de sua pata imensa.

– Você não tem poder aqui, verme – disse ele. A voz do leão soava fraca, confusa. – Vá embora.

A serpente se contorceu na poça por alguns segundos, seu sangue preto e venenoso escorrendo entre escamas que brilhavam como moedas de ouro, e então desapareceu, deixando Elver para trás. Um segundo depois, Artair estava com a garota nos braços, afastando-a do sangue.

– Elver?

Os olhos dourados dela estavam imóveis, vazios. Ela não estava respirando.

– Não.

Atrás deles, o Garra Sangrenta desabou.

– Está acontecendo!

A voz de Maura soava aguda, eufórica. O Garra Sangrenta ainda não parecia morto, apesar do buraco aberto em seu corpo, mas uma chama rubi escorria de sua carne como suor, avançando em direção a Maura. Ela estendeu as mãos para aquela energia incandescente, que se derramou sobre sua pele e preencheu seus olhos. Enquanto Artair observava, Maura começou a se elevar do chão, os pés flutuando um bom palmo acima das pedras. Ele desviou o olhar, apertando Elver com mais força contra si, e beijou sua testa.

– Me perdoe – murmurou. – Me perdoe por ter trazido você aqui.

– Nem tudo está perdido. – Um focinho gelado cutucou seu tornozelo. Era Tisk, agora em sua forma de raposa.

– Maura está se tornando um deus – apontou Artair. – E Elver está... – Ele não conseguiu terminar a frase. – O que podemos fazer?

– Um montão de coisas – respondeu Tisk. – Sempre há muitas coisas que podemos fazer, rapaz. Vocês dois, por exemplo, são capazes de feitos

extraordinários se finalmente decidirem trabalhar juntos.

Artair sentia-se enjoado.

– Ela está *morta*, seu tolo.

– Não *ela*, meu jovem idiota e encantador. É impressão minha ou todo mundo anda muito à vontade em desrespeitar deuses ultimamente? – Antes que Artair pudesse responder, Tisk o interrompeu: – Estou falando da alma que você carrega em si. Por algum motivo, vocês dois vivem sob a ilusão de que são seres completamente separados. Ora, ilusões são meio que minha especialidade, então permita-me dar uma pequena amostra do que quero dizer.

– Do que você está falando?

Maura agora era uma criatura feita de luz vermelha pulsante, elevando-se em direção ao teto da câmara.

– Aqui, vou mostrar.

A raposa mordeu a mão dele. Não com força suficiente para ferir, mas firme o bastante para provocar uma pontada aguda, um choque que pareceu soltar algo dentro de Artair. Ele balançou a cabeça, tomado de uma vertigem repentina, e o mundo ao seu redor estremeceu, tremeluziu, oscilando entre uma visão duplicada e outra vez nítida.

– O que... o que foi isso?

Sua própria voz soava estranha, e, um instante depois, ele se deu conta de que não era a voz dele. Ou, ao menos, não era *só* a voz dele.

– O que você está fazendo aqui? – rosnou Lucian. – Pelo amor de todos os deuses... Ela conseguiu, absorveu o poder do Garra Sangrenta!

Artair estremeceu ao ver Lucian baixar os olhos para o corpo de Elver em seus braços e sentiu, misturado ao seu próprio desespero, a dor do outro espírito.

– Você deixou ela morrer, monge?

– Eu não podia fazer nada! – Ele ofegou. – E você me disse que poderia deter Maura se eu cedesse o controle! O que aconteceu, então?

– Estou vendo que vocês dois vão fazer um sucesso enorme com esse número. Deviam sair em turnê, vender ingressos – comentou Tisk. – Mas posso sugerir que se concentrem na confusão em que se meteram? Porque, quando a Mãe Maura terminar de sugar o poder daquela besta, vai querer eliminar as pontas soltas. E você e minha maga são as mais soltas de todas, com todo o respeito.

A raposa desapareceu, e em seu lugar surgiu novamente o homem de rosto vulpino, agachado ao lado deles. Em sua mão, havia um globo de alma – Artair o reconheceu pelas memórias de Lucian –, e Tisk o entregou com uma piscadela.

– Aqui está. Estava guardando este para você. – Ele fez uma pausa. – Ainda há tempo, Lucian.

Lucian ergueu a esfera de vidro e buscou a linha de fogo dentro de si. Ela mal existia, reduzida a brasas enquanto a força vital do Garra Sangrenta se esvaía, mas ele a agarrou mesmo assim, segurando aquela conexão como se fosse sua última esperança.

– Meu senhor – disse em voz alta. – Ofereço esta alma em troca de uma bênção. Peço o que resta do seu poder... o suficiente para que eu possa me vingar.

Ele lançou o globo contra o chão, que se partiu. A luz lilás fraca que estava em seu interior girou entre os cacos de vidro e voou pelo ar na direção do Garra Sangrenta, entrando pelas mandíbulas abertas da criatura.

– É tarde demais – disse Artair. – Ele já está morto.

– Não – respondeu Lucian. – Isso *tem* que funcionar.

Maura girava lentamente com os braços abertos. Quando falou, sua voz soou como o toque de um sino:

– Reclamo meu lugar entre os Doze. E todos vocês me chamarão de Mãe!

Primeiro, Lucian o sentiu como um calor suave no peito, que logo se intensificou e começou a queimar com mais força. A chama se acelerou e continuou ardendo, mesmo quando o vínculo que representava vacilou e se apagou.

*Tome-o. A voz do Garra Sangrenta soou dentro de sua cabeça. Tome-o e mantenha-o longe dela o máximo que puder. Ela nunca será completa sem isso.*

Lucian tentou se levantar, querendo carregar Elver consigo, mas a dor em sua barriga era insuportável.

– Artair, você precisa nos levantar. Eu não consigo.

A dor era intensa, mas Artair se lembrou das palavras dos monges – *you exist here and now, and at this moment, you are alive* – e empurrou a dor para longe, tanto de si quanto de Lucian. Concentrou-se apenas no que precisava ser feito. Ficou de pé, Elver ainda em seus braços. A gratidão de Lucian parecia o leve calor do sol em um dia de inverno.

– Obrigado.

O poder surgiu dentro deles, vermelho-rubi e instável. Era movido, em grande parte, pela fúria: a dele, a de Lucian e a do próprio Garra Sangrenta. Ele sentia a mente afiada de Lucian se entrelaçando à sua, de maneira muito precisa, ambiciosa e estranha.

– Vou invocar um portal – disse Lucian, e um segundo depois ele estava ali, uma porta em chamas flutuando à frente deles.

Enquanto isso, Sunay havia escapado dos outros acólitos e apareceu ao lado dele, o rosto pálido como cinzas. Estendeu a mão para tocar a de Elver, que repousava inerte sobre o peito, mas pensou melhor e deixou para lá.

– Depressa – disse Artair.

Sunay foi a primeira, abaixando a cabeça como se temesse que as chamas a tocassem, e Artair e Lucian a seguiram, ainda com Elver nos braços. Ao emergirem do outro lado, pisando em uma relva fresca e verde, voltaram-se para lançar um último olhar à câmara onde Mãe Maura havia matado o Garra Sangrenta. Porque agora ele estava morto, ambos podiam sentir – havia uma conexão quebrada lá no fundo.

Do outro lado do portal, Maura flutuava, suspensa em sua própria luminosidade cintilante. O brilho vermelho havia se transformado em uma luz branca intensa, que oscilava como luz filtrada entre as folhas de um bosque. Seu cabelo vermelho também tinha se tornado totalmente branco. A expressão em seu rosto era beatífica, serena, satisfeita, era o rosto de alguém que, enfim, alcançara tudo o que desejava. Só que...

Um espasmo tremeu em sua bochecha, e seus olhos se abriram.

– Tem alguma coisa faltando – disse ela. – Alguma parte do poder dele escapou. *Como é possível? Por que não estou completa?*

Por uma fração de segundo, antes que Lucian fechasse o portal, seus olhos encontraram os de Artair e se arregalaram com uma fúria repentina ao entender o que tinha acontecido.

– *Lucian!*

## CAPÍTULO 38

Elver despertou de pé, à beira de uma praia cinzenta. Atrás dela, uma terra sombreada se estendia sob um céu prateado e carregado. À sua frente, um mar calmo da cor do sono. Na arrebentação, objetos estranhos alinhavam-se em fila, a água revolta espumando ao redor deles enquanto as ondas iam e vinham em silêncio. Havia doze ao todo, e, embora não parecessem ter ligação entre si, ela percebeu que sabia, com bastante clareza, o que cada um representava. Um coração anatômico esculpido em argila cor de barro; um tridente prateado irradiando luz branca; dois toros de madeira que, apesar da água ao redor, ardiam com uma chama alegre; um espelho de vidro preto; um machado com leões saltando entalhados no cabo... Esse último estava quebrado e gasto, uma fenda profunda atravessando o aço da lâmina. Eram avatares dos deuses, o que provavelmente queria dizer que ela estava em sérios apuros.

A garota avançou pela arrebentação, sentindo a água morna encharcar sua calça, e pousou a mão na superfície lisa do espelho. Um instante depois, a Rainha das Serpentes emergiu do mar.

– Onde estou? – perguntou Elver.

*Você está na beira de tudo, criança-veneno. No ponto onde as terras sombrias encontram o domínio dos Doze.*

– Então eu morri.

*A morte, para você, é complicada. Já a tomei de volta uma vez, e fiz de você minha criatura. Fiz de você uma jih. Sua vida não pertence aos outros, mas a mim, para que eu a teça.*

Elver franziu o cenho.

– Seria bom se tivesse deixado isso mais claro na época.

A Rainha das Serpentes deslizou para a frente, revelando mais de seu corpo enquanto emergia do mar, a longa cabeça pairando acima de Elver. Por

um momento, Elver se perguntou, distraidamente, se seria devorada de novo. O dia parecia mesmo propício a isso.

*Você mudou*, disse a Rainha das Serpentes.

– Sim – concordou Elver.

*Sempre houve raiva em seu coração, mas agora ela também é dirigida a mim.*

– Você me atacou – protestou Elver. – Eu sempre fiz o que você quis, e em troca fui açoitada.

A longa mandíbula da Rainha das Serpentes se abriu, revelando fileiras e mais fileiras de dentes serrilhados.

– E você me manteve afastada do mundo por todos esses anos. Eu perdi tanta coisa...

*O mundo odeia aqueles que são como você*, respondeu a deusa. *Era perigoso. Elver, você viu como o mundo trata os jih e sofreu por causa desse ódio. Por que se exporia a isso?*

– Porque se esconder não é viver.

*Os sacerdotes sem rosto quase queimaram a jih de dentro de você. A magia rebelde te entregou ao Garra Sangrenta.*

– Eu sei me virar.

*Criança, você está morta de novo.*

– Por que você se importa tanto? É só fazer outra criança-veneno.

Gotas de água brilhavam nos bigodes da serpente, claras como diamantes.

*Sua vida é minha para tecer, criança-veneno, e eu tenho um propósito para você. Mas, se preferir, posso torná-la humana de novo e mandá-la de volta ao mundo mortal. Estará morta, mas será humana e aceita pelos humanos. Talvez até enterrem seu corpo junto aos deles. É isso o que você quer? Ser humana?*

Elver riu.

– Não, claro que não. Não há nada de errado com o que eu sou. Tirando a parte de estar morta.

Ela pensou em Artair, em Lucian, até em Sunay. Perguntou-se o que teria acontecido com eles, se estavam a salvo. Estar morta era uma coisa; nunca mais vê-los era outra completamente diferente.

– Não quero ser humana de novo. Mas quero viver. Me refaça, como da outra vez.

*Posso te conceder uma nova vida*, disse a Rainha das Serpentes, *mas não sem um preço. Você será mais jih do que nunca. Os humanos não te aceitarão.*

– Alguns aceitarão. Os que importam, pelo menos.

Por um longo tempo, nenhuma das duas falou. O mar silencioso seguia seu curso, avançando e recuando, avançando e recuando... enquanto um sol branco como osso nascia lentamente no horizonte. Elver se perguntou quantos mortais já haviam pisado naquela praia, e que outros pactos teriam sido selados com deuses ali, na beira das terras sombrias.

– Esse propósito que você tem para mim... Vai me dizer qual é? – perguntou, por fim.

*Com o tempo, você descobrirá.*

– Não vou aceitar mais agressões. Nem mesmo vindas de você.

A Rainha das Serpentes baixou a cabeça imensa até que a ponta do focinho tocasse a testa de Elver. O gesto foi gentil, e seu hálito estava morno.

*Fui tola. Percebi o amor que havia em seu coração por outro alguém e temi por você.*

Elver sentiu o rosto esquentar. Era estranho, pensou, que mesmo morta ainda pudesse corar.

– Isso não é desculpa – disse. – E eu não vou esquecer.

*Vou fazer por merecer seu perdão, criança-veneno.*

Elver assentiu.

– Por que você os odeia tanto? Eles também são jih, os Insones. Artair e Lucian, os dois são seus.

*Eles não são meus escolhidos. São apenas sombras do que você é, criança.*

– Como assim?

*Às vezes, uma alma humana se perde a caminho das terras sombrias, e eu a apanho antes que o Corvo Cuculado possa colhê-la. Gosto de escondê-las dentro de corpos humanos vivos. O velho Corvo fica uma fera quando não consegue encontrá-las.*

– Por quê? – Elver balançou a cabeça. – Por que você faria algo assim?

*Para irritar o velho Corvo. Não fui clara? Ele me feriu gravemente uma vez, e deve pagar por isso para sempre.*

Para sua própria surpresa, Elver sentiu uma onda de raiva atravessá-la, expulsando o frio daquela praia desolada.

– Nós não somos... peças de jogo para você mover como quiser. Não somos pegadinhas para fazer com outros deuses. Estamos vivos! Bom, geralmente estamos. Você não tem esse direito.

*Tenho todo o direito, disse a Rainha das Serpentes. Sou uma deusa.*

Elver suspirou. A raiva a deixou de súbito, cedendo espaço para um cansaço profundo. Quando não respondeu, a língua longa e roxa da serpente

vibrou no ar, provando o vento.

*Você está emburrada, criança-veneno, mas a cada momento que passa longe do mundo dos vivos, mais difícil fica mandá-la de volta. Acordo fechado? Você vai aceitar essa nova vida?*

– Sim. Me mande de volta. Me refaça.

*Muito bem. Eu te darei um novo coração, Elver da Floresta dos Jih. Faça com ele o que quiser, mas lembre-se sempre de que ele me pertence. Um dia, ordenarei que deixe o mundo humano para trás de vez e se torne plenamente a criatura que deverá ser. Nesse dia, você não me desafiara.*

Não parecia haver muita escolha: permanecer para sempre nas terras sombrias, sem jamais rever Artair ou Lucian, ou viver mais um pouco no mundo humano, com a consciência de que um dia tudo acabaria. Nada durava para sempre, afinal. Não para os mortais. Ela enfiou a mão no bolso e segurou a castanha com força.

– Vá em frente.

Elver arfou. Sentiu uma dor suave bem no centro do peito, como se uma lâmina de vidro estivesse atravessando seu esterno. O veneno que lhe servia de sangue parecia borbulhar sob a pele, como se aquele novo coração o tivesse incendiado.

– O que foi que você...?

*Lembre-se, criança-monstro. Seu coração me pertence. Um dia, você terá que deixá-los.*

★

Quando Elver despertou de novo, estava deitada sobre um tapete de musgo macio, a luz do crepúsculo pairando delicadamente ao redor. Ao seu lado, corria um riacho de águas cristalinas, e ela soube, lá no fundo, que estava em casa, que estava de volta à Floresta dos Jih. Alguém havia colocado um pequeno ramalhete sobre seu peito, que ela pegou e cheirou: língua-de-cão, anêmona-dos-bosques e acônito. Todas venenosas. Ela ouviu vozes ao longe. Com cuidado, sentindo-se estranhamente desacostumada ao próprio corpo, levantou-se e seguiu o som, com o ramalhete nas mãos.

A floresta parecia mais próxima do que nunca, a vegetação viva a envolvendo por todos os lados. Ali perto, ela sentia cheiro de água – um rio,

correndo doce e forte, a forma clara para ela sem nem mesmo precisar vê-lo. E mais ao norte, havia um lugar mais amplo e profundo, onde a água era fria, escura e parada. De algum modo, ela conhecia aquele lago, tinha uma nova noção de suas profundezas e ansiava por mergulhar ali, deixar que a água se fechasse sobre sua cabeça e se afundar na lama viva.

*Ainda não*, pensou com determinação. *Quero viver sob o sol por mais um tempo.*

Mas aquilo a fez se perguntar que outras mudanças ainda viriam.

Artair e Sunay, quando ela os encontrou, estavam sentados ao redor de uma pequena fogueira cheia de fumaça. Os dois pareciam esgotados. O rosto de Artair estava pálido; seus olhos, vermelhos; e as roupas, encharcadas de sangue. As linhas escuras ao redor dos olhos de Sunay estavam borradas além de qualquer reparação.

– ... sempre teve prazer em bagunçar tudo, revirar e inverter e chocar. Acho que não deveríamos nos surpreender que essa mudança tenha sido temporária.

– Ainda consigo sentir Lucian aqui, mais ou menos – disse Artair. O coração de Elver acelerou ao ouvir a voz dele. – Estamos ligados de um jeito que não estávamos antes. – Ele fez uma pausa. – Elver sabia. Ela me disse que ele não era um demônio, e eu não escutei.

– Isso quer dizer que agora você vai me ouvir?

Foi divertido vê-los se sobressaltarem, mas quando Sunay caiu em prantos, Elver sentiu uma fisgada de culpa.

Artair se levantou cambaleante, o que restava de sua cor se esvaindo do rosto.

– Elver?

– Estou bem, estou bem.

Sunay pulou por cima da fogueira e a abraçou, se afastando no mesmo segundo, como se tivesse tocado uma panela quente.

– Ai! Pelos deuses, Elver, o que aconteceu? Achamos que você tinha morrido, eu colhi flores pra você e te colocamos perto do riacho porque achamos que ia gostar... Caramba, falamos até de te *enterrar* e colocar uma lápide, mas não conseguimos parar de chorar, e você parecia tão em paz...

Elver riu.

– Até onde sei, eu *estava* morta. Mas a Rainha das Serpentes não gostou dessa ideia, então cá estou eu de novo. – Seus olhos se prenderam às roupas

ensanguentadas de Artair. – Calma, você está ferido? Foi grave? – Ela deu um passo na direção dele, mas se conteve. – O que aconteceu?

– Estou bem – respondeu Artair. Ele parecia incapaz de parar de olhar para ela. – Quer dizer, eu estava ferido, mas Sunay conjurou um feitiço pra me curar.

– Não é a magia habitual de Tisk e eu não tinha como pagar o tributo, então... – Sunay se virou para revelar um rabo de raposa laranja forte saindo por baixo de sua jaqueta bordada. – A piadinha do meu senhor. Imagino que ele vá se cansar disso em algum momento. Talvez. Artair e Lucian estavam perdendo sangue demais, então não vi outra saída.

– Obrigada – disse Elver, e estava falando sério. – Cadê o filhote? Quer dizer, cadê o Ligeiro?

– Não se preocupe, ele ainda está correndo com a Alcateia – respondeu Sunay. – Está são e salvo. Acredito que esteja aprendendo alguns hábitos bem duvidosos, pra ser sincera.

– Ah... Que bom, eu acho. – No íntimo, ela se perguntou o que a Rainha das Serpentes pensaria ao saber que um de seus filhos estava aprendendo os caminhos de outro deus, mas percebeu que se importava bem menos com a ira da Rainha do que antes. – E o que aconteceu lá, no Salto Soberbo... depois que eu...?

Artair abriu a boca, e então balançou a cabeça, como se não conseguisse encontrar as palavras certas. Sunay olhou de um para o outro, um leve sorriso surgindo no canto da boca.

– Nós precisamos é de comida – disse ela, decidida. – Com Artair recém-ferido e você recém-morta, acho que cabe a mim sair e buscar provisões. – Ela alisou as mangas com firmeza, a cauda se agitando. – Já volto.

Ela desapareceu entre as árvores, e Elver abriu um sorriso levemente preocupado enquanto a observava partir. Havia boas chances de Sunay encontrar outros jih, ou trazer algo intragável, a julgar por sua escolha de flores. Mas Artair a observava, e Elver se deu conta de como estava feliz por estarem sozinhos.

– Você foi atrás de mim, não foi? Percebeu que era uma armadilha.

– Lucian percebeu. – Artair pegou a mão dela, segurando-a entre as suas com delicadeza. – Tisk nos uniu por um tempo, e eu vi as memórias dele... A Mãe Maura tomou o poder do Garra Sangrenta, mas Lucian roubou o que restava dele. Não sei o que isso significa, mas acho que muda as coisas. Elver,

passsei todo esse tempo achando que ele era só um espírito maligno e irracional, que só queria saber de caos e destruição. Mas ele era uma pessoa de verdade, com uma vida própria. Ele é uma pessoa de verdade.

– Acho que caos e destruição ainda estão nos planos dele – respondeu ela, lembrando-se de como, tantos anos atrás, ele a guiara pelas escadarias da Pedra Polida e a entregara nas mãos de Mãe Maura. – Ele fez coisas terríveis, Artair. Pode ser que você estivesse mais certo do que imagina.

– Não sei – disse ele. Seu polegar roçou a pele delicada do pulso dela. Era tão bom ser tocada, pensou Elver. Era quase impossível acreditar que passara tanto tempo sem isso. – Acho que talvez ele mereça ter a própria vida, tanto quanto eu. Talvez haja algo que possamos fazer quanto a isso. Não sei o quê, mas quero tentar.

– Artair... – Foi então que ela entendeu quem ele era. Alguém que pensava primeiro nos outros; que se abria para o mundo mesmo sabendo do risco da dor e do fracasso. – Os noviços voltaram para a Torre Dourada. Você não precisa mais se preocupar com eles. O que vai fazer agora?

Ele sorriu, como quem se surpreende com a própria liberdade.

– Não sei. A Ordem da Manhã Perpétua não existe mais, e se todos os Insones forem como Lucian, alguém que foi forçado a sair do próprio corpo... talvez essa ordem nunca devesse ter existido. Agora, estamos todos livres. Para o bem ou para o mal. – Ele apertou a mão dela de leve. – E você?

– A floresta é meu lar, mas sei que existe uma vida além de ficar em casa. Se Lucian roubou uma parte do poder de Maura, então mais problemas vão surgir. Sei lá. Sinto que vou vê-la de novo em breve, de algum jeito. Mas sei que não estarei sozinha. – Ela ergueu o olhar para ele, esperando que ele entendesse. – Não é?

Com o coração batendo firme na garganta, ela ergueu a mão livre e acariciou o rosto dele, o contorno do maxilar. Sentiu uma barba rala, deliciosamente áspera sob seus dedos. Os olhos dele pareciam ganhar um novo brilho, como se dentro dele uma chama delicada acabasse de se acender.

– Elver, eu posso... te beijar?

– Acho que seria ótimo, na verdade.

Eles se aproximaram com hesitação no início, Elver maravilhada com a maciez dos lábios dele, e então o beijo se tornou mais quente, mais doce, e um pouco mais apressado. A mão dele escorregou pelas costas dela, puxando-a para perto, e ela enterrou os dedos em seu cabelo. Sem querer, se pegou

pensando em Lucian. No jeito astuto como ele sorria, cada olhar como uma lâmina que sabia exatamente onde cortar... Ela afastou os pensamentos, assustada com o quanto faziam seu coração acelerar, e, por um tempo, não houve mais nada. Os sons da floresta desapareceram, e só existiam Elver e Artair, presos em um beijo que parecia poder levá-los a qualquer lugar. E então ouviram Sunay cantar, a voz um pouco mais alta do que o necessário, como se estivesse anunciando sua chegada de propósito. Depois, ela parou de cantar e gritou em um tom levemente indignado:

– Eu tinha certeza de que a fogueira era aqui! Cadê vocês? Essas árvores são todas iguais pra mim!

Eles se afastaram, rindo baixo.

– Vou atrás dela – disse Elver. – Antes que ela acabe virando comida de alguma criatura jih que só quer um pouco de paz e tranquilidade.

★

Lucian observava a menina-monstro se afastar, o coração martelando no peito.

## EPÍLOGO

Havia uma câmara no coração do Salto Soberbo, um lugar onde apenas Maura havia entrado. Era pequena, não maior que um grande armário, e as paredes pintadas de branco lembravam mais o exterior de seu santuário do que qualquer outro recinto. Sobre um pedestal de madeira, repousavam três crânios amarelados, todos incompletos. O menor estava partido ao meio, e ao lado dele havia um punhado de dentes – meticulosamente recolhidos entre os escombros – dispostos com cuidado. Era tudo o que lhe restava deles.

Maura ajoelhou-se diante dos crânios. Tomou o maior entre as mãos e o virou de um lado para o outro, como já fizera tantas vezes. Apesar de seu poder, apesar de sua divindade, quando tentava alcançar aquelas almas, elas não respondiam.

– Isso deveria bastar – murmurou. – Fiz tudo o que planejei. O velho leão está morto, tenho o poder dele, então *por que isso não funciona?*

Ela recolocou o crânio no lugar e se pôs de pé, girando sobre os calcanhares, e então se viu à beira de uma praia cinzenta, diante de um mar revoltado que se estendia até onde a vista alcançava. Um sol da cor de ossos antigos pairava alto no céu, e vários objetos estranhos emergiam da arrebentação. Um deles, em especial, fez seu coração se apertar e a atraiu com a força cega de uma mariposa rumo à chama de uma lamparina. Era um urso esculpido em madeira e pintado com cores vivas, de pé sobre as patas traseiras. Mas os botões de pérola que formavam seus olhos haviam desaparecido, e, comparado aos demais objetos, ele parecia apagado, sem o brilho interior que os outros possuíam. Maura estendeu a mão e passou o dedo pelo focinho do urso. *Incompleto.*

– Você está inacabada, Mãe.

Ela se virou assustada ao ouvir aquela voz, o cabelo branco caindo pelos ombros. Sentada na areia, observando-a, havia uma raposa de pelagem com

todas as cores do outono.

– Você. – Maura sentiu o calor abrasador do ódio se acumulando no peito, alimentando sua magia. Ergueu uma única mão, onde se formava uma esfera de energia fervente. – Isso é coisa sua.

– Ah, por favor – disse Tisk. Ele se deu ao luxo de coçar a orelha com uma das patas traseiras, os olhos semicerrados de prazer. – Foi você quem provocou tudo isso. Não tem nada a ver comigo. E se vai ser uma de nós agora, Mãe, terá que jogar conforme nossas regras. Nós não lutamos em lugares sagrados.

Contra a própria vontade, a energia desapareceu de sua mão tão rápido quanto surgira.

– Por que está aqui? – cuspiu. – Por que se meteu nisso?

Tisk abanou o rabo, o equivalente ao dar de ombros de uma raposa.

– Dei a você todos os dons que podia dar, Mãe, e você jogou cada um deles fora. Há quem chame isso de desperdício. Ou de insulto. E mesmo assim, eu estava disposto a te esquecer. Até me embrenhar nos fios do seu plano. O patronato de dois deuses não era o suficiente para você, Mãe?

– Você sabe que não era. E sabe o porquê.

– Eles não vão gostar disso. – Ele fez um leve gesto com o rabo na direção dos avatares dos outros deuses. – Como acha que essas entidades antigas vão reagir, Mãe, quando uma mortal tentar ocupar o lugar de um dos Doze? Vão tentar te impedir.

– Que tentem. Eu não tenho nada a perder.

– Pelo contrário, você conquistou muito. Mas isso foi o bastante para conseguir tudo o que sempre quis?

– Se eu tiver que queimar cada deus até as cinzas, se for preciso ver todas as crianças de Tlevrae morrerem para que as minhas retornem, é isso o que farei.

– Você está ouvindo o que diz? Parece uma louca. – Tisk farejou o ar com algo que beirava a diversão, mas Maura achava que podia sentir o medo por trás daquilo. Ela era algo novo, algo com que os deuses nunca haviam lidado, e tinham razão em temê-la. – E ainda tem a audácia de se chamar de *Mãe*.

Quando ela não respondeu, a imagem da raposa começou a desvanecer, uma sombra desfeita pela luz de um sol marfim. Maura observou-o desaparecer, depois ficou olhando por um longo, longo tempo o trecho de areia onde ele estivera.

Ela estava pensando em Lucian. No coração dele, agora preenchido com um poder que pertencia a ela por direito. Ele era um mago sem mestre, um semideus preso no corpo de um mortal.

Não seria tão difícil encontrá-lo.

# AGRADECIMENTOS

Um enorme obrigada a Emma Jones, pelo entusiasmo contagiante com este projeto e pelas edições impecáveis – cada comentário tornou este livro melhor e mais intenso, e sou imensamente grata por isso. Agradeço também, como sempre, a Juliet Mushens, genuinamente a melhor no que faz e uma amiga querida; todo mundo deveria ter a sorte de contar com pelo menos uma pessoa na vida para olhar nos seus olhos e dizer: “Você consegue”. Sou profundamente grata às equipes da First Ink e da Wednesday Books pelo carinho dedicado a *Sleepless*, e tive a sorte de ser agraciada com duas capas extraordinárias, então um muito obrigada a Pablo Hurtado de Mendoza e Tom Roberts pelo trabalho incrível. Meus filhos desastrosos ficaram lindíssimos!

Minha família continua sendo minha maior fonte de apoio – mesmo que nem sempre percebam isso –, e preciso agradecer especialmente à minha mãe, que tolerou (talvez até tenha apoiado!) minha mudança repentina para o oeste no ano passado. Os últimos tempos foram uma verdadeira montanha-russa, para dizer o mínimo, e os suspeitos de sempre me ajudaram a manter a sanidade: obrigada Andrew, Den, Boo, Adam e Jenni.

Imagino que ninguém esteja esperando por uma história de amor nos agradecimentos, mesmo nos agradecimentos de uma romantasia, então vou resistir à tentação, exceto para dizer que é uma feliz coincidência estar apaixonada justamente quando você precisa escrever de forma convincente sobre essas coisas. Por isso, talvez o agradecimento mais sincero vá para Peter Newman, não apenas a pessoa mais doce que conheço, mas também um escritor para lá de talentoso, cujas primeiras impressões sobre *Sleepless* foram de um valor incalculável. Eu não poderia ter escrito este livro sem você, amor.

**SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE**

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**  
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jan. 2026

# SUMÁRIO

*Capa*

*Créditos*

*Dedicatória*

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Epílogo

*Agradecimientos*